MYER PEARLMAN

ATRAVÉS DA BÍBLIA

LIVRO POR LIVRO



MAIS DE 110 000 EXEMPLARES VENDIDOS



DIGITALIZAÇÃO:
EMANUENCE DIGITAL



EDIÇÃO:
ADRIANO LOPES

MYER PEARLMAN

ATRAVÉS DA BÍBLIA

LIVRO POR LIVRO

Tradução sob a responsabilidade

de

N. Lawrence Olson



Myer Pearlman

Dedicatória

Com justa homenagem à distinta família do saudoso irmão Myer Pearlman, viúva Irene Pearlman e filhos: David, Eunice e Donald, dedico a presente obra em idioma português.

N. Lawrence Olson, editor

Traços Biográficos do Autor

O autor da presente obra, o saudoso irmão Myer Pearlman, e meu ex-professor no Instituto Bíblico, era judeu que se converteu a Cristo. A história de sua breve vida de apenas 44 anos é um verdadeiro romance. Myer Pearlman, pela sua extrema simplicidade cristã e dedicado amor a Jesus, de Quem era um dos mais ardorosos discípulos, ainda vive nos corações de milhares de seus admiradores.

Nascido em 19 de dezembro de 1898, em Edinburgo, na Escócia, de pais israelitas, o jovem primogênito, Myer, tal qual um Saulo de Tarso, passou os primeiros anos de sua educação na Escola Hebraica, aos pés de rabinos que lhe inculcaram os ensinos férreos da tradicional religião do judaísmo, as Escrituras do Velho Testamento, e a língua hebraica. Êle recordou que nesses dias os alunos compravam a Bíblia, como nós a temos, e arrancavam o Novo Testamento do livro, pois não lhes era permitido lê-lo, por ser considerado espúrio. O estudante Myer distinguiu-se pelas qualidades excepcionais de rara inteligência e perspicácia. Aos 14 anos, sòzinho, aprendeu a língua francêsa, a poder de freqüentes consultas à Biblioteca Pública, conhecimento que muito lhe valeu nos dias da I.ª Guerra Mundial, quando êle serviu como intérprete no exército norte-americano, na França.

Jesus, a Luz do mundo, guiava os passos do jovem Myer em direção ao "Santuário", como êle, posteriormente, costumava dizer. A família mudou-se para os Estados Unidos da América, onde esperaram encontrar melhores condições de vida. Certa ocasião, na cidade de Cincinnati, passeando em determinada rua, ficou fortemente impressionado com um letreiro na fachada duma igreja evangélica que dizia o seguinte: "IGREJA ABERTA... ENTRE... DESCANSE E ORE". Por um instante quis

entrar, mas logo abafou o impulso que, certamente era inspirado pelo Espírito Santo. Anos depois, quando já convertido, êle teve a oportunidade de entrar nessa mesma igreja e agradecer a Deus por tê-lo dirigido no caminho da luz e da vida.

Quando servia no exército, ganhou um Novo Testamento, que leu com bastante interêsse, estando a sua alma em procura ardente de uma certa satisfação, por ora desconhecida. Após a guerra mundial, êle foi residir em São Francisco, na Califórnia. Certa noite, ao passear, foi despertada sua atenção por um grupo de crentes, de fé pentecostal, que dirigia um culto em praça pública defronte a um salão. Em outra noite novamente chegou perto para ouví-los e teve a coragem de entrar nesse salão de cultos. Ficou grandemente impressionado pelos hinos alegres que se cantavam em louvor a Deus, hinos que muito contrastavam com os cânticos tristonhos da sinagoga. Um dêsses hinos foi da autoria do saudoso irmão F.A. Graves, um grande pioneiro do movimento pentecostal, que eu, em menino, tive o privilégio de conhecer. Myer não podia ter imaginado que mais tarde êle se casaria com Irene Graves, a filha dêsse irmão! Como são maravilhosos os caminhos do nosso Deus! Assim começou o jovem Myer a freqüentar, tôdas as noites, durante semanas, os cultos nêsse humilde salão. Certa noite, êle pensou em assistir cinema, mas acabou assistindo ao culto, tanto foi a extranha atração da presença de Deus. O povo, sabendo de sua origem judaica, o tratava com todo carinho e orava ao Senhor pela sua conversão. Certa noite, deitado na sua cama, foi completamente vencido por um senso de remorso, sentindo fortemente a sua culpa perante Deus. Logo depois, em um culto, ao sair da igreja, ficou parado perto da porta, ouvindo o último hino. De repente, sentiu descer sôbre a sua pessoa um influência indescritível e maravilhosa. Foi êsse o momento decisivo de sua vida quando Myer abriu o seu coração a Jesus, a Luz do mundo. Essa Luz resplandeceu nas trevas dessa alma. Êle havia chegado ao seu "Santuário", que tanto havia almejado! Seu coração havia experimentado a realidade da Pessoa de Cristo, o seu Messias! Tal qual Saulo de Tarso, Myer Pearlman encontrara-se com Jesus, o Nazareno!

Não demorou muito que certo dia, quando em oração a seu Messias, Myer Pearlman começou o falar em língua por êle desconhecida. Mesmo para êle, o lingüista, foi uma gloriosa surprêsa receber, como os discípulos no dia de Pentecoste, êsse maravilhoso dom do Espírito Santo, o Consolador, que tanto êle precisaria em dias posteriores.

Sentindo a chamada do Senhor a dedicar a sua vida ao trabalho do Evangelho, Myer matriculou-se no Instituto Bíblico Central, que, havia pouco, fôra fundado em Springfield, no Estado de Missouri. Fêz o curso de três anos, ao término do qual foi convidado a ser professor nêsse mesmo educandário onde eu, minha espôsa e vários colegas, tivemos o privilégio de preparar-nos para o ministério. Durante quatorze anos Myer Pearlman distinguiu-se como instrutor dotado de rara capacidade magisterial, possuido como era de inteligência sempre consagrado ao seu Mestre e Senhor. Graças a sua formação baseada no Velho Testamento, pôde fazer dêsse livro um livro extremamente interessante para os seus alunos. E, além dêsses trabalhos, como professor do Instituto, o irmão Pearlman aceitava convites para dirigir Estudos Bíblicos em diversas partes do país como também se tornou autor de diversos livros de grande utilidade e que grande influência têm exercido, não sòmente na língua inglêsa, como tambem em diversos idiomas para os quais foram traduzidos. Durante anos, foi o autor da Revista para Adultos e da Revista para Professôres de Adultos das Escolas Dominicais, trabalho ao qual se dedicou prazeirosamente, com tôdas suas energias, até ao tempo de sua morte. Durante a II.ª Guerra Mundial, lançou, ainda, um jornal em estilo próprio para a evangelização das Fôrças Armadas, denominado "Reveille", o qual foi um grande sucesso e certamente muito contribuiu para a salvação de milhares de homens e mulheres uniformizados.

Em 1942 os excessivos trabalhos literários e didáticos cansaram o organismo do nosso estimado irmão Pearlman, resultando em uma crise aguda do sistema nervoso. Com as complicações de pneumonia, etc. que adviram, foi ràpidamente encurtada a carreira brilhante dêsse humilde servo de Cristo o Nazareno, servo que não olhava à glória terrestre, mas sim à glória celeste.

Apesar de receber a melhor assistência hospitalar, veio a falecer aos 44 anos de idade. Um dos enfermeiros testificou que havia orado a noite tôda. Deixou espôsa e três filhos e inúmeros amigos em tôda parte do mundo que o têm em admiração e que aguardam o dia quando novamente poderão abraçar êsse saudoso judeu, que, apesar da pequena estatura física, era, em verdade grande de espírito.

Para o autor destas linhas póstumas, tem sido um prazer e raro privilégio providenciar a tradução e publicar a segunda edição desta presente obra da pena do irmão Pearlman, "Através da Bíblia Livro por Livro", na esperança de que a mesma proporcione aos leitores da língua portuguêsa, obreiros em particular, um mui profundo conhecimento bíblico e pentecostal das grandes verdades da nossa fé. Creio que muitos, ao manusearem estas páginas, experimentarão algo da sensação que nós, que tivemos o privilégio de ser seus alunos, experimentamos nos estudos dirigidos pelo saudoso irmão Pearlman, que tão ardentemente amava ao seu Senhor, o Messias, o Cristo de Deus, e a Quem tudo entregou — até a própria vida.

N. LAWRENCE OLSON

Rio de Janeiro

Outubro de 1964

Uma Palavra

Atendendo à premente necessidade de comentários bíblicos nos meios evangélicos, livros que sirvam à magna causa de Cristo, e mui especialmente na preparação dos pastôres e evangelistas, professôres e alunos das Escolas Dominicais e outras Instituições Bíblicas, e obreiros cristãos em geral, prazeirosamente dediquei-me à publicação desta segunda edição da presente obra "ATRAVÉS DA BÍBLIA LIVRO POR LIVRO", da autoria do irmão Myer Pearlman, de saudosa memória.

Ponho esta obra de síntese bíblica à disposição dos irmãos em Cristo, motivado por um profundo desêjo de que a mesma sirva para esclarecimento da Palavra divina, rogando ao Senhor que o Espírito Santo ilumine suas páginas, e que Deus seja glorificado num ministério enriquecido pela verdade.

Agradeço a mui fiel cooperação do irmão Antônio Gilberto e do Dr. Emilio Conde por sua paciente e valiosa colaboração no aprimoramento da tradução para o português. O leitor queira usar de indulgência ao notar alguns sinões que porventura tenham escapado à nossa atenção.

Rio de Janeiro — N. Lawrence Olson

Outubro de 1964 — Editor

PREFÁCIO

O leitor, sem dúvida, já observou em algum armazém, um empregado atender a um freguês, e notou como êle estava bem familiarizado com as divisões ou compartimentos onde se encontravam as diversas mercadorias. Esta ilustração tão simples serve para descrever o propósito dêste curso, que é proporcionar um conhecimento geral do conteúdo de cada livro da Bíblia, de modo que, por exemplo, o professor da Escola Dominical ao preparar sua lição, possa saber em qual "compartimento" dentre os 66 da Bíblia, irá selecionar material para si. Tal propósito estabeleceu o método adotado neste curso, que é, primeiramente não tratar de detalhes, mas sim dos fatos principais de cada livro.



INDICE DO ANTIGO TESTAMENTO



ÍNDICE DO NÔVO TESTAMENTO

CAPÍTULO I

GÊNESIS

Tema. Êste livro é bem definido pelo seu título, Gênesis, que significa "princípio", porque é a história do princípio de tôdas as coisas — o princípio do céu e da terra, o princípio de tôdas as formas de vida e de tôdas as instituições e relações humanas. Tem sido chamado o "viveiro" das gerações da Bíblia pelo fato de nêle se encontrarem todos os começos de tôdas as grandes doutrinas referentes a Deus, ao homem, ao pecado e à salvação.

O primeiro versículo anuncia o propósito do livro. "No princípio criou Deus os céus e a terra". Os israelitas, aos quais foi primeiramente dirigida a mensagem do livro, aprenderam que o Deus da **Palestina** era também o Deus **de todos os países**, e que o Deus de **uma nação** — Israel — era também o Deus de **tôdas as nações**. Ora, sendo êle o Deus e Criador de tôda a terra, devia por fim tornar-se o Redentor de tôda a terra. O livro relata como se tornou necessária a redenção, devido ter o homem pecado e caído nas trevas; e como Deus agiu para escolher uma nação a fim de que esta fizesse chegar a luz da verdade divina às demais nações.

Autor. Moisés.

Esfera de ação. Da criação até à morte de José, abrangendo um período de 2.315 anos, isto é, de 4.004 a 1.689 antes de Cristo.

CONTEÚDO

O conteúdo de Gênesis gira em tôrno de nove fatos proeminentes:

I. A criação (Caps. 1, 2).
II. A Queda (Cap. 3).
III. A primeira Civilização (Cap. 4).
IV. O Dilúvio (Caps. 5 - 9).
V. A Dispersão das Nações (Caps. 10, 11).
VI. Abraão (Caps. 12 - 25).
VII. Isaque (Caps. 17 - 35).
VIII. Jacó (Caps. 25 - 35).
IX. José (Caps. 37 - 50).

Analizaremos agora os capítulos que se referem a cada ponto do esbôço acima, e assim procedendo, poderemos gravar em nossa mente os fatos mais importantes.

I. **A CRIAÇÃO** (vide os capítulos 1 e 2).

O Grande Arquiteto do Universo completou em seis dias Sua obra da criação, e descansou no sétimo dia. A ordem da criação é a seguinte :

PREPARAÇÃO E SEPARAÇÃO

1.º dia — Luz
2.º dia (— Ar
(— Água
3.º dia (— Terra
(— Plantas

COMPLEMENTO E TÉRMINO

4.º dia — Luzeiros (corpos celestes)
5.º dia (— Aves
(— Peixes
6.º dia (— Animais
(— O Homem

No sétimo dia Êle descansou, dando ao homem um exemplo, trabalhando 6 dias e descansando no sétimo.

Depois de ter criado o homem, a coroa da criação. Deus declarou que tudo era **muito** bom. O segundo capítulo mostra-nos como Deus preparou o primeiro lar do homem, como realizou a primeira cerimônia de casamento, e como colocou duas árvores no jardim, fatos que ensinavam as seguintes lições: se Adão e sua espôsa escolhessem o **bem** e recusassem o **mal**, comeriam sempre da árvore da **vida**; caso contrário, morreriam.

No capítulo 2 encontramos uma repetição do relato da criação. Comparando, porém, os dois capítulos veremos que o primeiro nos dá um relato geral do acontecimento, ao passo que o segundo nos dá o mesmo relato acrescido de detalhes suplementares, salientando partes especiais da história. Esta peculiaridade do Espírito Santo ao dar-nos dois relatos de um mesmo acontecimento chama-se "a lei da dupla referência" e, achase através de tôda a Bíblia.

Que relata o capítulo 2 acêrca da criação, que o capítulo 1 omite? Que significa que o homem foi criado "à imagem de Deus?" (Vide Efés. 4:24; Col. 3:10). A quem se refere "Nós" na expressão "Façamos o homem?" (Vide Jó 35:10; Col. 1:16; Jó 33:4).

II. A QUEDA (Cap. 3).

Observem :

1. **A possibilidade de tentação.** A árvore da ciência do **bem** e do **mal** foi posta no jardim a fim de que o homem fôsse experimentado e aprendesse a servir a Deus por sua livre vontade.

2. **O autor da tentação.** A serpente representa "a grande serpente, o Diabo" e é também um seu agente.

3. **A sutileza da tentação.** A serpente conseguiu pôr uma dúvida na mente de Eva.

4. **Êxito da tentação.** Adão e Eva desobedeceram a Deus e tornaram-se conscientes de culpa.

5. **O primeiro juízo.**

a) Sôbre a serpente: degradação.
b) Sôbre a mulher: dôr e submissão ao homem.
c) Sôbre o homem: trabalho árduo até a sua morte, num solo cheio de espinhos.
d) Sôbre o homem e seus descendentes: exclusão da árvore da vida no paraíso de Deus.

6. **A primeira anunciação da Redenção.**

a) A redenção prometida, Gên. 3:15. "E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente". Isto quer dizer que haverá uma luta entre o homem e o poder que causou a sua queda. "Esta te ferirá a cabeça" — o homem será vitorioso por meio de seu representante, o Filho do Homem. (Vide Atos 10:38; I João 3:8). "E tu lhe ferirás o calcanhar" — mas a vitória será por meio de sofrimento, por meio da morte da semente da mulher, Cristo. (Vide também Gál. 4:4; Isa. 7:14; Mat. 1:21).

b) A redenção figurada. O Senhor imolou a vítima do primeiro sacrifício para poder vestir o primeiro par culpado — um quadro da cobertura de uma consciência culpada por meio de um sacrifício de sangue.

Nota: o livro de Gênesis é o relato do desenvolvimento dessa promessa de redenção, demonstrando seu curso através de vários indivíduos e famílias.

III. A PRIMEIRA CIVILIZAÇÃO (Cap. 4).

1. **A história de Caim** mostra como o pecado tornou-se hereditário e conduziu ao primeiro homicídio (Vide 1 João 3:12).

2. **A história de Abel** ensina-nos como aquêles que participam da culpa e do pecado de Adão podem ser aceitos na presença de Deus — por meio da oferenda de um sacrifício expiatório.

3. **A primeira civilização.** Caim tornou-se o fundador de uma civilização que incluiu uma cidade, agricultura, manufaturas e artes. O caráter da mesma foi marcado pela violação da lei do matrimônio e pelo espírito de violência. 4:19 - 24.

4. **O nascimento de Sete.** Abel morreu; Caim foi rejeitado; a promessa da redenção passou ao terceiro filho de Adão, Sete (4:25 - 26).

IV. **O DILÚVIO** (Caps 5 - 9).

Havia agora duas classes de homens no mundo, os ímpios, Caimitas, e os piedosos, Setistas. (Vide 4:25-26). A linhagem escolhida de Sete perdeu a sua separação e uniu-se pelo matrimônio com os caimitas. Resultado: um estado de impiedade na terra que exigia o juízo de Deus.

Dos descendentes de Sete sòmente a família de Noé permaneceu fiel a Deus. Noé tornou-se o escolhido por meio de quem a promessa da redenção continuou o seu curso até o seu cumprimento. 5:29; 6:8.

Notem a genealogia no capítulo 5. (Genealogia é o registro da descendência de um antecessor). Começa com Adão e termina com Noé. Encontramos muitas dessas genealogias na Bíblia . O propósito principal da maioria dessas genealogias, como da dêste capítulo, é conservar um registro da linhagem da qual virá a Semente prometida: Cristo (Gên. 3:15).

Façamos um sumário dos acontecimentos principais dêsses capítulos.

Aprendam o seguinte :

1. A genealogia de Noé (Cap. 5).
2. A construção da arca (Cap. 6).
3. A entrada na arca (Cap. 7).
4. A saída da arca (Cap. 8).
5. O pacto com Noé (Cap. 9).

Observem o estado adiantado da civilização ao tempo do dilúvio (Cap. 4:16 - 21). Os descendentes de Caim foram os edificadores da primeira cidade e os originadores das principais artes. De que devem lembrar-nos aquêles dias ? (Mat. 24:37 - 39).

Deus destruiu o mundo pelo dilúvio e começou uma nova raça com a família de Noé. Prometeu que a terra nunca mais tornaria a ser destruída por um dilúvio e

pôs o arco iris como sinal dêste pacto. O Senhor renovou o encargo impôsto a Adão, a saber: povoar a terra. Há uma solene proibição de assassinato acrescida do aviso de que "quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado". Isto significa a delegação de autoridade ao homem para governar os seus semelhantes e para castigar o crime. Antes disso, sòmente Deus podia castigar os malfeitores.

Mais tarde Noé predisse o futuro de seus três filhos (9:18 - 27) e apontou Sem como a semente escolhida pela qual Deus abençoará o mundo.

V. **DISPERSÃO DAS NAÇÕES** (Caps. 10, 11).

Como introdução ao estudo das nações, leia nova e cuidadosamente a profecia de Noé concernente aos seus três filhos (Cap. 9:24 - 27). O Dr. Pinnock escreve o seguinte a respeito do seu cumprimento : "Estas profecias cumpriram-se maravilhosamente. Concernente à descendência de Cão: os egípcios foram castigados com diversas pragas; a terra de Canaã foi entregue por Deus 800 anos mais tarde aos israelitas sob Josué, que destruiu muitos e obrigou o resto a fugir, alguns para a África e outros para vários países. As condições atuais do povo na África nós as conhecemos.

Com respeito a Jaféte: "Alargue Deus a Jaféte" — cumpriu-se no extenso e vasto território possuído por êle — tôdas as ilhas e países do oeste; e quando os gregos, e depois os romanos, subjugaram a Ásia e a África, êles então ocuparam as moradas de Sem e de Canaã.

Com respeito a Sem: "Bendito seja o Senhor Deus de Sem" — isto é, Êle e a Sua igreja morariam nas tendas de Sem; dêle surgiria o Messias; e a adoração do verdadeiro Deus seria preservada entre a sua descendência, sendo os judeus a posteridade de Sem.

Observem as relações entre os capítulos 10 e 11. O capítulo 10 indica as moradas separadas das raças e o capítulo 11 explica **como** se deu a separação.

Depois do dilúvio os descendentes de Noé, liderados por Nimrode (10:8 - 10), levantaram-se em rebelião contra Deus, e como manifestação disso erigiram a Tôrre de Babel. Era seu propósito organizar uma "liga de nações" contra Deus. Deus destruíu êsse plano, confundindo a sua língua, e espalhando-os por entre diversos países.

Não se sabe a finalidade exata da Tôrre em si, mas uma coisa sabemos, que o plano dêles foi um ato de rebelião contra Deus. Evidentemente o propósito de Deus era que os descendentes de Noé se espalhassem e ocupassem os diferentes pontos da terra (Vide Atos 17:26 e Deut. 32:8). Mas disseram : "Façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sôbre a face de tôda a terra". Quem foi o provável instigador dessa rebelião ? (Vide cap. 10:8 - 9). Qual era o seu reino ? (Cap. 10:10). De quem êle é tipo ? (II Tess. 2:3 - 11); Apoc. 13). Quem unirá as nações em rebelião nos últimos dias ? (Apoc. 16:13 - 15). Babel (ou Babilônia) será outra vez país proeminente nos últimos dias ? (Vide Apoc. 17, 18).

Aprendam o esbôço simplificado dos capítulos 10 e 11:

1. A unidade da raça e língua.
2. O local do acontecimento — a terra de Sinar.
3. O propósito da Tôrre de Babel — ser um centro de rebelião contra Deus.
4. O juízo de Deus — a confusão das línguas.
5. O resultado do julgamento — a dispersão.

VI. ABRAÃO (Caps. 12 - 25).

É interessante observar aquí que os primeiros 11 capítulos de Gênesis abrangem mais ou menos 2.000 anos — espaço quase igual ao de todo o resto da Bíblia. Por-

que se apressa de tal maneira o Espírito, ao apresentar os acontecimentos da aurora da história? Pelo fato, como já vimos em nosso estudo anterior, de ser a Bíblia, em primeiro lugar a história da redenção, ao passo que a história das nações é um caso dependente daquêle. O Espírito passa ligeiramente por sôbre todos êsses acontecimentos até chegar a Abraão. Aí detém-se e dedica mais lugar a essa pessoa só do que aos 2.000 anos da história humana anterior. A razão é evidente. O "Pai dos que crêem" desempenha um papel importante na história da redenção.

Voltemos ao capítulo 5. Alí chamamos a atenção à genealogia de Noé, iniciada com Adão. Agora voltando ao capítulo 11:10 - 26 verificamos que esta lista continua. Deus está ainda guardando um registro dos antecessores da "Semente da mulher". Com o nome de qual pessoa importante termina esta lista (vers. 26)? Por quê? (Vide Gên. 12: - 3).

A promessa de Gên. 3:15 passou a Abraão. Deus o separou do seu ambiente pagão, e além de promessas pessoais, lhe fêz as seguintes promessas nacionais e universais: (Vide 12:1 - 3).

a) Que lhe seria dada uma terra (Canaã).

b) Que seria o pai de uma nação (Israel).

c) Que por meio dessa nação nessa terra tôdas as nações seriam abençoadas. Em outras palavras, o Redentor prometido em 3:15 viria de uma nação descendente de Abraão.

Um estudo da vida de Abraão revelará que ela é uma vida de fé — fé que foi demonstrada desde a época em que foi chamado até quando lhe foi ordenado o sacrifício de seu filho, Isaque. Sua vida é uma ilustração do tipo de pessoa que receberia a bênção prometida em 12:3, e uma profecia da verdade, que a salvação seria pela fé. Vide Gálatas, 3:8; Romanos capítulo 4.

Neste estudo teremos tempo apenas para dar um ligeiro esbôço da vida dêsse patriarca. Uma vêz lidos os capítulos, os detalhes se sugerem por si mesmos. Aprendam os seguintes fatos acêrca de Abraão:

1. A chamada para ir a Canaã (Gên. 12:1-5).
2. A descida ao Egito e os acontecimentos alí (12:10-20).
3. A separação de Ló e a libertação subseqüente dêste último do cativeiro (13:5-11; 14:14).
4. Seu recebimento do pacto de Deus e a sua justificação pela fé (15:6, 18).
5. Sua circuncisão como um sinal do pacto (17:9-14).
6. A anunciação do nascimento de Isaque (17:15-19; 18:1-15).
7. Sua intercessão a favor de Sodoma (18:23-33).
8. Sua despedida de Agar e Ismael (21:14).
9. Seu oferecimento de Isaque. (22).
10. Sua escôlha de uma espôsa para Isaque (cap. 24).
11. Seus filhos com Cetura (Cap. 25:1-4).
12. Sua morte (Cap. 25:8).

VII. ISAQUE (Caps. 17-35).

Nasceram dois filhos a Abraão — Ismael e Isaque. Dêsses, Isaque foi escolhido como herdeiro da promessa.

A vida de Isaque é quieta e socegada e muito diferente da de seu pai. Êle foi, no entanto, como o foi seu pai, um homem de fé e um instrumento de bênção. Notem que a promessa lhe é repetida (Cap. 26).

Aprendam os 6 seguintes fatos referentes a Isaque:

1. Seu nascimento prometido a Abraão e a Sára (Caps. 15:4; 17:19).

2. Amarrado sôbre um altar de sacrifício (Cap. 22:9).

3. A escôlha por Abraão, de uma espôsa para êle (Cap. 24).
4. Deus lhe aparece e renova o pacto feito com seu pai (Cap. 26:2-5).
5. Enganado por Jacó (Cap. 27:18).
6. Sua morte (Cap. 35:38, 29).

De que foi símbolo o nascimento de Isaque (Gên. 18:9-15 e Mat. 1: 1). A sua ida ao Monte Moriá para ser sacrificado ? (Vide Gên. 22 e Mat. 27:22, 23). Seu resgate da morte? (Gên. 22; Mat. 28:1-6). Seu pai enviando seu escravo para buscar-lhe a espôsa (Gên. 24; Atos 15:14; 1 Cor. 12:13; Efésios 5:25, 26, 32).

VIII. JACÓ (Caps. 25-35).

Nasceram a Isaque dois filhos — Esaú e Jacó. Esaú foi rejeitado e Jacó foi escolhido como portador da benção (25:23). O caráter dêsses dois filhos revela-se pela atitude ante essa promessa (Vide 25:29-34).

Aprendam os acontecimentos importantes da vida de Jacó:

1. Comprou a primogenitura de seu irmão (25:33).
2. Enganou a seu pai (27:18-27).
3. A fuga para Padã-Arã (27:43 a 28:5).
4. A visão e o voto (28:10).
5. Suas transações com Labão (Cap. 31).
6. A luta com um anjo (32:24).
7. A reconciliação com Esaú (Cap. 33).
8. A sua ida ao Egito e seu encôntro com José (Cap. 46).
9. Sua morte e sepultamento (49:33 a 50:13).

Jacó é o verdadeiro pai do povo escolhido, porque nasceram-lhe 12 filhos, os quais se tornaram os cabeças das 12 tribos. Nota-se que êle é um verdadeiro tipo da nação, quanto ao caráter e experiências da mesma:

a) Notem a combinação da esperteza para os negócios e o desêjo do conhecimento de Deus. Vejam como

essas duas características se revelam nas tentativas de Jacó a apoderar-se da primogenitura e bênção. Recordem-se que os judeus têm sido a nação religiosa e também a nação dos negócios.

b) Jacó esteve exilado de sua própria terra, durante mais ou menos vinte anos. Os judeus na sua totalidade estão fora de sua própria terra há mais ou menos 1.900 anos.

c) Jacó ao ser exilado levava a promessa que o Senhor o reconduziria, para cumprir Sua promessa feita a Abraão. Da mesma maneira, a restauração de Israel está prometida. Êles são amados por causa de Abraão, Isaque e Jacó (Rom. 11:28).

d) O plano de Deus cumpriu-se por meio de Jacó, apesar dos defeitos de seu caráter. Da mesma maneira sucederá com Israel como nação. Assim como foi transformado o caráter de Jacó, assim também será transformado o dos seus descendentes.

Algumas importantes lições podem ser aprendidas da vida de Jacó.

1. **O poder da graça de Deus.** Jacó era tudo quanto significava seu nome — um suplantador, um enganador. Os laços sagrados da família não foram barreira para seus ardís pois seu próprio pai e seu irmão foram vítimas da sua astúcia. Mas através da escória do pecado de Jacó, Deus viu o brilho daquilo que tem sido comparado ao ouro puro — a fé. Junto ao ribeiro Jabóc a graça de Deus travou uma batalha com êle e na luta que se seguiu o pecaminoso Jacó morreu, mas da sua tumba surgiu uma nova criatura — Israel, um vencedor com Deus e com o homem.

2. **O grande valor que Deus dá à fé.** Embora os ardís de Jacó para obter a primogenitura de seu irmão sejam inexcusáveis, o seu sincero desêjo de obtê-la de-

monstrou seu aprêço pelas coisas espirituais. Para êle a primogenitura trouxe consigo a honra de ser o progenitor do Messias e seu veemente anelo por essa honra bem pode ser considerado como a expressão de fé n'Aquêle que havia de vir. Foi essa fé que lhe deu a preferência perante Deus, sôbre seu irmão que, embora sendo em muitos sentidos mais nobre do que êle, demonstrou uma falta completa de aprêço pelos valores espirituais, vendendo por um guisado de lentilhas o direito de ser o progenitor do "Desejado de tôdas as nações" (Ageu 2:7).

3. **"Tudo o que o homem semear, isso também ceifará".** O tio de Jacó, Labão, nas mãos de Deus foi um instrumento de correção para disciplinar a Jacó. Jacó enganou outros, e em compensação foi enganado. Encontrou em seu tio um espêlho em que refletiam as suas próprias astúcias.

IX. **JOSÉ** (Caps. 37-50).

A história de José, um jovem de 17 anos, o favorito de seu pai, Israel, a quem êste último abertamente manifestava seu afeto e aprêço e desta maneira causou a inveja dos outros filhos. José também foi favorecido pelo Senhor, que lhe revelou por sonhos que reinaria sôbre os outros membros da sua família. Isso enfureceu a seus irmãos, que o venderam para o Egito onde, depois de muitas adversidades, tentações e anos de espera para o cumprimento da promessa, foi elevado a vice-governador da terra do Egito. Quando vieram seus irmãos para comprar cereais e se inclinaram diante dêle, seus sonhos se realizaram.

A significação da história. As experiências de José estavam ligadas com o plano de redenção que já mencionamos. Deus permitiu que fôsse vendido para o Egito e que sofresse para poder ser elevado, e dessa maneira ter uma oportunidade de alimentar a família escolhida durante a fome, colocá-la num território onde pu-

desse tornar-se em uma grande nação e passar por diversas experiências até que Jeová conduzisse à conquista da Terra Prometida (Vide Gên. 45:7, 8; 50:20).

Guardem êste ligeiro resumo da vida de José:

1. Amado por seu pai (37:3).
2. Invejado por seus irmãos (37:4).
3. Vendido aos Ismaelitas (37:18-36).
4. Favorecido pelo seu senhor (39:1-6).
5. Tentado pela espôsa de seu senhor (39:7-19).
6. Encarcerado por Potifar (39:20 a 41:13).
7. Elevado por Faraó (41:1-44).
8. Não reconhecido por seus irmãos na primeira vêz que vieram (42:7 a 44:34).
9. Revelado a seus irmãos no segundo encôntro (45:1-15).
10. Reunido a seu pai, Jacó (46:28-34).
11. Sua morte (50:22-26).

A vida de José apresenta alguns tipos notáveis de Cristo. O amor de seu pai para com êle é tipo de que? (Gên. 37:3; João 5:20). O ódio de seus irmãos ? (Mat. 27: 1, 22, 23). Sua tentação? (Mat. 4:1). Sua paciência no sofrimento ? (Tiago 5:11). Sua elevação por Faraó ? (Mar. 16:19). Seu matrimônio com uma mulher gentílica durante a rejeição por seus irmãos ? (Atos 15:14). A revelação de si mesmo a seus irmãos no encôntro pela segunda vez ? (Zac. 12:10).

CAPÍTULO II

ÊXODO

Título. Êxodo vem do grego, significando "sair", e foi assim chamado porque registra a saída de Israel do Egito.

Tema. No livro de Gênesis lemos acêrca do **princípio** da redenção. No livro de Êxodo lemos acêrca da **marcha** da redenção. Em Gênesis esta redenção é efetuada através de **indivíduos**; em Êxodo, é efetuada através de uma **nação inteira** — Israel. A idéia central do livro é a redenção pelo sangue. Em tôrno dessa idéia concentra-se a história de um povo salvo pelo sangue, amparado pelo sangue e tendo acesso a Deus pelo sangue. Essa redenção se apresenta suprindo tôdas as necessidades da nação. Oprimido pelos egípcios, Israel necessita de libertação. Deus provê essa libertação. Tendo sido salva, a nação necessita de uma revelação de Deus para orientá-la na conduta e na adoração de sua nova vida. Deus lhe dá a Lei. Convencidos do pecado pela santidade da Lei, os israelitas sentem a necessidade de sua purificação. Deus provê os sacrifícios. Tendo uma revelação de Deus, o povo sente a necessidade de culto à Sua pessoa. Deus lhe dá o tabernáculo e estabelece um sacerdócio.

Autor. Moisés.

Esfera de ação. Os acontecimentos registrados em Êxodo abrangem um período de 216 anos, cêrca de 1706 a 1490 antes de Cristo. Começa com um povo escravizado habitando na presença da idolatria egípcia e termina com um povo redimido habitando na presença de Deus.

CONTEÚDO :

Trataremos agora de obter um aspecto geral do livro de Êxodo, considerando-o como um todo. Aprendam o seguinte esbôço :

I. Israel no cativeiro (Caps. 1,2).
II. Israel redimido (Caps. 3 a 15:22).
III. Israel viajando ao Sinai (Caps. 15:23 a 19).
IV Israel recebendo a Lei (Caps. 20-23).
V. Israel em adoração (Caps. 24-40).

Agora analizaremos cada ponto do esbôço.

I. ISRAEL NO CATIVEIRO (Caps 1, 2).

O que se segue é um resumo dos capítulos 1 e 2.

1. A opressão de Israel (Cap. 1).
2. O nascimento de Moisés (Cap. 2:1-4).
3. A adoção de Moisés (2:5-10).
4. O zêlo precipitado de Moisés (2:11-14).
5. A fuga de Moisés (2:15).
6. O casamento de Moisés (2:16-22).

Foi profetizada a escravidão de Israel ? (Gên. 15:7-16). Qual foi o efeito dessa escravidão em Israel ? (Êxo. 2:23). Em que resultaria isso ? (Rom. 10:13). Moisés esqueceu alguma vêz do seu povo e do seu Deus enquanto recebia sua educação no Egito ? (Heb. 11:24-26). Por que não ? (Êxo. 2:7-9). O que supôs êle ao matar o egípcio ? (Atos 7:25). Foi essa a hora determinada por Deus? Que ensinaram a Moisés os 40 anos de peregrinação no deserto ? (Vide Atos 7:25 e Êxo. 3:11).

II. ISRAEL REDIMIDO (Caps. 3 a 15).

1. A chamada e a comissão de Moisés (3 a 4:28).
2. A partida para o Egito (4:24-31).
3. O conflito com Faraó (Caps. 5 e 6).

4. As pragas (Caps. 7 a 11).
5. Páscoa (Cap. 12).
6. A partida do Egito (Cap. 13).
7. A travessia do Mar Vermelho (14 a 15:21).

Vejam a grandeza e o caráter sobrenatural da libertação de Israel. O propósito de Deus era ter um povo cujo testemunho ao mundo seria: "salvo pelo poder de Deus". Êle desejou gravar na mente de Israel o acontecimento de tal maneira que nos dias vindouros quando viesse a opressão e a provação, pudessem sempre ver e recordar que "a salvação é do Senhor". No Velho Testamento a libertação de Israel da terra do Egito é sempre a medida ou o exemplo clássico do poder de Deus. Qual é a medida de Seu poder no Novo Testamento? (Efésios 1:19, 20; Fil. 3:10).

É necessário que expliquemos aquí uma dificuldade. Muitos tropeçam no fato de haver Deus endurecido o coração de Faraó, castigando-o em seguida. Deve notarse que Faraó também endureceu o seu próprio coração (Cap. 8:15, 32). Deus endureceu o coração de Faraó do mesmo modo em que o Evangelho endurece o coração dos homens quando o rejeitam. Para alguns, o Evangelho resulta em salvação, para outros em morte(Vide II Cor. 2:15, 16). Em Atos 19:9 lemos que "alguns se endureceram" após ter Paulo pregado. Foi Paulo o responsável pela dureza de seus corações? Não, a culpa estava com aquêles que repeliram a mensagem. O mesmo sucedeu no caso de Faraó. A mensagem de Deus foi simplesmente a **ocasião** do endurecimento do seu coração; sua recusa em obedecer à mensagem foi a **causa**.

A Páscoa apresenta alguns tipos maravilhosos da nossa redenção. O que tipificam: o Egito? (Gál. 1:4; Rom. 6:17, 18). O Cordeiro? (João 1:29). O sangue esparzido nas vergas das portas? (Rom. 3:24-26; I Pedro 1:18-20). O pão asmo (I Cor. 5:8). Comer o cordeiro? (I Cor. 11:24). A passagem pelo Mar Vermelho? (I Cor. 10:1, 2).

3. **ISRAEL VIAJANDO AO SINAI** (Caps. 15-19).

Neste estudo seria aconselhável consultar o mapa da viagem.

Sumário dos capítulos 15 a 19:

1. Mara — Águas amargas (Cap. 15).
2. Elim — Fontes e árvores (Cap. 15).
3. Deserto de Sin — Maná (Cap. 16).
4. Refidim — A Rocha ferida; batalha com Amaléque (Cap. 17).
5. Sinai — Visita de Jetro (Cap. 18).

IV. **A LEI DADA A ISRAEL** (Caps. 19-23).

Resumo dos capítulos 19-23:

1. A subida de Moisés ao Sinai (Cap. 19).
2. Os Dez Mandamentos (Cap. 20).
3. A lei civil (21-23).

Estudem os seguintes tópicos:

I. A eleição de Israel. Êxo. 19:5. Por meio de um pacto solene, Israel foi feito a nação sacerdotal — separada de tôdas as nações, para poder ser instruida na verdade divina e finalmente levar luz a tôdas as nações.

II. A legislação de Israel (Êxo. 20-23). Assim como os Estados Unidos da América do Norte formam uma república governada na base de sua constituição, Israel, com uma teocracia (um estado governado por Deus) teve como base do seu govêrno os Dez Mandamentos, que podemos considerar como a Constituição das Tribos Unidas de Israel. Os mandamentos representam a expressão décupla da vontade de Jeová e a norma pela qual governa os Seus súditos. Para poder aplicar êsses princípios à vida cotidiana do povo, foi acrescentada a lei civil, que estabelecia penalidades e dava instruções para a sua execução.

Que se propuzeram fazer os israelitas ? (Êxo. 19:8). Podiam fazer isto? (Atos 13:38; Gál. 2:16). Por que não? (Rom. 7:14; 8:3). Se não podiam guardar a Lei, por que

foi dada? (Rom. 3:19, 20; 5:20; Gál. 3:24). Quais as duas lições principais que a lei ensinava? (Mat. 22:37-39.) Como cumprem então os cristãos a Lei? (Rom. 13: 8-10). Como podemos adquirir o amor que a cumpre? (Rom. 5:5; Gál. 5:18). Sob qual lei está o cristão? (Gál. 6:2; João 15:12).

IV. **ISRAEL EM ADORAÇÃO** (Caps. 24-40).

1. Moisés recebe o modêlo do tabernáculo (Caps. 24-31).
2. Quebra da Lei (Caps. 32-34).
3. O tabernáculo em construção (Caps. 35-39).
4. O tabernáculo erigido (Cap. 40).

No Monte Sinai Jeová e Seu povo estabeleceu uma relação especial. Pela mediação de Moisés, um povo redimido e seu Deus foram unidos nos santos laços de aliança. Jeová torna-se o Deus de Israel e Israel torna-se o povo de Jeová. Para que essa comunhão pudesse continuar, Jeová ordenou a construção do Tabernáculo. "E me farão um santuário, e habitarei no meio dêles" (Exo. 25:8). Compreender-se-á claramente a utilidade do Tabernáculo quando considerarmos os títulos que lhe são aplicados:

a. **O Tabernáculo** (em hebraico "morada"). Embora Deus habite em tôda parte, Êle indicou um lugar onde Seu povo sempre o pudesse encontrar "em casa".

b. **A Tenda da Congregação** ou a Tenda da Reunião. Era o ponto de contacto e o meio de comunicação entre o céu e a terra (Êxo. 29:42, 43).

c. **O Tabernáculo do Testemunho,** ou a **Tenda do Testemunho.** Chama-se assim devido às duas tábuas da Lei que foram colocadas na arca. Essas tábuas foram chamadas " o testemunho" (Êxo. 31:18; 34:29). Testificavam da santidade de Deus e do pecado do homem.

d. **O Santuário.** Literalmente "lugar santo", um edifício separado para a morada divina.

CAPÍTULO III

LEVÍTICO

Título. Chama-se Levítico pelo fato de ser um registro de leis referentes aos levitas e seu serviço.

Tema. O livro de Êxodo historia a redenção de um povo em servidão. Levítico narra-nos como um povo redimido póde aproximar-se de Deus pela adoração e como póde ser mantida a comunhão assim estabelecida. **A mensagem de Levítico é: o acesso a Deus é sòmente por meio de sangue e o acesso assim obtido exige a santidade do adorador.** A maioria dos tipos no livro referem-se à obra expiatória de Cristo e manifestam-se nas diferentes oferendas que ali se descrevem. Êxodo dá-nos o relato da única oferenda que redimiu Israel uma vêz e para sempre. Levítico dá-nos muitos quadros daquela oferenda nas suas relações com os diferentes aspectos da redenção. A mensagem do livro está muito bem exposta em Lev. 19:2. Observem o propósito prático do livro: contém um código de leis divinamente determinado e designado para tornar Israel diferente de tôdas as demais nações, espiritual, moral, mental e fìsicamente. Em outras palavras, Israel tornar-se-ia uma nação santa — uma nação separada dos meios e costumes das nações que a cercavam, e **consagrada ao serviço do único e verdadeiro Deus.**

Autor. Moisés.

Esfera de ação. O livro abrange o período de menos de um ano da jornada de Israel no Sinai.

CONTEÚDO.

Levítico é um livro de leis, e tomando isso em consideração, vamos classificar o seu conteúdo.

I. Leis referentes às ofertas (Caps. 1-7).
II. Leis referentes ao Sacerdócio (Caps. 8-10).
III. Leis referentes à purificação (Caps. 11-22).
IV. Leis referentes às Festas (Caps. 23-24).
V. Leis referentes à Terra (Caps. 25-27).

I. **LEIS REFERENTES ÀS OFERTAS** (Caps. 1-7).

Os sacrifícios foram instituídos como meios pelos quais o povo podia manifestar a sua adoração a Deus:

1. O holocausto significava a inteira consagração a Jeová.
2. A oferta pacífica, que era comida em parte pelo sacerdote e em parte pelo ofertante, mostrava a comunhão com seu Deus.
3. A oferta de manjares ou de cereais, constituído de farinha, pães ou grãos, representava oferta de uma dádiva ao Senhor de tudo em reconhecimento de Sua bondade.
4. Por meio da oferta pelo pecado o israelita manifestava tristeza, ou arrependimento do pecado e o desêjo pelo perdão e purificação.
5. A oferta pela culpa foi dada no caso de ofensas que exigiam a restituição.

II. **LEIS REFERENTES AO SACERDÓCIO** (Caps. 8-10)

Êstes capítulos registram a consagração de Arão, seus filhos e a sua iniciação no ofício sacerdotal.

Os principais tópicos desta seção são os seguintes:

1. A Consagração (8). As cerimônias da consagração incluíam a lavagem com água, o vestir-se de roupas sacerdotais, a unção com azeite a oferenda de sacrifícios e aspersão de sangue.

2. O serviço (9)

3. A falta (10). Nadabe e Abiú, os filhos de Arão, em vêz de usarem fogo tomado do altar, usaram fogo comum para queimar o incenso. Afim de impressionar a nação pelo caráter sagrado e a responsabilidade do sacerdócio, Deus escolheu êsses homens para exemplo, destruindo-os pelo fogo. O que foi que provàvelmente os induziu a cometer êsse pecado ? (Vejam os versículos 8-11) Não sugere I Cor. 11:20-32 alguns paralelos ?

III. LEIS REFERENTES À PUREZA (Caps. 11-22).

Façamos um resumo desta seção da maneira seguinte: Israel, como uma nação santa, tem:

1. Alimento santo (11).
2. Corpos santos (12 a 14:32).
3. Lares santos (14:33-57).
4. Costumes santos (15).
5. Santidade renovada anualmente (16).
6. Culto santo (17:1-16).
7. Moralidade santa (18).
8. Costumes e vestuários santos (19-22).

Que ensina o capítulo 18 acêrca do caráter das nações circunvizinhas de Israel ? (Vide os vers. 24, 28). Muitos infiéis têm se escandalizado com o conteúdo dêsses capítulos, caracterizando-os como impróprios. Mas pode-se ver que a Bíblia, ao descrever as enfermidades morais, não recorre à dissimulação, nem à falsa modéstia, assim como não o faz um livro médico ao tratar das enfermidades físicas.

IV. LEIS REFERENTES ÀS FESTAS (Caps. 23, 24).

1. O Sábado. (23:1-3). Podemos considerar êste dia como o dia de festa semanal dos israelitas, no qual descansavam de todos os seus trabalhos e se reuniam para o culto.

2. A Páscoa e a festa dos pães asmos. Observem que havia duas festas numa só — a Páscoa (celebrando a passagem do anjo da morte sôbre as casas dos israelitas), que durava um dia; e a festa dos pães asmos (comemorando a partida do Egito), que durava sete dias.

3. Pouco depois dessa última festa celebrava-se a das primícias, quando um feixe da colheita das primícias era movido perante o Senhor. Isso era um tipo da ressurreição de Cristo (Cor. 15:20).

4. Cinqüenta dias depois das primícias realizava-se a festa de Pentecoste que significa "cinqüenta"). No quinquagésimo dia, dois pães movidos, com fermento (23:17) ofereciam-se ao Senhor.

5. A festa das trombetas (23:23-25). "O Dia do Ano Novo". Vejam as seguintes referências e verifiquem o significado típico desta festa (Isa. 27:13; I Cor. 15:52; Mat. 24:31; Apoc. 11:15).

6. O Dia da Expiação (Lev. 23:27-32). (Vide também Levítico 16 e Hebreus 9:6-12). Era mais jejum do que festa. Nêsse dia o sacerdote entrava no Lugar Santíssimo, com sangue, para fazer expiação pelos pecados do povo. Isso acontecia só uma vêz por ano e significava Cristo entrando no céu com o Seu próprio sangue para fazer a expiação eterna pelos nossos pecados. Além dos outros sacrifícios dêsse dia, havia os dois bodes. Um dêsses era sacrificado; quanto ao outro, Arão colocava sôbre êle as mãos e confessava os pecados da nação; em seguida, enviava-o ao deserto. Êstes dois bodes representam dois aspectos da expiação. O primeiro significa Cristo pagando a pena pelos nossos pecados — a morte; o segundo significa o afastamento dos nossos pecados, para nunca mais se lembrar dos mesmos.

7. A festa dos tabernáculos (Lev. 23:33-44) comemorava os dias em que os israelitas habitavam em ten-

das, depois da sua saída do Egito. Uma vêz que esta festa seguia-se à colheita (23:39), podemos tomá-la como típica do regosijo dos santos na presença do Senhor, depois da grande reunião (Comparem as referências às palmas no versículo 40 e Apoc. 7:9).

Observem a sequência típica das festas — como as mesmas manifestam a história da redenção. Omitiremos o Dia da Expiação, porque não é uma festa, mas sim um jejum.

A Páscoa — A crucificação.

As primícias — A ressurreição de Cristo.

O Pentecoste — O derramamento do Espírito.

As Trombetas — rapto dos vivos e a ressurreição dos santos mortos.

Os tabernáculos — A nossa morada na presença do Senhor depois da grande reunião.

V. **LEIS REFERENTES À TERRA** (Caps. 25-27).

1. O Ano de Jubileu (Cap. 25).
2. Recompensa e castigo (Cap. 26).
3. Votos (Cap. 27).

O Ano de Jubileu era um ano sabático celebrado de cinqüenta em cinqüenta anos, a começar no Dia da Expiação. Nêsse tempo dava-se à terra o descanso de cultivo; tôdas as dívidas eram perdoadas, todos os escravos hebreus eram postos em liberdade, e tôdas as propriedades eram restituídas aos seus primitivos donos. Casas em cidades muradas eram uma exceção; essas não voltavam a seus donos (25:30). O propósito do Jubileu era evitar a escravidão perpétua dos pobres e a acumulação de riquezas pelos ricos e preservar também a distinção entre as tribos e suas possessões. Foi êsse ano que Cristo

proclamou como "o ano aceitável do Senhor" (Luc. 4:19) e que Pedro chamou "o tempo da restituição de tôdas as coisas" (Atos. 3:21). Como tipo, o Jubileu encontra seu cumprimento parcial nesta dispensação do Evangelho e seu cumprimento completo durante o Milênio.

A que está condicionada a bênção de Israel no capítulo 26 ? (Vers. 3). Quando foram cumpridos completamente os versículos 28-39 ? (Luc. 21:20-24).

Quando voltará Jeová outra vêz a Israel ? (V. 40). Quando sucederá isso ? (Zac. 12:10; Apoc. 1:7). Embora disperso e punido, Israel é abandonado para sempre por Jeová ? (Vers. 44, 45). De que Êle Se lembrará ? (V. 42).

CAPÍTULO IV

NÚMEROS

Título. O livro de Números tem êste título porque trata do registro dos dois censos de Israel antes de entrar em Canaã.

Tema. Em Êxodo vimos Israel redimido; em Levítico vimos Israel em adoração; e agora em Números vemos Israel servindo. O serviço do Senhor não devia ser feito de uma maneira casual, razão por que o livro nos apresenta o quadro de um acampamento, onde tudo é feito segundo a primeira lei do céu — a ordem. O povo é numerado conforme as tribos e famílias; a cada tribo é designado o seu lugar no acampamento; a marcha e o acampamento são regulados com precisão militar; e no transporte do Tabernáculo cada levita tem a sua tarefa especial. Além de ser um livro de serviço e ordem, Números é um livro que registra o fracasso de Israel que, por não crer nas promessas de Deus, não entrou na Terra de Canaã, e, conseqüentemente, andava no deserto por castigo. Contudo, foi uma falta que não frustou os planos de Deus, porque o fim do livro deixa Israel nas fronteiras da Terra Prometida, onde a nova geração de israelitas espera entrar. Desta maneira quatro palavras — serviço, ordem, falha e peregrinação — resumem a mensagem de Números.

Autor. Moisés.

Esfera de ação. 39 anos de jornada do povo de Israel no deserto, desde cêrca de 1490 até 1451 antes de Cristo.

CONTEÚDO.

Faremos um esbôço do livro de Números de acôrdo com as jornadas principais de Israel. Sugerimos que o estudante use para êstes estudos um mapa para identificar os diferentes lugares mencionados no decurso de sua leitura.

I. Em Sinai (Caps. 1-9).
II. Sinai a Cades (Caps. 10-19).
III. Cades a Moabe (Caps. 20-36).

I. **ISRAEL EM SINAI** (Caps 1-9).

1. O censo do povo (Caps. 1, 2).
2. O censo dos sacerdotes e levitas (Caps. 3, 4).
3. Leis (Caps. 5, 6).
4. Oferta dos príncipes (Cap. 7).
5. A Consagração dos Levitas (Cap. 8).
6. A Páscoa e a nuvem guiando a marcha dos israelitas (Cap. 9).

Por que foi contado o povo? (1:3).. Em preparação de que? (13:30). Quel foi uma das razões? Por que era necessário que a distinção entre as tribos (1:2, 4) fôsse conservada em Israel (Heb. 7:14), também a distinção entre as famílias? (Luc. 1:27). Qual tribo que não foi contada com as outras? (1:49). Por que? (1:50). Quem devia dirigir a marcha? (2:3; 10:14). Por que? (Gên. 49:10; Heb. 7:14). Qual foi o total do censo? (2:32). Qual foi o número dos levitas? (3:39).

Deve-se notar uma distinção entre os sacerdotes e os levitas. Os sacerdotes eram os membros da tribo de Levi que descendiam de Arão e seus filhos (3:2-4), e que eram encarregados das funções sacerdotais do Tabernáculo, os sacrifícios, ministrar no Lugar Santo, etc. Os levitas, os restantes membros da tribo, foram dados a Aarão como auxiliares (3:9) para cuidar do Tabernáculo com os seus móveis e utensílios. Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes.

Em 3:12 lemos que a tribo de Levi foi separada pelo Senhor em lugar dos primogênitos de Israel. Nos tempos patriarcais, o primogênito gozava de muitos privilégios, um dos quais era ser o sacerdote da família. Depois da morte dos primogênitos da terra do Egito, o Senhor ordenou que os primogênitos dos israelitas fossem santificados a Êle, quer dizer ao Seu serviço (Êx.13:12). Agora, por motivos que se compreendem por si mesmos, o Senhor, em vêz de aceitar o serviço do primogênito de diferentes tribos, separou uma tribo especial para êste serviço — Leví. Mas havia mais primogênitos do que levitas. Que devia ser feito? (Vide 3:46-51). Aquêles que excederam ao número dos levitas foram resgatados do serviço, pagando certa quantia. A cerimônia realiza-se ainda hoje entre judeus ortodoxos.

A lei do nazireado (Cap. 6) apresenta um lindo tipo de consagração. Um nazireu (nazireu vem duma palavra que significa separar-se) era uma pessoa que se consagrava ao Senhor, com votos especiais, temporàriamente ou pela vida inteira. Como exemplos dessa classe, mencionamos Samuel (I Sam.. 1:11) e João Batista (Luc. 1:13-15). Os nazireus não bebiam vinho (tipo de abstinência do gôzo natural), usavam cabelos compridos (talvez disposição a sofrer censuras por causa de Jeová (Vide I Cor. 11:14), e não lhes era permitido tocar nos corpos mortos, nem mesmo nos de seus pais (separação dos laços familiares). A queda de Sansão foi causada pela infração do voto de nazireado (Juízes 13:5; 16:17).

Que nos recorda a bênção tríplice pelos sacerdotes em Números 6:24-26? (Vide II Cor. 13:14). Note-se a impressionante cerimônia da imposição das mãos dos israelitas sôbre os levitas (8:10). Atos 13:2, 3 sugere alguma semelhança? Que nova adição à lei da Páscoa foi feita no capítulo 9:1-14? Notem a lição ensinada nesta conexão; a saber, Deus não diminue as Suas exigências, mas ajuda os homens a alcançá-las.

II. **SINAI A CADES** (Caps. 10-19).

1. Início da marcha (Cap.10).
2. Murmurações e concupiscência (Cap. 11).
3. Os setenta anciãos (Cap. 11).
4. A sedição de Arão e Miriã (Cap. 12).
5. A informação dos espias e a incredulidade de Israel (Caps. 13-14).
6. A rebelião de Coré (Caps. 16-17).
8. Leis cerimoniais (Caps. 18-19).

Hobabe e seus filhos acompanharam os filhos de Israel ? (Juízes 1.16). Permaneceram com êles ? (I Sam. 15:6). O que caminhava diante dos filhos de Israel ? (10:33). O que representava isso ? (Êxo. 25:20-22; Josué 7:6). Qual foi uma das causas que conduziu Israel à concupiscência ? (11:4; comparem Êxo. 12:38). Que lição há nisso para nós ? (II Cor. 6:14). Quais as pessoas nomeadas para auxiliarem a Moisés ? (11:16, 17). Que nos recorda a manifestação do Espírito em 11:25 ? (Atos 19:6). Foi alguma vêz a oração de Moisés no versículo 29 respondida ? (Atos. 2:17; I Cor. 14:31). Notem que as codornizes não estavam empilhadas a dois côvados de altura, como possa parecer na leitura apressada de 11:31, mas que voavam a essa altura e assim eram capturadas fàcilmente.

Notem como se tornou contagioso o espírito de murmuração. Afetou até Miriã e Arão. Pelo fato de ser o nome de Miriã o primeiro que se menciona no versiculo 1 e de ter sido ela quem recebeu castigo, parece evidente que foi ela quem iniciou a rebelião. Sendo que o matrimônio com os gentios era desaprovado pela lei (Gên. 24:3; Deut. 7:3), Miriã tinha justa razão de queixar-se. Mas ela deixou de tomar em consideração a graça de Deus que pode santificar os gentios. Alguns têm visto na ação de Moisés um significado dispensacional e profético.

Rejeitado por Israel, Moisés contraiu matrimônio com uma espôsa gentílica (Atos. 15:14). Arão e Miriã representam os judeus que se opõem à união do judeu e gentio. (Atos. 11:1-3). A exclusão de Miriã é um tipo da rejeição temporária de Israel e a sua recepção no acampamento, da sua restauração.

Deut. 1:9-22 demonstra que a ordem de enviar espias foi dada em resposta à exigência do povo. O plano de Deus era que o povo, nesta questão, confiasse n'Êle, mas, vendo a fraqueza da sua fé, permitiu que fizessem o que desejavam. Nessa época, o nome de quem foi mudado ? (13:16). Que significa geralmente, na Bíblia, a mudança de nomes ? (Gên. 32:28). Que espécie de informação trouxeram os espias ? (13:26, 27). Qual foi o efeito da informação sôbre o povo ? Que intencionaram fazer ? (14:4). Qual foi a atitude do povo infiel para com aquêles que verdadeiramente acreditavam em Deus ? (v. 10). Que revela 14:13-19 a respeito do caráter de Moisés ? (Vejam o versículo 21).

Apesar de ter falhado o povo, os planos de Deus se realizaram. O que originou a incredulidade de Israel? (14:25). Notem o versículo 28. Como a recompensa é conforme a fé, assim a perda é conforme a incredulidade. Foi perdoado o pecado do povo ? (v. 20). Isso impediu que êles colhessem o que tinham semeado por causa da sua atitude impenitente (14:29, 30) ? Que aconteceu aos homens que deram o máu relatório ? (v. 37). Foi o ato do povo em 40-45 movido por verdadeira obediência? Como foi ? (v. 44).

No capítulo 14:22, o Senhor menciona o fato de que até o presente, o povo O tinha tentado 10 vêzes. Verifiquemos os seguintes versículos e façamos uma lista destas tentações: Êxo. caps. 14, 15, 16; 16:20; 16:27; caps. 17 e 32; Núm. 11; caps. 12:1; cap. 14.

O capítulo 15:27-29, trata dos pecados de ignorância; isto é, pecados não cometidos no espírito de desobediência voluntária. O versículo 30 menciona, pelo contrário, pecados cometidos presunçosamente para os quais o sacrifício não tem eficácia, e os versículos seguintes fornecem uma ilustração dêsse pecado no caso de um homem que recolheu lenha no sábado. A pena severa não foi imposta pelo mero ato de recolher a lenha, mas pelo espírito presunçoso com que quebrou a lei.

Por que foi necessário que o Senhor ordenasse aos israelitas o uso de bordas nos seus vestidos (15:37-41), como uma recordação visível de Seus mandamentos? (Sal. 78:11; Jer. 2:32).

Notem no caso de Coré e seus seguidores como a murmuração, que começou depois da partida do Egito, tornou-se em rebelião declarada. O pecado de Coré e seu grupo consistiu em rebelião contra Moisés e Arão e intrusão no ofício sacerdotal. Procurou Moisés defender-se? (16:4). Contra quem Coré se revoltou realmente? (v. 11). Foi justa a acusação de Coré? (13). Como foi castigado? Como foram castigados os 250 homens? Como se demonstrou a dureza completa do coração do povo? (v. 41).

O capítulo 19 dá um relato da preparação de uma água para a purificação legal. Para saber seu significado típico leia Heb. 9:13, 14. O seu principal propósito era a purificação daquêles que tinham tocado cadáveres, cujo contato trazia contaminação. Essa lei pode ter sido decretada por causa da existência de tantos mortos depois do julgamento de Jeová contra os rebeldes, porque ela não se encontra em Levítico.

III. **CADES A MOABE** (Caps. 20-36).

1. O pecado de Moisés (Cap. 20).
2. A morte de Miriã e Arão (Cap. 20).

3. A serpente de metal (Cap. 21).
4. O êrro e a doutrina de Balaão (Caps. 22-25).
5. O censo da nova geração (Cap. 26).
6. Preparações para entrar na terra (Caps. 27-36).

Chegamos ao fim dos 38 anos da peregrinação errante de Israel e voltamos a encontrá-lo em Cades-Barnéia, o mesmo lugar de onde voltou para começar a sua longa viagem pelo deserto.

Êsse período está quase em branco quanto ao registro histórico. Foi simplesmente um tempo de espera até que a geração incrédula tivesse desaparecido. Agora estão prontos para entrar na terra.

Em que consistiu o pecado de Moisés? (20:12; Sal. 106:32, 33). Que nos ensina isso acêrca de Moisés, apesar da beleza de seu caráter? (Tiago 5:17).

Apesar de Esaú e seu irmão Jacó terem-se reconciliado, os descendentes do primeiro sentiram inimizade contra Israel, como se vê no capítulo 20. Essa inimizade nunca foi esquecida (Vide Sal. 137:7; Ezeq. 35:1-5: Obadias, vers. 10-14).

Que tipos da expiação nos sugere a serpente de metal? (João 3:14; Gál. 3:19; Rom. 8:3).

Agora chegamos à história de Balaão. Pelo fato de ter sido êle um profeta, ensina-nos que Deus algumas vêzes revelou a Sua vontade a indivíduos que não eram israelitas. Melquisedeque e Cornélio, ambos gentios, servem como outros exemplos. É evidente que o pecado maior de Balaão foi a cobiça. (II Ped.. 2:15). Poderá perguntar-se por que Deus permitiu a Balaão ir com os mensageiros e logo depois Se aborreceu com êle por tê-lo feito (22:20, 22). Era a perfeita vontade de Deus que Balaão recusasse ir, mas, ao ver a intensidade de seu propósito, deu-lhe a Sua permissão, mas com esta condição, "todavia farás o que Eu te disser" (v. 20).

Agora, lendo os versículos 22, 32 e 35, deduzimos que Balaão foi com a intenção de violar aquela condição.

Até êste ponto temos estudado o **êrro de Balaão** (Judas 11), que consistiu na crença de que Deus era obrigado a amaldiçoar um povo tão pecaminoso como era Israel. Mas deixou de tomar em consideração aquilo que podia apagar seus pecados que eram como uma nuvem espessa — a graça de Deus. No capítulo 25 encontramos a **doutrina de Balaão** (Apoc. 2:14), que consistia em ensinar a Balaque a corromper, por meio da imoralidade, o povo que êle não podia amaldiçoar por feitiçarias.

Por que foi necessário contar novamente o povo? (26:64, 65). Que aprendemos em 26:11 acêrca dos filhos de Coré? Qual foi a atitude de Moisés, para com os israelitas até o fim? (27:15-17). Qual foi a opinião do Senhor acêrca de Josué? (v. 18). De que estava dotado? (v. 20). Por meio de qual cerimônia foi êle introduzido no ofício? (v. 23).

Contra quem iam pelejar os israelitas? (Cap. 31). Por que ? (Cap. 25). Quem em particular pereceu nessa guerra? (v. 8). Foi respondida a sua oração em Núm. 23:10 ?

Opõem-se alguns à matança geral dos midianitas como algo incompatível com o amor de Deus. Mas devemos recordar-nos de que êsse povo era qual câncer moral no meio de um país que ameaçava a pureza de Israel. Leia em Levítivo 18:24-30 o contexto, o relato da corrupção das nações que rodeavam Israel e poderá ver que a ação do Senhor em destruí-los totalmente era tão necessária sob o ponto de vista natural como a intervenção de um cirurgião ao amputar um membro enfêrmo do corpo.

As 32.000 meninas (31:18) foram preservadas para o serviço doméstico e não para propósitos imorais como imaginam alguns incrédulos. Israel não fôra castigado

severamente por causa de impureza ? (25). Não era castigada a impureza com a morte ? (Deut. 25). A lei hebráica permitia a um soldado casar-se com uma mulher cativa, mas sòmente sob a condição de observar a legislação existente em favor dela, destinada tanto quanto possível a tornar impossível a imoralidade (Deut. 21:10-14). Deixando o capítulo 32, que registra a escôlha da terra das duas tribos e meia; também o cap. 33, que contém um sumário das jornadas de Israel, e o cap. 34 que registra os limites de cada tribo, chegamos ao capítulo 35, que contém o relato da escôlha das cidades de refúgio. Qual foi a herança dos levitas ? Para quem seriam as 6 cidades de refúgio ? (vs. 11, 12). Onde estavam situadas essas cidades ? (v.14). Por quanto tempo havia de permanecer ali o homicida ? (v. 25). Quais os que eram excluídas das cidades ? (Vers. 20, 21).



CAPÍTULO V

DEUTERONÔMIO

Título. Deuteronômio origina-se de duas palavras gregas que significam "segunda lei", e chama-se assim pelo fato de registrar a repetição das leis dadas no Sinai.

Tema. Moisés cumpriu a sua missão. Conduziu Israel do Egito às fronteiras da Terra Prometida. Agora que o tempo de sua partida chegou, êle resume perante a nova geração, numa série de discursos, a história passada de Israel, e nêsse resumo baseia as admoestações e exortações que tornam Deuteronômio um grande sermão exortativo para Israel. Exorta a recordar o amor de Jeová para com êles durante as jornadas no deserto, para que pudessem estar seguros da continuação do Seu cuidado quando entrassem em Canaã. Admoesta-os a observar a lei a fim de que possam prosperar. Recorda-os de suas apostasias e rebeliões passadas e os adverte das conseqüências da desobediência futura. A mensagem de Deuteronômio pode resumir-se em três exortações: Recorda! Obedece! Cuidado!

Autor. Moisés.

Esfera de ação. Dois mêses nas planícies de Moabe, 1451 antes de Cristo.

CONTEÚDO

Faremos um resumo de Deuteronômio de acôrdo com as três exortações mencionadas em nosso tema.

I. Recorda! — Resumo das jornadas (Caps. 1-4).
II. Obedece! — Resumo da Lei (Caps. 5-27).
III. Cuidado! — Profecia do futuro de Israel (Caps. 28-34).

I. RECORDA — RESUMO DAS JORNADAS DE ISRAEL (1-4).

Sendo que os acontecimentos registrados nos capítulos seguintes na sua maioria são simplesmente uma repetição dos dados no livro de Números, não nos ocuparemos muito dêles. Podemos dividir a seção em duas partes :

1. Moisés recapitula as jornadas de Israel (1-3) e
2. Faz dêste resumo a base para uma admoestação (4).

Onde encontramos Israel no princípio dêste livro ? (1:5). Qual profecia se tinha cumprido parcialmente em Israel ? (v. 10 e Gên. 15:5). Qual o caso único em que a oração de Moisés foi recusada ? (3:25-28). Qual devia ser a atitude de Israel perante a Palavra de Deus? (4:2). O que era a lei para Israel ? (4:6). Acêrca de quais dias Moisés profetiza em 4:25-30 ? A que livro escrito por êle mesmo se refere Moisés indiretamente ? (4:32).

II. OBEDECE! — RESUMO DA LEI (5-27).

1. Os Dez Mandamentos (5-6).
2. Avisos e exortações (7-12).
3. Falsos profetas (13).
4. Leis cerimoniais (14-16).
5. Um futuro rei e um futuro profeta (17-18).
6. Leis civis (19-26).
7. Bençãos e maldições da Lei (27).

Qual era o desêjo sincero de Deus para com o Seu povo? (5:29). Êsse desêjo ainda será realizado? (Ezeq. 36:26). Qual é o grande mandamento da Lei ? (6:4, 5). Israel foi escolhido por causa de sua grandeza ou justiça ? (7:7; 9:4). Quais os dois motivos porque foi escolhi-

do? (7:8). Qual era um dos propósitos de Deus para conduzir Israel pelo deserto? (8:2-5, 16). Que era tudo que Deus requeria de Israel? (10:12). Qual devia ser a diferença entre a conduta de Israel no deserto e de quando entrasse na Terra Prometida? (12:8). Qual o único lugar onde deviam oferecer-se os sacrifícios? (12:13, 14). Milagres operados por um profeta provam necessàriamente a autenticidade dêste? (13:1, 2; II Tes. 2:9). Qual é a verdadeira prova?)13:2; Mat. 7:15-23). Que previu Moisés (17:14-16; com I Sam. 8:5, 10-18). Qual a grande profecia que Moisés proferiu em 18:15-19? Notem que a lei de retribuição em 19:21 foi dada para ser posta em vigor pelos juízes e não pelos indivíduos comuns. Com que termina o resumo da Lei? (27:26). Qual é a nossa relação para com a Lei? (Gál. 3:13).

III. CUIDADO! — PROFECIAS DO FUTURO DE ISRAEL (28-34).

1. Bençãos e maldições (28).
2. A aliança da Palestina (29, 30).
3. Os últimos conselhos de Moisés aos sacerdotes, levitas e Josué (31).
4. O cântico de Moisés (32).
5. A bênção das tribos (33).
6. A morte de Moisés (34).

O capítulo 28, juntamente com Levítico 26, devem ser considerados como os dois grandes capítulos proféticos do Pentatéuco. Os versículos 1-14 se teriam cumprido se Israel tivesse sido obediente, mas terão seu cumprimento final no Milênio. Os versículos 14-36 cumpriram-se na apostasia de Israel sob os reis, que culminou no cativeiro babilônico (II Crôn. 36:15-20).

Os versículos 37-68 cumpriram-se durante a destruição de Jerusalém, no ano 70 de nossa era, e no período seguinte (Luc. 21:20-24). Josefo, um general e historiador judeu que vivia naquêle tempo, dá alguns relatos

impressionantes dos terríveis sofrimentos dos judeus durante êste tempo, o que indica quão literalmente êsses versículos se cumpriram. Como comentário do vers. 53, citamos o episódio seguinte narrado na história do sítio.

No período de maior fome em Jerusalém, um grupo de saqueadores armados vagueavam pelas ruas em busca de alimento. Sentiram o odor de carne assada vindo de uma casa próxima. Ao entrar ordenaram à mulher que alí estava que lhes désse alimento. Ficaram horrorizados quando ela lhes revelou o corpo assado de seu filho! Qualquer pessoa que conheça algo da história do povo judeu, notará fàcilmente como as profecias dos versículos 37-68 tornaram-se parte da história.

Os capítulos 29-30 registram o que se chama a Aliança da Palestina; isto é, um acôrdo entre o Senhor e Israel a respeito das condições da posse da Palestina. Deve notar-se cuidadosamente que há duas alianças que se referem à posse da terra. A primeira é o pacto com Abrão(17:7, 8). Êste pacto era **incondicional**; isto é, a conduta de Israel não afetaria o seu cumprimento (Vide Jer. 31:35-37; Rom. 11:26-29). Mas Deus previu que Israel pecaria, de maneira que o pôs sob outro pacto— o Palestinense. Êste pacto era **condicional**, dependendo da obediência de Israel, fazendo com que o Senhor possa castigá-los com destêrro **temporário** da terra sem rejeitá-los **para sempre**.

Para usar uma rude ilustração, o Pacto com Abrão foi a herança guardada para um Israel obediente; o Pacto de Palestina foi o chicote para conduzir Israel a êste lugar de obediência. O Dr. Scofield fornece uma excelente análise dêsse pacto :

1. A dispersão de Israel por causa de sua desobediência (30:1).
2. O arrependimento futuro de Israel (v. 2).
3. A volta do Senhor (v. 3).

4. Retôrno à Palestina (v. 5).
5. Conversão nacional (v. 6).
6. O juízo dos opressores de Israel (v. 7).
7. Prosperidade nacional (v. 9).

Quantas vêzes foi lida a Lei para o povo? (31:10-13). De que advertiu o Senhor a Moisés? (31:16). Em vista disso, que devia Moisés fazer? (vers. 19-21). O que sabia Moisés? (v. 29).

O cântico de Moisés, no capítulo 32, é considerado como um resumo total do livro de Deuteronômio. Pôde resumir-se nas três palavras do nosso tema — **recorda, obedece, cuidado**! Foi escrito em forma de cântico para que o povo pudesse recordá-lo fàcilmente.

O que se diz em 32:4 á respeito do caráter de Deus? Do caráter de Israel? (vv. 5, 6). Qual país fêz o Senhor o centro de tôdas as nações? (v. 8). Que se diz referente ao cuidado de Jeová para com Israel? (Vers. 10-14). Israel foi agradecido? (vers. 15-18). Quem haveria de provocar a inveja de Israel? (vers. 21; Comp. Rom. 11:11). Como os castigaria Jeová? (vers. 22-26). O que impediria a Jeová acabar com êles? (ver. 27). Qual era Seu desêjo para com êles? (ver. 29). Quando voltará a êles? (ver. 36). Quem se regosijará finalmente com Israel? (v. 43). Quando?

A bênção das tribos por Moisés deve comparar-se com a de Jacó, que se encontra em Gên. 49.

É provável que Josué tivesse escrito o relato da morte de Moisés que se encontra no capítulo 34. Qual é a provável razão porque o lugar da sepultura de Moisés nunca foi revelado? (comp. Núm. 21:8 e II Reis 18:4). Qual a outra referência que menciona êsse entêrro? (Judas 9). Qual era sua condição física ao tempo da sua morte? O que fêz Israel por ocasião da morte de Moisés que devia ter feito durante a sua vida? (v. 8). Levantou-se alguma vez em Israel um profeta semelhante a Moisés? (comp. v. 10 e cap. 18:15).

JOSUÉ

Tema. Israel está agora em condições de tomar posse de Canaã e cumprir sua missão de ser uma testemunha às nações quanto à Sua unidade, e defensor de Sua Palavra e Lei. Nos livros históricos, começando com Josué, veremos se Israel cumpriu ou não a sua missão. Josué é o livro de vitória e de possessão, apresentando o quadro de Israel, outrora rebelde, agora transformado num exército disciplinado de guerreiros, subjugando nações, que lhe eram superiores em número e poder. O segrêdo de seu êxito não é difícil de conhecer — "O Senhor pelejou por êles".

Tomando a fidelidade de Deus como nosso pensamento central, poderíamos fazer um resumo da mensagem de Josué nas palavras do capítulo 21:45 : "Palavra alguma falhou de tôdas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel; tudo se cumpriu".

Autor. Josué. O Talmude diz que Josué escreveu todo o livro com exceção dos últimos cinco versículos. Foi escrito durante o tempo em que vivia Raabe (6:25).

Esfera de ação. Desde a morte de Moisés até a morte de Josué, cobrindo um período de 24 anos, desde 1451, até 1427 antes de Cristo.

CONTEÚDO.

I. A Entrada na Terra (1-5).
II. A Terra Subjugada (6-12).
III. A Terra Dividida (13-22).
IV. A despedida de Josué (23, 24).

I — A ENTRADA NA TERRA (Caps. 1-5).

1. O encargo e a comissão de Josué (1).
2. Raabe e os espias (2).
3. A passagem do Jordão (3).
4. Os dois memoriais (4).
5. A primeira Páscoa em Canaã (5).

Quanta terra deveriam possuir os israelitas ? (1:3). Que verdade espiritual ilustra isso ? (Mat. 9:29). Como seria orientado agora Josué ? (1:8). Notem que até êste tempo o Senhor fazia revelar a Sua vontade por meio de visões, sonhos e aparições angélicas, mas agora seria por meio da Palavra escrita. De que deviam lembrar-se as duas tribos e meia ? (1:13-15). Que espécie de mulher era Raabe ? (2:1). O que a salvou ? (Heb. 11:31). Ela fêz algo difícil para obter salvação ? (2:21). O que mandou Josué que se fizesse como memorial da passagem do Jordão ? (4:3, 9). Qual foi o efeito da notícia do ataque de Israel aos cananeus ? (5:1). Que profecia cumpriu-se com isso ? (Deut. 2:25). Qual mudança de dieta tiveram os israelitas nêsse tempo? (5:11, 12). Quem era o verdadeiro chefe das hostes de Israel ? (5: 13, 14). Quem era êsse ? (Apoc. 19:11-16).

II. A TERRA SUBJUGADA (Caps. 6-12).

1. A conquista de Jericó (6).
2. O pecado de Acã (7).
3. A conquista de Ai (8).
4. Relações com os gibeonitas (9, 10).
5. Conquista final da terra (11, 12).

O que ensina a tomada de Jericó acêrca dos caminhos de Deus ? (I Cor. 1:26-31). Que admoestação se deu a Israel ? (6:18). Que maldição foi proferida nêsse tempo ? (6:26). Sôbre quem caiu ? (I Reis 16:34). Com quais personagens do Novo Testamento podemos com-

parar Acã ? (Atos 5). Quais pessoas foram castigadas pelo pecado de um homem ? (7:1). Às vêzes é fóra da ordem orar ? (V. 10, com. Êxo. 14:15). Qual foi a raiz do pecado de Acã ? (I Tim. 6:1-10). Qual foi o símbolo da autoridade de Moisés ? (Êxo. 10:13). Da autoridade de Josué ? (8:18, 26). Qual mandamento de Moisés cumpriu Josué nêsse tempo ? (8:30-35). (Comp. Deut. 27). Que equívoco cometeu Josué em seus tratos com Gibeão ? (9:14). Por que foram poupados os gibeonitas ? (9:19). Como foram castigados ? (vers. 23-27). Notem a referência à conclusão da campanha de Josué. (11:23). Quantos reis conquistou ? (12:24). Qual foi o segrêdo de seu êxito ? (10:42).

III. A TERRA DIVIDIDA (Caps. 13-22).

Sendo que o título acima mencionado resume o conteúdo da seção inteira, um esbôço detalhado será desnecessário.

Segundo 13:1, que tinha deixado de fazer Israel ? (1:3). Que aviso deixou Israel de obedecer ? (Comp. 13: 13; 15:63; 16:10, com Núm. 33:55 e Josué 23:12, 13).

IV. A DESPEDIDA DE JOSUÉ (Caps. 23, 24).

De que encarregou Josué os anciãos de Israel ? (23:6). O que previu Josué ? (23:13). Que escôlha pôs ante o povo ? (24:15). Que obrigação tomou o povo sôbre si mesmo ? (24:16-18). Segundo os nossos conhecimentos da história de Israel, cumpriram êles a sua promessa ? O que fêz Josué com o povo ? (v. 25).

CAPÍTULO VI

JUÍZES

Tema. Josué é o livro da vitória; Juízes, o livro do fracasso. Os versículos do capítulo 2:7-19 representam um resumo da história do livro. Depois da morte de Josué, a nova geração de israelitas fêz uma aliança com as nações que a antiga geração havia deixado na terra, atitude que resultou em idolatria e imoralidade. Isso lhes trouxe o juízo de Deus na forma de servidão às mesmas nações que deviam ter subjugado. Quando clamaram a Deus, foi-lhes enviado um libertador; durante o tempo em que êsse viveu, permaneceram fiéis a Deus, mas depois da sua morte tornaram a seguir os velhos pecados. Nos últimos capítulos do livro, o escritor nos dá uma descrição detalhada daquêles tempos de apostasia e anarquia e explica o fenômeno pelo fato de que "Naqueles dias não havia rei sôbre Israel; cada qual fazia o que parecia bem aos seus olhos". **A** história do livro pode resumir-se em quatro palavras: **Pecado, Servidão, Tristeza, Salvação.**

Autor. Segundo a tradição judaica, o autor foi Samuel.

Esfera de ação. Abrange o período entre a morte de Josué e a magistratura de Samuel.

CONTEÚDO.

I. O período depois de Josué (Caps. 1 a 3:4).

II. As Apostasias, cativeiros e libertações de Israel (Caps. 3:5 a 16).

III. A anarquia de Israel (Caps. 17:21).

I. O PERÍODO DEPOIS DE JOSUÉ (Caps. 1 a 3:4).

1. A vitória incompleta das tribos (Cap. 1).
2. A visita do anjo (Caps. 2:1 a 5).
3. Resumo dos acontecimentos que resultaram na apostasia de Israel (Caps. 2:6 a 3:4).

Notem que o capítulo I relata o que foi o princípio da queda de Israel — a sua falha em não ter conquistado os cananeus, e sua aliança subseqüente com êles (2:12). Embora contrário à Sua vontade de que os cananeus morassem na mesma terra com Israel, que uso faz dêles o Senhor? (2:21-23). Quais as outras coisas que usou com o mesmo propósito? (Deut. 8:2-16).

II. AS APOSTASIAS, CATIVEIROS E LIBERTAÇÕES DE ISRAEL(3:5 a cap. 16).

O estudante deve fazer uma lista de todos os juízes, com os seguintes fatos a respeito de cada um:
1. De quem êle livrou Israel?
2. Por quanto tempo ocupou êle o cargo?
3. Quais os fatos importantes referentes a êle?

Notem que houve **doze juízes** (excluindo Abimeléque que foi um usurpador). O que lhe sugere isto? (Mat. 19:28; Isaías 1:26). Três fatos importantes referentes aos juízes devem ser considerados: chamados por Deus, dotados de poder especial e a maioria dêles pertencia àquela classe descrita por Paulo como: "as coisas fracas dêste mundo... as coisas vís dêste mundo" (I Cor. 1:27, 28).

O feito de Jael em matar Sísera e o elogio que Débora lhe fêz tem provocado crítica em algumas partes. Duas coisas devem ser tomadas em consideração: em primeiro lugar, embora o ato fôsse exaltado por Débora lhe fez, tem provocado crítica em aglumas parrelata-o simplesmente. Além disso, devemos lembrar que

a época em que Jael vivia era diferente da nossa a respeito dos costumes e ideais. Citamos o que disse um comentador inglês :

"Jael, por meio de seu ato reto e valoroso, salvou a sua vida, defendeu a honra de seu espôso ausente, sua própria honra e a de muitas centenas de seu sexo (5:30). Ao entrar na tenda da mulher, Sísera era culpado de um ato muito cruel e foi de sua parte uma recompensa indígna, em troca da hospitalidade e bondade que lhe mostrou. Êle bem sabia que a Lei do Deserto condenava à morte a mulher em cuja parte da tenda entrasse um homem. Ela podia salvar-se sòmente, matando-o se fôsse possível. Tal era a Lei do Deserto; e Jael era filha do Deserto e não de Israel".

Como se dirigiu a Gideão o anjo do Senhor ? (6:12). Era essa a opinião de Gideão a respeito de si mesmo ? (6:15).Gideão estava consciente de incredulidade da sua parte ao pedir um sinal ? (6:39). Por que Deus quís libertar Israel apenas com uns poucos homens ? (7:2). A que lei se refere 7:3 ? (Deut. 20:8). Que se pode dizer acêrca das armas do bando de Gideão ? (II Cor. 10:4, 5; Zac. 4:6).

Agora chegamos a uma pergunta que não se pode deixar sem resposta no estudo do livro de Juízes; é a seguinte : Jéfte sacrificou realmente sua filha ? Sendo que os eruditos estão divididos na questão, podemos sòmente expôr o que cada lado tem a dizer sôbre o assunto e deixar que o estudante julgue por si mesmo. Alguns crêem que, como os sacrifícios humanos eram proibidos pela lei (Lev. 18:21; 20:2-5), o sacrifício da filha de Jéfte deve ser tomado como espécie de dedicação da jovem à virgindade perpétua (11:36-40). Outros crêem que realmente sacrificou sua filha crendo conscientemente que a isso fôsse obrigado pelo seu juramento (Vers. 31, 35, 39).

Quem viram os pais de Sansão? (13:17, 18, 22; comp. Gên. 32:29, 30). O que era Sansão desde seu nascimento? (13:4, 5). Com quem parecia nêsse particular? (Luc. 1:13-15). Tinha de separar-se para o Senhor? (13: 5). Permaneceu sempre separado? (14:1-3). Qual era o segrêdo de sua fôrça? (13:25). Andou sempre segundo o Espírito? (16:1-24). A que ponto chegou a sua fôrça? (14:5-7). E a sua fraqueza? (16:1-17). Que causou a sua queda? (16:19; 13:5).

III. A ANARQUIA DE ISRAEL (Caps. 17-21).

1. Anarquia na vida religiosa (17, 18).
2. Anarquia na vida moral (19).
3. Anarquia na vida nacional (20,21).

A primeira metade do livro de Juízes nos dá um curto resumo de algumas das apostasias de Israel durante os 450 anos em que governaram os Juízes. Os capítulos 17 a 21 fornecem uma descrição mais clara de um dêsses períodos. O último versículo do livro oferece-nos uma explicação das terríveis condições que prevaleciam durante êsse tempo.

RUTE

Tema. O livro de Juízes fornece, como se vê, um quadro muito triste de Israel, sob o ponto de vista nacional; Rute nos dá um quadro luminoso dêsse período em relação à fidelidade e beleza do caráter de certos indivíduos. A história, uma das mais formosas da Bíblia, é duplamente interessante pelo fato de ser uma gentia a sua heroína.

A última palavra do livro — Davi — revelará seu valor principal. Seu propósito é traçar a linhagem de Davi, o progenitor do Messias. O livro inteiro tem seu climax na **genealogia** que se encontra no último capítulo.

Autor. A tradição judaica atribui a Samuel a autoria dêste livro.

Esfera de ação. O livro abrange um período de dez anos, provàvelmente durante o tempo de Gideão.

CONTEÚDO.

Usaremos o esbôço dado pelo Dr. Scofield :

I. Rute Decidindo (1).
II. Rute Servindo (2).
III. Rute Descansando (3).
IV. Rute Recompensada (4).

I. RUTE DECIDINDO (1).

Quando sucederam os acontecimentos registrados neste livro ? (1:1). Devia ter ocorrido uma fome nêste tempo ? (Deut. 28:1-14). Se Elimeléque tivesse confiado em Deus, teria ido à Moabe ? (Sal. 37:3). Que sucedeu à sua família em Moabe ? (vers. 3,4). Qual foi a decisão de Rute ? (vers. 16, 17).

II. RUTE SERVINDO (2).

O capítulo 2:3 diz que Rute chegou por acaso a um campo que pertencia a Boaz, um parente de Elimeléque. Os acontecimentos subseqüentes demonstrarão que êste fato foi ordenado divinamente. Notem a bênção profética de Boaz a Rute (2:12).

III. RUTE DESCANSANDO (3).

Êste capítulo requer uma explicação de alguns costumes e leis judaicas. Elimeléque, pela pobreza, tinha perdido a sua propriedade. Segundo a lei judaica, a propriedade podia ser redimida por um parente do primeiro proprietário (Lév. 25:25). Boaz, como parente de Elimeleque, tinha êsse direito. Outra lei requeria que se um homem morresse sem filhos, seu irmão devia casar-se com a viúva (Deut. 25:5-10). Parece, porém, que o costume tinha decidido, no decorrer do tempo, que na falta de um cunhado, o dever recaísse sôbre o parente mais próximo. Noemi, como era a viúva de Elimeleque, e como não tivesse filhos, tinha direito a Boaz. Êste direito ela passou a Rute. Rute é enviada a Boaz e por meio do ato simbólico de deitar aos seus pés, o fêz recordar do dever que devia ao seu parente extinto (3:7-9). Boaz, embora disposto a casar-se com Rute, notificou-a de possuir um parente mais chegado que êle, que teria a primazia do direito.

IV. RUTE RECOMPENSADA (4).

Na manhã seguinte, Boaz toma testemunhas e oferece o direito de resgate da propriedade de Noemi ao seu parente, avisando-o ao mesmo tempo que se comprasse a propriedade, teria que casar-se com Rute. Êste o recusou, deixando Boaz livre para casar-se com Rute.

O capítulo 4:18, 22, embora pareça uma lista pouco interessante de nomes, é o **climax** ao qual conduz o livro, porque revela o propósito do que foi escrito — para demonstrar a descendência de Davi, o progenitor do Messias. (Comp. Mat. 1:3-6).

CAPÍTULO VII

PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL

Tema. O Livro de Samuel é um livro de transição. É o registro da passagem do govêrno de Israel por juízes ao govêrno por reis, e da passagem do govêrno de Deus, o Rei invisível — que fêz com que fôssem diferentes das outras nações — ao govêrno de um rei visível que fêz com que fôssem como as outras nações. "O Livro de Samuel é uma história que inclui o atrativo pessoal de biografia. O conteúdo pode agrupar-se ao redor de três pessoas: — Samuel, um patriota e juiz de coração humilde e consagrado, servindo obedientemente a Deus; Saul, um rei egoísta, pródigo, ciumento e obstinado, faltoso e infiel na lealdade a seu Deus; Daví "um homem segundo o coração de Jeová, o doce cantor de Israel, um varão de oração e louvor, provado, disciplinado, perseguido e finalmente coroado monarca de todo Israel".

Autor. Supõe-se, geralmente, que Samuel escreveu o livro até o capítulo 24; e pelo fato de que os profetas Natã e Gade são mencionados juntamente com Samuel em I Crôn. 29:29, como biógrafos dos acontecimentos da vida de Daví, conclui-se que êles foram os autores dos capítulos restantes.

Esfera de ação. Desde o nascimento de Samuel até a morte de Saul, abrangendo um período de 115 anos desde mais ou menos 1171 a. C. até 1056 a. C.

CONTEÚDO.

O conteúdo do livro de Samuel pode agrupar-se ao redor de três pessoas : Samuel, Saul e Daví.

I. Referente a Samuel (1-7).
II. Referente a Saul (8-15).
III. Referente a Daví (16-31).

I. REFERENTE A SAMUEL

1. O nascimento de Samuel (Caps. 1 a 2:11).
2. A vocação de Saul (2:12 a cap. 3).
3. A arca é tomada (Caps. 4, 5).
4. O regresso da arca (Caps. 6, 7).

Onde era nêsse tempo da história de Israel o lugar de culto? (1:3). Quando se tornou Jerusalém o lugar de culto? (II Sam. 5:6-9). Que lugar ocupava Ana no coração de seu espôso? (v. 8). O que causava a sua tristeza? Que significava naquêles dias para uma mulher judia não ter filhos? (Gên. 30:23; Luc. 1:25). Que espécie de filho pediu Ana ao Senhor? (v. 11). Que prometeu ela que êle deveria ser? (v. 11, comp. Núm. cap. 6). A quem se assemelhava nêste sentido? (Luc. 1:13-15). Por que o chamou Samuel? (v. 20). Cumpriu Ana seu voto? (1:24-28). O que inspirou a bondade de Jeová para com ela? (2:1-10). Que mulher israelita pronunciou palavras semelhantes sob circunstâncias similares? (Luc. 1:46-55).

É possível às pessoas estarem no ministério, apesar de serem pecadoras? (2:12). Que se diz a respeito dos filhos de Eli? Como prejudicaram êsses jovens a causa do Senhor? (2:17). Foi Ana bem recompensada por seu sacrifício? (2:21). Que aviso foi dado a Elí? (2:27, 36). Qual era a condição da revelação naqueles dias? (3:1). Qual deve ter sido em conseqüência a condição do povo? (Prov. 29:18; Sal. 74:9; Amós 8:11). O que demonstra que Deus pôde revelar Sua vontade a um pequenino? Como confirmou o Senhor a vocação de Samuel? (3:19, 20). Samuel foi o primeiro dos profetas escritores? (Atos 3:24; 13:20; I Sam. 3:20). Depois do

fracasso do sacerdócio, Samuel chegou a ser o chefe espiritual do povo e o mediador entre êle e Deus.

Os capítulos 4 e 5 relatam a tomada da arca. Esta era um símbolo da presença da glória do Senhor (Núm. 14:43, 44; Josué 3:6; I Sam. 14:18, 19; Sal. 132:8). Ela ia diante dos israelitas nas suas peregrinações pelo deserto e algumas vêzes ante o exército em tempo de guerra (Josué 3:6). Diante da arca os chefes consultavam a vontade do Senhor (Êxo. 25:22; Josué 7:6-9; Juizes 20:37). Israel, em sua condição de apostasia, fêz uso supersticioso dêste móvel sagrado, pensando que o seu mero uso formal lhe traria a vitória. Confiaram "nela" em vêz de confiar no poder do Senhor do qual era símbolo. (4:3). Sua grande aclamação no campo foi apenas o resultado de entusiasmo natural.

Enquanto a arca trazia benção ao povo de Deus, que trazia aos inimigos? (Cap. 5). Que luz tinham os homens sábios entre os filisteus sôbre a cura divina? (6:3-6). Com qual história estavam familiarizados? (6:6). Qual foi o efeito sôbre os israelitas ao ver o regresso da arca? (6:13). De que ato de profanação foi culpado o povo? O que lamentaram os israelitas? (7:2). Que lhes disse Samuel que fizessem? (7:3). De que é símbolo o ato mencionado dos israelitas? (7:6). (Sal. 62: 8). Que relevância se dá à oração nêste capítulo- (7:5, 8,9). Notem que Samuel toma sôbre si o ofício de sacerdote fazendo sacrifícios (7:9). Embora só os sacerdotes pudessem oferecer sacrifícios, o Senohr fêz uma dispensa especial a favor de Samuel, por causa da falha do sacerdócio. O que se seguiu ao arrependimento de Israel? (7:10-14).

II. REFERENTE A SAUL.

1. Israel exige um rei (cap. 8).
2. Saul escolhido e ungido (caps. 9, 10).

3. A primeira vitória de Saul (cap. 11).
4. A proclamação do reino por Samuel (cap. 12).
5. Saul rejeitado (caps. 13-15).

O capítulo 8 relata o desêjo de Israel por um rei. Qual era a razão de desejar um rei? (8:5). Qual era o plano de Deus para com a nação? (Deut. 14:2; Núm. 23:9). Qual foi a escusa do povo para demandar um rei? (8:3-5). Até que ponto se identifica Deus com Seus servos? (8:7). Permitiu Deus ao povo fazer sua vontade? Qual espécie de rei disse o Senhor que teriam? (8:11-17). Quem tinha previsto que Israel ia desejar um rei? (Deut. 17:14-20). Desanimou ao povo a descrição do Senhor de seu futuro rei? (8:19, 20). Que fêz o Senhor então? (Sal. 106:15).

Qual era a reputação de Samuel entre o povo? (9:6). Originalmente, como se chamava um profeta? (9:9). Em que gráu de proximidade a Deus se encontrava Samuel? (9:15). Que sinais foram dados para confirmar a fé de Saul? (10:1-8). Notem aquí a existência de uma escola de profetas da qual Samuel era provàvelmente o chefe. (9:10).

O capítulo 10:6-9 não ensina que Saul se tenha regenerado. Declara, contudo, que o Senhor deu a Saul um novo coração, mas isso significa simplesmente que lhe conferiu as qualidades necessárias para o ofício. Deu-lhe o coração de um rei. A ação de Saul em esconder-se entre a bagagem tem sido interpretada como sinal de modéstia de sua parte. Mas era uma modéstia manifestada em tempo inoportuno. "É um pecado tão grande insistir na modéstia e permanecer atrás, quando o Senhor chama à frente, como o é, passar à frente quando a vontade de Deus é que se fique atrás". Estava todo o povo a favor de Saul? (10:27). Como demonstrou a sua sabedoria? (10:27). O que foi que estabeleceu a popularidade de Saul? (11:11-13). Embora Israel tenha rejei-

tado Jeová, Êle os desamparou inteiramente ? (12:14,22). Como considerava Samuel o descuído da oração intercessora ? (12:23).

O capítulo 13 relata o pecado de Saul — intrometendo-se no ofício sacerdotal. Isso foi uma violação flagrante de Núm. 3:10, 38. Qual a desculpa dada ? (v. 12). O que perdeu por causa de sua desobediência ? (13:13).

O que se fêz saber a Saul ? (13:14). Qual ato de desobediência selou a sorte de Saul ? (15:1-9). Que desculpa deu Saul ? (v. 18). Que princípio expôs Samuel em 15:22 ? Foi o arrependimento de Saul realmente sincero? (Comp. v. 25 e 30). Quais foram os sentimentos de Samuel a respeito da rejeição de Saul ? (15:35). E os sentimentos do Senhor ?

III. REFERENTE A DAVÍ

1. Daví ungido rei, (cap. 16).
2. A vitória de Daví sôbre Golias, (17).
3. As perseguições e peregrinações de Daví (caps. 18-30).
4. A morte de Saul. (31).

Como julgava Samuel as qualidades necessárias de uma pessoa para se tornar rei ? (16:6). Como julga o Senhor ? (16:7). O que sucedeu depois que Daví foi ungido ? (16:13). De qual acontecimento isso era típico ? (Mat. 3:16, 17).

O capítulo 16:14 parece apresentar uma dificuldade. Lemos que o espírito do Senhor deixou Saul e um espírito máu da parte do Senhor o atormentava. Tem sido perguntado: envia Deus máus espíritos aos homens? Para a explicação disto citamos algumas palavras do Dr. Torrey :

"Que quer dizer um "máu espírito" ? O texto demonstra-o claramente. Era um espírito de descontentamento, inquietação e depressão.

As circunstâncias eram estas : Saul tinha se mostrado infiel ao Senhor. Tinha desobedecido deliberadamente a Deus. Êste, como conseqüência, havia retirado Seu Espírito dêle e um espírito de mêdo e descontentamento vinha sôbre Saul.

"Êste não era um ato cruel por parte de Deus. Não havia coisa mais bondosa que Deus pudesse ter feito. É uma das provisões mais misericordiosas de nosso Pai celestial que, quando Lhe desobedecemos e andamos longe d'Êle, nos faça sentir infelizes e descontentes em nosso pecado. Se Deus permitisse que continuássemos felizes em nosso pecado, seria a coisa mais cruel que podia fazer, mas Deus na Sua grande misericórdia quer rehaver a Si mesmo, se possível, todo o pecador, e se pecamos, Deus, para nosso maior bem, envia-nos inquietação e profunda tristeza. Se fizermos o devido uso dessa tristeza que o Senhor nos envia, ela nos levará a Deus e à alegria do Espírito Santo. Saul usou-a mal. Em lugar de permitir que a inquietação de seu coração lhe trouxesse o arrependimento, permitiu que amargurasse sua alma contra aquêle que Deus tinha favorecido. O enviar o espírito foi um ato de misericórdia de Deus. Do máu uso dêsse ato de misericórdia resultou a ruina de Saul".

Os **estudantes** confundem-se pelo fato de Saul não ter reconhecido Daví depois da sua vitória contra Golias quando êle mesmo o tinha enviado (17:55-58). O Sr. Parrot, um missionário de Madagascar, explica esta dificuldade descrevendo um costume daquêle país. Em Madagascar quando um homem leva de vencida alguma grande façanha, o clamor não é "quem é êste ?" mas "De quem é filho ?", passando a glória a quem é seu pai. Além disso, o costume de Madagascar manda fingir ignorância do parentêsco para poder exprimir maior surprêsa".

Quem se fêz amigo de Daví nêsse tempo? (18:1). Que causou inveja a Saul? (18:6, 7). Por que o temia Saul? (18:12). Qual era a popularidade de Daví em Israel? (18:16). Como procurou Saul matar Daví? (18:20-30; 19:1-17. Como o Senhor protegeu a Davi? (19:18-24). Para onde fugiu Daví? (19:18). Qual a raíz da inimizade de Saul contra Daví? (20:31).

O estudante deve fazer uma lista dos lugares onde andou Daví, durante suas peregrinações, anotando o que ocorreu em cada lugar.

Temos lido o relato das peregrinações e perseguições daquêle que tinha sido ungido rei sôbre Israel. Quais eram os seus sentimentos durante êsse tempo? Suas experiências religiosas? A leitura dos Salmos seguintes, que se referem a êste período de sua vida, responderá a estas perguntas. O estudante deve ler o Salmo 59; comp. I Sam. 19:11; Salmo 56, comp. I Sam. 21:10, 11; Salmo 34, comp. 21:13; Salmo 57, comp. II Sam 22:1; Salmo 52, comp. I Sam. 22:9; Salmo 54, comp. I Sam. 23:19.

CAPÍTULO VIII

SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL

Tema. O livro todo concentra-se na figura de Daví; não há outra de suficiente importância que atraia a atenção.É o quadro do ungido de Deus, para o qual os nossos olhos se dirigem. É o quadro do homem segundo o coração de Deus que iremos estudar. E começamos o nosso estudo com esta pergunta: o que há em Daví que mereça um título tão honorífico ? Não o observamos de longe de modo a vê-lo como rei, em posição elevada, rodeado por tôda a insígnia da realeza, mas sim observámo-lo de perto, na sua familiaridade de homem. Vêmolo, não sòmente sôbre o trono, mas sim no lar. Vêmo-lo nas suas tristezas mais profundas, e na hora de seus maiores triunfos; ouvimos as suas oaçrões e os seus elogios, sua justa indignação, e suas palavras de bondade, ternura e generosidade. Somos testemunhas do seu pecado, do seu arrependimento, dos seus momentos de impaciência e da sua dignidade real. O quadro todo, apesar de suas partes em sombras escuras, apresenta-nos um homem em cuja vida Deus ocupava o primeiro plano. Para Daví, sôbre tôdas as demais coisas, Deus é uma gloriosa realidade. Em suma, Daví é um homem que está profundamente consciente de sua própria debilidade, êrro e pecado, mas que conhece a Deus, e confia n'Êle de todo o seu coração" (Markham).

Autor. Os acontecimentos registrados no livro II Samuel foram acrescentados provàvelmente ao livro de Samuel (I Crôn. 29:29) por Natã ou Gade. No original hebraico, I e II Samuel formavam um livro. Foram divididos pelos tradutores da Septuaginta (mais ou me-

nos em 285 antes de Cristo), quando traduziram o Velho Testamento para a língua grega.

Esfera de ação. Desde a morte de Saul até a compra do local do templo, abrangendo um período de 37 anos.

CONTEÚDO.

I. A elevação de Daví (1-10).
II. A queda de Daví (11-20).
III. Os últimos anos de Daví (21-24).

I. A ELEVAÇÃO DE DAVÍ.

1. A morte de Saul (Cap. 1).
2. Daví chega a ser rei sôbre todo Israel (Caps. 2-5).
3. A arca trazida a Jerusalém (Cap. 6).
4. O pacto de Daví (Cap. 7).
5. As conquistas de Davi (Caps. 8-10).

Acreditam alguns eruditos que a história do amalequita (II Samuel 1:4-10). fôsse invenção sua. Seu objetivo em vir a Daví com as novas da morte de Saul foi achar favor perante seus olhos. Imaginou que o rei se sentiria alegre com a notícia da morte de seu inimigo. Daví, vendo o máu motivo do jovem, castigou-o justamente. Ao fazê-lo desta maneira, Daví agiu conforme o princípio que tinha seguido em todos os seus tratos com Saul; reverência pelo ungido do Senhor. Desejava evitar tôda a aparência de seu cúmplice da morte de Saul.

Qual foi a primeira tribo a reconhecer Daví como rei ? (2:1-4). Como Daví demonstrou de novo sua bondade a Saul ? (2:5-7). Quem instigou a guerra entre Judá e as onze tribos ? (2:8-11). Qual foi o resultado da guerra ? (3:1). Quem fêz aliança com Daví nêste tempo ? (3:12-26). O que se revela do caráter de Joabe em cap. ? Qual foi a atitude de Daví ante o assassinato de Abner por Joabe ? Notem a continuação de fidelidade de Daví para com Saul e sua casa (cap. 4). Onde e quando Daví

foi nomeado rei de todo Israel? (cap. 5). Que cidade chegou a ser a capital do reino nêsse tempo? (5:6-9). Quem nêsse tempo, edificou a Daví uma casa? (5:11). Qual Salmo compôs Daví nessa ocasião? (Sal. 30).

O trazer a arca foi um ato louvável por parte de Daví mas a maneira de trazê-la era uma violação da lei de Deus. A arca, em vez de ser conduzida num carro, devia ter sido levada pelos sacerdotes (Núm. 4:14, 15; 7:9). Aonde foi levada a arca depois disto? (6:10, 11). Que trouxe sua presença a essa família? A conduta de Daví ante a arca foi muito digna? Quem o levou a mal? Como censurou ela a Daví? (v. 20). Com quais palavras justificou Daví sua conduta? (v.21). Qual foi o resultado da crítica de Mical a Daví? (v. 23).

O que Daví propôs fazer? (7:1-3). Quem o animou nisto? Foi, porém, a vontade de Deus que Daví edificasse um templo? (I Crôn. 22:8).

O capítulo 7:8-17 relata que Deus fêz um pacto com Daví, em que prometeu a êle e aos seus descendentes o trono e o reino para sempre. Citamos o Dr. Scofield: "Êste pacto, sôbre o qual o glorioso reino de Cristo "da semente de Daví segundo a carne", será fundado, assegura:

1. Uma "casa" a Daví; a saber: posteridade, família.
2. Um "trono"; a saber: autoridade real.
3. Um "reino"; a saber: uma esfera de govêrno.
4. Perpètuamente; "para sempre".
5. Êste pacto quádruplo tem só uma conidção: a desobediência na família de Daví será punida com castigo, mas **não** com a anulação do pacto (II Sam. 7:15; Sal. 89:20-37). Isaías 53:3. O castigo se impôs, primeiro na divisão do reino sob Reoboão, e finalmente nos cativeiros. II Reis 25:1-7. Desde aquêle tempo só um rei da família davídica foi coroado e êle o foi com espinhos. Mas o pacto davídico confirmado a Daví pelo juramento de Jeová e renovado a Maria pelo anjo Gabriel é imutá-

vel (Sal. 89:30-37), e o Senhor Deus dará todavia Àquele coroado de espinhos o trono de Seu pai Daví" (Lucas 1:31-33; Atos 2:29-32).

Notem a bela oração de graças que Daví pronunciou após a celebração dêste pacto (7:18-29).

Como Daví estabeleceu completamente o seu reino ? (cap. 8). Faça uma lista das nações que êle subjugou. Como Daví demonstra sua bondade à família de Saul ? (cap. 9).

II. A QUEDA DE DAVÍ

1. O grande pecado de Daví (11, 12).
2. A rebelião de Absalão (13-20).

Leia o Salmo 51.

As palavras de Natã, que Daví tivesse dado ocasião aos inimigos de Jeová de o blasfemarem (12:14), tem-se cumprido nos sarcasmos dos incrédulos que zombam de Daví por ter sido chamado "um homem, segundo o coração de Deus". Que Daví fôsse um homem segundo o coração de Deus não quer dizer que não tivesse defeitos, mas sim significava que era um homem em cujo coração havia um desêjo sincero de fazer a vontade de Deus e buscar Sua justiça, em contraste com Saul, que sempre buscava o seu próprio caminho. Daví cometeu um pecado dos mais vís, porém, com verdadeiro sentimento de justiça de Jeová e de sua própria culpa, êle se arrependeu em saco e cinza. Há muitas lições importantes que podemos aprender do pecado de Daví.

1. Por mais forte e espiritual que seja um homem, se desviar os seus olhos de Deus, estará sujeito a cair.

2. O relato, em têrmos claros, do pecado do maior herói de Israel, sem procurar desculpá-lo, é uma prova forte da origem divina da Bíblia. O mais natural teria sido colocar um véu sôbre êste acontecimento desagradável (cap. 12:12).

A graça de Deus pode perdoar o mais vil pecado se houver verdadeiro arrependimento (12:13).

4. Tudo o que o homem semeia isto também ceifará. A criança nascida da união pecaminosa de Daví morreu. Seus dois filhos seguiram-lhe no adultério e um cometeu crime de assassinato.

5. Deus não tolerará o pecado, nem por um momento, mesmo de Seus filhos mais amados.

Não muito tempo após êsse acontecimento, Daví continuou ceifando o que havia semeado. Seu filho Amon praticou um ato de imoralidade que levou Absalão a assassiná-lo (cap. 13). Daví amava seu filho, mas o temor da opinião pública o fêz vacilar em chamá-lo do destêrro a que fôra sentenciado. Joabe, sabendo da luta que havia no coração do rei, entre o afeto e o dever, recorreu ao estratagema descrito no capítulo 14. A mulher sábia usando de uma conversa hábil, obteve uma promessa do rei, de que seu filho, que supostamente tinha assassinado seu irmão, seria perdoado. Ela logo insinuou que se perdoasse a Absalão não estaria fazendo mais do que tinha feito por ela e não podia haver acusação de parcialidade contra êle. O estratagema foi bem sucedido. Porém, os acontecimentos subseqüentes provaram que Daví era imprudente em perdoar Absalão porque mais tarde êsse filho se revoltou contra êle.

A decisão imediata tomada por Daví em sair de Jerusalém e colocar o Jordão entre si e os rebeldes foi o ato de um hábil soldado. Em conexão com a fuga de Daví, deve ser lido o Salmo 3.

Notem a paciência e humildade de Daví em face do insulto de Simei. Êle vê a mão de Deus em tudo (16:5-12).

Aitofel aconselha a Absalão a cometer um ato que tiraria qualquer esperança de reconciliação com seu pai

e que obrigaria todos em Israel a manifestar o seu parecer (16:21-23). Êsse ato foi um cumprimento de II Sam. 12:12. Aitofel logo aconselhou a Absalão o formar uma pequena fôrça e capturar seu pai antes que êle pudesse organizar um grande exército. Husai venceu êsse consêlho, sugerindo que Absalão fizesse uma mobilização geral de todo o seu exército. Isso daria tempo a Daví a passar o Jordão e reunir um grande exército. Aitofel, prevendo a vitória de Daví, e a sua própria desgraça, suicidou-se.

A repreensão insolente de Joabe para com Daví demonstra que não o amava (19:1-7). No seu coração era um rebelde. O fato de ter assassinado Absalão tinha feito com que Daví se pusesse completamente contra êle (19:13, comp. I Reis 2:5).

"Êste capítulo (19) mostra, qual espêlho, alguns tristes fatos. Daví parece ter esquecido o uso e o significado da oração. No desenvolvimento incessante dêste capítulo não se menciona nenhuma vêz a frase: "Daví consultou ao Senhor". O resultado foi que o seu afeto egoísta e excessivo para com seu filho rebelde apagou o afeto que devia ter demonstrado aos seus valentes e fiéis soldados; perdoou Simei, jurando-lhe por Jeová — um juramento que não devia ter feito (I Reis 2:8, 9) — quando devia tê-lo julgado; condenou Mefibosete quando devia ter-lhe feito justiça; recompensou Ziba quando devia tê-lo castigado; e se apressou a ir a Jerusalém sem dar tempo aos chefes e soldados das tribos do norte de o ajudarem na restauração. Dessa maneira ocasionou o derramamento de sangue e a miséria que se seguiu no capítulo seguinte".

Qual tribo deveria ter sido a primeira a dar as boas-vindas a Daví, quando de regresso? (19:11). Por que? (v. 12). Chegará o tempo em que Israel e Judá darão boas-vindas ao filho de Daví? (Zac. 12:10; Mat. 23:39).

Quem conduziu Daví de regresso à cidade ? (19:40). Em que resultou a preferência por Daví da tribo de Judá ? (19:41 a 20:1, 2). De que foi princípio esta divisão entre Judá e Israel ? (I Reis 12:16-24). Qual crime acrescentou Joabe à sua vida nesta ocasião (cap. 20).

III. OS ÚLTIMOS ANOS DE DAVÍ.

1. Os três anos de fome (cap. 21).
2. O cântico de Daví (cap. 22).
3. As últimas palavras de Daví (cap. 23).
4. O pecado de Daví por contar o povo (cap. 24).

Qual foi a causa da fome mencionada no capítulo 21. (Comp. Josué cap. 9). Que pena pagou a família de Saul pela violação dêste juramento ?

O capítulo 22 foi chamado por Spurgeon "O retrospecto de gratidão". No fim de sua vida, Daví revê o passado, as vicissitudes e provas de sua vida e reconhece com gratidão a graça e a fidelidade de Jeová.

Os primeiros sete versículos do capítulo 23 registram as últimas palavras de Daví. Nesta conexão se deve ler o Salmo 72, cujo último versículo parece indicar que fôsse a última oração de Daví. Quais as três coisas mencionadas referentes a Daví no versículo 1 ? O que declarou Daví acêrca de si no versículo 2 ? Quem foi testemunha disso? (Mat. 22:43). Na opinião de Daví, como se descreve um governador ideal, escolhido por Deus ? (vers. 3, 4). Sentia Daví que êle e sua casa tinham alcançado êste ideal ? (v. 5). Apesar de ter encontrado muitas dificuldades e fracassos, que fato o consola (v. 5). Que disse a respeito de seus inimigos ? (vers. 6, 7). O resto do capítulo dá uma relação dos valentes de Daví e das suas façanhas. Os versículos 16 e 17 nos dão uma idéia da devoção dêstes homens para com Daví e do aprêço de Daví ao valor dêles.

O capítulo 24 relata o pecado de Daví em contar o povo. Uma comparação com I Crôn. 21:1-6 demonstra que foi Satanás o instigador disso. "Deus, embora Êle não tente a ninguém, (Tiago 1:13). freqüentemente é descrito na Escritura como se Êle fizesse aquilo que realmente Êle apenas permitiu que se fizesse por outrem. Nêste caso, Êle permitiu que Satanás tentasse Daví. Satanás foi quem agiu enquanto Deus sòmente retirou Sua graça sustentadora. Assim o grande tentador prevaleceu contra o rei. A ordem foi dada por Joabe, quem, embora, em geral, não fôsse escrupuloso, não deixou de apresentar em têrmos fortes (I Crôn. 21:3) o pecado e o perigo desta medida, e usou todos os argumentos para dissuadir o rei do seu propósito. O fato de contar o povo não foi em si mesmo ato pecaminoso; porque Moisés o fêz pela autoridade expressa de Deus. Mas Daví agiu, não sòmente independente de tal ordem ou sanção, mas por motivos indignos do divinamente escolhido rei de Israel; por motivos de orgulho e vanglória. Agiu por auto-confiança e falta de confiança em Deus, e sobretudo, por desígnios ambiciosos de conquista, para cujo êxito estava resolvido a forçar o povo ao serviço militar e para averiguar se podia ou não reunir um exército suficientemente grande para a magnitude da emprêsa que pensava efetuar. Era uma violação da constituição, uma infração da liberdade do povo, em oposição àquela política divina que exigia que Israel continuasse como uma nação separada" (Comentário de Jamieson, Fausset, and Brown).

CAPÍTULO IX

PRIMEIRO LIVRO DOS REIS

Tema. Em I e II Samuel relata-se como a nação judaica exigiu um rei a fim de tornar-se como as demais nações. Embora contrária à Sua perfeita vontade, Deus lhe concedeu essa petição. Neste livro aprendemos a história de Israel sob os reis. Apesar de governarem muitos reis de caráter reto, a história da maior parte dêles é a de governos máus e de iniqüidade. De acôrdo com a Sua promessa em I Samuel 12:18-24, o Senhor não deixou de abençoar o Seu povo quando O buscava, mas, por outra parte, nunca deixou de castigá-lo quando se separava d'Êle.

Autor. O autor humano é desconhecido. Acredita-se que Jeremias compilou os registros escritos por Natã, Gade (I Crôn. 29:29) e outros.

Esfera de ação. Desde a morte de Daví até o reinado de Jorão sôbre Israel, cobrindo um período de 118 anos desde 1015 a 897 antes de Cristo.

CONTEÚDO.

I. O Estabelecimento do Reino de Salomão (caps. 1, 2).

II. O Reinado de Salomão (caps. 3-11).

III. A Divisão e Declínio do Reino (caps. 12-22).

I. O ESTABELECIMENTO DO REINO DE SALOMÃO.

1. A conspiração de Adonias (1:1-38).
2. Salomão nomeado por Daví (1:39-53).

3. A morte de Daví (2:1-11).
4. A subida de Salomão ao trono (2:12-46).

Qual era a condição física de Daví nêste tempo? Quem procurou tomar o reino? O que devia ter servido de aviso para êle? (II Sam. 15:1-6). Quais foram os seus cúmplices? Como foi frustada a conspiração? Por que Adonias não podia tornar-se rei? (I Crôn. 22:9, 10).

Referente ao último encargo de Daví a Salomão (2:1-9). citamos do comentário de Bahr:

"As instruções especiais referentes a pessoas individuais, Daví comunica-as, não como um homem particular, mas como o rei de Israel. O assassinato duplo cometido por Joabe tinha passado sem ser castigado. Quando foi cometido, Daví não estava em condições de poder castigar a Joabe; mas sentia todo o pêso dêste seu ato, e, horrorizado, proferiu uma imprecação contra êste homem (II Sam. 3:29). Na opinião do povo, porém, a falta de castigo deve ter sido considerada como um insulto contra a lei e a justiça, e a culpa recaiu sôbre o rei. Era uma mancha no seu reinado que ainda não estava apagada. Mesmo no leito da morte, Daví pensa que é o seu dever, como juíz supremo, dar ao seu sucessor uma ordem explícita acêrca disso. Pesava na sua consciência e êle desejava que de alguma maneira ("faze conforme a tua sabedoria") a mancha fôsse removida. Além disso, a participação de Joabe na revolta de Adonias devia parecer muito perigosa para o trono de Salomão. Assim como o castigo de Joabe é uma questão de consciência, do mesmo modo o foi a recompensa de Barzilai. O que Barzilai tinha feito, o fêz para êle como rei, como ungido de Jeová. Tal fidelidade e devoção à casa reinante devia ser recompensada pùblicamente e reconhecida em honrosa recordação depois da morte do rei. Em contraste direto à ação de Barzilai estava a de Semei. Êle não amaldiçoou Daví como particular, mas o amaldiçoou com a maldição mais pesada, como o ungido de Jeová. Assim

amaldiçoou indiretamente ao próprio Jeová, porque a blasfêmia contra o rei estava no mesmo nível da blasfêmia contra Deus (II Reis 21.10). Ambas eram passivas de castigo de morte (Lev. 24:14; Êxo. 22:27) razão por que Abisai pensou que Semei devia morrer (II Sam. 19:22). Mas Daví desejava mostrar-se compassivo nêsse dia em que Deus tinha mostrado grande misericórdia para com êle, e por êsse motivo salvou a sua vida. Não era de pouca importância o permitir ao infiel que vivesse perto dêle, (não se falou de nenhum exílio). Permitir-lhe que passasse os seus dias tranqüilamente sob o reinado seguinte, (que nunca lhe foi prometido), teria sido uma bondade que poderia ser muito abusada, abrindo uma precedência de crimes não castigados. De fato, Semei era um homem perigoso, capaz de repetir o que tinha feito com Daví. Quanto aos demais, Daví deixou que Salomão escolhesse a maneira e o tempo de seus castigos, suposto sòmente que não ficassem impunes".

II. O REINADO DE SALOMÃO.

1. A sabedoria de Salomão (caps. 3, 4).
2. A construção do templo (caps. 5-7).
3. A dedicação do templo (cap. 8).
4. A glória e a fama de Salomão (caps. 9, 10).
5. A queda de Salomão (cap. 11).

Com quem se casou Salomão? Onde sacrificaram Salomão e o povo por falta de um santuário? (3:2-4). Que petição fêz Salomão nessa ocasião? (3:9). Que lhe deu o Senhor além do que pediu? Que versículo da Escritura ilustra isso? (Efés. 3:20). Que acontecimento, ilustrando a sabedoria de Salomão, é relatado? Quais eram as condições de Israel e Judá durante o reinado de Salomão? (4:20, 24, 25). Quais eram as fronteiras dos domínios de Salomão? (4:21, 24).

Quem forneceu a Salomão o material para construir o templo? Em que ano depois da partida de Israel do

Egito começou a construção do templo ? Que mensagem recebeu Salomão nêste tempo ? (6:11-13). Quanto tempo levou a construção do templo ? (6:38). Quanto tempo levou a construção da casa de Salomão ? O que fizeram depois que o templo foi terminado ? (8:1-19). O que continha a arca ? Como Deus manifestou Sua presença nêste tempo ? Notem cuidadosamente o sermão de Salomão (8:12-21); a oração de dedicação de Salomão (8:54-61). Como se celebrou a dedicação ? (8:62-66). Quando foi respondida a oração de Salomão ? (9 :1-9). Qual escôlha pôs o Senhor ante Salomão e seu povo ? (9:4-9). O que escolheu Israel finalmente ? Descreva as atividades de Salomão (9:10-28). Descreva sua riqueza (10:1-29). Quem causou a queda de Salomão ? (11:1-2). A que o conduziram ? (11:5-8). Com qual castigo Deus o ameaçou ? (11:11). Quando aconteceria isso ? (11:12). Quanto de seu reino restaria ? Que profeta é apresentado aquí? (11:29). Que oportunidade se apresentou a Jeroboão? (11:38).

III. A DIVISÃO E DECLÍNIO DO REINO.

A maneira mais proveitosa para o estudante aprender esta seção é fazer uma lista dos reis de Judá e de Israel, anotando em resumo os seguintes fatos : o caráter do rei; o tempo que reinou; os nomes dos profetas mencionados em conexão com seu reinado; e os acontecimentos principais de seu reino. Por exemplo :

JUDÁ	ISRAEL
Jeroboão	**Jeroboão**
Insensato e injusto; reinou 17 anos; o reino dividido; o povo comete idolatria; invasão pelo rei do Egito.	Idólatra, etc.

A lista que se segue dos reis de Judá e Israel, agrupados tanto quanto possível em ordem cronológica, servirá de guia ao estudante.

JUDÁ	ISRAEL
Reoboão	Jeroboão
Abião	
Asa	Nadab
	Baása
	Ela
	Zimri
Jeosafá	Omri
	Acabe
Jorão	Acazias

Qual petição trouxeram a Reoboão os anciãos do povo? Apesar da prosperidade material do reino de Salomão, qual era a condição do povo? (12:4). O que revelou a loucura de Reoboão? O que perdeu por isso? Havia já o princípio de uma separação entre Judá e Israel? (II Sam. 2:8-11; 19:41 e 20:1, 2). O que procurou fazer Reoboão para impedir a separação das outras tribos? O que o deteve?

O que temia Jeroboão? (12:26). O que fêz para impedir isso? (12:27, 28). Desejava a princípio destruir inteiramente o culto de Jeová, ou queria dirigí-lo de outra maneira? Quem lhe sugeriu fazer os dois bezerros de ouro? (Êxo. 32:1-4). Onde os colocou? Qual o mandamento êle quebrou, referente ao sacerdócio? Referente às festas? Quem denunciou o seu pecado? (13:1, 2). O nascimento de quem profetizou 350 anos antes de acontecer? (comp. II Reis 23:15). Qual versículo da Escritura a desobediência do homem de Deus ilustra? (comp. 13:18 e Gál. 1:8, 9). Que sentença foi pronunciada sôbre Jeroboão? Que profecia referente a Israel foi pronunciada? (14:15, 16).

Consideremos os acontecimentos principais do ministério de Elias. Para poder dar um relato completo da sua vida, citamos do livro I Reis o seguinte :

1. Sua mensagem a Acabe. (17:1).

2. Sua fuga ao ribeiro de Querite. (17:2-7).

3. Alimentado pela viúva de Zarefate. Ressuscita seu filho dentre os mortos. (17:8-24).

4. Seu desafio aos sacerdotes de Baal, no Monte Carmelo. (cap. 18).

5. Sua fuga ao Monte de Sinai diante de Jezabel. (19:1-18).

6. A chamada de Eliseu.

7. Sua denúncia de Acabe pelo assassinato de Nabote (21:17-29).

8. Sua mensagem a Acazias (II Reis 1:3-16).

9. Sua transladação (II Reis 2:1-11).

Elias e João Batista são mencionados juntos no Novo Testamento, o último cumprindo o ministério do primeiro com relação à primeira vinda do Messias (Lucas 1:17; Mat. 1:10-13). Elias é o João Batista do Velho Testamento e João Batista é o Elias do Novo Testamento. Seus ministérios oferecem uma comparação interessante :

1. Ambos ministraram em tempos em que Israel se tinha afastado do verdadeiro culto espiritual de Deus.

2. Assemelhavam-se um ao outro na aparência. (II Reis 1:8; Mat. 3:4).

3. Ambos pregavam o arrependimento nacional. (I Reis 18:21; Mat. 3:2).

4. Ambos repreenderam reis malvados (I Reis 18:18; Mat. 14:3, 4).

5. Ambos foram perseguidos por raínhas malvadas (I Reis 19:1; Mat. 14:8).

6. O sacrifício de Elias no Monte Carmelo, e o batismo de João marcam um tempo de arrependimento nacional.

7. Eliseu, o sucessor de Elias, recebeu seu poder para o serviço, no Jordão; Jesus, o sucessor de João, recebeu a unção do Espírito no mesmo rio.

8. Ambos, no fim dos seus ministérios, cederam ao desânimo (I Reis 19:4; Mat. 11:2-6).

CAPÍTULO X

SEGUNDO LIVRO DOS REIS

Tema. O segundo livro dos Reis é uma continuação da história da queda de Judá e Israel, culminando no cativeiro de ambos. Temos aquí a mesma história de fracasso do rei e do povo, uma história de apostasia e idolatria. Embora êste tenha sido o grande período profético de Israel, a mensagem dos profetas não foi ouvida. As reformas que se realizaram sob tais reis como Ezequias e Josias foram superficiais. O povo logo voltou a seus pecados e continuou nos mesmos até que mais nenhum remédio houve". (II Crôn. 36:15, 16).

Autor. O autor humano é desconhecido. Acredita-se que Jeremias compilou os registros feitos por Natã, Gade e outros.

Esfera de ação. Desde o reinado de Jorão sôbre Judá e Acazias sôbre Israel, até o cativeiro, cobrindo um período de 308 anos desde 896-588 a. C.

CONTEÚDO.

I. O fim do Ministério de Elias. (caps. 1-2:13).
II. O Ministério de Eliseu. (caps. 2:14-13:21).
III. O Declínio e a Queda de Israel. (caps. 13:22 - 17:41).
IV. O Declínio e a Queda de Judá (caps. 18-25).

Enquanto o estudante lê os capítulos, deve fazer uma lista dos reis de Judá e de Israel, como fêz no primeiro livro. Anexamos aquí uma lista paralela dêsses reis :

Reis de Judá	Profetas de Judá	Reis de Israel	Profetas de Israel
Acazias		Jorão	Eliseu
Atalia		Jeú	
Joás			Jonas
Amazias		Jeoacaz	
Azarias			
(Uzias)	Isaias		
	Amós	Jeoroboão II	
	Oséias	Zacarias	Joel
		Salum	
		Menaém	
		Pecaías	
Jotão		Peca	
Acaz	Miquéias	Oséias	
Ezequias	Naum		
Manasses			
Amom			
Josias	Sofonias		
	Jeremias		
Jeoacaz			
Jeoiaquim	Habacuque		
Joaquim			
Zedequias			

I. O FIM DO MINISTÉRIO DE ELIAS

1. Elias e Acazias. (1:1-8).
2. A trasladação de Elias. (2:1-13).

Quem adoeceu nêsse tempo ? Que espécie de homem era ? Qual era seu grande pecado ? (Êxo. 20:3; Deut. 5:7). Que sentença foi pronunciada sôbre êle ? Como se descreve Elias ? (1:8).

"Qualquer aparência de crueldade que há na sorte dos dois capitães e seus homens será removida, ao to-

mar em consideração as circunstâncias. Sendo Deus o Rei de Israel, Acazias devia governar o povo de acôrdo com a lei divina; portanto, prender o profeta do Senhor, por ter êste cumprido um dever ordenado, era ato de um rebelde ímpio e notório.

Os capitães ajudaram o rei na sua rebelião, e excederam em seu dever militar por insultos depreciativos. Ao usar o têrmo "varão de Deus" ou falaram irrisòriamente, crendo que não era um verdadeiro profeta; ou se o consideravam como um verdadeiro profeta, a intimação de que se rendesse e se submetesse ao rei era um insulto ainda mais flagrante, sendo a linguagem do segundo capitão pior que a do primeiro. O castigo foi infligido não para vingar um insulto pessoal a Elías mas para vingar um insulto a Deus na pessoa de Seu profeta; e o castigo não foi infligido pelo profeta, mas sim pela mão de Deus".

Que se propôs a fazer o Senhor ? (2:1). Quem sabia disso? (2:3). Que milagre fêz Elias junto ao Jordão? Que petição fêz Eliseu ? Com que condição lhe foi concedida ?

II. O MINISTÉRIO DE ELISEU.

Os acontecimentos principais do ministério de Eliseu são os seguintes :

1. O primeiro milagre de Eliseu — A divisão das águas do Jordão. (2:14).
2. O saneamento das águas más. (2:19-22).
3. A maldição dos rapazes irreverentes. (2:23-25).
4. A sua repreensão pela aliança de Jeosafá e Jorão. (3:10-27).
5. O aumento do azeite da viúva. (4:1-7).
6. Restauração da vida do filho da mulher sunamita. (4:8-37).
7. O saneamento da panela mortífera. (4:38-41).
8. A alimentação dos 100 homens. (4:42-44).

9. A cura de Naamã. (5:1-27).
10. O machado feito flutuar. (6:1-7).
11. Eliseu e o exército sírio. (6:8-23).
12. A promessa de Eliseu de alimento. (7:1-20).
13. Sua predição de 7 anos de fome. (8:1, 2).
14. A visita de Eliseu a Ben Hadade. (8:7-15).
15. O envio de um profeta para ungir a Jeú rei (9:1-10).
16. Enfermidade e morte de Eliseu (13:14-21).

Notem a referência aos "filhos dos profetas" (2:3). Sabemos então que havia escolas naquêles dias onde os jovens israelitas eram preparados para o ministério profético. (Comp. I Sam. 10:5-10; II Reis 6:1).

O capítulo 2:23 tem apresentado certa dificuldade a muitas pessoas. Citamos de diversos comentadores :

"Os rapazes mencionados aquí eram os infiéis ou jovens idólatras do lugar, os quais, fingindo não acreditarem a informação da trasladação do âmo de Eliseu, instavam sarcàsticamente que continuasse na sua carreira gloriosa. A expressão "calvo" era um nome depreciativo no Oriente, aplicado até a uma pessoa com muito cabêlo".

"As pessoas de que se tratavam não eram pequenas crianças mal criadas, mas sim jovens responsáveis pelo que diziam e faziam. Nem devemos esquecer o fato de que êsses jovens pertenciam a uma cidade que era o centro e a séde principal da apostasia, e que, por esta razão, é chamada "Bet Aven", a saber: a Casa do Ídolo, em vêz de "Betel" (casa de Deus). Assim eram literalmente os filhos da apostasia e representavam em geral a nova geração apóstata. Os antigos expositores supõem que os adultos tivessem incitado os jovens e que o seu objetivo tivesse sido o de tornar ridículo e desprezível, desde o princípio de sua carreira, o novo chefe da clas-

se de profetas. Assim sendo. não era falta de moral da parte do profeta, nem indignidade, que levou Elíseu a ameaçar com castigo divino os jovens imprudentes, que desprezavam no santo profeta o ofício sagrado ao qual Jeová o tinha chamado. Muito ao contrário, êle fêz o que pertencia ao seu ofício profético. Êle mesmo, no entanto, não executou o castigo; deixou isso Àquele que disse: "Minha é a vingança; Eu retribuirei".

Foi o juízo de Deus que recaiu sôbre êsses rapazes, e indiretamente sôbre a cidade da qual vieram, trazendo à memória a ameaça da Lei : "e se andardes contràriamente para comigo, e não me quizerdes ouvir ...... — enviarei entre vós as féras do campo, as quais vos desfilharão, e desfarão o vosso gado e vos apoucarão; e os vossos caminhos serão desertos". (Lev. 26:21, 22).

III. O DECLÍNIO E A QUEDA DE ISRAEL.

Quais nações foram enviadas contra Israel ? (13:22; 15:19, 29). Quais eram os sentimentos de Jeová para com Israel? (13:23; 14:26, 27). Sob que reinado se deu o cativeiro de Israel ? (cap. 17). Como apressou êle o juízo de Israel ? (17:4). Notem a acusação de Deus sôbre Israel no cap. 17:7-23).

"A emigração forçada das tribos para Assíria foi um dos resultados do princípio despótico aceito por todo o Oriente, segundo o qual era justificado tornar impossível uma sublevação das nações subjugadas. Neste caso não foi meramente uma trasladação a um outro país, mas também o comêço da dissolução das dez tribos como nação. Não lhes foi designada uma província particular da Assíria como sua moradia, mas sim várias províncias distantes uma da outra, de maneira que, embora uma ou outra tribo tivesse permanecido mais ou menos unida, as diversas tribos ficaram espalhadas nu-

ma nação estrangeira, sem a mínima conexão orgânica entre si. Nunca mais voltaram a unir-se; pelo contrário, gradualmente se perderam entre as nações que as rodeavam, de maneira que nada se sabe até hoje, do que sucedeu a elas; e tôda tentativa de descobrir os seus vestígios tem sido debalde.

Nesta parte, o exílio das tribos se distingue do de Judá e de Benjamim. O destêrro em Babilônia foi temporário. Durou um período definido que fôra predito pelos profetas (II Crôn. 36:21; Jer. 29:10). Não foi como o exílio assírio, um período de dissolução nacional. Judá não pereceu no exílio; ao contrário, ganhou fôrças e voltou à Terra da Promissão, enquanto das dez tribos só poucos que se tinham unido a Judá e chegado a ser parte desta tribo, conseguiram voltar. As dez tribos tinham, por meio de violenta separação do resto da nação, rompido a união do povo escolhido, e, para poder manter esta separação tinham-se rebelado contra o pacto nacional com Jeová. O rompimento do pacto era a pedra angular de sua existência com uma nação independente, e desta maneira também tinham renunciado o destino do povo de Deus na história do mundo. Eram o fragmento maior da nação inteira, mas eram apenas um membro separado que foi cortado do tronco comum, um ramo separado do tronco, que não podia senão murchar. Depois de 250 anos de existência separada, quando tôdas as provas da graça e fidelidade divinas tinham sido debaldes, foi a sorte natural das dez tribos perecerem e cessarem de ser uma nação independente. O Senhor removeu-os da Sua vista; ficou apenas a tribo de Judá (17:18). O caso de Judá foi diferente. Embora tenha pecado muitas vêzes e profundamente contra o seu Deus, nunca se rebelou de modo formal e em princípio contra o pacto e muito menos era a sua existência edificada sôbre o rompimento do pacto. Permaneceu como o apôio e preservador da lei e assim também da promessa. Sua

deportação foi na verdade um castigo duro e bem merecido, mas não o fêz perecer, e nem como nação desapareceu da história, mas foi preservada até que viesse Aquêle do Qual se disse : " e o Senhor Deus lhe dará o trono de Daví, seu pai : e reinará eternamente na casa de Jacó, e o Seu reino não terá fim" (Luc. 1:32, 33). — Bahr.

Para ocupar o lugar dos israelitas, o rei da Assíria enviou colonos de seus domínios. Sua idolatria trouxe sôbre êles o juízo de Deus em forma de leões entre êles. O rei da Assíria logo enviou um sacerdote israelita para instruir os colonos na religião de Jeová. Embora aceitassem esta religião, continuaram ainda adorando ídolos. Misturaram-se com os restos das dez tribos que ficaram na terra e desta união surgiram os samaritanos. Mais tarde abandonaram a idolatria e chegaram a ser zelosos aderentes da Lei de Moisés. Depois do cativeiro, anciosos para se tornarem israelitas, procuraram unir-se às duas tribos, mas foram rejeitados por Esdras e Neemias (Esdras 4:1-3). Isto deu origem ao ódio. Os samaritanos mais tarde construíram o templo rival no Monte Gerizim e reivindicaram para êsse local o seu lugar verdadeiro de adoração (João 4:20). Êste templo mais tarde foi destruído por um rei judaico. Os judeus odiavam-nos e com desprêzo se referiam a êles como os "convertidos dos leões", pelas circunstâncias de sua conversão.

Quem, na sua opinião, foi o melhor rei de Israel ? E o pior ?

IV. O DECLÍNIO E A QUEDA DE JUDÁ.

O reino de Judá durou mais ou menos 150 anos mais do que o de Israel. Sua história é muito mais luminosa do que a de Israel. Enquanto sofreu muitas alterações de dinastia, a linhagem real de Daví foi conservada intacta em Judá. Enquanto a história de Israel apresenta uma sucessão de revoltas e usurpações, a história de Ju-

dá é relativamente pacífica. A preservação de Judá pode explicar-se pelo fato de que havia de vir por seu intermédio o Messias.

Os capítulos 24 e 25 relatam o cativeiro de Judá. Há três épocas dêste :

1. A primeira invasão de Nabucodonozor. (24:1-2).
2. A primeira deportação à Babilônia. (24:11-16).
3. O sítio e a destruição de Jerusalém e a deportação final. (cap. 25).

Notem que, como no caso das dez tribos, a rebelião do rei de Judá contra a nação invasora foi a causa do cativeiro final (24:20). Leia a acusação e a condenação de Deus sôbre Judá (II Crôn. 36:15, 17).

Qual foi, na sua opinião, a idade áurea de Judá ? Qual foi o pior reinado ?

CAPÍTULO XI

PRIMEIRO E SEGUNDO LIVROS DAS CRÔNICAS

Introdução :

Como os livros das Crônicas abrangem, na sua maioria, a matéria que se encontra em II Samuel e I e II Reis, cremos que é suficiente dar uma introdução apenas a êstes livros.

Tema. Os tradutores gregos da Bíblia referem-se a êstes livros como "As Coisas Omitidas", porque fornecem muitas informações que não se encontram nos livros dos Reis. Embora os "Reis" e as "Crônicas" demonstrem grande similaridade no seu conteúdo, foram escritos sob diferentes pontos de vista, o primeiro sob o ponto de vista humano, o último, sob o divino. Para ilustrar : I Reis 14:20, relatando a morte de Jeroboão, diz que "dormiu com seus pais". Isso é o ponto de vista humano. Segundo Crônicas 13:20, relatando o mesmo acontecimento, nos diz que "o feriu Jeová, e morreu". Êste é o ponto de vista divino. Um escritor dá o seguinte esquema interessante para demonstrar a diferença entre "Reis" e "Crônicas".

1. "Os Reis" foram escrrtos pouco depois do princípio do cativeiro em Babilônia. As "Crônicas" foram escritas pouco depois do regresso do cativeiro.

2. Os "Reis" foram compilados por um profeta — Jeremias; As "Crônicas por um sacerdote — Esdras.

3. Os "Reis" põem em relêvo o trono dos reis terrestres; As "Crônicas", o trono terrestre (o templo) do Rei celeste.

4. Os "Reis" tratam de Judá e Israel; As "Crônicas", de Judá, sendo Israel mencionado apenas incidentalmente.

5. Os "Reis" é um livro político e régio; As "Crônicas", eclesiástico e sacerdotal.

Autor. "Não se sabe ao certo quem foi o autor das "Crônicas", mas provàvelmente é correta a crença prevalecente dos judeus como se encontra no Talmude. Alí se declara Esdras como o redator dos registros escritos e preservados por homens dignos de confiança. Êsses registros por tais homens como Samuel, Natã, Gade, Ido, etc., foram inspirados por Deus; Esdras foi inspirado, além disso, para fazer a seleção entre êles e reuní-las, numa narração contínua. Há pouca dúvida de que a história em "Crônicas" fôsse escrita por Esdras ao regressar do cativeiro babilônico, a fim de animar o povo a construir o templo".

Esfera de ação. Desde a morte de Saúl até o decréto de Ciro, abrangendo um período de 520 anos; desde 1056 até 536 a. C.

ESDRAS

Introdução :

Por serem os livros de Esdras, Neemias e Ester tão intimamente relacionados, tratando do mesmo período, damos aquí os acontecimentos principais contidos nêstes livros, para que o estudante possa ver de relance a história do período que seguiu ao cativeiro.

1. O regresso dos desterrados sob Zorobabel — 536 a. C.
2. A reconstrução do templo — 535 a. C.
3. O ministério dos profetas Ageu e Zacarias — 520 a. C.
4. A dedicação do templo — 515 a. C.
5. Os acontecimentos relatados no livro de Ester 478 até 473 a. C.
6. Esdras visita Jerusalém — 458 a. C.
7. Neemias enviado a Jerusalém como governador — Reconstrói o muro — 446 a. C.
8. Malaquias profetiza.

Tema. A idéia predominante de Esdras é a restauração. Uma comparação entre "Reis" e "Crônicas" exporá isto. "Reis" e "Crônicas" registram a destruição do templo de Israel; o último, a sua reconstrução. Um apresenta o quadro escuro de uma nação corrompida pela idolatria; o outro, uma nação completamente purificada do culto idólatra. Um registra o descuido da lei; o outro, a sua restauração, em seu devido lugar, nos corações do povo. Um registra a mistura de Israel com os pagãos; o outro, a separação completa de Israel da influência e dos costumes pagãos. Esdras dá uma lição

admirável da fidelidade de Deus. Fiel à Sua promessa (Jer. 29:10-14) êle extende a Sua mão para reconduzir Seu povo à sua terra, e ao fazê-lo, usa os reis pagãos — Ciro, Dario, Artaxerxes — como Seus instrumentos.

Autor. O fato de estar o livro escrito na primeira pessoa, por Esdras, (caps. 7 e 9), indica que êle foi o autor. Esdras foi o primeiro da classe conhecida como **escribas**, os quais eram os copistas oficiais e intérpretes das Escrituras. Lemos que Esdras dedicou-se ao estudo da Palavra de Deus com a finalidade de expô-la ao povo (7:10). A êle foi atribuída a obra de pôr em ordem o cânon do Velho Testamento; a saber: de compilar num livro aquelas Escrituras que eram inspiradas.

Esfera de ação. Desde a volta da Babilônia até o estabelecimento na Palestina, abrangendo um período de 79 anos mais ou menos, desde 536 até 457 a. C.

CONTEÚDO.

1. O Regresso sob Zorobabel (1-6).
2. O Regresso sob Esdras (7-10).

I. O REGRESSO SOB ZOROBABEL

1. O decréto de Ciro (cap. 1).
2. O resto que regressou (cap. 2).
3. Postos os alicerces do templo e restaurado o culto antigo (cap. 3).
4. A oposição dos samaritanos (caps. 4, 5).
5. A dedicação do templo (cap. 6).

Ciro foi o rei da Pérsia que derrotou o império babilônico, em cumprimento da profecia divina (Isa. 14:22; Jer. 27:7; Dan. 5:28). Seu decréto permitindo o regresso dos judeus foi predito por Isaías, o qual chamou Ciro por seu nome 200 anos antes do nascimento dêste, referindo-se a êle como o libertador do povo de Deus e o re-

construtor do templo (Isaías 44:28; 45:1-4). Josefo, o historiador judeu, relata-nos que Daniel mostrou estas profecias a Ciro, e que o monarca ficou tão impressionado por elas e tão bem disposto para com o povo cativo, que publicou um decréto permitindo-lhe voltar à sua terra.

A quem usou Deus para efetuar o regresso de Seu povo? (1:1). Ao mandado de quem dizia Ciro estar obedecendo ? (1:2). Onde encontrou êste mandato ? (Isa. 44:28). Quais as tribos que voltaram ? (1:5). Quem foi o seu chefe ? (1:8). Por qual outro nome era conhecido ? (2:2 Zorobabel). Quantos voltaram nêste tempo ? (2:64). Qual foi a primeira coisa que fizeram ? (3:1-3). Quanto tempo depois de seu regresso foi começada a reconstrução do templo ? (3:8). Qual o efeito disto no povo ? (3:10-13). Quem desejava ajudar na reconstrução do templo ? (4:2; comp. II Reis 17:24-41).

Aceitou o governador a ajuda dessa gente meio pagã ? O que causou esta recusa ? (4:4). Quanto tempo durou a inimizade causada desta maneira ? (João 4:9). Que forma ativa tomou a sua oposição ? Quais os dois profetas que animaram o povo a continuar a construção do templo ? (5:1). O que lhes assegurava que o templo seria terminado ? (5:5). Que fizeram então os inimigos dos judeus ? (5:7-17). Qual foi o resultado desta oposição ? (6:1-14). Como se celebrou a dedicação do templo ? (6:17). Quantas tribos fizeram representar-se nessa ocasião ? (6:17).

II. O REGRESSO SOB ESDRAS

1. A Comissão de Esdras. (7:1-28).
2. Os companheiros de Esdras no regresso. (8).
3. O pecado confessado. (9).
4. O pecado abandonado. (10).

No reinado de quem voltou Esdras a Jerusalém? De quem descendia Esdras? (7:5). Como é descrito? (7:6, 12). Qual foi o seu propósito em ir a Jerusalém? (7:10). Que missão lhe foi dada? (7:25, 26). Como Esdras iniciou seu retôrno? (8:21). Como mostrou a sua fé absoluta em Deus? (8:22). Qual lei referente às suas relações com o povo pagão os judeus tinham violado? (9:1, comp. Êxo. 34:15, 16; Deut. 7:3). A que conduz sempre esta infração da lei? (I Reis 11:4). Que efeito fêz em Esdras esta infração da lei? Quais foram os sentimentos do povo ao compreender o seu pecado? (10:1). Que pacto fizeram com Deus? Que proclamação fêz Esdras? (10:7).

Qual a intensidade da convicção do povo? Notem que a ação dos judeus em deixar as suas espôsas e filhos pagãos era algo severo, mas se deve recordar que no passado, o matrimônio com os pagãos causava o pecado e a idolatria e que era necessário permanecer pura a tribo de Judá porque dela havia de vir o Messias.

NEEMIAS

Tema. Êste livro gira em tôrno duma pessoa — Neemias. É a autobiografia de um homem que sacrificou uma vida de luxo e prazeres para poder ajudar a seus irmãos necessitados em Jerusalém. Descreve um homem que combinou a espiritualidade com a prática — um que sabia tanto orar como trabalhar. Absolutamente destemido, êle recusou fazer pactos com os inimigos externos e com o pecado interno. Depois de reconstruir o muro de Jerusalém e efetuar muitas reformas gerais entre o povo, humildemente deu a glória a Deus por tudo o que tinha executado. A lição principal que ensina a sua vida, é que a oração e a perseverança vencerão todos os obstáculos.

Autor. Neemias.

Esfera de ação. Desde a viagem de Neemias a Jerusalém até a restauração do culto no templo, cobrindo um período de mais ou menos 12 anos, desde 446 até 434 a. C.

CONTEÚDO.

I. A reconstrução do Muro de Jerusalém (1-6).
II. O avivamento da Religião e a Restauração do culto (7-13:3).
III. A Correção dos Abusos. (13:4-31).

I. A RECONSTRUÇÃO DO MURO DE JERUSALÉM (1-6).

1. A oração e a comissão de Neemias (caps. 1, 2).
2. Os reconstrutores do muro (cap. 3).

3. A oposição dos samaritanos (cap. 4).
4. Os nobres repreendidos por sua opressão ao povo (cap. 5).
5. A conclusão da obra de edificar (cap. 6).

Que novas recebeu Neemias? (1:2, 3). Que efeito fêz isto nêle? Quantas vêzes orou por Israel? (1:6). Que pôsto ocupava Neemias? O copeiro, nas côrtes antigas orientais sempre era uma pessôa de destaque e importância; e, pela natureza confidencial de suas obrigações e seu acesso freqüente à presença real, possuía uma grande influência. Xenofonte, um historiador grego, observou particularmente as maneiras graciosas e agradáveis em que os copeiros dos monarcas medos e persas desempenhavam o seu dever de apresentar o vinho a seus âmos reais. "Tendo lavado o vaso na presença do rei, e derramado na sua mão esquerda um pouco de vinho que tomavam na sua presença, então lhe deram o copo; não o seguravam com tôda a mão, mas com as pontas de seus dedos".

Qual era a causa indireta de Neemias ter sido enviado a Jerusalém? (2:1, 2). Notem que o temor de Neemias se explica pelo fato de ser considerado extremamente impróprio aparecer na presença do rei com sinais de tristeza ou de pranto. Que fêz Neemias antes de fazer a sua petição ao rei? (2:4). Quais as pessoas que se sentiram mal por sua vinda a Jerusalém? (2:10, 19). Qual foi a primeira tentativa de desanimar Neemias? (4:1-3). Como reagiu êle a esta tentativa? (vers. 4-6). Qual a segunda tentativa que foi feita para desanimá-lo? (4:7, 8). A que recorreu então? (v. 9). Qual o outro desalento que veio nêsse tempo? (4:10, 16). Quais precauções tomou Neemias contra ataques de surprêsa? (4:16-23). A que foi obrigado o povo por causa de sua pobreza? (5:1-3). Quem eram os culpados de opressão? (v. 7). Que exemplo pôs Neemias ante os nobres?

(5:14-19). Quais outras tentativas foram feitas para estorvar a obra de Neemias ? (cap. 6). Que revela 6:11 quanto ao caráter de Neemias ? Que fato desanimou os seus inimigos ? (6:16). Quanto tempo se gastou para reconstruir o muro ? (6:15).

II. O AVIVAMENTO DE RELIGIÃO E A RESTAURAÇÃO DE CULTO (7-13:3).

1. O recenseamento do povo. (cap. 7).
2. A leitura da lei. (cap. 8).
3. O arrependimento e a nova consagração do povo. (caps. 9, 10).
4. Jerusalém novamente habitada. (cap. 11).
5. A dedicação do muro e a restauração do serviço do templo. (caps. 12 a 13:3).

Quem deixou Neemias encarregado de Jerusalém enquanto voltou ao rei da Pérsia ? (7:2). Que precauções devia tomar o povo contra os ataques de surprêsa ? (7:3).

Antes de sair, Neemias fèz outro recenseamento do povo baseado no que foi feito por Esdras. Isto foi com o propósito de distribuir a terra de acôrdo com a ordem genealógica de cada família, para verificar com exatidão a quem pertencia legalmente o dever de ministrar ante o altar e dirigir os vários serviços do templo. O capítulo 7:73 relata o resultado dêste registro, a saber: que tôdas as famílias estivessem nas suas próprias cidades.

Quem se uniu com Neemias mais tarde ? (8:1). Com que propósito ? Qual foi o mandamento de Moisés, referente à leitura pública da lei ? (Deut. 31:9-13). Quantos do povo se congregaram a escutar a leitura da lei? (8:2). Quem explicou seu significado ? (8:7, 8). Que efei-

to produziu no povo ? (8:9). Que outro efeito produziu ? (8:12). Por quantos dias continuou esta leitura ? (8:18). Que se seguiu à leitura da lei? Quais eventos históricos foram relatados na oração dos levitas ? Que fizeram então ? (9:38). Quantos assinaram êsse pacto ? Que se compremeteram fazer segundo os têrmos dêste pacto ? (10:28-39).

O capítulo 11 dá uma relação do estabelecimento do povo em Jerusalém. Como essa cidade era a metrópole do país, era necessário que a sede do govêrno e uma população adequada estivessem alí para a sua defesa e para guardar os seus edifícios. De acôrdo com isto, cada décimo homem de Judá e Benjamim foi escolhido por sorte para ser um habitante permanente dessa cidade.

III. A CORREÇÃO DOS ABUSOS (cap. 13:4-31).

1. A violação da santidade do templo. (vers. 4 a 9).
2. A violação da lei referente aos levitas(vers. 10 a 14).
3. A violação do descanso do sábado (vers. 15 a 22).
4. A violação da lei de separação. (vers. 23 a 31).

Depois de suas primeiras reformas, Neemias voltou à côrte do rei da Pérsia (13:6). Ao regressar à Palestina, encontrou o sacerdócio e o povo recaído nos seus pecados antigos. O sumo sacerdote hospedava um governador pagão nos próprios recintos sagrados do templo; o sustento do sacerdócio tinha sido descuidado; o espírito de comercialismo ameaçava a santidade do dia de descanso; e muita gente tinha contraído união ilegal com os pagãos. Com seu zêlo e energia característicos, Neemias logo corrigiu êsses abusos.

CAPÍTULO XII

ESTER

Tema. O livro de Ester tem uma peculiaridade que o distingue de qualquer outro livro da Bíblia; a saber : nêle o nome de Deus não se menciona nem uma vêz, nem tampouco há referências à lei ou à religião judaica. Apesar do nome de Deus não se mencionar, há abundantes sinais de que Êle estava operando e cuidando de Seu povo. O livro registra o livramento por Deus do Seu povo, de uma destruição que o ameaçava.

Assim, como Deus salvou o Seu povo do poder de Faraó, Êle salvou Israel da mão do malvado Hamã. No primeiro caso o salvamento foi efetuado por uma manifestação de Seu poder e uma revelação de Si mesmo; mas no último caso, Deus permaneceu invisível ao Seu povo e a Seus inimigos, efetuando a salvação por intermédio de instrumentos humanos e meios naturais. "É esta ausência do nome de Deus que constitue sua beleza principal e não deve considerar-se como uma mancha sôbre o mesmo". Matthew Henry disse : "Se o nome de Deus não está aquí, está o Seu dedo". Êste livro é, como o chama o Dr. Pierson, "O Romance da Providência".

Por providência queremos dizer que em todos os assuntos e acontecimentos da vida humana, individuais e nacionais, Deus tem uma parte e uma porção. Mas essa influência é secreta e oculta. Assim, nesta admirável história, que ensina a realidade da divina providência, o nome de Deus não aparece e só o ôlho de fé vê o fator Divino na história humana. Para o observador atento tôda a história é uma sarça ardente, acêsa pela presença divina. A tradição judaica cita Deuteronômio 31:18 co-

mo outra razão por que não se menciona o nome de Deus. "Por causa de seu pecado, Deus tinha escondido Seu rôsto a Israel. No entanto, embora tenha escondido Seu rosto, não se esquecia de Seu povo nem deixava de interessar-Se por êle apesar de que o fazia sob um véu" — Lee. A mensagem do livro pode resumir-se da maneira seguinte: A Realidade da Providência Divina.

Autor. Desconhecido. Provàvelmente Mardoqueo (vide 9:20). Alguns acreditam que foi Esdras.

Esfera de ação. Entre os capítulos 6 e 7 de Esdras, antes de êste partir para Jerusalém.

CONTEÚDO.

Seguindo a sugestão de Robert Lee da Escola Bíblica Mildmay, centralizamos o conteúdo do livro ao redor das três festas mencionadas alí.

I. A Festa de Assuero (1, 2).
II. A Festa de Ester (3-7).
III. A Festa de Purim (8-10).

I. A FESTA DE ASSUERO.

1. A desobediência de Vastí (cap. 1).
2. A coroação de Ester (2:1-20).
3. Mardoqueo salva a vida do rei (2:21-23).

"O fato de Vastí haver recusado obedecer uma ordem que lhe impunha expôr-se duma maneira indecente ante um grupo de bêbados desordenados, correspondia à modéstia de seu sexo e à sua dignidade de rainha, porque segundo os costumes persas, a rainha, ainda mais que as espôsas de outros homens, estava reclusa da vista do público; e se o sangue do rei não estivesse esquen-

tado pelo vinho, ou sua razão ofuscada pelo orgulho, êle teria percebido que a sua própria honra, tanto quanto a dela, foi mantida por sua digna conduta. Os sábios, aos quais o rei consultou, eram provàvelmente os magos, sem cujo consêlho, a respeito do tempo propício de realizar alguma coisa, os reis persas nada faziam. As pessoas nomeadas eram os "sete conselheiros" que formavam o ministério do Estado. Parece que a sabedoria global de todos foi reunida para consultar o rei quanto ao rumo que deveria tomar depois de uma ocorrência tão inaudita como foi a desobediência de Vastí ao chamado real. É quasi impossível imaginar o assômbro produzido por essa negativa num país onde a vontade do soberano era absoluta. Os grandes que se tinham congregado ficaram petrificados de horror ante a atrevida afronta; um mal-estar pelas conseqüências que lhes pudessem vir a cada um dêles em sua casa, apoderou-se de suas mentes e o ruído da orgia bacanal transformou-se numa consulta profunda e ansiosa sôbre qual seria o castigo a ser infligido à rainha transgressora" — Jamieson, Fausset e Brown.

Note o que se diz no versículo 19 referente à lei dos medos e persas. Parece que os persas tinham atingido um gráu tão elevado de sabedoria na redação de suas leis, que nunca podiam ser emendadas ou abrogadas; e nisto se baseia a sentença : "A lei dos medos e persas que não pode abrogar-se". Evidentemente, Assuero arrependeu-se quanto ao tratamento para com Vastí (2:1), mas segundo esta mesma lei que tornou irrevogável a palavra de um rei persa, ela não podia ser restaurada ao lugar de raínha.

O capítulo 2:3, 4 refere-se a um costume áspero do Oriente. Quando chegava a ordem da côrte real para que uma jovem se apresentasse ante o rei, não importava quão mal dispostos estivessem seus pais, não se atreviam a recusar.

Assim Ester foi obrigada a entrar na Côrte de Assuero. Deve levar-se em conta que no Oriente onde prevalecia a poligamia, não era considerada uma desgraça, uma jovem pertencer ao "harém" de um governador. Cada uma delas era considerada espôsa do rei.

Notem que Mardoqueu tinha dito a Ester que ocultasse a sua nacionalidade (2:10). Se Ester tivesse revelado a mesma, teria impedido o seu progresso à dignidade de rainha, sendo que os judeus eram geralmente desprezados. Nesta instrução de Mardoqueu a Ester, vêmos uma indicação da direção divina, pois não foi por causa de ter sido raínha que ela pôde salvar seu povo ?

O capítulo 2:21 menciona outro élo na cadeia da providência divina. Mardoqueu protegeu a vida do rei contra os conspiradores e isto foi registrado nas crônicas do reino. Êsse incidente teve um papel importante no livramento dos judeus, como veremos mais tarde.

II. A FESTA DE ESTER

1. A conspiração de Hamã (cap. 3).
2. A lamentação dos judeus (cap. 4).
3. A petição de Ester (cap. 5).
4. A elevação de Mardoqueu (cap. 6).
5. A morte de Hamã (cap. 7).

Os dados citados abaixo são extraídos do comentário de Jamiesson, Fausset e Brown.

"A homenagem de prostar-se, não inteiramente estranha aos costumes do Oriente, não tinha sido pedida pelos vízires anteriores; mas Hamã queria que todos os oficiais subordinados da côrte se prostassem ante êle com o rôsto em terra. Mas a Mardoqueu parecia que tal atitude de profunda reverência fôsse devida sòmente a Deus. A nacionalidade de Hamã, que era um amalequita, membro de uma raça amaldiçoada e julgada, era sem dúvida mais um elemento que contribuiu à recusa. O fa-

to de Mardoqueu ser judeu, e sua desobediência ser baseada em escrúpulos religiosos, aumentou ainda mais a gravidade da ofensa, visto que o exemplo de Mardoqueu seria imitado pelos seus patrícios. Se tivesse sido a homenagem uma simples prova de respeito civil, Mardoqueu não a teria recusado; mas os reis persas exigem uma espécie de adoração que até os gregos consideravam uma degradação, e que para Mardoqueu teria sido uma violação do segundo mandamento".

Hamã ficou tão irritado por ter Mardoqueu recusado adorá-lo, que resolveu destruir inteiramente a raça judaica, e a fim de marcar um dia para a execução de seu propósito, lançou "pur"; isto é, lançou **sortes**.

"Ao recorrer a êste método de fixar o dia mais propício para executar o seu projeto atroz, Hamã fêz o que os reis e nobres da Pérsia sempre fizeram, nunca tomando parte em nenhuma emprêsa sem consultar os astrólogos e assim estar certo quanto à hora da sorte. Fazendo voto de vingança, mas desdenhando destruir uma só vítima, planejou a extirpação de tôda a raça dos judeus, os quais, como êle bem sabia, eram inimigos acérrimos de seus patrícios. Representou-os hàbilmente, como um povo de hábitos, costumes e maneiras estranhas e inimigo do resto de seus súditos, procurando Hamã obter a sanção do rei para a matança intencionada. Um motivo apresentado para fazer prevalecer o seu plano evocava o amor do rei pelo dinheiro. Temendo que seu âmo dissesse que a exterminação de uma grande parte de seus súditos rebaixaria grandemente as contribuições públicas, Hamã prometeu a restituição da perda" (3:9).

Embora, como dissemos em nossa introdução, não haja referências diretas à religião judaica, o fato de que Ester e Mardoqueu jejuaram, indica a oração a Deus. Notem que enquanto o nome de Deus não se menciona, o capítulo 4:14 ensina claramente a fé no cuidado e na

proteção de Deus. Parece que Mardoqueu tem plena certeza de que Deus livrará Seu povo, e que na providência divina, Ester tinha chegado ao trono com o propósito de libertar seu povo.

As circunstâncias naturais aparentemente favoreciam uma audiência de Ester perante o Rei (4:11). O que esperava Ester ? (4:16). Como se manifestou a influência de Deus em seu favor? (5:3). Rogou ela imediatamente pela libertação de seu povo ? O que havia de suceder antes de fazer isto ? (6:1, 10). Qual versículo da Escritura ilustra 7:11 (Prov. 26:27; Sal. 9:15).

III. A FESTA DE PURIM.

1. O decréto do rei permitindo que os judeus se protegessem a si mesmos (cap. 8).
2. A vingança dos judeus (cap 9:1-19).
3. A instituição da festa de Purim (cap. 9:20-32).
4. A grandeza de Mardoqueu (cap. 10:1-3).

Como as leis dos medos e persas eram irrevogáveis, (1:19; Dan. 6:8), o mandato do rei de destruir os judeus não se podia alterar. Mas para poder neutralizar esta ordem, o rei deu-lhes permissão de defender-se. Com o apôio do rei e govêrno, e de um primeiro ministro judeu, a vitória foi assegurada. Mas por trás dêstes meios naturais, estava o Deus invisível que protegia os Seus.

Quais foram os sentimentos dos judeus ao ouvirem o decréto do rei ? (8:16, 17). Qual o efeito que produziu nos pagãos ? (8:17). Quantos de seus inimigos os judeus mataram ? (9:16). Como celebraram os judeus a sua vitória ?

"Chamaram a êstes dias Purim, nome derivado de "Pur" (9:26). **Pur** na língua persa significa **sorte**; e a festa de Purim, ou sortes, tem referência ao tempo que tinha marcado Hamã pela decisão da sorte (3:7). Como conseqüência da célebre libertação nacional obtida pela

providência divina contra as maquinações infames de Hamã, Mardoqueu ordenou aos judeus que comemorassem o acontecimento com um aniversário festivo que duraria dois dias, de acôrdo com os dois dias de guerra de defesa que tiveram que sustentar. Havia uma pequena diferença no tempo dêste festival; os judeus nas províncias, tendo-se defendido no dia 13, dedicaram o dia quatorze ao festival, ao passo que seus irmãos em Susa tendo prolongado a obra por dois dias, observaram a sua festa da ação de graças apenas no dia quinze. Mas isto foi corrigido pela autoridade que marcou o dia décimo-quarto e o décimo-quinto do mês de Adar. Chegou a ser um tempo de lembranças alegres para os judeus; e pelas cartas de Mardoqueu, distribuídas por tôdas as partes do império persa, foi estabelecida essa data como uma festa anual, cuja celebração até hoje se guarda. Nêstes dois dias de festa, os judeus modernos lêem o livro de Ester em suas sinagogas.

A cópia não deve ser impressa, mas escrita em pergaminho em forma de rôlo e os nomes dos dez filhos de Hamã estão escritos de uma maneira peculiar, sendo agrupados quais uns tantos cadáveres na fôrca. O leitor deve pronunciar todos os nomes de um só fôlego. Sempre que se pronuncia o nome de Hamã, faz-se um barulho nas sinagogas. Alguns batem o solo com os pés e os moços com martelos dão marteladas fazendo barulho. Preparam-se para o seu "carnaval" por um jejum de três dias, imitando o de Ester, que no entanto, geralmente é reduzido a um só dia".

LIÇÕES DO LIVRO DE ESTER.

1. Embora que algumas vêzes os bons sofrem e os máus prosperem, Deus finalmente inverterá essa ordem. Hamã, um cruel tirano, planejou a destruição de Mardoqueu e de sua nação. Por fim Hamã foi desgraçado e Mardoqueu elevado.

2. O cuidado de Deus para com o Seu povo não é sempre um fato aparente, mas, não obstante isso, é eficaz. O nome de Deus não se menciona nêste livro, mas as evidências de Seu cuidado e proteção são abundantes. Um escritor ilustra esta verdade por meio da figura de um "Diretor de cenas", que, embora oculto detrás das cenas teatrais, tem uma parte importante na representação da peça. "O grande Vingador parece ser indiferente;as páginas da história apenas registram uma luta de morte nas trevas entre os sistemas antigos e a Palavra. A Verdade pára sempre na fôrca; o Mal pára sempre no trono — Sem dúvida êsse cadafalso domina o futuro; contudo, de trás do opaco desconhecido está Deus, no meio da sombra, velando pelos Seus". — LOWELL.

3. Deus vê de antemão e provê para cada emergência; com Êle nada sucede ao acaso. Deus previu desde o princípio a destruição que se intentava contra Seu povo, e providenciou para essa emergência. Uma pobre moça judia chega a ser raínha e desta maneira foi capacitada para salvar seu povo. Deus viu de antemão que Hamã procuraria destruir Mardoqueu; de acôrdo com isto, Êle agrupou os acontecimentos de maneira que a insônia do rei conduzisse a exaltação de Mardoqueu. Deus previu que como os decrétos dos medos e persas eram imutáveis, os judeus teriam que lutar para salvar sua vida; assim aconteceu que pôs temor no povo e permitiu que os judeus achassem graça ante a vista dos governadores.

4. A providência de Deus faz uso dos mínimos detalhes. O incidente da insônia do Rei, sua idéia de que se lêsse o livro das memórias, que o leitor fôsse ler por acaso o relato do ato de Mardoqueu salvando a vida do rei, o fato de que o rei recebesse Ester ao apresentar-se sem ser chamada — todos êstes acontecimentos, que em si parecem ser acidentais e insignificantes, foram usados por Deus para libertar Seu povo.

CAPÍTULO XIII

JÓ

Autor. O lirvo de Jó trata de um dos maiores mistérios — o do sofrimento. **A** pergunta que ressoa por todo o livro é : **Por que sofrem os justos ?** Jó, um homem descrito como perfeito, é despojado da riqueza, dos filhos e da saúde. Suporta estas aflições com constância.

Jó não compreende a causa dessas calamidades, mas resigna-se com o pensamento de que Deus, envia aos homens, tanto o mal como o bem, e que Deus tem o direito de fazer com as Suas criaturas o que Lhe aprouver. Assim, pois, os homens devem aceitar o mal sem fazer queixa. Os amigos de Jó argumentam que, sendo o sofrimento o resultado do pecado e sendo Jó o mais aflito dos homens, deveria êle ser o mais ímpio de todos. Jó fica indignado e nega a acusação de ter cometido pecado, levando sua negação até o ponto de auto-justiça. Na conclusão da discussão entre Jó e seus amigos, Eliu fala, condenando Jó por sua auto-justiça e os outros por sua áspera condenação de Jó. Continua, explicando que Deus tem um propósito ao enviar o sofrimento aos homens; que Êle castigo o homem com a intenção de trazê-lo mais perto de Si mesmo. Deus usou as aflições para experimentar o caráter de Jó e como um meio de revelar-lhe um pecado do qual até então não se tinha dado conta : **auto-justiça.**

Autor. O autor de Jó é desconhecido. Acredita-se que Eliu pode tê-lo escrito. (32:16).

CONTEÚDO.

I. O Ataque de Satanás contra Jó (1:1 a 2:10).
II. Jó e seus amigos (2:11; 31:40).
III. A Mensagem de Eliú (caps. 32-37).
IV. A Resposta de Jeová a Jó (caps. 38 a 42:6).
V. Conclusão (42:7-17).

I. O ATAQUE DE SATANÁS CONTRA JÓ (caps. 1 a 2:10).

Em que outro lugar das Escrituras se menciona Jó? (Ezequiel 14:14; Tiago 5:11). Que se diz acêrca de seu caráter? Da sua prosperidade e da sua piedade? Os "filhos de Deus" mencionados em 1:6 são evidentemente os anjos que vinham diante de Deus em certas ocasiões, provàvelmente para dar uma informação de seu ministério na terra (Heb. 1:14). Como um Judas entre os apóstolos, Satanás aparece entre os anjos. Porque tinha acesso à presença de Deus é um mistério, mas Apocalipse 12:10 ensina claramente que tinha admissão ao céu, e que alí toma a parte de "acusador de nossos irmãos". (vide também Lucas 22:31). Notamos no versículo 7 o que Satanás disse acêrca da sua atividade com relação ao mundo (comp. I Pedro 5:8).

Deus apresenta Jó como um homem perfeito e temente a Deus, um que tem fugido à corrupção do mundo. Satanás admite isto, mas impugna o motivo de Jó. Sua contestação é que Jó serve a Deus por conveniência, porque isto lhe trás prosperidade. Ao caluniar Jó, Satanás também ataca a Deus, porque suas palavras insinuam que Deus não pode ganhar o amor desinteressado da parte do homem. Deus, desejando justificar o Seu próprio caráter e o de Seu servo, tem apenas a alternativa de sujeitar Jó a uma prova. É um consôlo saber que a aflição dos filhos de Deus por Satanás só tem lugar

com a permissão divina. Dos capítulos 1:21 e 2:10 vêmos que Jó justificou a confiança que Deus tinha nêle.

II. JÓ E SEUS AMIGOS (Caps. 2:31 e 31:40).

Vimos a causa das aflições de Jó sob o ponto de vista divino. Agora veremos as opiniões de seus amigos a respeito da causa das suas dificuldades. Devem recordar-se que as suas palavras em si mesmas não são inspiradas, porque o próprio Senhor as acusou de êrro (42:8). **É o registro** dessas palavras que é inspirado. Embora êstes homens dissessem muitas coisas certas, não disseram a verdade completa.

Aprendam-se os seguintes pontos que resumem os discursos dos amigos de Jó :

1. Afirmam que o sofrimento é o resultado do pecado. Assim sendo, se uma pessoa está aflita, deve concluir por certo, que haja pecado.

2. A medida da aflição indica o gráu do pecado. Argumentam que sendo Jó o homem que mais sofria, deve ser êle o maior dos pecadores.

3. Dizem a Jó que se êle arrepender-se de seus pecados, Deus restaurar-lhe-á a felicidade. Avisam-no de que se procurar justificar-se a si mesmo, isto retardará a sua restauração..

4. Admitem que algumas vêzes os ímpios prosperam, mas dizem que esta prosperidade é transitória, porque logo passará, e a retribuição divina lhes sobrevirá.

Podemos resumir as respostas de Jó a seus amigos da seguinte maneira :

1. **Jó afirma que é possível que um homem justo seja afligido.** Considera uma crueldade da parte de seus amigos acusarem-no de pecado por causa de suas aflições. Êle mesmo não compreende o propósito de Deus em afligí-lo. Aceita como fato que Deus, ao distribuir o

bem e o mal, não considerava o mérito nem a culpa, mas que age como agrada a Sua Soberania. Crê que haja casos em que aquêle que sofre tem o direito de justificar-se a si mesmo e queixar-se pelas ordens de Deus.

2. Mais tarde Jó desmente algumas de suas asseverações extravagantes, **admitindo que Deus aflige geralmente os ímpios e abençoa os justos.** Insiste ainda que há exceções à regra, como por exemplo: a aflição de um homem pio. Por causa destas exceções, é injusto chegar à conclusão de que um homem é pecador devido aos seus sofrimentos.

3. **Jó crê que é nosso dever adorar a Deus embora estejamos sofrendo calamidades** não merecidas; mas devemos abster-nos de julgar duramente aquêles que, quando estão em angústia, proferem queixas contra Deus.

III. A MENSAGEM DE ELIÚ (Caps. 32-37).

O discurso de Eliú pode resumir-se da seguinte maneira :

1. Disse a Jó que fêz mal em vangloriar-se da sua integridade (33:8-13), e de fazer parecer que Deus lhe deva recompensas. Deus não é devedor de ninguém (35:7). Por mais justo que seja Jó, não tem o direito de exigir alguma coisa de Deus, porque todos os homens são pecadores ante Sua vista.

2. Admite que as calamidades são castigos pelos pecados cometidos, mas ao mesmo tempo são corretivos. Podem ser infligidas aquêles que são relativamente mais justos do que outros. Se o fim da aflição fôr alcançado e a falta reconhecida pelo aflito, Deus o abençoará com uma felicidade maior do que antes (33:14-33). Depois êle expõe a magestade e a perfeição de Deus na criação, reprovando Jó por procurar questionar com Êle em vêz de humilhar-se e confessar sua culpa (caps. 36, 37).

IV. A RESPOSTA DE JEOVÁ (Caps. 38:1 a 42:16).

"Deus fala com Jó sòmente para iniciar a discussão. Êle não discute com êle mas proporciona-lhe revelações das mais eficientes, pelas quais desafia Jó nas suas próprias premissas erradas. Primeiro desafia o êrro de Jó em pôr em questão o Todo-Poderoso. Ao julgar a Deus, Jó assumiu autoridade igual à pessoa daquêle que media, a saber: ao Eterno Criador de tôdas as coisas. Nos capitulos 38, 39, desafia a capacidade de Jó para julgar, como se êste estivesse direta e pessoalmente familiarizado com tôdas as coisas desde o princípio das mesmas. Isso fâz calar Jó, um homem de existência e conhecimento original tão curtos. Deus então revela a Jó Sua surpreendente destreza em criar e governar de uma maneira benévola os monstros mais espantosos do mundo antigo. O bemote, o leviatã, o hipopótamo e o crocodilo do Nilo evidentemente servem como ilustrações simbólicas de Sua habilidade em criar e governar, de uma maneira benévola, as mais espantosas dificuldades que um Pai oniciente e amoroso permita ao "leão rugente" infligir. Jó agora rompe o silêncio em adoração e humilhação perante Deus. Confessa que o que havia aprendido teòricamente antes de receber a certeza da sabedoria e bondade divinas, é agora para êle uma bendita realidade. Esta certeza satisfaz e regozija o seu coração de tal maneira que qualquer idéia de sustentar seus próprios méritos, sob qualquer providência de Deus, fica excluída para sempre" — Stevens.

V. CONCLUSÃO (Cap. 42:7-17).

Os últimos versículos de Jó ilustram Tiago 5:11: "Ouvistes qual foi a paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu; porque é muito misericoidioso e piedoso" (quer dizer, vistes no resultado do tratamento de Deus com Jó, a manifestação de Sua compaixão e ternura).

OS SALMOS

Tema. O livro dos Salmos é uma coleção de poesia hebraica inspirada, mostrando a adoração e descrevendo as experiências espirituais do povo judaico. É a parte mais íntima do Antigo Testamento, dando-nos uma revelação do coração do judeu santo, e percorrendo tôdas as escalas de suas experiências com Deus e a humanidade. Nos livros históricos vêmos Deus falando **acêrca do homem,** descrevendo seus fracassos e seus êxitos; nos livros proféticos vêmos Deus **falando ao homem,** admoestando os ímpios e consolando os justos à luz do futuro. Mas nos Salmos vêmos **o homem falando a Deus,** descobrindo o seu coração em oração e elogio e falando acêrca de Deus, descrevendo e exaltando-O pela manifestação de Seus gloriosos atributos. Enquanto o santo do Velho Testamento fala desta maneira a seu Deus, fôsse qual fôsse a sua experiência, fôsse de prosperidade ou adversidade, benção ou castigo, o êxtase mais elevado ou o desalento mais profundo, sempre predomina uma nota por tôda a sua adoração — a de louvor. O crente do Antigo Testamento pode louvar a Deus em tôdas as circunstâncias, porque a Sua fidelidade no passado é uma garantia de Sua fidelidade no futuro. Esta comparação do passado e do futuro foi também o que ocasionou a introdução do elemento profético nos Salmos. Porque o escriba ou profeta, vendo o fracasso do reino e dos reis terrestres de Israel, prorrompeu em palavras inspiradas acêrca do reino glorioso de Deus e de Seu glorioso Rei — o Messias. Podemos resumir desta maneira o tema dos Salmos : Deus deve ser louvado em tôdas as circunstâncias da vida; e isto por causa da Sua fidelidade no passado, a qual é uma garantia de Sua fidelidade no futuro.

Autores. Muitos dos Salmos são anônimos e a autoria de alguns está em dúvida. Os autores geralmente reconhecidos são os seguintes :

Daví. É considerado como o autor dos 71 Salmos que levam o seu nome.

Asafe, o diretor do serviço do côro do templo no tempo de Daví, que também é um profeta (I Crôn. 6:39; II Crôn. 29:30).

Salomão, rei de Israel.

Moisés, o chefe e legislador de Israel.

Emã, um cantor e profeta do rei (I Crôn. 6:33; 15:19; 25:5, 6).

Esdras, um escriba que ensinava a lei aos judeus depois do cativeiro.

Etã, um cantor (I Crôn. 15:19).

Ezequias, rei de Judá

Os filhos de Coré dirigentes da adoração em Israel.

Jedutun, cantor-mór no Tabernáculo (I Crôn. 25:10).

CONTEÚDO.

Na Bíblia hebraica os Salmos estão divididos em cinco livros, da seguinte maneira :

Livro I.	começa com Salmo 1.
Livro II.	começa com Salmo 42.
Livro III.	começa com Salmo 73.
Livro IV.	começa com Salmo 90.
Livro V.	começa com Salmo 107.

Sugere-se a seguinte classificação dos Salmos. Leia os Salmos mencionados nesta classificação. Recordem os cinco pontos principais da classificação.

1. SALMOS DE INSTRUÇÃO: Sôbre o caráter dos homens bons e máus, sua felicidade e sua miséria; (Sal.1) sôbre a excelência da lei divina (19, 119); sôbre a futilidade da vida humana (90); deveres dos que governam (82); humildade (131).

2. SALMOS DE LOUVOR E ADORAÇÃO: Reconhecimento da bondade e do cuidado de Deus (23, 103); reconhecimento de Seu poder e de Sua glória (8, 24, 136, 148).

3. SALMOS DE AÇÕES DE GRAÇAS: Pelas misericórdias para com os indivíduos (18, 34); pelas misericórdias para com os israelitas em geral (81, 85).

4. SALMOS DEVOCIONAIS: os sete Salmos penitenciais (6, 32, 38, 51, 102, 130, 143); expressivos de confiança sob a aflição (3, 27); expressivos de extrema aflição, mesmo assim não sem esperança; (13, 77); orações em tempo de aflição severa; (4, 28, 120); orações quando privado do culto público (42); orações em tempo de aflição e perseguição (44); orações de intercessão (20, 67).

5. SALMOS MESSIÂNICOS: 2, 16, 22, 40, 45, 72, 110 e 118.

6. SALMOS HISTÓRICOS: 78, 105 e 106.

CAPÍTULO XIV

PROVÉRBIOS

(Leiam pelo menos dez capítulos)

Tema. O livro de Provérbios é uma coleção de expressões curtas e concisas contendo lições morais. O propósito do livro é declarado logo no princípio, a saber : **dar sabedoria aos jovens** (1:1-7) É o livro prático do Velho Testamento, aplicando os princípios de justiça, pureza e piedade à vida diária. A sabedoria que é ensinada, não é meramente carnal, ou prudência comum, mas sim baseada no temor do Senhor (1:7). Podemos assim, resumir o seu tema : sabedoria prática, tendo como fonte e base o caráter religioso. "O princípio da sabedoria é o temor de Jeová".

Autores. O próprio Salomão escreveu a maioria dos provérbios (I Reis 4:32; Eccl. 1:13; 12:9). Da referência em certos lugares às "Palavras do Sábio', crê-se que além de seus próprios provérbios, Salomão colecionou alguns conhecidos no seu tempo, incorporando-os aos seus. Os provérbios nos últimos dois capítulos foram escritos por Agur e Lemuel, autores que a Bíblia não menciona em outra parte.

CONTEÚDO.

Damos a seguinte análise :

I. Um discurso sôbre o valor e a aquisição da verdadeira sabedoria (caps. 1 a 9).

II. Provérbios, intitulados "Os Provérbios de Salomão" (caps. 10.1 a 22:16).

III. Admoestações reiteradas sôbre o estudo da sabedoria intituladas "As palavras dos sábios" (22:17 a 24:34).

IV. Provérbios de Salomão colecionados pelos homens de Ezequias (caps. 25-29).

V. As instruções sábias de Agur aos seus discípulos, Itiel e Ucal, e as lições ensinadas ao Rei Lemuel por sua mãe (caps. 30, 31).

ECLESIASTES

Título. A palavra "eclesiastes" significa "o pregador". Pode ter sido assim chamado pelo fato de ter Salomão, depois de sua triste experiência de desviar-se, ensinado pùblicamente as suas experiências e as lições aprendidas.

Tema. No livro dos Provérbios tomamos conhecimento da sabedoria que tem o seu princípio em Deus. Agora, em Eclesiastes, tratamos da sabedoria meramente natural, que, aparte de Deus, procura encontrar a verdade e felicidade. Ambos os livros foram escritos por Salomão; o primeiro, durante a primeira parte de seu reinado, quando andava com Deus; o segundo, durante a última parte de seu reinado quando o pecado o separava de seu Criador. Nos Provérbios se ouve dos seus lábios uma nota de gôzo e contentamento ao meditar sôbre as bênçãos da sabedoria divina; em Eclesiastes um tom de tristeza, desalento e perplexidade, ao ver o fracasso da sabedoria natural ao tentar resolver os problemas humanos e obter a perfeita felicidade. Depois de seu afastamento de Deus (I Reis 11:1-8), Salomão ainda tinha riquezas e sabedoria. Possuído destas, começou a sua investigação pela verdade e a felicidade sem Deus. O resultado dessa pesquisa tem sua expressão na sentença sempre citada, "tudo é vaidade" (Vaidade aquí significa "vazio, sem valor"). Salomão aprendeu a seguinte verdade que resume o tema do livro: sem a bênção de Deus, a sabedoria, posição e riquezas não satisfazem, muito pelo contrário, trazem cansaço e decepção.

Autor. (Vide 1:1, 16; 12:9).

CONTEÚDO.

I. A Futilidade do Prazer e da Sabedoria Humanas (caps. 1, 2).

II. A Felicidade Terrestre, Seus Obstáculos e Meios de Progresso (caps. 3-5).

III. A Sabedoria Verdadeira e Prática (6:1 a 8:15).

IV. A Relação entre a Verdadeira Sabedoria e a Vida do Homem (caps. 8:16 a 10:20).

V. A Conclusão (11:1 a 12:14).

Ao ler o Eclesiastes o estudante encontrará muitos ensinamentos sadios; e muitos que contrariam as doutrinas da Bíblia. (Leiam 1:5; 2:24; 3:3, 4, 8, 11, 19, 20; 7:16, 17, 8:15). Devem recordar-se que o livro é **o registro inspirado das palavras não inspiradas** do homem natural, arrazoando sôbre experiências humanas e a providência divina. Da mesma maneira a Bíblia contém muitas palavras proferidas pelos ímpios. **As palavras** não são inspiradas, mas **o registro** das mesmas é inspirado.

I. A FUTILIDADE DO PRAZER E DA SABEDORIA HUMANAS (Caps. 1, 2).

Em 1:1-3, Salomão estabelece o tema de seu discurso : **a futilidade de todos os esforços humanos.** Todo esfôrço é em vão, porque o espírito que investigaria os segrêdos da vida não está satisfeito. Os homens vêm e vão sem descobrir a solução dos problemas da vida, mas o mundo continua a existir com os seus mistérios não resolvidos (1:4-18). Assim a sabedoria teórica do homem fracassa. Salomão aplica agora a sua sabedoria prática ao problema de encontrar a felicidade (cap. 2). Êle experimenta a alegria, o riso (vers. 1, 2), o vinho (v. 3), construções (v. 4), riqueza e música (vers. 5-8). O resultado final da sua investigação encontra-se no versículo

II — a decepção. Enche-se de desespêro e de fadiga ao ver que com tôda a sua sabedoria, não é mais adiantado, do que um tôlo qualquer em sua tentativa de resolver os problemas da vida (vers. 12-19). Ao ver que terá que deixar as riquezas a um que nunca trabalhou por elas, riquezas que foram acumuladas por meio de tanto trabalho, e que não lhe trouxeram satisfação, sente-se dominado pelo desânimo e pela futilidade do esfôrço (vers. 20-23). Chega à conclusão de que a melhor coisa para o homem natural, é extrair o maior prazer possível desta vida, e ao mesmo tempo esforçar-se ao máximo a viver uma vida moral (vers. 24, 25).

II. A FELICIDADE TERRESTRE, SEUS OBSTÁCULOS E MEIOS DE PROGRESSO (Caps. 3-5).

Salomão argumenta que, a fim de alcançar a felicidade, o homem deve regosijar-se nos benefícios dela e fazer o devido uso reto dos mesmos (cap. 3). Na melhor das hipóteses, a felicidade humana é **limitada**, porque tôdas as ações e todos os esforços humanos são **restritos** por uma lei superior e inalterável, e dependem dela. Em outras palavras, tudo o que acontece, seja bom ou máu, tem que acontecer, porque tôdas as coisas têm o seu tempo. O homem não pode alterar esta ordem; assim sendo, deve submeter-se a ela extraindo da vida tôda a felicidade possível (vers. 1-15). A felicidade humana está restrita por causa da ignorância humana acêrca das coisas da vida futura. Tão incerta é para êle a esperança de uma vida futura que duvida ser a vida humana melhor nêste sentido do que a dos animais (vers. 16-21). Por causa desta incerteza de uma vida no além túmulo não há nada melhor a fazer do que gozar da vida atual (v. 22).

Êle passa a mencionar os obstáculos da felicidade, (4:1-16), mencionando o infortúnio pessoal de muitos

homens (vers. 1-6), os males da vida social (vers. 7-12) e os males da vida civil (vers. 13-16).

Sugere que a felicidade se alcança por entregar-se ao culto a Deus (5:1-7), abstendo-se de avarezas, injustiças e violências (vers. 8-17), e pelo gôzo moderado dos prazeres e tesouros da vida concedidos por Deus (vers. 18-20).

III. A VERDADEIRA SABEDORIA PRÁTICA (Caps. 6:1 a 8:15).

A verdadeira sabedoria não consiste em esforçar-se para descobrir as fontes terrestres da felicidade (6:1-2), porque mesmo aquêles que possuem riquezas, não alcançam o gôzo verdadeiro e duradouro (vers. 1-6), e nunca escapam do sentimento de sua futilidade e da incerteza do futuro (vers. 7-12).

A verdadeira sabedoria consiste no desprêzo do mundo e das vãs concupiscências (7:1-7), num espírito quieto e resignado (vers. 8-14) e num fervoroso temor de Deus e sincero reconhecimento do pecado (vers. 9-15).

Esta sabedoria deve ser conservada apesar das concupiscências mundanas (7:23-29), apesar das tentações de deslealdade e rebelião (8:1-8), e apesar das opressões e injustiças (vers. 9-15).

IV. A RELAÇÃO DA VERDADEIRA SABEDORIA À VIDA DO HOMEM (Caps. 8:16 a 10:20).

A maneira de Deus tratar o homem às vêzes é misteriosa (8:16-9:6), mas isso não deve impedir o homem sábio de tomar parte ativa na vida; antes, êle deveria gozar dessa vida e usá-la de uma maneira proveitosa (9:7-10). Embora o resultado do trabalho humano seja às vêzes incerto, o homem não deve desanimar na procura de sabedoria (vers. 11-16).

Na presença da insolência, orgulho e violência de insensatos afortunados, o homem sábio deve conservar a sua paz espiritual por meio do silêncio e modéstia (9:17 a 10:20).

VI. A CONCLUSÃO (Caps. 11:1 a 12:7).

Depois dêsses raciocínios, alguns verdadeiros, outros parcialmente verdadeiros e outros falsos, Salomão tira suas conclusões, que representam o melhor que o homem natural consegue obter, aparte da revelação, na procura da felicidade e do favor de Deus. São as seguintes :

1. A fidelidade na benevolência e na vocação (11:1-6).

2. Gozar desta vida de uma maneira tranqüila e feliz (11:7-10).

3. O temor de Deus para jovens e velhos, em vista de um juízo vindouro (12:1-7).

4. O temor de Deus e a observância dos Seus mandamentos (12:13, 14).

CANTARES DE SALOMÃO

Título. O nome dêste livro na Bíblia hebraica é "Cantares de Salomão" chamado evidentemente assim, pelo fato de ser êste cântico o principal de todos os Cânticos de Salomão (I Reis 4).

Tema. O livro Cantares de Salomão é uma história de amor, que glorifica o amor puro e natural e focaliza a simplicidade e a santidade do matrimônio.

O significado típico dessa história pode inferir-se do fato de que sob a figura da relação matrimonial se descreve o amor de Jeová para com Israel (vide Oséias caps. 1-3; Isaias 62:4), e o amor de Cristo para com a Igreja (Mat. 9:15; II Cor. 11:2; Efésios 5:25; Apoc. 19:7; 21:2).

Sugere-se o seguinte tema : O amor do Senhor para com Seu povo é tipificado pelo amor da espôsa e do espôso.

Notem. Ao ler êste livro o estudante deve recordar-se que está lendo uma poesia oriental, e que os orientais usam uma linguagem clara nas mais íntimas das questões — uma clareza de linguagem estranha e algumas vêzes desagradável à maioria dos ocidentais. Por mais delicada e íntima que seja a linguagem em muitas partes do livro, deve notar-se que não há nada que ofenderia o mais modesto oriental. O Dr. Campbell Morgan disse : "Em primeiro lugar era indubitàvelmente um canto de amor terrestre, mas muito puro e muito lindo. Há homens e mulheres que encontrariam indecências no céu — se por acaso chegassem alí — mas ocultariam as mesmas em suas almas corrompidas. Para aquêles que vivem vidas simples, êstes cânticos são cheios de formosura e expressam a linguagem do amor humano. Final-

mente, nas experiências espirituais, expressam a relação daquêles que têm sido ganhos por Deus em Cristo, a Quem amam e conhecem.

Autor. Salomão (1:1).

CONTEÚDO.

De todos os livros do Velho Testamento, o Cantares de Salomão é provàvelmente o mais difícil a interpretar e analizar. Nêste estudo limitar-nos-emos a um breve esbôço da história contida no cântico, e dos diálogos entre Salomão e sua noiva. Para um estudo devocional dos Cantares de Salomão, recomendamos um livrinho de Hudson Taylor "Union and Comunion" (em inglês), que pode ser obtido da China Inland Mission, Philad phia, Pa., U. S. A.

"A história em que está entrelaçado êste idílio parece ser esta :

O Rei Salomão visita sua vinha no Monte Líbano. Chega de improviso onde está uma formosa donzela sulamita. Ela foge, mas êle vai visitá-la, disfarçado de pastor e a persuade a casar-se com êle. Logo vem recebê-la como raínha. Encaminham-se para o palácio real. Aquí começa o poema e relata a história de amor" - Dr. Haas.

I. A NOIVA NOS JARDINS DE SALOMÃO (Caps. 1:2 a 2:7).

1. A noiva pede um penhor de amor e elogia o noivo (1:1-4).
2. Ela roga às filhas de Jerusalém que não desprezem a sua humilde origem, e pergunta onde pode encontrar o seu noivo. As donzelas respondem em unísono (1:5-8).
3. Segue-se então uma conversa amorosa entre Salomão e sua noiva (1:9 a 2:7). Salomão fala (1:9-11; a

noiva, 1:12-14; Salomão 1:15; a noiva, 1:16 a 2:1; Salomão, 2:2 a noiva, 2:3-7).

II. AS RECORDAÇÕES DA NOIVA (Caps. 2:8 a 3:5).

1. Recorda a visita de seu amado numa primavera (2:8-17).

2. Recorda um sonho referente a êle (3:1-5).

III. AS NÚPCIAS (Caps. 3:6 a 5:1).

1. Os habitantes de Jerusalém descrevem a chegada do rei e da noiva (3:6-11).

2. Depois segue-se uma conversa, Salomão (4:1-5; a noiva 4:6; Salomão 4:7-16; a espôsa 4:16b; Salomão 5:1.

IV. NO PALÁCIO (Caps. 5:2 a 8:4).

1. A espôsa relata um sonho que teve referente a Salomão. Sonhou que êle partiu, e que ao buscá-lo, ela foi maltratada pelos guardas da cidade. No sonho ela perguntou às filhas de Jerusalém acêrca dêle, e descreveu sua formosura (5:2 a 6:3).

2. Salomão entra e a elogia (6:4-9).

3. Diálogo entre o côro de donzelas e a espôsa; Côro, 6:10; espôsa 6:11-12; côro e espôsa alternadamente 6:13; côro, 7:1-5.

4. Entra Salomão e elogia a espôsa (7:6-9).

5. A espôsa convida seu amado a visitar o seu lar (7:10 a 8:4).

V. O LAR DA ESPÔSA (Cap. 8:5-14).

Os habitantes do país falam, 8:5a; Salomão, 8:5b; a espôsa, 8:6, 7; seus irmãos, 8:8; a espôsa, 8:10, 12; Salomão, 8:13, a espôsa, 8:14.

CAPÍTULO XV

ISAÍAS

Tema. De tôdas as escrituras proféticas o livro de Isaías é a mais formosa e sublime. Em nenhum dos outros livros obtemos uma visão tão gloriosa do Messias e de Seu reino. Por causa da ênfase dada à graça de Deus e à Sua obra redentora com relação a Israel e às nações, o livro de Isaías tem sido chamado "O Quinto Evangelho", e seu autor : "o Evangelista do Antigo Testamento'.' As duas divisões principais do livro ajudar-nos-ão a encontrar o seu tema. A chave da primeira divisão (caps. 1-39), é "Denúncia". Ao ler esta seção sentimos os estrondos da ira divina contra o apóstata Israel e contra as nações idólatras que o rodeiam. Nêstes capítulos são profetizados o cativeiro de Babilônia, as tribulações e os julgamentos dos últimos dias. A chave da segunda seção (caps. 40-66) é "Consolação". Esta seção contém profecias do regresso de Israel do cativeiro babilônico, de sua restauração e reunião na Palestina, nos últimos dias. Baseando-nos nessas duas divisões, podemos resumir o tema de Isaías da seguinte maneira : a ira de Deus resultando na condenação e tribulação de Israel; a graça de Deus resultando na sua salvação e exaltação.

Autor. Isaías. Isaías, o maior dos profetas, foi chamado ao ministério no reinado de Uzías. (Isaías cap. 6). Seu nome, que significa "salvação de Jeová", descreve bem o seu ministério e mensagem. Profetizou durante os reinados de Uzías, Jotão, Acaz e Ezequias e talvez durante o reinado de Manassés (entre 757-697, a. C.) Era estadista e também profeta, porque o encontramos falando e tratando dos assuntos públicos da nação. A tra-

dição nos diz que foi morto pelo ímpio Manassés sendo serrado pelo meio do corpo.

Esfera de ação. Os acontecimentos históricos registrados em Isaías abrangem um período de mais ou menos 62 anos desde 760 até 698 a. C.

CONTEÚDO.

O livro de Isaías divide-se naturalmente nas três seguintes seções :

I. A **Seção condenatória**, contendo na maior parte repreensões pelos pecados de Israel (caps. 1-35).

II. **A Seção histórica**, contendo o relato da invasão assíria, a libertação misericordiosa de Jerusalém por Deus e a cura de Ezequias (caps. 36-39). Êstes capítulos formam um élo entre a primeira e a última seção. Servem de apêndice à primeira seção, porque registram a profecia do cativeiro babilônico (39:5-8), que foi a punição pelos pecados de Israel condenados nos capítulos1-35. Por causa dessa mesma profecia, os capítulos 36-39 formam uma introdução à última seção que trata da restauração de Israel do cativeiro.

III. **A Seção consolatória**, contendo palavras de consôlo a Israel castigado e promessas de restauração e bênção (caps. 40-66). Como base de nosso estudo usaremos o seguinte esbôço :

I. Profecias referentes a Judá e Jerusalém (caps. 1-12).

II. Profecias de juízos sôbre as nações (caps. 13-23).

III. Profecias de juízos mundiais terminando na redenção de Israel (caps. 24-27).

IV. Profecias de juízo e misericórdia (caps. 28-35).

V. Invasão e libertação de Judá (caps. 36-39).

VI. Libertação do cativeiro por meio de Ciro (caps. 40-48).

VII. Redenção pelo sofrimento e sacrifício (caps. 49-57).

VIII. A glória futura do povo de Deus (caps. 58-66).
Seção I: CONDENATÓRIA.

Antes de continuar o estudo do Livro de Isaías, o estudante deve ler II Crônicas 26:1 a 32:33, que dará o fundo histórico do livro.

I. PROFECIAS REFERENTES A JUDÁ E JERUSALÉM (Caps. 1 a 12).

Isaías começa a sua profecia com uma vigorosa denúncia dos pecados de Judá e Jerusalém. O primeiro capítulo contém os temas principais do livro inteiro. Descreve a completa apostasia de Israel, uma apostasia tão grande, que se não fôsse o fato de Jeová em Sua graça ter conservado um remanescente, a nação teria sido exterminada como o foram Sodoma e Gomorra (vers. 1-9). Israel apóstata tem ainda a forma de piedade, mas é simplesmente uma formalidade vã que aborrece a Jeová (vers. 10-15). Logo segue uma promessa de perdão (vers. 16-23), e de restauração através do juízo (vers. 24-31).

Os capítulos 2-4 contém três descrições de Sião: (1). Sua exaltação nos últimos dias (2:1-4), depois de ser introduzido o reino milenial. (2). Sua condição atual de impiedade, orgulho e idolatria (2:5 a 4:1). (3) Sua purificação pelos fogos do juízo nos últimos dias (4:2-6).

Isaías continua a sua denúncia dos pecados de Judá e Israel (cap. 5). Segue-se um breve resumo do capítulo 5:

1. *Na sua **Parábola da Vinha*** êle mostra o castigo de Israel pela falha em não cumprir as responsabilidades que as Suas bênçãos e privilégios peculiares lhe tinham imposto (5:1-7); comp. Mat. 22:23-46).

2. **Seis aís** são pronunciados contra a nação (5:8-24); contra os ricos avarentos (vers. 8, 9), os amantes do prazer (vers. 11, 12), os céticos (vers. 18, 19), os pregadores da doutrina falsa (v. 20), os presunçosos (v. 21), e contra os juízes injustos (vers. 22, 23).

3. O juízo contra a nação é profetizado na forma de **invasão estrangeira** (5:25-30).

O capítulo 6 contém o relato da chamada de Isaías ao ministério. Notem:

1. **A visão** — glória de Cristo (comp. João 12:41).

2. **O efeito da visão** — a consciência do profeta acêrca de seu estado pecaminoso (v. 5).

3. **Sua purificação** e sua chamada (vers. 6-8).

4. **Sua mensagem** — a cegueira judicial de Israel por causa da sua rejeição voluntária da luz (vers. 9, 10; comp. Mat. 13:14, 15; João 12:39, 40; Atos 28:25-28).

5. **Seu brado "Até quando?"** (v.11, a saber, até quando duraria a cegueira de Israel). O sentido geral da resposta nos vers. 12, 13 é que esta condição durará até um grande cativeiro e exílio e um regresso de um remanescente fiel (vide também Mat. 23:39; Luc. 21:24; Rom. 11:25).

Os capítulos 7:1 a 9:7 contém uma admoestação dirigida ao rei de Judá contra a formação de uma aliança contra o rei da Assíria. Os reis de Israel (das dez tribos) e da Síria tinham-se unido para invadir Judá (7:1) e estavam fazendo planos para colocar um rei estrangeiro no trono de Daví. Acaz, temendo pela segurança de Judá e desejando a continuação do trono de Daví, estava preparando uma aliança com o rei da Assíria (I Reis, cap. 16). Foi nêste ponto que Isaías foi enviado a Acaz para assegurá-lhe e exortá-lo de que confiasse em Jeová em vêz de confiar no rei da Assíria, porque seriam frustados os

planos de seus inimigos (7:1-9). Acaz teme que a descendência de Daví cesse se os seus inimigos tiverem êxito em capturar Jerusalém (7:6). Portanto, Jeová mesmo lhe dá um sinal de que a casa de Daví perdurará para sempre. Êste sinal é o nascimento de um menino por uma virgem (7:14; comp. Mat. 1:21), um menino que será a luz para aquêles israelitas que andavam nas trevas (9:1, 2), e que reinará na casa de Daví para sempre (9:6, 7).

Os capítulos 9:8 a 10:4 contém um relato das calamidades que Jeová enviara sôbre as dez tribos, calamidades que não foram respeitadas. Estas calamidades eram: **invasão estrangeira** (9:8-17), **anarquia** (9:18-21) e **cativeiro iminente** (10:1-4).

O capítulo 10:5-34 descreve a nação assíria como o instrumento do juízo de Deus sôbre Judá. A nação com a qual Judá contou uma vêz com a sua ajuda (Acaz procurou a aliança com Tiglat-Pileser, rei da Assíria) tornou-se agora um açoite contra êle. Embora Jeová tenha ordenado à nação assíria a castigar Israel, essa nação, no entanto, será julgada por causa do seu orgulho e arrogância contra Aquêle que a tem usado (10:5-19). Israel então aprenderá a não confiar em nações idólatras (v. 20). Por mais severos que sejam os castigos de Israel em qualquer época, Deus na Sua misericórdia deixará sempre um remanescente que formará o núcleo de uma nova nação (vers. 20-23).

Os judeus não devem temer o rei da Assíria, que marchará contra Jerusalém, porque Jeová o destruirá de uma maneira sobrenatural (10:24-34; comp. II Reis, caps. 18, 19).

Enquanto o profeta prediz a libertação de Israel dos assírios por Jeová, a sua visão abrange o fim dos tempos quando Israel será libertado do antítipo do rei assírio — o Anticristo, e quando o Messias, o Filho de Jessé, estabelecerá todo o Israel na sua terra e inaugurará o reino milenial (caps. 11, 12).

CAPÍTULO XVI

II. PROFECIAS DE JUÍZOS SÔBRE AS NAÇÕES (Caps. 13 a 23).

Os acontecimentos profetizados referentes às nações cumpriram-se nos capítulos 13 a 23, algumas gerações após a sua predição. Embora estas profecias tenham encontrado um cumprimento quase completo pelo regresso de Israel do cativeiro, deve ser recordado que muitas delas terão um cumprimento futuro nos últimos dias. O fim da visão profética era o milênio, a época que trará a restauração final e a subseqüente exaltação de Israel. Ao consolar e exortar a nação, os profetas geralmente se referiam a êsse distante acontecimento, porque, à parte disso, não podiam prometer uma bênção permanente para a nação. Tendo em mente a restauração final de Israel, o profeta, pela inspiração do Espírito, predizia o **futuro** à luz do tempo **atual**; a saber, fazia dos acontecimentos atuais e iminentes um símbolo dos acontecimentos futuros e remotos. Por exemplo: ao profetizar uma **tribulação iminente**, e sua restauração, geralmente viu para além dêstes acontecimentos no futuro e predisse a tribulação **final** de Israel e a restauração **final** nos últimos dias. O princípio que acabamos de mencionar é conhecido como a "Lei da referência dupla", e encontra-se freqüentemente em tôdas as profecias. As nações mencionadas nesta seção são as seguintes :

1. Babilônia — (13:1 a 14:27). A destruição do Império Babilônico pelos medos e persas é predita. Para o profeta êste acontecimento é um símbolo de destruição do império do Anticristo juntamente com o seu imperador e inspirador, Satanás (14:9-17). Ela será seguida pela restauração de Israel (14:1-6).

2. Filistia (14:28-32) — Adverte aos filisteus que não se regozijem pela invasão de Israel pelos assírios, sendo que essa também será sua sorte. No vers. 32 espera-se a restauração futura de Israel.

3. Moabe (Caps. 15, 16) — A destruição de Moabe pelos assírios é profetizada para dentro de três anos a partir do tempo da profecia. Notem a referência aos últimos dias em 16:5.

4. Damasco, isto é, a Síria (Cap. 17) — Ao dirigir à Síria, uma admoestação do juízo vindouro, o profeta menciona também a sua aliada, Efraim (as dez tribos do norte). Para Israel brilha um raio de esperança de restauração nos últimos dias (vers. 6, 7, 13).

5. Etiópia (cap. 18) — Êste capítulo descreve a Etiópia como passando dias de grande exaltação, enviando embaixadores em tôdas as direções buscando ajuda contra o esperado invasor assírio. Isaías aconselha êsses embaixadores que voltem e esperem quietamente como Jeová frustará a tentativa dos Assírios de conquistar Judá.

6. Egito (Caps. 19,20) — Aquí estão profetizados os juízos de Jeová sôbre o Egito — guerra civil, subjugação sob o jugo de um opressor e a decadência nacional. Aguardando os dias mileniais, o profeta vê o Egito restaurado juntamente com a Assíria, formando uma aliança com Israel (20:18-25).

7. "O deserto do mar", a saber, Babilônia (21:1-10) — Outra profecia da subjugação de Babilônia pelos medos e persas.

8. Duma, isto é, Edom (21:11, 12) — Edom vê-se em grande ansiedade investigando acêrca do futuro. A resposta causa decepção, mas mostra simpatia.

9. "O Vale da visão", isto é, Jerusalém (cap.22) — o profeta interrompe as suas denúncias das nações pa-

gãs para proferir uma admoestação contra os habitantes de Jerusalém, que se entregavam ao luxo e ao prazer enquanto os inimigos estavam à sua porta.

10. Tiro (cap. 23) — Isaías predisse que Tiro seria devastada, sua fama comercial humilhada, suas colônias tornadas independentes e a própria cidade esquecida por setenta anos. Mas havia uma promessa de restauração.

III. AS PROFECIAS DE JUÍZOS MUNDIAIS TERMINANDO NA REDENÇÃO DE ISRAEL (Capítulos 24-27).

No capítulo 24 o profeta anuncia um juízo geral da terra de Palestina, dos reis e das nações da terra seguido pela restauração de Israel.

O capítulo 25 registra o canto que Israel cantará depois da sua restauração, um cântico celebrando o poder de Jeová em destruir as cidades de seus inimigos e a Sua fidelidade em defender Jerusalém. Jeová fará uma festa para tôdas as nações no Monte de Sião, tirará o véu da cegueira espiritual de seus olhos, abolirá a morte, e enxugará tôdas as lágrimas. Todos os Seus inimigos, dos quais Moabe é símbolo e representante, serão destruídos.

O capítulo 26:1-19 registra o cântico de Israel de louvor e testemunho depois de sua restauração na Palestina.

Jeová adverte o remanescente fiel de Israel que se esconda no abrigo que Êle preparou para protegê-lo contra a grande tribulação (26:20 a 27:1). Depois da tribulação a vinha verdadeira de Jeová será protegida contra os espinhos e cardos da invasão estrangeira (27:2-6). Os castigos de Israel eram leves, comparados com os das outras nações (vers. 7-11). Após o seu castigo serão novamente unidos (vers. 12-13).

IV. PROFECIAS DE JUÍZO E MISERICÓRDIA (Caps. 28-35).

Os capítulos acima mencionados contém uma série de ais contra Samaria, Jerusalém e Edom, intercalados e terminando com promessas consoladoras de restauração e bênção para Israel.

1. Ai dos chefes espirituais e civis de Samaria e Jerusalém, soberbos, escarnecedores e bêbados (cap. 28).

2. Ai de Jerusalém, pelo formalismo e a falta de sinceridade no seu culto (cap. 29:1-14).

3. Ai daqueles que procuram fazer planos em segrêdo, pensando escondê-los de Deus (29:15-24).

4. Ai daqueles que vão ao Egito buscar auxílios em vêz de confiar no Senhor (caps. 30, 31).

5. Nêste ponto o profeta introduz um quadro do reino milenial onde prevalecerá a justiça, administrada pelo Rei justo de Jeová, o Messias (cap. 32).

6. Ai dos assírios por seu modo traiçoeiro de tratar o povo de Deus (cap. 33).

7. Ai de Edom, o implacável inimigo de Israel, símbolo dos inimigos dos últimos dias (cap. 34).

8. A gloriosa restauração de Israel na Terra Santa (cap. 35).

Seção II : HISTÓRICA.

V. A INVASÃO E A LIBERTAÇÃO DE JUDÁ (Cap. 36 a 39).

Esta seção forma um apêndice aos capítulos 1 a 36, registrando o cumprimento das predições referentes à invasão de Judá pelos assírios e a sua libertação pelo Senhor (caps. 8; 10:5-34; 31:5-9).

Esta mesma seção serve de introdução aos capítulos 40 a 66, registrando a profecia do cativeiro babilônico (39:5-8), preparando desta maneira o caminho para as promessas de restauração.

Podemos resumir o conteúdo desta seção da seguinte maneira :

1. A invasão de Senaqueribe (cap. 36).
2. A oração de Ezequias e a resposta de Jeová (cap. 37).
3. A enfermidade de Ezequias e seu restabelecimento (cap. 38).
4. A tolice de Ezequias (cap. 39).

Seção III : CONSOLATÓRIA.

VI. LIBERTAÇÃO DO CATIVEIRO POR CIRO (Caps. 40 a 48).

Esta seção prediz a libertação de Israel do cativeiro babilônico por Ciro, o rei dos persas, que derrubou o império babilônico (vide também Esdras 1:4). O pensamento principal nêstes capítulos é : a grandeza de Jeová em contraste com os deuses das nações. Segue-se um breve sumário de seu conteúdo.

1. O capítulo 40 é o principal desta seção. O profeta é exortado a consolar Israel em vista do Libertador vindouro (vers. 1-11), da grandeza de Jeová, (vers. 12-26), e do Seu poder em dar fôrças aos exaustos (vers. 13-31).

2. O pensamento central do capítulo 41 é : O poder de Jeová demonstrado pela Sua habilidade de predizer acontecimentos futuros (vide vers. 1-4, 22, 23).

3. Jeová profetizou a libertação **temporal** de Israel por meio de Ciro. Nos capítulos 42:1 a 43:13 Êle promete agora **libertações espirituais** por meio de Seu Servo, o Messias.

4. Esta libertação espiritual há de efetuar-se por meio da extinção dos pecados de Israel pela graça de Deus. Esta é a mensagem dos capítulos 43:14 a 44:23.

5. Nos capítulos 44:24 a 45:25 é dada uma descrição da missão do libertador de Israel — Ciro, rei dos persas, que é aquí símbolo do Messias. Deve ter-se em conta que Ciro foi comissionado e cognominado pelo Senhor 150 anos antes de seu nascimento (45:1-4).

6. Os capítulos 46, 47 descrevem os juízos de Deus sôbre Babilônia, o captor e opressor de Israel.

7. O argumento do capítulo 48 é o seguinte: Como Jeová, 150 anos antes, tinha predito a restituição da independência a Israel do jugo de Babilônia por meio de um príncipe pagão, os desterrados não podiam dizer que foi o poder dos ídolos que fêz com que Ciro os libertasse.

VII. REDENÇÃO POR MEIO DO SOFRIMENTO E SACRIFÍCIO (Caps. 49 a 57).

Êstes capítulos descrevem o Autor da redenção espiritual de Israel — o Servo de Jeová. O tema principal é: redenção por meio do sofrimento. Segue-se um breve resumo dos capítulos:

1. O ministério do Messias, o Servo de Jeová (cap. 49).

2. A humilhação do Messias pelo rebelde Israel (cap. 50).

3. Encorajamento do remanescente fiel de Israel para que confie em Deus para resgate de seu longo destêrro babilônico e da sua dispersão atual (caps. 51:1 a 52:12).

4. A rejeição, humilhação, morte, ressurreição e glorificação do Messias (caps. 52:13 a 53:12).

5. O arrependimento de Israel pela sua rejeição do Messias será seguido pela sua restauração (cap. 54).

6. O resultado da restauração de Israel — a chamada a tôdas as nações a terem fé no Messias (caps. 55, 56).

7. Promessas consoladoras ao remanescente fiel em Israel, e denúncias dos ímpios da nação (cap. 57).

VIII. A FUTURA GLÓRIA DO POVO DE DEUS (caps. 58 a 66).

O pensamento principal desta seção é : o estabelecimento do reino universal de Deus e Seu triunfo sôbre tôda forma do mal. Segue-se um breve resumo de seu conteúdo :

1. Uma exortação à religião prática em oposição à mera formalidade (cap. 58).

2. Uma exortação a Israel a abandonar seus pecados que causavam a separação entre Deus e Israel (59:1-15). Vendo o desamparo de Israel na sua iniqüidade e na incapacidade de seus chefes de prestarem auxílio, Deus mesmo, na pessoa do Messias, vem para resgatá-los de seus pecados e de seus inimigos, fazendo em seguida um pacto eterno com êles e pondo o Seu Espírito dentro dêles (59:16-21).

3. Segue-se uma descrição da glória de Israel depois de sua aflição (cap. 60).

4. O capítulo 61 expõe a missão dupla do Messias de trazer a misericórdia do Evangelho na Sua primeira vinda e o juízo sôbre os incrédulos e consôlo a Sião na Sua segunda vinda.

5. A prescrição de orações intercessórias para a restauração de Sião (cap. 62).

6. O capítulo 63:1-6 é uma paréntese apresentando um quadro vivo do Messias como o Vingador do Seu povo na Sua segunda vinda.

7. Os capítulos 63:7 a 64:12 registram as orações intercessórias do remanescente fiel. Lembram a Jeová a Sua misericórdia e graça anteriores para com a Sua nação; rogam por essa mesma misericórdia e graça pelo perdão de seus pecados e a reintegração na sua terra.

8. Em Sua resposta à oração de Seu povo (caps. 65:1-6), Jeová justifica a Sua maneira de tratar com relação ao Seu povo. Por causa da apostasia Êle rejeitou-o e chamou um povo que não O buscava e que nem foi chamado por Seu nome isto é, — os gentíos. Em Israel distinguia-se duas classes: Seus próprios servos e os apóstatas. Sòmente os primeiros serão salvos enquanto os últimos perecerão.

9. Isaías encerra a sua profecia com uma gloriosa profecia do reino milenial vindouro (65:17 a 66:24). A humanidade gozará de longevidade como no tempo dos patriarcas; desfrutará da possessão de casa e vinhas (65:17-24). Até a natureza das feras será mudada (65: 25).

A religião chegará a ser espiritual e universal, e os cultos místicos e idólatras desaparecerão e seus aderentes serão castigados (66:1-5). A população de Sião aumentará maravilhosamente e o povo regozijar-se-á (66: 6-14). Após o julgamento daquelas nações que se uniam contra Jerusalém (vers. 15-18), Jeová enviará os Seus servos para pregar-lhes as boas novas (v. 19). Aquêles que uma vêz perseguiram Israel transportá-los-ão à Palestina (v. 20), e entre aquêles que uma vêz eram inimigos da verdadeira religião, Jeová escolherá ministros para que sirvam perante Êle (v. 21), como representantes de um culto que será universal (vers. 22-24).

CAPÍTULO XVII

JEREMIAS

Tema. Isaías e Jeremias ambos levaram mensagens de condenação ao Israel apóstata. Enquanto que o tom de Isaías é vigoroso e severo, o de Jeremias é moderado e suave. O primeiro leva uma expressão da ira de Jeová contra o pecado de Israel; o último, uma expressão de Seu pesar por causa dêle. Ao repreender Israel, Isaías imergiu sua pena no fogo e Jeremias a sua nas lágrimas. Isaías, depois de sua denúncia da iniqüidade de Israel, prorrompeu em êxtases de alegria ao ver a antecipação da independência vindoura. Jeremias teve um vislumbre do mesmo acontecimento feliz, mas êsse não foi o suficiente para enxugar-lhe as lágrimas ou dissipar a névoa de seu pesar pelo pecado de Israel. Por causa dêste último fato Jeremias é conhecido como "o profeta das lágrimas". O que abaixo se segue servirá como tema de seu livro: o amor imutável de Jeová para com Seu povo apóstata e Sua triesteza por causa da condição dêste.

Autor. Jeremias. Era filho de Hilquías, um sacerdote de Anatote em terra de Benjamim. Foi chamado ao ministério quando era jovem ainda, (1:6) no ano décimo-terceiro do rei Josías, mais ou menos setenta anos depois da morte de Isaías. Mais tarde, provàvelmente por causa da perseguição de seus patrícios e de sua própria família (11:21; 12:6), deixou Anatote e foi para Jerusalém. Alí e em outras cidades de Judá, exerceu seu ministério durante cêrca de quarenta anos. Durante os reinados de Josías e Jeoacaz, foi-lhe permitido continuar seu ministério sem embaraços, mas durante os reinados de Jeoiaquim, Joaquim e Zedequias, sofreu perseguição

severa. No reinado de Joaquim foi aprisionado por sua audácia em profetizar a desolação de Jerusalém. Durante o reinado de Zedequias, foi prêso como desertor, e permaneceu na prisão até a tomada da cidade, época em que foi pôsto em liberdade por Nabucodonozor que lhe permitiu voltar a Jerusalém. Quando de seu regresso, procurou dissuadir o povo de voltar para o Egito para escapar do que acreditavam ser um perigo iminente. Recusaram seus apêlos e emigraram para o Egito levando consigo Jeremias. No Egito continuou os seus esforços para levar o povo de volta ao Senhor. A tradição antiga conta que, encolerizados por suas contínuas admoestações e repreensões, os judeus mataram-no no Egito.

Esfera de ação. Desde o ano 13 de Josías até a primeira parte do cativeiro de Babilônia, cobrindo um período de mais ou menos 40 anos.

CONTEÚDO.

Por causa da falta de ordem cronológica nas profecias de Jeremias, é difícil apresentar uma análise satisfatória. Sugerimos o seguinte :

I. O Chamado e a Comissão de Jeremias (cap. 1).
II. A Mensagem Geral da Repreensão a Judá (caps. 2 a 25).
III. Uma Mensagem Mais Detalhada de Repreensão, de Juízo e de Restauração (caps. 26 a 39).
IV. Mensagens depois do Cativeiro (caps. 40-45).
V. Profecias Referentes às Nações (caps. 46-51).
VI. Retrospecto : o Cativeiro de Judá (cap. 52).

Antes de continuar o estudo de Jeremias, leia II Reis caps. 22a 25, que fornecerá o fundo histórico do livro.

I. O CHAMADO E A COMISSÃO DE JEREMIAS (cap. 1).

Como conteúdo dêste capítulo, notaremos :

1. A origem de Jeremias — de uma família sacerdotal morando em Benjamim (v. 1).

2. O tempo de seu ministério — desde o reinado de Josías no princípio do cativeiro babilônico (vers. 2, 3).

3. Sua chamada — para ser um profeta às nações (vers. 4, 5).

4. Sua investidura — inspirado por Jeová (vers. 6-9).

5. Sua comissão — de profetizar a queda e a restauração das nações (v. 10).

6. Sua mensagem a Israel — de profetizar a vindoura invasão babilônica (simbolizada por uma panela a ferver) e a iminência dêsse acontecimento (simbolizada por uma vara de amendoeira, vers. 11-16).

7. As palavras animadoras de Jeremias — proteção contra a perseguição (vers. 17-19).

II. MENSAGEM GERAL DE REPREENSÃO A JUDÁ (caps. 2 a 25).

O conteúdo desta seção é o seguinte :

1. A primeira mensagem de Jeremias a Judá (2:1 a 3:5). Nesta mensagem Jeová repete o passado de Israel, recorda-lhe suas bênçãos e libertações recebidas, repreende-o por sua apostasia atual, sua auto-justiça e idolatria e pede-lhe que se volte para Êle.

2. A segunda mensagem de Jeremias (3:6 a 6:30). Jeová recorda a Judá o fato de ter lançado fora de Sua vista as dez tribos, por causa de sua idolatria, e que em lugar de receber admoestação pelo que aconteceu, as dez tribos continuam nos mesmos pecados (3:6-10). O Senhor logo apela ao reino do norte (em cativeiro) de se arrepender, exprimindo Seu amor para com êle e fa-

zendo promessas de restauração nos últimos dias (3:11 a 4:2). Em seguida, dirige a Judá exortação de arrependimento, e ao fracassar êste apêlo, pronuncia sôbre êle o juízo da invasão babilônica (4:3 a 6:30).

3. Discurso à porta do templo (caps. 7-10). O tema dêste discurso é o seguinte : por causa do formalismo de Israel no culto, sua idolatria, sua violação à lei de Deus, sua recusa de seus mensageiros, sua apostasia universal e incurável, Jeová entregará a terra à invasão e espalhará seus habitantes pelas nações.

4. A mensagem sôbre o pacto violado (caps. 11, 12). A causa desta mensagem foi o achado do livro da lei no reinado de Josias (II Reis 22:8-23). O principal tema desta mensagem é como se segue : a maldição de Deus sôbre Judá por causa da violação do pacto mosaico.

5. A mensagem do cinto de linho (cap. 13). Pelas ações simbólicas do profeta em pôr um cinto, enterrando-o na margem do Eufrates e em seguida desenterrando-o, simbolizavam a eleição de Israel por Jeová para que fôsse Seu povo, Sua rejeição por causa de sua rebelião, e Sua humilhação dêles por meio do cativeiro babilônico.

6. Profecias motivadas por uma sêca em Judéia (caps. 14, 15). Jeremias, reconhecendo esta sêca como castigo de Deus faz intercessão pelo povo (cap. 14). Mas chegou a ser tão incurável a iniqüidade de Israel, que a intercessão já não tinha nenhum valor, ainda que Moisés e Samuel — dois dos maiores intercessores de Israel — rogassem por êles (15:1-10). Embora a nação inteira esteja condenada ao julgamento, Deus preservará um remanescente, do qual Jeremias é representante (15:12-21).

7. O sinal do profeta solteiro (caps. 16:1 a 17:18). Foi ordenado a Jeremias a não se casar, como um sinal de iminência dos castigos divinos cujo terror faria com que o estado de solteiro fôsse preferível ao de casado.

Como adicionais sinais do mesmo acontecimento, ordena não fazer luto (v. 5), porque desde que Deus tirou a paz de Seu povo sòmente uma consolação falsa poderia ser dada; também ordena que não participe mesmo dos prazeres lícitos porque em vista da iminente punição, êsses seriam uma zombaria (v. 9). Através das calamidades profetizadas nêstes capítulos, aparecem alguns raios de esperança para Israel (16:15-21).

8. A mensagem referente ao Sábado (17:19-27). O Sábado era um sinal do pacto de Deus com os filhos de Israel (Êxo. 31:16, 17). Assim é que a violação do Sábado seria equivalente a violar o pacto de Deus, e traria a pena profetizada por Jeremias (cap. 17:27).

9. O sinal da casa do oleiro (18:1 a 19:13). O poder de Deus de tratar com as nações segundo Sua soberana vontade simboliza-se pela formação dos vasos pelo oleiro. Deus pode moldar Israel, como o oleiro faz um vaso. Se forem rebeldes, êle pode destruir o vaso; se se arrependerem pode tornar a fazê-lo (cap. 18). Como Israel persiste em sua apostasia, Deus o rejeitará. Isso é simbolizado pelo quebrar do vaso (19:1-13).

10. A primeira perseguição de Jeremias (19.14 a 20:18). A predição de Jeremias referente à destruição de Jerusalém aborrece o filho de um sacerdote chamado Pasur, o qual profetizou a segurança de Jerusalém (20:6). Descarrega a sua ira sôbre o profeta infligindo-lhe o doloroso castigo de ser atado no trônco.

Por êsse ato de perseguição, Jeová manda um castigo sôbre Pasur, repetindo ao mesmo tempo a profecia do cativeiro da Babilônia. A última parte do capítulo 20 revela o efeito desta perseguição sôbre a natureza tímida de Jeremias. Foi tentado a cerrar seus lábios e abter-se de profetizar. Mas o fogo interno era mais poderoso do que o externo; assim é que continuou a pregar (20:9).

11. A mensagem ao rei Zedequias (caps. 21, 22). Esta foi pronunciada em resposta à pergunta de Zedequias referente à invasão de Nabucodonozor. Evidentemente o rei, ao inquirir ao Senhor, não tinha a mínima intenção de dar atenção aos consêlhos ou aos mandamentos que fôssem dados, porque a resposta à sua pergunta é uma mensagem de juízo severo para êle. (vers. 1-7). Jeová em seguida dirige-se ao povo, oferecendo, àquêles que estejam dispostos a escutá-lo, um meio de fuga da destruição vindoura (21:8-10). Depois oferece à casa real um meio de escapar ao juízo vindouro — uma fuga que pode realizar-se se êles executassem juízo e justiça (21:11-14). Como exemplos da certeza da retribuição divina, Jeová relembra a Zedequias a sorte dos três reis que lhe precederam, provàvelmente repetindo as mensagens que foram dirigidas a êstes; Salum, ou Joacaz (22:11), Jeoiaquim (22:18), Conias ou Joaquim (22:24).

12. Jeová falou acêrca dos ímpios reis de Israel. Agora promete a vinda do Rei justo, o Messias, Quem restaurará Judá e Israel (23:5-6). O capítulo 23 contém em sua maioria uma denúncia dos falsos profetas, que em vêz de exortar o povo a arrepender-se pelas advertências do julgamento iminente, acalmavam-no com uma esperança falsa, prometendo paz e segurança.

13. O sinal dos figos (cap. 24). Sob a figura de figos bons e máus mostra-se o futuro daquêles judeus da primeira deportação no reinado de Conias e dos do cativeiro final no reinado de Zedequias. Os primeiros seriam restaurados e restituídos à Palestina; os últimos seriam entregues à espada e espalhados entre os pagãos.

14. O capítulo 25:1-4 contém uma profecia dos setenta anos do cativeiro de Judá, que será seguida pela destruição de Babilônia, os opressores de Israel.

15. Sob a figura do copo de vinho do furor, é exposto o juízo de Deus sôbre as nações (25:15-38).

III. MENSAGENS MAIS DETALHADAS DE REPREENSÃO, DE JUÍZO E DE RESTAURAÇÃO (Caps. 26 a 39).

O conteúdo desta seção é o seguinte :

1. As repetições de Jeremias da sua mensagem referente à destruição de Jerusalém põe em perigo a sua vida. Porém, é protegido da fúria dos sacerdotes e do povo pelos juízes da cidade (cap. 26).

2. Sob a figura de jugos se expõe a subjugação de Judá e das nações vizinhas por Nabucodonozor, o rei babilônico (caps. 27, 28). Esta mensagem, que foi dada durante os reinados de Jeoiaquim e Zedequias, foi dirigida contra aquêles falsos profetas que incitavam o povo a rebelar-se contra Nabucodonozor, e que estavam prometendo uma volta rápida dos desterrados da primeira deportação.

3. A mensagem aos cativos da primeira deportação (Cap. 29). Esta carta foi escrita para instruir os desterrados a que se preparassem para fazer seu lar em Babilônia por um período de setenta anos, e para admoestá-los a não ouvir aquêles profetas que falsamente predisseram uma volta rápida.

4. Depois de considerar o cativeiro atual de Israel e a libertação vindoura, o profeta contempla o futuro, e vê Israel libertado da tribulação final no fim do tempo, restaurado à sua terra, vivendo sob o Messias o filho de Daví, limpos de seus pecados e desfrutando das bênçãos do Novo Pacto que Deus fará com êles (caps. 30, 31).

5. Como um sinal de restauração vindoura da terra, Jeremias é instruído pelo Senhor a comprar uma porção de terra de um dos seus parentes (cap. 32). Ao ver a condição da cidade rodeada pelos caldeus, a fé de Jeremias parece falhar referente à promessa de restauração. Em sua perplexidade, êle vai ante o Senhor em oração (vers. 16-25). A Jeremias é assegurado que não

há nada demasiado difícil para o Senhor que é poderoso para perdoar e purificar a iniqüidade de Israel e restaurá-lo à sua terra (vers. 26-44).

6. O capítulo 33 continua o tema da restauração de Israel. Sua libertação final é assegurada pela promessa de Jeová (vers. 1-14), pelo Renovo de Jeová, o Messias (vers. 15-18), e pela fidelidade de Jeová, em guardar Seu pacto (vers. 19-26).

7. O capítulo 34 contém uma profecia do cativeiro de Zedequias e uma denúncia do povo de Jerusalém pela violação de um pacto. A lei de Moisés requeria que os escravos hebreus fôssem postos em liberdade depois de sete anos de serviço. Êste mandamento tinha sido violado por muito tempo. Parece que a pregação de Jeremias e o temor do cativeiro vindouro despertou a consciência do povo até o ponto de estar disposto a assinar um pacto para libertar seus escravos. Mas quando Nabucodonozor retirou seus exércitos por um tempo, e o perigo de invasão parecia ter passado, o povo demonstrou a superficialidade de seus motivos, violando o seu acôrdo. Como tinham feito cativos a outros, êles também seriam cativos, decretou Jeová.

8. A mensagem referente aos recabitas (cap. 35). Os recabitas descendiam de Hobabe, o cunhado de Moisés. Eram queneus e emigraram com Israel para Canaã. (Núm. 10:29; Juízes 1:16; 4:11-17; 5:24; I Samuel 15:6). Êles são apontados como exemplo aos judeus e a desobediência dêstes à lei divina de Jeová é contrastada com a obediência dos recabitas às simples leis de vida dadas pelos seus antepassados.

9. A escritura das profecias de Jeremias nos dias de Jeoiaquim (cap. 36). Numa tentativa final para levar Israel ao arrependimento, o Senhor ordenou a Jeremias a escrever tôdas as profecias que tinha exposto desde o princípio de seu ministério para que fôssem repetidas

ao povo. A forma em que Jeoiaquim tratou essa escritura era típica da atitude da nação em geral e selou a sua sorte.

10. O aprisionamento de Jeremias (cap. 37). O exército caldeu que sitiava Jerusalém, levantou o sítio a fim de enfrentar o exército do rei do Egito que avançava para atacá-lo. Zedequias, temendo que, no caso dos caldeus vencerem o rei do Egito, voltassem a cercar Jerusalém, mandou consultar Jeremias. A resposta de Jeová foi que certamente voltariam a destruir a cidade. Jeremias, aproveitando a partida do exército sitiante, se preparou para visitar sua terra natal. Ao fazê-lo foi prêso como desertor ao inimigo. Quando regressaram os caldeus, como Jeremias prèviamente o tinha profetizado, Zedequias voltou a inquirir dêle. De novo recebeu uma resposta desanimadora. Sua maneira de tratar Jeremias demonstra como uma repreensão sincera tem mais valor que a adulação.

11. Enquanto Jeremias estava ainda prêso (37:21) veio uma delegação a Zedequias pedindo que Jeremias fôsse morto por causa da sua persistência em pregar que Jerusalém estivesse condenada à destruição e que só aquêles que se rendessem aos caldeus escapariam. Esta mensagem, diziam êles, estava debilitando o ânimo do povo. Então Jeremias foi encarcerado, mas foi transferido para a prisão do tribunal pela intercessão de Ebede-Meleque. Alí teve uma entrevista secreta com Zedequias, na qual assegurou a êsse monarca que sua única oportunidade de fuga era render-se aos caldeus (cap. 38).

12. O capítulo 39 registra a queda de Jerusalém, o cativeiro final de Judá, a morte de Zedequias, a libertação de Jeremias por Nabucodonozor e a recompensa de Ebede-Meleque.

CAPÍTULO XVIII

IV. MENSAGENS DEPOIS DO CATIVEIRO (Caps. 40 a 45).

1. Tendo-se-lhe oferecido a escôlha de ir à Babilônia com a possibilidade de vantagem material ou voltar ao seu próprio povo, Jeremias nobremente escolheu o último. Voltou e morou com Gedalias, governador da terra nomeado pelo rei da Babilônia. Êste último recebeu notícias de uma conspiração contra a sua vida, que imprudentemente negligenciou (cap. 40).

2. A conspiração anunciada foi realizada e Gedalias foi assassinado por Ismael filho de Netanias. Êste último recolheu o povo restante, que estava em Mispa, e se preparou para fugir para Moabe, mas sua tentativa foi frustrada por Joanan e capitães das fôrças que estavam a seu mando. Temendo que os caldeus se vingassem do resto do povo pelo assassinato de Gedalias, Joanan preparou-se para conduzí-lo ao Egito (cap. 41).

3. Sem que os chefes tivessem ultimado os seus planos, inquiriram ao Senhor qual curso deveriam seguir. Jeová respondeu que a sua segurança dependia da sua permanência na Judéia, e que a ida ao Egito significaria a sua destruição (cap. 42).

4. Êste consêlho era contrário aos planos e intenções dos chefes que o desprezaram e foram para o Egito, a despeito da proibição de Jeová, conduzindo o resto do povo. Enquanto estavam no Egito, Jeremias predisse por meio de uma parábola a conquista do Egito por Nabucodonozor (cap. 43).

5. O capítulo 44 contém a última mensagem de Jeremias a Judá. As profecias restantes do livro referem-se aos gentíos. Não passou muito tempo e o povo cedeu à sedução da idolatria egípcia, e quando foram repreendidos por Jeová, imprudentemente exprimiram a sua intenção de sacrificar à Raínha do Céu, Vênus. Por causa dessa atitude, a sua destruição é profetizada e, como sinal da mesma, se predisse a invasão do Egito por Nabucodonozor.

6. O capítulo 45 contém uma mensagem a Baruque, dirigida mais ou menos 18 anos antes da queda de Jerusalém. A ocasião para a mensagem declara-se nos versículos 1-3. A perseguição que surgiu no reino de Jeoiaquim, devido êle ter copiado e lido as profecias de Jeremias, evidentemente desanimou Baruque (v. 3) e talvez tenha frustrado alguns dos seus planos e ambições que havia tencionado (v. 5). Jeová disse-lhe que como Êle traria o mal sôbre tôda a terra de Judá, Baruque não devia buscar nenhuma vantagem ou bem para si, alí, mas devia regozijar-se pelo fáto de ser protegida sua vida por onde quer que fôsse.

V. PROFECIAS REFERENTES ÀS NAÇÕES (Caps. 46-51).

São dirigidas às seguintes nações :

1. Egito (cap. 46). Êste capítulo contém três profecias distintas. A derrota de Faraó Neco, rei do Egito, pelo rei da Babilônia na batalha de Carquemis, junto ao Eufrates (vers. 1-12). Foi no seu caminho à Babilônia que êsse rei egípcio encontrou e matou o rei Josias (II Crôn. 35:20-24). A conquista do Egito pelo rei da Babilônia (vers. 13-26). A restauração de Israel (vers. 27, 28).

2. Filistia e Tiro (cap. 47). É predita a invasão dêsses países por Nabucodonozor.

3. Moabe (cap. 48, comp. Isaías caps. 15, 16). Um juízo em forma de invasão e devastação pelos caldeus é pronunciada sôbre Moabe pelas razões seguintes: sua confiança em suas obras e tesouros (v. 7); sua vida de luxo e ócio (v. 11); seu regozijo pelos infortúnios de Israel (v. 27); seu engrandecimento contra Jeová (v. 42). Sua restauração nos últimos dias é profetizada (v. 47).

4. Amom (49:1-9). Amom deve ser julgado por ter tomado a terra de Gade quando as dez tribos foram ao cativeiro (II Reis, cap. 17), sendo Judá e não Amom, herdeiro dêsse território (v. 1); também por seu orgulho, terra, riquezas e a sua segurança carnal (v. 4). A mesma nação auxiliou os caldeus em seus ataques contra Judá (II Reis 24:2) e mais tarde regozijou-se da sua queda (Sal. 83:1-7). A Amom, promete-se a restauração nos últimos dias (ver. 6).

5. Edom (49:7-22). Jeová pronuncia a sentença de destruição completa sôbre uma nação que sempre foi o inimigo implacável de Israel (Núm. 20:18; Ezeq. 25:12-14; cap. 35; Amós 1:11; Obadias cap. 1).

6. Damasco, capital da Síria (49:23-27). Esta cidade foi invadida por Nabucodonozor cinco anos depois da destruição de Jerusalém.

7. Quedar e Hazor (49:28-33). Quedar era o país dos árabes; Hazor, um país vizinho.

8. Elão (49:34-39). O castigo de dispersão é pronunciado contra esta nação, talvez por ter esta ajudado a Nabucodonozor contra Judá. Sua restauração é prometida nos últimos dias, promessa que pode ter encontrado um cumprimento parcial no dia de Pentecoste quando os Elamitas ouviram o Evangelho (Atos 2:9).

9. Babilônia (caps. 50, 51 comp. Isaías, caps. 13, 14, 47). Nos capítulos anteriores aprendemos que Jeová usou Babilônia como um chicote sôbre Israel e as nações vizinhas. O fato de ter sido usada por Jeová não a salvará do juízo por seus pecados (Jer. 27:7). Comp. a ma-

neira divina de tratar com a nação assíria (Isaías 10:4-34; 37:36-38). Para conhecer o registro do cumprimento das profecias que se encontram em Jeremias 50:51, leia Daniel cap. 5. Recordando o que se disse referente à Lei da referência dupla, podemos considerar a queda da Babilônia como símbolo da queda do reino do Anticristo e sua capital, provàvelmente uma Babilônia reconstruída. Com Jeremias 50, 51, comp. cuidadosamente Apocalipse 17, 18.

VI. RETROSPECTO: O CATIVEIRO DE JUDÁ (Cap. 52).

O relato da destruição de Jerusalém registrado em II Reis caps. 24, 25; II Crôn. cap. 36; e Jeremias cap. 39, se repete aquí. É natural que o registro do acontecimento que fêz Jeremias derramar tantas lágrimas e que quase partiu seu coração, sirva de conclusão ao seu livro.

LAMENTAÇÕES

(Leia o livro)

Tema. O livro de Lamentações é um apêndice à profecia de Jeremias, registrando a tristeza aguda e dolorosa do profeta pelas misérias e desolações de Jerusalém, resultantes de seu sítio e destruição. A dor e lamentações exprimidas na profecia de Jeremias encontram aquí o seu auge; o rio de lágrimas que correu alí, chega a transbordar nêste livro. O objetivo principal do livro era ensinar aos judeus que reconhecessem a mão castigadora de Deus em suas calamidades e que se voltassem a Êle com arrependimento sincero. O triste canto de Jeremias tem sido adotado pela nação judaica, porque cantam êste livro tôdas as sextas-feiras junto ao **Muro das Lamentações**, em Jerusalém, e o lêem na sinagoga, em jejum, no dia nove de Agosto, o dia fixado para lamentar as cinco grandes calamidades que sobrevieram à nação. Resumiremos o tema das Lamentações da seguinte maneira : As desolações de Jerusalém o resultado de seus pecados, e o castigo de um Deus fiel, que visava conduzí-los ao arrependimento.

Autor. Jeremias.

CONTEÚDO.

Daremos aquí o esbôço sugerido pelo sr. Roberto Lee, de Londres. O livro consiste de cinco poesias.

I. Primeiro poema : A cidade representada como uma viúva chorando (cap. 1).

II. Segundo poema : A cidade representada como uma mulher com véu, chorando em meio das ruínas (cap. 2).

III. Terceiro poema : A cidade representada como e pelo profeta que chora, lamentando ante Jeová, o Juiz (cap. 3).

IV. Quarto poema : A cidade representada como ouro embaçado, mudado e degradado (cap. 4).

V. Quinto poema : A cidade representada como um suplicante rogando ao Senhor (cap. 5).

Êste livro ainda hoje o usam os judeus para exprimir o seu pesar pelos sofrimentos e pela dispersão de Israel. As Lamentações se lêem anualmente para comemorar o incêndio do Templo. Cada sexta-feira, os anciãos e jovens israelitas, de ambos os sexos, se congregam no Lugar das Lamentações em Jerusalém, perto da esquina sudoeste dos alicerces do velho templo, onde um muro de 52 jardas de comprimento e 56 pés de altura, é venerado ainda como uma memória do santuário da raça. Escreve o Dr. Geikie : "É uma cena comovedora ver a fila de judeus de muitas nações, vestidos em seus mantos pretos, como sinal de luto, lamentando em voz alta a ruína daquela casa cuja memória ainda é tão querida para sua raça, e recitando os tristes versículos das Lamentações e dos Salmos apropriados, entre lágrimas, enquanto beijam fervorosamente as pedras. No dia 9 do mês Ab, correspondente mais ou menos ao nosso mês de Julho, êste canto triste, compôsto cêrca de seiscentos anos antes de Cristo, se lê em voz alta em tôdas as sinagogas do mundo.

CAPÍTULO XIX

E Z E Q U I E L

Tema. Ezequiel profetizou em Babilônia durante todo o período do seu ministério, o qual começou sete anos antes da destruição de Jerusalém, e que terminou cêrca de quinze anos depois dêsse acontecimento. Como a de Isaías, a sua mensagem foi de denúncia e consolação. "O ponto central das predições de Ezequiel é a destruição de Jerusalém. **Antes** dêste acontecimento seu motivo principal era chamar ao arrependimento aquêles que viviam numa segurança descuidada; admoestando-os que não abrigassem a esperança de que, pela ajuda dos egípcios, sacudiriam o jugo da Babilônia (17:15-17); e assegurando-lhes de que a destruição da sua cidade e templo era inevitável e se aproximava ràpidamente. **Depois** dêsse acontecimento, seu cuidado principal era consolar os judeus desterrados, por meio de promessas de libertação futura e restauração na sua terra; e animá-los pela certeza de futuras bênçãos — (Angus-Green). Faremos um resumo do tema, como segue: O afastamento da glória de Deus de Israel, em vista do juízo vindouro; e a volta da Sua glória em vista da restauração futura.

Autor. Ezequiel. Como Jeremias, Ezequiel era ao mesmo tempo sacerdote e profeta. Foi levado cativo juntamente com o rei Jeoiaquim, por Nabucodonozor, cêrca de dez anos antes da destruição de Jerusalém. Seu lar foi em Telabib em Babilônia. Alí ministrou aos desterrados, os quais, em sua maioria, resistiam às suas palavras aderindo à esperança falsa de um regresso rápido. A tradição informa que foi morto por um dos

desterrados, que êle repreendera por causa da sua idolatria.

Esfera de ação. Os acontecimentos históricos registrados nêste livro abrangem um período de cêrca de 21 anos desde o ano 595 até 574 a. C.

CONTEÚDO.

I. A Chamada do Profeta (caps. 1-3).
II. A Sorte de Jerusalém e da Nação (caps. 4-24).
III. As Profecias contra as Nações (caps. 25-32).
IV. A Restauração de Israel (caps. 33-48).

I. A CHAMADA DO PROFETA (Caps. 1-3).

Notaremos aqui :

1. A visão de Ezequiel (cap. 1). Como a de Isaías, a chamada de Ezequiel foi precedida por uma visão da glória do Senhor (comp.. Isaías cap. 6). As criaturas viventes mencionadas nêste capítulo são os querubins, uma ordem de sêres angelicais, cujo ministério parece ser, com relação aos homens, a guarda e vindicação da santidade de Deus (vide Gên. 3:24; Êxo. 25:18-22; Núm. 7:89; I Sam. 4:14, II Sam. 6:2; I Reis 8:6, 7; II Reis 19:15; Sal. 18:10; 80:1; Apoc. 4:6-8).

2. Sua missão e mensagem (2:1 a 3:9). Como no caso de Isaías, a mensagem de Ezequiel foi a de condenação a um povo desobediente.

3. Sua responsabilidade (3:10-21). Êle é posto como atalaia sôbre a casa de Israel, recebendo uma solene admoestação contra o descuido de seu dever.

4. Sua segunda visão da glória do Senhor (3:22-27). Ezequiel não devia começar imediatamente seu ministério de pregar, mas devia abster-se de falar até receber

instruções do Senhor para fazê-lo. Tinha que permanecer em sua casa até que recebesse d'Êle as revelações referentes à sorte de Israel.

II. A SORTE DE JERUSALÉM E DA NAÇÃO (Capítulos 4 a 24).

1. Ezequiel foi ordenado pelo Senhor a ficar calado até receber instruções para profetizar (3:26, 27); mas apesar de ficar em silêncio, quanto às mensagens orais, foi ordenado a falar à nação por meio de ações simbólicas, ou sinais (caps. 4-6), da seguinte maneira:

a) por meio de um tijolo e uma placa de ferro, Ezequiel representa o sítio de Jerusalém (4:1-3).

b) para simbolizar o castigo que Israel teria que transgredido (desde o estabelecimento de idolatria por Jeroboão até o 23.º ano de Nabucodonozor); e o castigo de Judá por seus quarenta anos de iniqüidade (começando com a aliança de Josias, II Reis 23:3-27), e terminando com os acontecimentos registrados em Jeremias (52:30). Ezequiel deita-se sôbre o seu lado esquerdo por um dia para cada ano dêsse período de idolatria e pecado (4:4-8).

c) para significar a fome que prevalecerá durante o sítio, deve comer o seu pão por pêso e beber a sua água por medida (4:9-17).

d) pelo símbolo de cortar o cabelo, do profeta, significa a destruição do povo de Jerusalém por fome, pestilência e à espada (5:1-17).

2. Uma série de mensagens predizendo desolações sôbre o país e juízos sôbre o povo (caps. 6, 7).

3. Uma visão da destruição de Jerusalém (caps. 8-11) :

a) uma das causas da sua destruição vindoura — a idolatria de seus habitantes (cap. 8), a idolatria de

animais do Egito (v. 10). A adoração de Tamuz (v. 14); a adoração persa do sol (v. 16).

b) Uma visão da matança do povo e a conservação de um resto fiel (cap. 9).

c) uma visão da dispersão do fogo do altar sôbre Jerusalém, talvez símbolo do incêndio da cidade (cap. 10).

d) o afastamento da glória divina de Jerusalém — um símbolo de juízo vindouro (cap. 11).

4. Pelo afastamento de Ezequiel como um fugitivo e pelo comer do seu alimento como em tempos de fome, expõe-se a proximidade do cativeiro de Judá (cap. 12). Segue uma denúncia aos profetas que falsamente predisseram paz, e uma volta rápida do cativeiro (cap. 13), e daqueles chefes que com intenções fingidas inquiriram ao Senhor referente ao mesmo assunto (cap 14).

5. A inutilidade de Israel expõe-se sob a figura da vinha consumida no fogo (cap. 15), e sua infidelidade sob a figura de uma meretriz (cap. 16).

6. Na parábola da grande águia demonstra-se a punição da traição de Zedequias que quebrou seu pacto com Nabucodonozor, e chamou do Egito auxílio para que se rebelasse contra êle (cap. 17).

7. A justificação de Jeová contra a acusação de castigar a geração presente pelos pecados de seus pais (cap. 18).

8. Uma lamentação sôbre a queda da casa de Daví (cap. 19).

9. Um resumo da história de Israel ilustrando sua infidelidade, a longanimidade e lealdade de Jeová, e ensinando que esta é uma garantia de sua restauração futura, embora essa restauração deva vir por meio do fogo purificador da tribulação (cap. 20).

10. Pelo sinal do profeta gemendo e a espada de Deus, novamente repete-se o aviso da destruição vindoura de Jerusalém por Nabucodonozor (cap. 21). Note a profecia da queda do trono de Daví até a vinda do Messias (vers. 26, 27).

11. Uma enumeração dos pecados de Jerusalém, que deverá passar pelo forno ardente de aflição para ser purificada (cap. 22).

12. A apostasia de Israel e Judá, e o castigo, são expostos sob a parábola de Aolá e Aoliba, as duas mulheres infiéis e adúlteras (cap. 23).

13. Jerusalém compara-se a uma panela a ferver e seus habitantes aos ossos e carne que estão dentro da mesma, produzindo uma espuma vil. Isso é um símbolo da vileza fervente da cidade (cap. 24:1-4).A destruição de seu templo, o orgulho da nação, é simbolizada pela espôsa de Ezequiel, levada pelo Senhor (24:15-20).

III. PROFECIAS CONTRA AS NAÇÕES (Caps. 25 a 32).

Como Isaías e Jeremias, Ezequiel tem uma mensagem para as nações vizinhas de Israel (Comp. Isaías 13-23 e Jeremias 46-51). É uma mensagem de juízo baseada, na maioria dos casos, no seu tratamento para com Judá. São mencionadas as seguintes nações :

1. Os **amonitas** (cap. 25:1-7). a) A causa do castigo: seu regozijo pela calamidade de Judá. (v. 3). b) Forma do castigo; Invasão e desolação.

2. **Moabe** (25:8-11). a) Causa do castigo: sua insinuação de que Judá não era melhor do que os pagãos que adoravam ídolos — um golpe indireto contra Jeová (v. 8). b) Forma de castigo: Invasão.

3. **Edom** (25:12-14). a) Causa do castigo: a sua atitude para com Judá no dia de sua calamidade (v. 12). b) Forma de castigo: Retribuição às mãos de Israel.

4. **Filistia** (25:15-17). a) Causa do castigo: o fato de aproveitar-se da calamidade de Judá para desafogar seu ódio antigo contra ela (v. 15). b) Forma de castigo: destruição.

5. **Tiro** (caps. 26-28). a) Causa do castigo: seu regozijo pela queda de Jerusalém, na expectativa de lucrar pela sua perda (26:2); a exultação blasfema do seu príncipe (28:2, 6). Nota: em 28 :12-19, Ezequiel vê, além do príncipe de Tiro, aquêle que lhe dá o poder — Satanás, o deus e o príncipe dêste mundo. b) Forma do castigo: invasão e destruição por Nabucodonozor e desolação perpétua.

6. **Sidom** (28:20-24). a) Causa do castigo: eram como cardos perfurantes à casa de Israel; pois, foram o meio de lançar Israel no pecado e os instrumentos para castigá-los (Comp. Núm. 33:55). b) Forma de castigo: matança e pestilência.

7. **Egito** (29-32). Causa do castigo: a arrogância e o orgulho de seu rei (cap. 31); sua promessa de ajudar Israel e a falta de cumprimento no caso de necessidade (29:6, 7). b) Forma de castigo: matança, cativeiro, degradação entre as nações, opressão estrangeira, destruição de ídolos e perda permanente de governadores nativos.

IV. A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL (Caps. 33 a 48).

Até êste ponto a mensagem de Ezequiel foi a do castigo iminente para a cidade e o cativeiro para o povo. Mas agora, uma vêz cumpridas suas predições, o elemento de consolação predomina em sua profecia.

1. A missão de Ezequiel é renovada, e depois da chegada das novas da tomada de Jerusalém, êle pôde falar ao povo claramente em vêz de pregar por meio de sinais e símbolos.

2. A repreensão dos falsos pastores de Israel que oprimem o rebanho e a promessa da vinda do verdadeiro Pastor que recolherá e alimentará as ovelhas perdidas da casa de Israel (cap. 34).

3. O castigo dos inimigos de Israel, representados por Edom, o reconhecimento de Israel, sua completa restauração a uma terra restaurada da Palestina e a sua conversão (caps. 35, 36).

4. Pela visão do vale dos ossos secos simboliza-se a atual morte nacional de Israel e a ressurreição nacional futura, quando os reinos de Judá e Israel estiverem unidos sob o rei Daví, (seja Daví ressuscitado ou o próprio Messias, o descendente de Daví), e a nação inteira ligada a Jeová por um pacto eterno (cap. 37).

5. Os capítulos 38 e 39 registram o ataque das nações gentílicas contra Israel depois que tenham sido restaurados na Palestina. De 39:22 pode-se inferir que êste ataque acontecerá após Israel ter sido recolhido à terra da Palestina, em descrença, por que o versículo nos informa que Israel saberá que Jeová é seu Deus "**desde aquêle dia em diante**"; quer dizer depois da destruição das nações invasoras. Leia em conexão com êstes capítulos, Zacarias 12:1-4; 14:1-9; Mat. 24:14-30; Apoc. 14:14-20; 19:17-21. Muitos eruditos crêem que 38:22 se refere à Rússia; Meseque (Moscou) Tubal (Tobolsk). A verdade desta opinião confirma-se poderosamente, ao aprendermos que as palavras "príncipe principal" deve-se traduzir por "príncipe de Rosh". Segundo um grande hebraista, refere-se provàvelmente à Rússia.

6. A glória de Jeová que se separou de Israel antes de seu cativeiro, agora volta a morar no templo milenial, do qual encontramos uma descrição detalhada nos capítulos 40-48.

CAPÍTULO XX

DANIEL

Tema. O livro de Daniel é, na sua maior parte, uma história profética dos poderes gentílicos mundiais desde o reinado de Nabucodonozor até a vinda de Cristo. Os profetas em geral salientam o poder e a soberania de Deus com relação a Israel, e O revelam como Quem determina os destinos de Seu povo escolhido através dos séculos até a sua restauração final. Daniel, por outra parte, destaca a soberania de Deus com relação aos impérios gentílicos do mundo, e revela Deus como Aquêle que domina e governa os negócios dêsses, até o tempo de sua destruição, na ocasião da vinda de Seu Filho. "A visão é a de um Deus que governa, cheio de sabedoria e poder; de reis que desaparecem; de dinastias e impérios que surgem e caem enquanto Deus, entronizado no céu, governa seus movimentos" (Campbell Morgan). O tema de Daniel pode ser resumido da seguinte maneira: Deus revelado como O que domina a elevação e a queda dos reinos dêste mundo até a sua destruição final e que estabelece Seu próprio reino. Por causa de suas muitas visões, o livro de Daniel tem sido chamado "O Apocalipse do Velho Testamento".

Autor. Daniel. Daniel era da tribo de Judá e provàvelmente membro da família real (1:3-6). Quando ainda muito jovem, foi levado cativo à Babilônia no 3º ano do rei Jeoiaquim (II Crôn. 36:4-7), e oito anos antes de Ezequiel. Juntamente com outros três jovens foi colocado na côrte de Nabucodonozor a fim de obter uma preparação especial na educação dos caldeus. Ali

chegou a um dos postos mais elevados do reino, posição que reteve durante o govêrno persa, que se seguiu ao babilônico. Profetizou durante todo o cativeiro, sendo proferida a sua última profecia durante o reinado de Ciro, dois anos antes do regresso da nação à Palestina. Por causa da sua vida imaculada em meio da corrupção de uma côrte oriental, é um daquêles mencionados por Ezequiel como exemplos notáveis de piedade. O mesmo profeta dá testemunho de sua sabedoria (Ezeq. 28:3).

Esfera de ação. Desde Nabucodonozor até Ciro, abrangendo um período de cêrca de 73 anos, desde 607 até 534 a.C.

CONTEÚDO.

I. Introdução: Daniel e seus companheiros (cap. 1).

II. O domínio de Deus sôbre os impérios do mundo com relação ao seu desenvolvimento e ao Seu reino (caps. 2-7).

III. A visão de Daniel com relação às fortunas do povo de Deus (caps. 8-12).

I. INTRODUÇÃO: DANIEL E SEUS COMPANHEIROS (Cap. 1).

A resolução de Daniel. Daniel era verdadeiramente um grande homem. No que concerne à santidade pessoal, vivia uma vida imaculada em meio a sensualidade de uma côrte oriental; quanto à sabedoria e conhecimento, êle superava os homens mais sábios da Babilônia; e no que se refere à sua posição, ocupava um pôsto dos mais elevados do reino. O versículo 8 revela o segrêdo de seu êxito: "Mas Daniel propôs em seu coração de não contaminar-se..." Era costume

entre os babilônios atirar à terra uma pequena parte de alimento e bebida como oferenda aos deuses, para consagrar a êsses a festa inteira. Se Daniel tivesse participado do dito alimento, deveria ter sancionado a idolatria; assim, como Moisés e José, "escolheu antes ser maltratado com o povo de Deus, do que ter o gôzo do pecado por algum tempo". Como no caso de José, Daniel e seus companheiros foram bem recompensados por sua fidelidade.

II. O DOMÍNIO DE DEUS SÔBRE AS NAÇÕES DO MUNDO COM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DESSAS E AO REINO DÊLE (Caps. 2 a 7).

1. Em resposta a um desêjo não expresso por Nabucodonozor, de saber o futuro de seu grande império, Deus deu-lhe um sonho que, interpretado por Daniel, proporcionou a êsse monarca uma revelação da elevação, progresso e queda do poder terrestre gentílico durante êsse período descrito por Cristo como "os tempos dos Gentios" (Luc. 21:24). Com a frase "tempos dos Gentios" queremos dizer o período de tempo durante o qual o domínio mundial está nas mãos dos Gentios em vêz dos judeus, e durante o qual os judeus estão sob o govêrno gentílico. Êste período começou com o cativeiro, no ano 606 antes de Cristo, e terminará com a vinda de Cristo. A sucessão dos impérios do mundo expõe-se sob a figura de uma gigantesca imagem, composta de vários metais. O valor decrescente dos metais que compõem a imagem representa a degeneração dos impérios do mundo com relação ao seu caráter de govêrno. A interpretação do sonho de Nabucodonozor é a seguinte:

a) A cabeça de ouro representa o império de Nabucodonozor, Babilônia (606-538 antes de Cristo). O poder de Nabucodonozor era absoluto, podia êle fazer o que queria (Dan. 5:19). Seu império era uma **unidade.**

b) O peito e os braços de prata representam o império inferior da Média e Pérsia (538-330 antes de Cristo). Êste reino era inferior ao primeiro, porque seu monarca dependia do apôio da nobreza, e não podia fazer o que desejava, como se demonstra pela incapacidade de Dario livrar Daniel (6:12-16). Êsse império **era duplo**, compôsto dos impérios de Média e Pérsia.

c) O ventre e as coxas de latão representam o império inferior em valor, da Grécia (330-30 a.C.). "O govêrno de Alexandre era uma monarquia apoiada pela aristocracia militar que era tão fraca quanto as ambições de seus chefes". Êste império foi mais tarde dividido **em quatro partes** (7:6; 8:8).

d) As pernas de ferro; os pés e os dedos, parte de ferro, e parte de barro, representam o império romano (30 antes de Cristo até o regresso de Cristo). Aquí está representado uma forma de govêrno mais inferior ainda. O imperador de Roma foi eleito e seu poder dependia da boa vontade do povo. Êste império será, nos últimos dias, dividido em **dez partes**. A mistura de ferro com o barro nos dez dedos simboliza ainda outra deterioração dêste govêrno em uma monarquia democrática onde o monarca executa a vontade do povo (2:41-43).

e) A pedra cortada sem mãos que cai nos pés da imagem significa a vinda de Cristo num tempo em que o império Romano será restaurado, e Sua destruição do poder gentílico mundial, e o estabelecimento de Seu próprio reino.

2. A imagem de Nabucodonozor, a recusa dos 3 judeus de prestar adoração e sua libertação da fornalha ardente (cap. 3).

3. A visão da árvore por Nabucodunozor, sua degradação e restauração (cap. 4).

4. A história pessoal de Daniel sob Belsazar e Dario (caps. 5, 6).

a) Sob Balsazar: sua interpretação da inscrição na parede (cap. 5).

b) sob Dario: sua libertação da cova dos leões (cap. 6).

5. A visão das quatro bestas (cap. 7). Êste capítulo trata do mesmo tema do segundo capítulo — a elevação e queda do poder gentílico. No capítulo 2 os impérios são vistos sob o ponto de vista **político**, com relação à sua degeneração, quanto à forma de govêrno; no capítulo 7 são vistos sob o ponto de vista **moral** com relação ao seu caráter feroz e destrutivo como se exprime por sua simbolização de bestas ferozes. No capítulo 2 a visão foi adaptada ao ponto de vista de Nabucodonozor que via superficialmente o império mundial como uma esplêndida figura humana, e o reino de Deus ao princípio como uma mera pedra. No capítulo 7, a visão foi adaptada ao ponto de vista de Daniel, que discernia os impérios quanto ao seu verdadeiro caráter de bestas ferozes, e que desde o princípio discernia a superioridade e o triunfo do reino de Deus. A interpretação da visão é a seguinte:

a) O leão significa o império de Nabucodonozor. O versículo 4 pode ter referência à experiência de Nabucodonozor registrada em 4:16-34.

b) O urso simboliza o império Medo-Persa. O levantamento de um lado significa a fôrça superior do império persa. As três costelas em sua bôca representam três reinos que êste império subjugava — Lídia, Egito e Babilônia.

c) O leopardo representa o império da Grécia. As asas significam a rapidez de suas conquistas. As quatro cabeças significam as quatro divisões em que foi dividido o império depois da morte do governador.

d) A besta não descrita representa o império Romano forte e terrível. Os dez cornos significam os dez reinos em que será dividido nos últimos dias. Dêstes cornos sai um outro — o Anticristo. Os dias dêstes dez reinos testemunharão a vinda de Cristo com o poder que destruirá êsse grande sistema mundial e seu governante. Os capítulos 13 e 19 de Apocalipse devem ser lidos em conexão com isto.

III. AS VISÕES DE DANIEL COM RELAÇÃO AOS DESTINOS DO POVO DE DEUS (Caps. 8 a 12).

1. A visão do carneiro e do bode (cap. 8). Segue-se uma breve interpretação dessa visão:

a) O carneiro bicorne representa o império de Média e Pérsia.

b) O bode significa o império grego que destruiu Média e Pérsia.

c) O corno notável entre os olhos do bode representa Alexandre Magno, o governador do império grego.

d) Os quatro cornos que surgiram depois da queda do grande corno representam as quatro divisões do império de Alexandre após a sua morte.

e) O corno pequeno surgindo de uma das divisões do império de Alexandre após a sua morte. Alguns eruditos crêem que as predições referentes ao primeiro corno foram cumpridas por um rei sírio chamado Antíoco Epifânio, que na sua feroz perseguição aos judeus, contaminou seu santuário e procurou abolir a sua religião. Outros afirmam que o fator tempo mencionado nos versículos 17, 19, 23 removem o cumprimento da profecia até o fim do tempo quando o Anti-Cristo, do qual Antíoco não passa de uma sombra, aparecerá.

2. A visão das setenta semanas (cap. 9). Ao aprender, das profecias de Jeremias, que os setenta anos do cativeiro de Israel foram cumpridos, Daniel foi ante o Senhor em intercessão pelo seu povo. Enquanto orava, foi enviado um anjo para revelar-lhe o futuro de Israel. A nação ia ser em verdade restaurada do cativeiro, mas essa restauração não seria a última. Um período de setenta semanas (mais literalmente "setenta setes") iria intervir antes da consumação da história de Israel (v. 24). Estas semanas não são semanas de dias mas sim semanas proféticas de anos. Por meio de cálculos cuídadosos, os eruditos têm encontrado que êste período marca a data certa da primeira vinda de Cristo e determina o tempo do reinado de Anticristo. As setenta semanas estão divididas em três períodos (vide 9:25, 26).

a) Sete semanas, ou quarenta e nove anos. O período inteiro das semanas tinha de calcular-se desde o decréto de reconstruir Jerusalém que foi dado em Março 445 antes de Cristo, durante o reinado de Artaxerxes (Neemias 2:1-10). O império dos 49 anos provàvelmente representa o tempo ocupado na construção do muro como se menciona em 9:25.

b) As 62 semanas, ou 434 anos. Depois do período dos 49 anos, 62 semanas, ou 434 anos — 483 anos ao todo — iam passar antes da vinda do Messias. Calculando desde Março 434 a.C., o ano do decréto de construir Jerusalém, tomando em consideração a diferença do calendário usado naquêles dias, e dando lugar para os anos bissextos, os estudantes têm calculado que os 483 anos, ou as 69 semanas, terminaram em Abril, 30 a.D., o mês e o ano exatos em que Cristo entrou em Jerusalém como o Príncipe Messias (Mat. 21: 1-11). Depois dêste período, o Messias seria tirado.

c) Até aquí temos contado 69 semanas das 70, e 483 anos dos 490. Resta ainda uma semana, ou sete

anos, para se cumprirem. Entre as 69 semanas e a última semana há um espaço de tempo, durante o qual o tempo não é calculado com relação a Israel. Êste espaço é preenchido pela época da igreja, que não foi revelada aos profetas. A última semana, ou sete anos, mencionados no versículo 26 não encontram seu cumprimento até a aparição do Anticristo no fim dos tempos. O versículo 27 afirma que certo governador fará um pacto com os judeus por um período de 7 anos, quebrará o dito pacto depois de três anos e meio, depois do qual fará guerra contra a religião dos judeus. Isto implica em que os últimos três anos e meio dos sete serão um tempo de tribulação para o povo judaico. O livro do Apocalipse menciona um período semelhante de três anos e meio (Citado sob diferentes números simbólicos; vide Apoc. 11:2, 3, 9; 12:6, 14; 13:5), cujo período se associa ao reinado do Anticristo, a tribulação do povo judeu, o derramamento dos juizos de Deus sôbre a terra — um período que será seguido pela vinda de Cristo e a restauração de Israel. Assim vemos que a última semana das setenta está ainda para se cumprir.

3. A última visão de Daniel (caps. 10-12). Êstes capítulos contêm uma história profética do povo escolhido de Deus desde o tempo de Dario até a vinda do Messias. O conteúdo dêstes capítulos é o seguinte:

a) A visão de Daniel da glória do Senhor (cap. 10);

b) As guerras entre duas das quatro divisões do império de Alexandre — Egito e Síria, o reino do Sul e o do Norte (11:1-20). A Palestina teve uma certa relação com as lutas entre êsses países, porque era um estado situado entre êles;

c) Uma descrição profética de Antíoco Epifânio, o grande perseguidor sírio dos judeus que é um tipo do Anticristo (11:21-35);

d) Daniel agora deixa de lado Antíoco, o tipo, para ver o Anticristo, o antítipo, e descreve êste último (11:36-45);

e) A Grande Tribulação e a libertação do povo judeu (12:1);

f) A ressurreição (12:2, 3);

g) A última mensagem a Daniel (12:4-13) declara que as palavras que tem escrito estão cerradas e seladas até o tempo do fim; a saber, as visões não encontrarão sua interpretação completa até o fim da época. As profecias que escreveu não eram para êle (comp. I Ped. 1:10, 12) mas para aquêles que viveriam no tempo do fim, quando os sábios, isto é, os que tiverem sabedoria espiritual, entenderiam (v. 10; comp. Mat 24:15). As instruções a Daniel contrastam com as que João recebeu em Apoc. 22:10.

CAPÍTULO XXI

OSÉIAS

O livro de Oséias é o primeiro dos livros proféticos menores. Êstes livros são chamados "menores", não com relação à sua importância, mas em relação ao seu tamanho, e a êsse respeito estão em contraste com os escritos dos Profetas Maiores.

O estudante deve ler II Reis 14:23 a 15:31, que lhe proporcionará o fundo histórico do livro.

Tema. O livro de Oséias é uma grande exortação ao arrependimento dirigida às dez tribos, durante os cinqüenta ou sessenta anos antes do cativeiro destas. Seu cálice de iniqüidade enchia-se ràpidamente. Os reis e sacerdotes eram assassinos e libertinos; os sacerdotes idólatras seduziam o povo para não adorar a Jeová; quando estava em dificuldades, o govêrno se dirigiu ao Egito ou a Assíria pedindo auxílio; em muitos casos o povo estava imitando a vileza moral dos cananeus; viviam numa segurança descuidada, interrompida sòmente em tempos de perigo por um arrependimento fingido; sobretudo, Deus e Sua Palavra eram esquecidos. Êsses pecados da nação, no seu estado de separação de Deus, são resumidos pelo profeta como sendo o pecado de adultério espiritual, que é ilustrado pela sua própria experiência, tendo o profeta casado com uma mulher impúdica que o abandonou por outro amante. O pecado de Israel é mais grave que o das nações vizinhas. Os pecados dessas nações são ofensas cometidas por aquêles que não tinham relação com Jeová. O pecado de Israel é o de infidelidade a seu espôso, Jeová, Quem a libertou do Egito, cuidou dela

e com Quem fêz votos sagrados de obediência e fidelidade no Monte Sinai. Mas em lugar de matar esta espôsa adúltera, como o prescrevia a lei, Jeová manifesta para com ela um amor que vai além do humano — Êle a acolhe novamente, É o seguinte o tema de Oséias: Israel, a espôsa infiel abandonando seu Espôso compassivo, que a acolhe novamente.

Autor. Oséias era um profeta do reino do Norte (as dez tribos). Profetizou no mesmo tempo que Amós e Isaías e Miquéias em Judá. Seu ministério, de cêrca de 60 anos, é o mais longo de todos os profetas.

Esfera de ação. Os acontecimentos históricos a que se refere o livro de Oséias cobrem um período de mais ou menos 60 anos desde 785 a.C., até o tempo do cativeiro das dez tribos.

CONTEÚDO.

I. Separação: Israel, a espôsa infiel de Jeová (caps. 1-3).

II. Condenação: Israel, a Nação Pecaminosa (caps. 4 a 13:8).

III. Reconciliação: Israel, a Nação Restaurada (caps. 13:9 a 14:9).

I. SEPARAÇÃO: ISRAEL, A ESPÔSA INFIEL DE JEOVÁ (Caps. 1 a 3).

1. O matrimônio de Oséias com uma mulher infiel (cap. 1). Muitas vêzes Deus falou ao Seu povo por meio de sinais e ações simbólicas (comp. Jeremias 13:1-11; 19:1-13; caps. 27, 28; Ezequiel cap. 4.) Êstes sinais eram necessários para servirem de ilustrações vigorosas para a mensagem do profeta e para despertar a atenção do povo em tempos em que se recusava

prestar atenção à palavra falada. Oséias é ordenado a contrair matrimônio com uma mulher impúdica como aviso para o povo de que êle, qual espôsa de Jeová, fôra infiel a seus votos de fidelidade. Essa união deve ter escandalizado o povo, como foi a intenção, para que êles, na sua investigação acêrca desta união, pudessem descobrir que êles mesmos eram tal qual a espôsa infiel de Oséias. "O motivo do profeta casar-se com ela era puro e elevado. Êle dar-lhe-ia seu nome e sua proteção, e elevá-la-ia da sua vida anterior de degradação moral ao mesmo nível elevado em que êle vivia. Mas: por que faz isso? Não é evidente que o matrimônio de Oséias com esta mulher impúdica ilustra o matrimônio de Jeová com um povo impúdico? Teve Israel algo mais que o recomendasse ao amor e cuidado de Deus quando Êle o tomou para Si, do que teve essa mulher quando Oséias se casou com ela?" (Deut. 9:4-6; Isaías 51:1-2) — Dr. Gray. Os filhos desta união receberam nomes simbólicos dos juízos de Deus sôbre a nação:

a) Jezreel ("Deus espalhará"): um sinal de condenação tanto da casa de Jeú como da nação de Israel. Jezreel era a cidade real de Acabe, seus antepassados. Aquí praticou Jeú as suas maiores crueldades. Foi aquí onde os assírios derrotaram os exércitos de Israel.

b) Loruama ("não compadecido"): um sinal da revogação da misericórdia de Deus pelo Seu povo.

c) Loami ("não é meu povo"): um sinal de que Deus já não o chamaria Seu povo.

1. A restauração de Israel nos últimos dias e sua união com Judá sob o Messias (1:10, 11).

3. Israel, a espôsa infiel (cap. 2). O capítulo 2 nos dá uma visão mais ampla da ampla e miséria de Israel

e de sua restauração final. Contém uma explicação dos sinais do primeiro capítulo. Depois de desfrutar da bondade e proteção de Jeová, Israel desertou e se juntou numa união idólatra a Baal (vers. 1-8). Por causa disso Jeová a despojará de todos Seus dons e fará a terra dela em desolação (vers. 9-13). Por meio da tribulação Israel voltará a seu esposo, Jeová, com quem estará desposada para sempre (vers. 14-23).

4. Jeová o esposo fiel (cap. 3). Como sinal de misericórdia e amor para com Seu povo, Oséias é instruído a novamente receber sua espôsa infiel que o deixara (v. 1). Parece que tinha sido vendida em escravidão da qual Oséias a resgatou (v. 2). Mas antes de sua completa restauração aos direitos conjugais, tinham que passar muitos dias, durante os quais ela iria viver livre de impureza (v. 3). Da mesma maneira, Israel permanecerá por um longo período livre de tôda idolatria até o tempo de sua restauração aos privilégios completos do pacto sob o Messias (vers. 4, 5). Esta última profecia cumprira-se admiràvelmente no povo judeu. Por centenas de anos estavam sem rei ou príncipe, sem sacerdote ou sacrifício, e desde o regresso do cativeiro de Babilonia, estava livre de idolatria.

II. CONDENAÇÃO: ISRAEL A NAÇÃO PECAMINOSA (Caps. 4 a 13:8).

Nos três primeiros capítulos, Jeová falou da infidelidade de Israel para com Êle por meio do sinal do matrimônio de Oséias. Nos capítulos 4-13 fala em linguagem clara à nação, mencionando os diferentes pecados que resultavam na apostasia de Israel. Esta seção consiste de muitos discursos que não podem ser analizados fàcilmente. Podemos resumir o tema desta seção da seguinte maneira: o pecado, a culpa de Israel e a exortação de Jeová para que se arrependa.

III. RECONCILIAÇÃO: ISRAEL, A NAÇÃO RESTAURADA (Caps. 13:9 a 14:1)

1. Embora Israel se tenha destruído por meio do pecado e morrido como nação, Deus o trará à ressureição nacional (13:9-16). Comp. Ezequiel cap. 37.

2. Como alguém que ensina a uma criança a orar, Jeová dá a Israel as palavras exatas que deve usar ao voltar-se a Êle (14:1-3).

3. Assim que Israel estiver preparado com palavras de arrependimento, Jeová estará pronto com palavras de bênçãos e restauração (14:4-9).

JOEL

Tema. A ocasião para a profecia de Joel era uma invasão extraordinàriamente calamitosa de insetos destrutivos — o gafanhoto — que devastava a terra, destruindo as colheitas, e trazendo a fome geral. O profeta vê nesta calamidade uma visitação do Senhor e se refere a ela como um tipo de castigo final do mundo — o dia do Senhor (1:15). Como muitos dos outros profetas, Joel predisse o futuro à luz do tempo presente, considerando um acontecimento presente e iminente como símbolo de um acontecimento futuro. Por isso êle vê na invasão dos gafanhotos um indício da invasão vindoura do exército assírio (cap. 2:1-27; comp. Isaías caps. 36, 37). Projetando sua visão ainda mais para o futuro adentro, vê a invasão final da Palestina pelos exércitos confederados do Anticristo. Tomando o "Dia do Senhor" como o pensamento central e recordando que a mesma expressão se usa com referência à invasão dos gafanhotos e dos assírios, resumiremos o tema de Joel da seguinte maneira: O dia do Senhor visto como imediato (na invasão dos gafanhotos), como iminente (na vinda da invasão assíria), e como futuro (na invasão final).

Autor. Pouco se sabe acêrca de Joel. Acredita-se que profetizou durante o tempo de Joás, rei de Judá (II Reis, cap. 12).

CONTEÚDO.

I. O dia do Senhor visto como imediato: a invasão dos gafanhotos (cap. 1).

II. O dia do Senhor visto como iminente: a invasão assíria (2:1-27).

III. O dia do Senhor visto como futuro: a invasão final (2:28 a 3:21).

A primeira seção (cap. 1) descreve a praga dos gafanhotos. O terror da praga pode ser julgada pela descrição dos gafanhotos: "A terra sôbre a qual passaram as hordas devastadoras imediatamente assume a aparência da esterilidade e carestia. Bem os romanos chamavam-nas "as quemadoras da terra", que é o significado literal da palavra "locusta", ou gafanhoto. Avançam cobrindo o chão completamente até ocultá-lo da vista, e em tais quantidades que muitas vêzes é necessário três ou quatro dias para que passe o exército poderoso. Observado de longe, êste enxame de locustas ao avançar, assemelha-se a uma nuvem de poeira ou areia, alcançando alguns pés de altura enquanto as miríades de insetos saltam para adiante. A única coisa que os pode deter é uma mudança repentina do tempo, porque o frio os paraliza. Também estão quietos à noite, formando enxames como abelhas nos arbustos e sebes até o sol da manhã os esquentar, reanimando-os e capacitando-os para prosseguirem a sua marcha devastadora. Não têm "rei" nem chefe, mas não vacilam e avançam em fileiras compactas levados na mesma direção por um impulso irresistível, e não desviam nem para a direita nem para a esquerda, seja qual fôr o obstáculo. Quando se opõe em seu caminho uma parede ou casa, êles sobem verticalmente, passando sôbre o teto para o outro lado e cegamente precipitam-se pelas portas e janelas abertas. Quando chegam à água, seja charco ou rio, lago ou mar aberto, nunca procuram a rodear, mas sem vacilação saltam para dentro e afogam-se; e seus corpos mortos flutuando na superfície formam uma ponte sôbre a qual passam seus companheiros. Muitas vêzes a praga chega, desta maneira, ao seu fim, mas também co-

mo sucede outras vêzes, a decomposição de milhões de insetos, causa pestilência e morte" — Van Lennap.

O conteúdo da segunda seção pode resumir-se da seguinte maneira:

1. A invasão dos assírios simbolizada pela invasão dos gafalhotos (2:1-11). Os assírios eram como gafanhotos por causa de seu número e efeito destrutivo.

2. Um apêlo ao arrependimento (2:12-17).

3. Uma promessa de libertação (2:18-27).

Nos capítuols 2:28 até 3:21 o profeta projeta sua visão do tempo do fim e vê:

1. O derramamento do Espírito sôbre a nação judaica (2:28, 29). Esta profecia cumpriu-se parcialmente no Dia de Pentecoste.

2. Os sinais que precedem à vinda do Senhor (2:30-32).

3. Armagedom e o juízo das nações (3:1-16).

4. A restauração de Israel (vers. 17-21).

AMÓS

Tema. A mensagem de Amós é a do castigo vindouro e da restauração que surgirá. Nota-se uma certa semelhança com os temas de muitos profetas. Isto se explica pelo fato de haver um fator predominante que ocasionavam suas mensagens, a saber, o pecado nacional; assim é que as mensagens eram de condenação na maioria dos seus casos. Mas quando tinham a mensagem de repreensão para a nação em geral, tinham também a de consolação e restauração por uma minoria fiel. Amós vê o pecado de Israel em relação aos grandes privilégios que lhe foram concedidos, e demonstra que por causa dos seus grandes privilégios e por causa de não andar de uma maneira digna dos favores que Jeová lhes havia concedido, seu castigo seria maior do que o dos pagãos que não gozavam dos mesmos privilégios que êles gozavam (3:2). O tema de Amós pode expôr-se da seguinte maneira: A exposição dos pecados de um povo privilegiado, cujos privilégios lhes trouxeram grande responsabilidade e cujas faltas sob essa responsabilidade lhes acarretaram um castigo de acôrdo com a luz que tinham recebido.

Autor. Amós era natural de Tecoa, situada cêrca de seis milhas ao sul de Belém, habitada na sua maioria por pastores a cuja classe Amós pertencia, sendo também um dos que recolhia figos silvestres.

Não foi ordenado oficialmente como profeta, nem tinha assistido à escola dos mesmos; seu único motivo para pregar foi uma chamada divina (7:14, 15). Seu ministério foi especialmente às Dez Tribos, embora tivesse também uma mensagem para Judá e os países vizinhos. Profetizou durante os reinados de Uzias,

rei de Judá (II Crôn. cap. 26) e de Jeroboão II, rei de Israel (II Reis 14:23-29), desde 60 até 80 anos antes do cativeiro das Dez Tribos. "Betel foi a cena principal de sua pregação, talvez a única. Após haver feito alí vários discursos, Amasias, o sumo sacerdote do santuário real, enviou uma mensagem ao rei, que aparentemente não estava presente, acusando o pregador de traição, e ao mesmo tempo ordenou a êste último que saísse do reino. Evidentemente havia alguma razão para temer que os pobres oprimidos se rebelassem contra os seus senhores e âmos. As ameaças do castigo vindouro perturbariam a muitos ouvintes. As denúncias de crueldade e injustiça produziriam grandes repercussões. A linguagem do sacerdote demonstra todo o desprêzo de um oficial de pôsto elevado, para com um intruso que não é ninguém, um homem que vive a sua vida de uma maneira precária, profetizando (7:10-17). Ao chegar em casa, Amós indubitàvelmente escreveu o teôr dos seus discursos" — J. Taylor.

CONTEÚDO.

I. Julgamento sôbre as Nações (caps. 1, 2).
II. Julgamento sôbre Israel (caps. 3 até 9:6).
III. A Restauração de Israel (caps. 9:7-15).

I. JULGAMENTO SÔBRE AS NAÇÕES (Caps. 1, 2).

Israel e Judá são incluídos nesta mensagem acusadora contra as nações, porque Jeová é considerado como o Juiz de tôdas as nações administrando julgamento imparcial. Notem como começa cada uma destas mensagens: "Por três..., sim por quatro". Esta é uma maneira figurada de declarar que Deus não castiga imediatamente; mas que Êle espera para poder dar a cada nação a oportunidade do arrependimento". O Dr. Campbell Morgan resume brevemente o pecado de cada nação da seguinte maneira:

1. O pecado da Síria: crueldade (1:3-5).
2. O pecado da Filistia: tráfico de escravos (1:6-8).
3). O pecado da Fenícia: negociantes de escravos, apesar do pacto (1:9, 10).
4. O pecado de Edom: uma irreconciliabilidade determinada e vingativa (1:11, 12).
5. O pecado de Amon: crueldade baseada na cobiça (1:13, 15).
6. O pecado de Moabe: ódio com violência e vingança (2:1-3).
7. O pecado de Judá: as leis de Jeová desprezadas (2:4, 5).
8. Israel, corrupção e opressão (2:5-16).

II. JULGAMENTO SÔBRE ISRAEL (Caps. 3 até 9:6).

Os julgamentos são expostos em três discursos (3:1 até 6:14) e por cinco visões (7:1 até 9:6).

1. Os três discursos, cada um começando com as palavras "ouví esta palavra":

a) O tema do primeiro discurso, (cap. 3), é o seguinte: a ingratidão de Israel para com o amor e favor de Deus e sua falta sob a responsabilidade reclama castigo (3:1-3). Este castigo é anunciado pelos profetas, não por acaso, mas pelo encargo de Deus que não podem deixar de cumprir (vers. 4-8). Só um resto escapará dêste castigo (vers. 9-15).

b) O tema do segundo discurso (cap. 4). Por causa da opressão dos nobres (4:1-3) e a idolatria geral da nação (vers. 4, 5), êles foram castigados (vers 6-11). Porque não atenderam a êstes castigos, Israel tem que ser preparado para encontrar-se com seu Deus no último julgamento que é o mais sério de todos (vers. 12, 13).

c) O tema do terceiro discurso (5:1 até 6:14). O julgamento iminente pode ser evitado, buscando a Jeová (5:1-15). Para aquêles que desdenhosamente que-

rem ver o dia de Jeová, êle virá com todo o seu terror (5:16-20); por terem abandonado o verdadeiro culto a Deus, imitando seus pais no deserto, a nação será conduzida ao cativeiro (vers. 21-27); ai daqueles que vivem em segurança carnal como se não fôsse iminente êsse cativeiro (cap. 6).

2. As cinco visões do castigo:

a) Os gafanhotos (7:1-3). São os símbolos dos assírios que constantemente saqueavam Israel. Pela intercessão do profeta, Jeová promete que Israel não será completamente destruído.

b) Fogo do abismo (7:4-6). Isto se refere provàvelmente às águas que se secariam, trazendo em conseqüência uma sêca vindoura.

c) O prumo (7:7-9). Como um sinal que o julgamento será aplicado segundo a justiça. Esta última mensagem causou a perseguição do profeta pelo sumo sacerdote de Israel (7:10-17).

d) O cesto com as frutas de verão (8:1-3). Este é o símbolo da maturidade de Israel para o julgamento. Logo segue uma mensagem (8:4-14), cujo tema é o seguinte: porque Israel tem desprezado a Palavra de Deus, Deus trará uma fome da mesma Palavra.

e) O Senhor sôbre o altar (9:1-6). Vê-se o Senhor ordenando que se lance e mate, indicando a ordem para começar o julgamento.

III. A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL (Cap. 9:7-15).

1. A dispersão de Israel é para êle ser aperfeiçoado e purificado (vers. 7-10).

2. Depois dêsses fatos serem realizados, o reino davídico estabelecer-se-á de novo (v. 11).

3. Então a nação inteira de Israel será a cabeça das nações (v. 12).

4. A terra da Palestina prosperará (vers. 13, 14).

5. E Israel a herdará para sempre (vers. 15).

CAPÍTULO XXII

OBADIAS

(Leia o livro de Obadias)

Tema. O tema de Obadias é notado claramente à primeira leitura do livro. É o grande pecado de Edom — violência contra Judá; seu castigo — extinção nacional. "Edom descendia de Esaú, e Israel de Jacó. O antagonismo entre êles é evidente em tôda a Bíblia. No livro de Gênesis há uma declaração simples, mas muito sugestiva: "E os filhos lutavam no ventre dela" (Gên. 25:22). Desde essa indicação do conhecimento de Rebeca continuou a história do antagonismo. O antagonismo iniciou-se no seio da família e continuou quando os descendentes de cada um tinham formado uma nação. Os edomitas eram um povo orgulhoso, que com amargura e ressentimento sempre buscavam oportunidades de prejudicar os descendentes de Jacó. Israel e Edom estavam perpètuamente em guerra. Quando Nabucodonozor capturou Jerusalém, Edom se regozijou pela queda de Israel e cruelmente tomou parte no saque e na matança (Sal. 137:7). Em dias passados Deus tinha ordenado ao Seu povo que tratasse bem Edom (Deut. 23:7), mas agora a sua conduta atroz encheu o seu cálice de iniqüidade e lhe foi dada a sentença de condenação e aniquilação. Depois da restauração de Israel, Ciro, rei da Pérsia, venceu-os, matando milhares dêles. Tiveram outra derrota terrível pelos judeus sob os macabeus (109 antes de Cristo). O antagonismo de Edom e Judá chegou ao seu extremo no tempo de Cristo. Jesus Cristo era Judeu, um descendente de Jacó; Herodes, um edomita, descendente de

Esaú. Cristo nunca falou a êle (Mat. 14:6-9); Lucas 23:9). Depois do sítio de Jerusalém, 70 a. D., os edomitas se perdem de vista. Os versículos 10-14 indicam que o livro foi escrito depois da destruição de Jerusalém.

Autor. Não se sabe absolutamente nada acêrca de Obadias. Há muitos com êste nome no Velho Testamento.

CONTEÚDO.

I. O Pecado de Edom: Orgulho (vers. 1-9).

II. Seu Pecado Maior: Violência contra Judá no dia de sua calamidade (vers. 10-14).

III. Seu castigo: Destruição Nacional (vers. 15-21).

JONAS

Tema. O livro de Jonas é diferente das outras profecias, por não conter uma mensagem direta a Israel, sendo a mensagem do profeta dirigida aos ninivitas. Embora não mencionada diretamente, há uma grande lição nêste livro para a nação judaica, a saber, que Deus é o Deus, não só dos judeus mas também dos gentios, e que é o dever do Seu povo escolhido levar a luz da Sua revelação divina. Assim o livro de Jonas é uma repreensão para o exclusivismo dos judeus que se conservaram a certa distância dos gentios e consideravam-se superiores a êles. Devido à sua descrição de um profeta que prega aos gentios, fala-se de Jonas como o livro missionário do Velho Testamento. O tema do livro pode ser resumido da seguinte maneira: o amor de Deus para com os gentios revela-se ao enviar-lhes um profeta que os chama ao arrependimento.

Autor. Jonas era galileu, da cidade de Gatehefer, perto de Nazaré. Os fariseus no tempo de Cristo evidentemente não repararam isso, quando disseram que jamais algum profeta veio da Galiléia (7:52). Ministrou às Dez Tribos no reinado de Jeroboão II, durante o qual profetizou referente à restauração de algum território israelita (II Reis 14:25-27). Quando terminou o ministério de Eliseu, começou o seu; Jesus mesmo deu testemunho da existência da pessôa de Jonas, do seu livramento milagroso e do seu ofício profético (Mat. 12: 40).

CONTEÚDO.

I. A primeira Missão de Jonas, sua Desobediência e seus Resultados (caps. 1, 2).

II. A Segunda Missão de Jonas, sua Obediência e seus Resultados (cap. 3).

III. A Queixa de Jonas e a Resposta de Deus (cap. 4).

I. A PRIMEIRA MISSÃO DE JONAS, SUA DESOBEDIÊNCIA E SEUS RESULTADOS (Caps. 1, 2)

1. O destino de Jonas: Nínive era a capital do império assírio, que no tempo de Jonas estava no auge do seu orgulho e prosperidade. Tinha uma circunferência de 54 a 60 milhas e estava rodeada por um muro de cem pés de altura, tão largo que três carros de guerra podiam passar de uma vêz sôbre o mesmo. A população deve ter sido mais ou menos de um milhão de almas. As cidades da Babilônia, cercadas de muros, provàvelmente incluiam por dentro, grandes espaços para cultura e pasto, podendo assim, suportar um sítio prolongado. Pela referência de Ninive ter "muito gado", afirma-se que era uma cidade desta classe.

2. A desobediência de Jonas. Muitos crêem que o motivo dêle ter desobedecido a Deus, era pessoal e egoísta — a saber, o temor de ser classificado como um falso profeta, sabendo que Deus perdoaria a cidade se a mesma se arrependesse, e que seu arrependimento traria um resultado contraditório à sua mensagem de destruição iminente. Outros, porém, não acham bastante forte êsse motivo para explicar porque Jonas fugisse do seu dever. Afirmam que foi inspirado pelo patriotismo, e que êsse fanatismo o cegou, ao ponto de não ter misericórdia. Sendo profeta, sabia que a Assíria, algum dia, invadiria a terra de Israel e praticaria contra seus habitantes as crueldades pelas quais era notável. Assim, pois, preferiu desagradar a Deus em vêz de fazer o possível pela preservação de uma nação que

traria sofrimento indizível ao seu povo. João Urquhart, um erudito notável, explica a questão desta maneira:

"A Assíria tinha pôsto suas mãos, desde várias gerações, sôbre as nações da costa do Mediterrâneo, dominando-as com crueldade e ferocidade. A política assíria não permitia nenhuma compaixão. Faltando-lhe os recursos para defender suas conquistas, praticava um plano que em sua maior parte tornou desnecessárias guarnições atrás do exército assírio. De início começavam com uma matança geral. Os reis, segundo as suas inscrições, pareciam ver com avidez o espetáculo apresentado no campo de batalha. Êles descreveram como estava êsse coberto de corpos dos conquistados. Esta carnificina era seguida por sofrimentos cruéis nas cidades. Os principais homens, como em Laquis, quando Senaqueribe conquistou essa cidade, foram prêsos e conduzidos pelos algozes sujeitos a vários castigos, todos horrorosos. Algumas das vítimas eram deitadas no chão enquanto um da parte dos conquistadores que figuram no monumento apreciando diabòlicamente sua obra horrível, introduz sua mão na bôca da vítima, prende-lhe a língua e arranca-a pela raiz. Em outro lugar cravam-se estacas no chão. A estas se amarram os pulsos de outra vítima, com cordas. Seus tornozelos são atados de maneira semelhante, e o homem é estendido de tal maneira que não póde mover nenhum dos seus músculos. O algoz logo põe mãos à obra; começando no lugar apropriado, a faca faz sua incisão, e a pele é levantada polegada por polegada até que o homem é esfolado vivo. As peles em seguida, se estendem nos muros da cidade, ou são usadas de alguma outra maneira, para criar terror no povo em deixar impressões vivas da vingança assíria. Para outras vítimas foram preparados postes compridos e ponteagudos. A vítima, tomada como as outras, entre os homens principais da cidade, é colocada no chão;

a ponta do poste é introduzida pela parte inferior do peito; depois levantam o poste, que suspende a vítima retorcendo-se de dôr e fincam-no em um buraco feito no chão, deixando-o para alí morrer.

"Ninguém em Israel ignorava essas coisas. Jonas pode até ter sido testemunha ocular das mesmas. Não havia dúvida que também Jonas sabia que a Assíria, a despojadora das nações, seria o instrumento na mão de Deus, para a vingança divina sôbre as Dez Tribos... A palavra do Senhor veio: "Levanta-te e vai para Ninive, cidade grande, e apregoa contra ela; porque maldade tem subido diante de mim". O cálice de iniqüidade de Nínive estava, então, cheio. A sentença esperava ser pronunciada. Nunca Jonas tinha ouvido novas mais felizes do que essas. Se Nínive perecesse, Israel então estaria salvo! Havia sòmente uma coisa a temer: a misericórdia de Deus, que poderia sustar o golpe da Sua justiça. Jonas sabia que Jeová era um Deus misericordioso e que se Nínive a Êle clamasse, Assíria poderia salvar-se e Israel então pereceria. Mas que aconteceria se Nínive não fôsse avisado? Se a cidade e seus príncipes fôssem abandonados para colher a recompensa de suas atrocidades?

"Foi uma escôlha entre a vingança de Deus sôbre êle por ser um profeta rebelde, e a vingança sôbre seu povo. Êle então se sacrificaria; deixaria que Nínive perecesse, e assim salvaria Israel! Isso parece ter sido o propósito de Jonas e a razão de seu pesar pelo salvamento de Nínive. Paulo dizia que estava disposto a ser maldito — afastado da presença de Deus — se por êsse meio Israel pudesse ser salvo. Foi essa a resolução de Cristo quando nos salvou; porque Êle foi punido por nossa causa. O Senhor nos disse que Jonas foi um tipo de Sua Pessoa. O tipo póde ter começado aquí".

Compare, nesta conexão, II Reis 8:7-13, onde lemos que Eliseu chorou, quando, olhando o futuro, viu

as atrocidades que um exército invasor praticaria contra seu povo.

3. O castigo de Jonas. Nenhum milagre da Bíblia evocou tanto a incredulidade dos cientistas e a zombaria dos leigos, como a história de Jonas que foi engolido por um peixe. A objeção principal contra a possibilidade do milagre é o fato de ser a garganta da baleia estreita demais para permitir a passagem de um homem.

Sob o ponto de vista da Escritura, o milagre foi um fato concreto, sendo a sua veracidade confirmada por Cristo (Mat. 12:40). As seguintes citações demonstrarão a possibilidade do milagre sob o ponto de vista natural: "quem ler "A Cruzada de Cachalote", por Frank Bullen, terá alguma idéia do tamanho e dos hábitos dêsse poderoso monstro cetáceo do mar, o cachalote. O Sr. Bullen é um homem que tem muita experiência a respeito de baleias e fala sòmente do que realmente tem visto. Êle nos relata mais de uma vêz, como colheram baleias de proporções gigantescas, de mais de setenta pés de comprimento, com uma largura do corpo, em proporção", do qual só a cabeça, o próprio capitão calculou em quinze toneladas". E a idéia — de que a garganta da baleia seja incapaz de engolir uma substância grande, o Sr. Bullen caracteriza como "uma pura ignorância". Relata como em certa ocasião, no estômago de um cachalote foi encontrado um tubarão de quinze pés de comprimento, e acrescenta a seguinte admirável evidência: "que ao estar moribunda a baleia espermacete, **sempre expele o conteúdo de seu estômago**". Fala-nos também de uma baleia adulta, que foi capturada e morta, e cujo alimento, expelido de seu estômago, representava massas de tamanhos enormes, maiores das que tínhamos visto até agora em viagem; e calculava-se o tamanho de algumas dessas igual a nossas cabinas, a saber, oito por seis pés. Mas, apesar

disso, certos homens exigem que não creiamos que possa a baleia engolir um homem — Sidney Colet: "All About the Bible" (Tudo Acêrca da Bíblia). O que se segue vem do jornal "Springfield Leader", 7 de Dez. 1924:

"O Dr. Straton, famoso fundamentalista de Nova York e inimigo da teoria evolucionista, crê que descobriu um homem que atualmente — em tempos modernos (1891) — teve a mesma sorte que Jonas. Êste homem Bartley, era marinheiro britânico e membro da baleeira "Estrêla do Oriente". Na tentativa de capturar uma gigantesca baleia, numa expedição baleeira perto da costa de Labrador, um dêsses cetáceos virou um barco. Os homens com exceção de dois, foram salvos pela outra baleeira, êsses, pensou-se, morreram afogados. Finalmente, conseguiram matar a baleia e a rebocaram à costa. Logo começaram a esquartejá-la; no segundo dia depois de ter sido capturado, abriram o estômago e, com grande surprêsa para êles, encontraram nêle um dos seus companheiros que deram por afogados. Estava inconsciente, mas vivo ainda. Sofreu muito depois, mas finalmente restabeleceu-se completamente, após ter estado internado por muito tempo num hospital britânico. O Dr. Straton disse que o relato foi investigado cabalmente por um dos mais criteriosos jornalistas da Europa, M. de Parville, editor do "Jornal des Debates", que foi quem afirmou que as declarações dadas pelo capitão e a tripulação da baleeira inglêsa concidiam perfeitamente e eram dignas de crédito.

Nota: Façam com que o estudante se familiarize com as evidências acima mencionadas.

4. A oração e a libertação de Jonas (cap. 2). Em sua oração Jonas cita, profusamente, os Salmos. Êle se identifica como santos da antigüidade, aproprian-

do-se de suas experiências como registradas na Palavra de Deus.

"Parece haver muita probabilidade que Jonas realmente morresse e fôsse levantado da morte. Se realmente morreu, isto sòmente acrescenta mais uma às ressurreições registradas na Bíblia e faz de Jonas um símbolo de Cristo ainda mais notável; para aquêles que crêem em Deus não há dificuldade em crer em em ressurreição, uma vêz suficientemente atestada" — Dr. Torrey.

III. A SEGUNDA MISSÃO. SUA OBEDIÊNCIA E SEUS RESULTADOS (Cap. 3).

"Para compreender o significado dos acontecimentos nêste capítulo é necessário saber que os ninivitas adoravam o deus-peixe, **Dagon,** parte humana e parte peixe. Acreditavam êles que tinha saído do mar, fundado sua nação e que vinham para êles mensageiros do mar de tempos a tempos. Se Deus pois lhes enviasse um pregador, nada mais razoável que Êle realizasse Seu plano, dentro do conhecimento dos assírios e lhes enviasse um profeta saindo do mar! Sem dúvida muitos viram Jonas ser lançado do mar e acompanharam-no para Nínive, servindo de testemunhas do fato inédito.

"Há mais dois argumentos suplementares que confirmam o histórico dêste acontecimento. Em primeiro lugar, "Oannes" é o nome de uma das encarnações do deus-peixe. Êste nome, com "J" inicial, é a forma de escrever "Jonas" no Novo Testamento. Em segundo lugar, havia por muitos séculos uma colina assíria chamada "Yunnas", nome assírio, que significa "Jonas", e foi o nome dessa colina que forneceu a primeira sugestão aos arqueólogos, de que possivelmente a antiga cidade de Nínive estivesse soterrada sob a mes-

ma. Botta associou "Yunnas" com Jonas, e assim, começou o trabalho de escavação, e deu com os muros da cidade" — Do "Christian Worker's Commentary", por Dr. Gray.

Nêste capítulo respondemos a três perguntas formuladas pelos críticos modernos do livro de Jonas. As citações são do "Novo Guia Bíblico", de Urquhart.

1) É possível que uma grande cidade pagã como Nínive fôsse comovida de tal maneira pelas pregações de um obscuro pregador hebreu? Em resposta deve tomar-se em conta que Jonas lhes pregava numa época em que estavam experimentando uma queda alarmante de seu poder. Havia provàvelmente expectativa de uma calamidade iminente, e a presença de um profeta expelido por um peixe era o suficiente para comover o povo supersticioso, que pensava que seu deus enviasse mensageiros vindos do mar.

2) Mas era realmente provável que o govêrno intervisse e que fôsse publicado um édito real, ordenando um jejum prolongado? Era tal ação de acôrdo com os costumes assírios? "Foi um jejum exatamente como êste, que foi ordenado" — diz o professor Sayce, "por Esarhaddon II, quando o inimigo do norte se concentrou contra o império assírio, e preces foram dirigidas ao deus sol, "para tirar o pecado" do rei e do povo. "Desde aquêle dia", reza a inscrição, desde o dia três do mês de Iyyar, ao dia quinze de Ab dêste ano, por êstes cem dias (e) cem noites os profetas proclamaram (um período de suplicas). Os profetas de Nínive haviam declarado que seria necessário acalmar a ira do céu, e o rei resignado publicou a sua proclamação, ordenando o ato solene de humilhação por cem dias".

3) Era costume dos assírios fazer participar os animais da humilhação (Jonas 3:7)? "Heródoto tem

respondido a essa pergunta desde há muito tempo. Êle nos relata que, quando os persas estavam na Grécia, uma batalha foi travada, na qual um general, muito querido por todo o exército, foi morto, "Ao voltar ao acampamento", diz Heródoto," a morte de Masistio causou uma tristeza geral em todo o exército, e muito afligiu ao próprio Mardônio. Cortaram seus cabelos, **o pêlo dos seus cavalos e bestas de carga** e tôda a Beócia resoou com seus clamores e lamentações. O homem que tinham perdido foi, depois de Mardônio, o mais estimado pelos persas e seu rei. Assim, os bárbaros, **à sua maneira,** honravam o falecido Masistio".

IV. A QUEIXA DE JONAS E A RESPOSTA DE DEUS (Cap. 4).

Jonas alimentava ainda uma vaga esperança de que a cidade pudesse ser destruída (v. 5). Estava ainda influenciado por um patriotismo mal orientado que o tinha cegado quanto à misericórdia. Deus calmamente tratou com Seu servo e, por meio de uma lição objetiva, repreendeu o espírito petulante e vingativo do profeta. Jonas estava disposto a poupar a vida a uma aboboreira insignificante, mas irou-se porque Deus poupou uma grande cidade com sua população numerosa. Se Jonas estava disposto a preservar a aboboreira, Deus não devia preservar Nínive?

MIQUÉIAS

Tema. Miquéias profetizou, mais ou menos na mesma época de Isaías, com o qual provàvelmente teve contacto, havendo semelhanças notáveis nas suas profecias (comp. por exemplo, Isaías 2:1-4 com Miquéias 4:1-5). Falou-se que a profecia de Isaías é uma ampliação da de Miquéias. Como a de Isaías, a profecia de Miquéias pode ser dividida em duas secções principais: denunciadora (caps. 1-3) e consoladora (caps. 4-7). Na primeira divisão, o profeta apresenta um quadro de uma nação pecaminosa condenada ao cativeiro; na segunda, de um povo redimido desfrutando as bênçãos mileniais. Na primeira divisão êle nos mostra Israel como iludido e destruído por governadores falsos; na segunda, restaurado pelo Messias, o verdadeiro Regente. O tema pode resumir-se da seguinte maneira: Israel destruído pelos chefes falsos e salvo pelo Chefe verdadeiro, o Messias.

Autor. Miquéias era natural de Moresete-Gate, uma aldeia cêrca de 20 milhas ao sudoeste de Jerusalém. Era um profeta do campo. "Nenhum profeta nasceu em Jerusalém, embora fôsse a cidade em que muitos testemunharam e muitos foram mortos. Jerusalém matava os profetas, mas não os enviava. Antes foram enviados das regiões montanhosas e das aldeias rurais". Miquéias profetizou durante os reinados de Pecaías, Peca e Oséias em Israel, e de Jotã, Acaz e Ezequias, sôbre Judá (II Reis 15:23-30). Era portador duma mensagem, tanto para Judá como para Israel, predizendo o cativeiro dêsses reinos. A sua maior obra foi realizada no reinado de Ezequias, o qual ficou profundamente impressionado por suas profecias (Jer. 26:

10-19). Sua profecia da destruição de Jerusalém foi um meio indireto de salvar a vida de Jeremias, quando êste aguardava ser executado por fazer uma predição semelhante (Jer. 26:10-19).

CONTEÚDO.

I. Denuncia (Caps. 1-3).
II. Consolação (caps. 4-7).

I. DENÚNCIA (Caps. 1-3).

1. Julgamento de Samaria devido à sua incurável disposição à idolatria (1:1-8).

2. Judá foi afetada pela sua iniqüidade e foi envolvida na sua culpa (1:9-16).

3. Devido à impiedade dos seus regentes e do povo, a nação irá ao cativeiro (2:1-11). Mas haverá uma restauração (vers. 12, 13).

4. Uma repreensão aos chefes do povo por sua indiferença à verdade e à justiça e por seus motivos mercenários (cap. 3). Uma denúncia contra (a) regentes civís (vers. 1-4). (b) profetas (vers. 5-10). (c) sacerdotes (v 11).

5. A nação sofrerá pelos pecados dos seus chefes, porque evidentemente participa da sua iniqüidade (v. 12; comp. Jer. 5:31).

II. CONSOLAÇÃO (caps. 4 a 7).

1. Ainda que Sião seja destruída (3:12), será restaurada e exaltada nos últimos dias (4:1-8). (O seguinte esbôço é sugerido pelo sr. Tucker). Naquêles dias haverá:

a) Administração universal — "O monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes".

b) Visitação universal — "E concorrerão a êle os povos".

c) Educação universal — "Êle nos ensinará acêrca dos Seus caminhos".

d) Legislação universal — "De Sião sairá a lei".

e) Evangelização universal — "A Palavra do Senhor sairá de Jerusalém".

f) Pacificação universal — "Uma nação não levantará a espada contra a outra". ...

g) Adoração universal — "Andaremos em nome de Jeová nosso Deus".

h) Restauração universal — "E da que coxeia farei um resto, e da que estava lançada para longe uma nação poderosa".

i) Coroação universal — "E o Senhor reinará sôbre êles".

2. Mas esta visão é para o futuro. Para o tempo atual há aflição, desamparo e cativeiro (4:9, 10).

3. Finalmente, os inimigos e os captores de Israel serão castigados (4:11-13).

4. O infortúnio de Israel durará até a segunda vinda do Messias, seu verdadeiro Chefe (5:1, 2). Predestinado desde a eternidade para ser o Salvador de Israel, Êle é um penhor do resgate de Israel de todos os seus inimigos e da sua restauração final (5:3-15).

5. Jeová exige do Seu povo que testifique, se puder, que jamais Êle fêz algo para com êles, desde os tempos primitivos da sua história, que não fôsse um ato de bondade —, e que apresente qualquer desculpa por tê-lo abandonado.

6. Êles são religiosos, mas a sua religião não passa de um formalismo (6:6-7) que não produz esta justiça prática que Jeová exige (v. 8). A sua conduta prova que êles observam os mandamentos de Omri e as obras de Acabe — reis ímpios de Israel (6:9-16).

7. A corrupção da nação é universal (7:1-6). Parece quase impossível encontrar um homem bom, um regente honesto ou um amigo fiel. Os inimigos do homem são os da sua própria casa.

8. Mas permanece um resto fiel, representado pelo profeta, que levanta a sua voz em intercessão pela sua nação (7:1-14). Sua oração é respondida por Jeová que promete a restauração (vers. 15-17).

Vendo através da escuridão dos seus próprios tempos, o profeta louva a Deus que é fiel, que restaurará Israel e o purificará dos seus pecados e, desta maneira, cumprirá o pacto feito com seus pais (vers. 18-20).

CAPÍTULO XXIII

NAÚM

Tema. O livro de Naúm tem um único tema saliente: a destruição de Nínive. É a seqüência da mensagem do profeta Jonas, por cujo ministério os ninivitas foram conduzidos ao arrependimento e salvos do castigo iminente. É evidente que mudaram de opinião a respeito de seu primeiro arrependimento e de tal maneira se entregaram à idolatria, crueldade e opressão, que 120 anos mais tarde, Naúm pronunciou contra êles o julgamento de Deus em forma de uma destruição completa. "Foi o objetivo de Naúm, inspirar os seus patrícios, os judeus, com a segurança que, por mais alarmante que parecesse a sua posição, expostos aos ataques dos poderosos assírios, que já haviam levado as Dez Tribos, os assírios não sòmente fracassariam nos seus ataques contra Jerusalém (Isaías caps. 36, 37), mas que Nínive, sua própria capital, seria tomada e seu império derrotado. Isto não seria pelo exercício arbitrário do poder de Jeová, mas sim em conseqüência das iniqüidades da cidade e do seu povo".

Autor. Pràticamente nada se sabe a respeito de Naúm. Era nativo de El-kosh, uma aldeia que alguns crêem ter sido situada em Galiléia. Êle profetizou durante o reinado de Ezequías e foi testemunha do sítio de Jerusalém por Senaqueribe, acontecimento êsse que pode ter sido a ocasião da sua profecia.

CONTEÚDO.

I. Jeová o justo Juiz (cap. 1).
II. O julgamento justo de Jeová (caps.2, 3).

I. JEOVÁ O JUSTO JUIZ (Cap. 1).

Antes de descrever o julgamento de Nínive, o profeta descreve o Juiz, Jeová, a Quem nos apresenta, não como um Executor injusto e caprichoso, mas Um que é tardio em irar-se, que espera pacientemente os frutos do arrependimento antes de castigar. "Naúm é o complemento de Jonas. Jonas revela o julgamento de Nínive suspenso e Naúm o julgamento **executado.** Os ninivitas arrependeram-se do arrependimento descrito em Jonas, razão porque Deus Se arrependeu da Sua misericórdia que tinha mostrado naquêle tempo, e derramou a Sua ira sôbre êles. Dessa ira se disse: "O valor permanente do livro consiste em apresentar, como em nenhum outro livro do Antigo Testamento, o quadro da ira de Deus". Não devemos imaginar, ao pensarmos na ira de Deus, que seja algo semelhante ao furor ardente, apaixonado, cego e insensato de um homem enraivecido. Êle é tardio para Se vingar, mas uma vêz ultrapassado o limite, devido ao estado das coisas que exijam a nova atitude de vingança, Êle é tão irresistível qual um furação que furiosamente agita o mar, ou como um vento dos desertos que passa sôbre a terra deixando-a em desolação. Veja como as palavras "zêlo, vingança, ira, furor, indignação, ferocidade, fúria" descrevem o fato impressionante da ira de Deus. No homem a ira chega a ser o seu soberano e o domina. Deus é sempre o soberano da Sua ira e a usa".

É o seguinte, o conteúdo desta secção:

1. O tema do livro: O pêso de Nínive (v. 1).

2. Deus é um Deus zeloso que toma vingança contra os Seus adversários, mas que é tardio em irar-se e que no julgamento Se lembra daquêles que confiam n'Êle (vers. 2-8).

3. Em vão os assírios imaginam que possam resistir ao Senhor e destruir o Seu povo (vers. 9-11).

4. Porque Deus certamente libertará os Seus (vers. 12-14).

5. Porque o Senhor libertará o Seu povo, êles devem permanecer fiéis a Êle e a Seu serviço (v. 15).

II. O JULGAMENTO JUSTO DE JEOVÁ (Capítulos 2, 3).

Nínive, cuja destruição foi predita pelo profeta, era naquêle tempo a capital de um grande e florescente império. Era uma cidade de vasta extensão e população, e era o centro do comércio principal do mundo. Sua riqueza, no entanto, não derivava totalmente do comércio. Era uma "cidade sanguinária, cheia de mentiras e de rapina" (3:1). Saqueava as nações vizinhas, e o profeta a compara a uma família de leões, que "enche suas cavernas de prêsas e os seus covís de rapina" (2:11, 12). Ao mesmo tempo estava consideràvelmente fortificada. Relatou Diodoro Sículos que os seus muros colossais mediam cem pés de altura, e eram tão largos em cima que três carros de guerra podiam passar ao mesmo tempo, dispunham de 1.500 tôrres e que desafiavam todos os inimigos. Mas foi tão completamente destruída, que no segundo século depois de Cristo, nenhum vestígio dela permanecia; e o seu próprio local por muito tempo era uma questão de incerteza" — Angus-Green.

Excavações extensas e importantes descobertas arqueológicas foram realizadas nêstes últimos anos entre as ruínas de Nínive. Botta começou os seus trabalhos em 1842; Layard, em 1845; Rassam, em 1852, e Loftus, em 1854. Os resultados das suas investigações no tocante à extensão, ao caráter e à variedade dos seus mármores, esculturas e inscrições trazidas à luz, têm confun-

dido os zombadores das Sagradas Escrituras, proporcionando encantos aos arqueólogos e colecionadores de antigüidades, e surpreendido o mundo inteiro".

É o seguinte o conteúdo desta seção:

1. O sítio e a captura da cidade (2:1-13).

2. Os pecados da cidade (3:1-7).

3. A sua destruição será tão certa quanto a da cidade egípcia de No-Amón, uma cidade que uma vêz era poderosa e populosa (3:8-19).

HABACUQUE

Tema. O livro de Habacuque apresenta o quadro de um homem de Deus, embaraçado pelo problema da aparente tolerância de Deus pela iniqüidade. O profeta está rodeado por todos os lados pela injustiça triunfante e não castigada. A princípio seu clamor pelo julgamento, aparentemente não é ouvido por Deus. Quando finalmente é respondida a sua oração e pronunciado o julgamento, êle fica ainda mais surpreendido, porque os agentes do julgamento de Deus, os caldeus, são mais ímpios e mais dignos de castigo do que suas vítimas. Habacuque está cheio de dúvidas. Mas, felizmente, êle leva a sua inquietação a Deus que logo a dissipa, e apresenta uma solução dos seus problemas resumida na declaração que é o coração do livro — "O justo pela sua fé viverá" (2:4). Isso quer dizer que, por muito tenebroso que se apresente o futuro e por muito triunfante que pareça o mal, o homem justo não deve julgar pelas aparências, mas sim pela Palavra de Deus. Embora os ímpios vivam e prosperam nas suas impiedades e os justos sofram, êstes últimos devem viver uma vida de fidelidade e confiança. O profeta muito aprendeu com esta lição, porque, enquanto a sua profecia começa com mistérios, perguntas e dúvidas, termina com certeza, afirmações e fé. Resumiremos o tema da seguinte maneira: O conflito e triunfo final da fé.

Autor. Pràticamente nada se sabe de Habacuque, a não ser o que se pode deduzir de tradições contraditórias. De 3:1, 19, conclue-se que era levita e participava da música no templo. Como Naúm predisse a destruição da nação assíria e Obadias a de Edom, assim Habacuque profetizou a queda do império caldeu. Sen-

do que êle fala do poder crescente da última nação mencionada, e da iminência da sua invasão de Judá, conclue-se que Habacuque profetizou durante os reinados de Jeoacaz e Jeoiaquim.

CONTEÚDO.

I. O Conflito da fé (caps. 1, 2).
II. O Triunfo da Fé (cap. 3).

I. O CONFLITO DA FÉ (Caps. 1, 2).

1. O primeiro conflito de Habacuque (1:1-4). O profeta vê a impiedade e a violência por todos os lados, a lei violada e os justos perseguidos. Clama ao Senhor para que castigue Judá por causa desta condição, mas aparentemente o seu clamor não é ouvido. Êle formula a sua inquietação nestas palavras: "Até quando, Senhor, clamarei e tu não me escutas? Gritarei: violência! e não salvarás?"

2. A primeira resposta de Jeová (1:5-11). Embora algumas vêzes, pareça que Jeová mantenha silêncio e seja indiferente, Êle, no entanto, está agindo. No tempo próprio castigará a Judá ímpia, usando como os seus agentes, os terríveis caldeus.

3. O segundo conflito do profeta (1:12 a 2:1). O primeiro problema está resolvido; Deus punirá os malfeitores de Sião, trazendo sôbre êles os ferozes caldeus. Mas esta solução sugere um outro problema para Habacuque. Vendo o orgulho, a falsa confiança e o poder destrutivo dos invasores, êle não pode compreender porque Deus castiga o Seu povo por meio de uma nação ainda menos justa do que a sua (1:13). Muito embora o Senhor tenha ordenado aos caldeus que castiguem o Seu povo (1:12), será que seja a vontade d'Êle, que é puro demais para poder ver o mal" (v. 13), que essa nação humilhe Judá tão despiedosamente quanto as outras nações (vers. 14-17).

4. A segunda resposta de Jeová (2:2-5). Muito embora os caldeus tivessem sido ordenados para executar o juízo sôbre Judá, no seu orgulho arrogante excederam, todavia, a sua missão (2:4, primeira parte). Muito embora os ímpios, como representados pelos caldeus, prosperem na sua iniqüidade, e sofram os justos, êstes últimos têm que viver por meio de uma vida de fidelidade a Jeová, u'a vida inspirada pela fé nas Suas promessas e Sua justiça (2:4, segunda parte). Muito embora Jeová usasse os caldeus como um flagélo sôbre o Seu povo, os caldeus não ficarão, contudo, impunes (vers. 5-20). O profeta há-de escrever esta profecia da derrota final dos caldeus e colocá-la onde todos poderão lê-la (2:2). Muito embora seu cumprimento possa retardar-se, os justos têm de esperá-lo pacientemente, confiando na Palavra de Jeová (2:3).

II. O TRIUNFO DA FÉ (Cap. 3).

É o seguinte o conteúdo desta secção :

1. No princípio, o profeta estava pensando porque Jeová parecia dilatar o juízo sôbre os ímpios dentre Seu povo (1:2-3). Agora, tendo ouvido a sentença do Senhor, teme e ora para que Êle repita, a favor de Seu povo, a Sua obra de libertação como antigamente, e que Se recorde da misericórdia no meio do castigo (3:1, 2).

2. Êle apresenta um quadro vivo do procedimento de Jeová, nos dias passados, para salvar o Seu povo, dando a entender que a Sua misericórdia anterior para com Israel, seja uma garantia da Sua misericórdia futura para com êles (vers. 3-16).

3. Habacuque aprendeu a sua lição de fé. Sejam quais forem as circunstâncias dêle ou de seu povo, por mais tenebroso e sem esperanças que seja o futuro, êle regozijar-se-á no Senhor, no Deus da sua salvação (vers. 17-19).

SOFONIAS

Tema. A repetição freqüente da frase "o dia do Senhor" sugere imediatamente que Sofonias tinha uma mensagem de julgamento. Mas, como sucedeu com quase todos os demais profetas, tem também uma mensagem de restauração. "Foi dito que esta profecia de Sofonias é peculiarmente estéril — sem vida, sem flor, sem fruto, sem nenhuma das formosuras da natureza; nada senão um mundo queimado por um forte vento abrazador. Se é assim, qual é o motivo? Vejam as condições descritas. Os homens vivendo no luxo, negando a intervenção divina; a cidade que não obedeceu à Sua voz, não aceitou a correção, não confiou no Senhor, e não se aproximou de Deus. Os homens e a cidade materializados, egoístas, luxuosos; os regentes, príncipes, juízes, profetas e sacerdotes, todos corrrompidos. Tôda a situação pode exprimir-se numa palavra — **o cáos.** Qual é, — então, a história do "dia do Senhor"? Uma de um cáos consumado, desordem desorganizada, condições más destruídas, até que a cidade apareça ante os olhos do profeta assombrado, como uma paisagem sombria sem nenhuma vegetação, e varrida por um vento abrasador. Um expositor moderno disse que é perfeitamente evidente que êste último capítulo (cap. 3) não foi escrito por Sofonias, porque o contraste é muito grande entre o quadro do juízo terrível, devastador, irrevogável e o da restauração. Ninguém pode imaginar, declara êle, que o mesmo homem escrevesse ambos. Tudo isto é o resultado da cegueira do expositor. O último quadro é o de Jeová entronizado, o quadro de uma nova ordem: cânticos em vêz de tristeza, serviço em vêz de egoísmo, e solidariedade em lugar de dispersão. Esta é a intenção do juízo... O próprio contras-

te mostra a unidade da autoria do livro". Campbell Morgan. Resumiremos o tema da seguinte maneira: A noite do juízo sôbre Israel e sôbre as nações, seguida pela manhã da restauração do primeiro e da conversão das últimas.

Autor. Contrário ao uso comum, Sofonias traça a sua descendência até seu bisavô, Hezequias (Ezequias). Alguns crêem que êste fato indica que descendia do rei Ezequias ou que era de descendência nobre. Êle profetizou durante o reinado de Josias, rei de Judá. No período entre a cessação das profecias de Isaías, Miquéias e Naúm e dias de Sofonias e Jeremias, houve um período de 50 anos, durante o qual reinou o ímpio Manassés (II Crônicas 3:1-20). Durante êsse tempo o espírito profético estava adormecido. Reviveu durante o reinado de Josias (II Crôn. caps. 34, 35), quando o monarca começou a sua grande reforma, na qual Sofonias provàvelmente desempenhou u'a parte importante (Comp. II Crôn. 34:4, 5 e Sofonias 1:4, 5).

CONTEÚDO.

II. Um aviso de Juízo (cap. 1).
II. Um Chamado ao Arrependimento (2:1 a 3:7).
III. Uma Promessa de Restauração (3:8-20).

I. UM AVISO DE JUÍZO (Cap. 1).

Notem o conteúdo dêste capítulo.:

1. Um juízo impetuoso e destrutivo é anunciado (vers. 1-3).

2. U'a profecia de destruição da idolatria (vers. 4-6), cumprida no reinado de Josias.

3. O castigo vindouro de Judá exposto sob a figura de um sacrifício, as vítimas representando o povo e os convivas representando os invasores caldeus (v. 7).

4. O juízo cairá sôbre tôdas as classes: os regentes e seus filhos (v. 8), os servos que saqueiam o povo (v. 9), os negociantes (vers. 10, 11), os que vivem no luxo, indiferença e ceticismo (vers. 12, 13).

5. Uma descrição do dia de Jeová, o dia de Sua vingança sôbre os culpados (vers. 14-18).

II. UM CHAMADO AO ARREPENDIMENTO (Caps. 2:1 3:7).

1. Um aviso aos ímpios, a fim de que se arrependam para poder escapar ao castigo (2:1, 2).

2. Uma exortação aos justos, para preservar a brandura e a justiça, para poderem ser guardados nêsse dia (2:3).

3. Êste chamado ao arrependimento é reforçado pela certeza de juízo sôbre as nações vizinhas (2:4-15).

4. Jerusalém não escapará porque não prestou atenção ao aviso enviado por meio da sorte daquelas nações que Jeová havia castigado (3:1-7).

III. U'A PROMESSA DE RESTAURAÇÃO (Capítulo 3:8-20).

É o seguinte o conteúdo desta seção:

1. O julgamento das nações nos últimos dias será seguido por sua conversão e a instituição da adoração universal de Jeová (vers. 8, 9).

2. Jeová purificará Israel daquêles que descansaram no orgulho presunçoso dos privilégios de seu pacto; e, purificado dêstes pecadores, Israel será uma nação humilde, santa e confiante em Deus (vers. 12, 13).

3. Jeová retirará a Sua mão castigadora de Israel, abençoará o restante, castigará os inimigos de Israel e morará no meio dessa nação restaurada e glorificada (vers. 14-20).

CAPÍTULO XXIV

AGEU

Ageu é o primeiro dos profetas conhecidos como os profetas pos-exílicos; quer dizer que profetizou depois do cativeiro. Zacarias e Malaquias são os outros dois.

Leiam Esdras, caps. 1-7, para conhecer o fundo histórico desta profecia.

Tema. Sob o decréto favorável de Ciro, o resto judaico voltou à sua terra sob a direção de Zorobabel, seu governador, e Josué, seu sumo sacerdote. Depois de estabelecer-se na terra, o povo erigiu um altar de holocaustos no local do templo. Dois anos mais tarde, no meio de grandes regozijos, foram feitos os alicerces do templo. Seu regozijo logo se tornou em tristeza, porque, por meio dos esforços dos hostis samaritanos foi ordenado, por um decréto imperial, que fôsse interrompida a obra. Durante 16 anos o templo permaneceu inacabado, até o reinado de Dario, quando êsse rei publicou uma ordem permitindo a conclusão da obra. Mas, nêsse tempo o povo se tinha tornado indiferente e egoísta, e, em vêz de construir o templo, estava ocupado adornando as suas próprias casas. Como resultado desta negligência, foram castigados com sêca e esterilidade. A sua pergunta concernente ao motivo destas calamidades deu a Ageu ocasião para a sua mensagem, na qual declarou que a indiferença egoísta do povo no tocante às necessidades do templo era a causa dos seus infortúnios. Resumiremos o tema da seguinte maneira: O resultado do relaxamento na obra de terminar o templo — desagrado divino e castigo; o resultado da

terminação do templo — bênção divina e promessa de glória futura.

Autor. Pouco se sabe da biografia de Ageu, "o profeta do segundo templo", excéto que profetizou depois do cativeiro e que sua missão era animar o povo na reconstrução do templo. "A obra de Ageu era intensamente prática e importante. Jeová o empregou para despertar a consciência e a estimular o entusiasmo de seus compatriotas na reconstrução do templo. Nenhum profeta apareceu num momento mais crítico na história do povo e ninguém, pode-se acrescentar, teve mais êxito".

CONTEÚDO.

O livro divide-se naturalmente em quatro mensagens distintamente mencionadas:

I. Primeira mensagem: o descuido da terminação do segundo templo (1:1-15).

II. Segunda mensagem: a glória do segundo templo (2:1-9).

III. Terceira mensagem: o sacrifício sem obediência (para reconstruir o templo) não santificará (2:10-19).

IV. Quarta mensagem: a segurança e perpetuação da casa de Israel (2:20-23).

I. **PRIMEIRA MENSAGEM**: o descuido do acabamento do segundo templo (cap. 1:1-15).

1. A desculpa para a negligência era (vers. 1, 2) "Não chegou ainda o tempo em que a casa do Senhor deve ser edificada". O povo esperava provàvelmente alguma revelação especial de Deus antes de levar a cabo o que sabia ser seu dever.

2. A causa do descuido — o egoísmo do povo (vers. 3, 4). Não esperaram nenhum mandamento especial para construir e embelezar suas próprias casas.

3. O castigo pelo descuido — sêca e esterilidade (vers. 5-11).

.. 4. O arrependimento pelo descuido (vers. 12-15). O povo trabalhando no templo.

II. A SEGUNDA MENSAGEM: a glória do segundo templo (Cap. 2:1-9).

1. O desalento do povo (vers. 1-3). Recordando a magnificência do templo de Salomão, o povo evidentemente se desanimou pelo pensamento de que o templo atual não seria igual em beleza e glória. Sabiam que lhe faltaria a glória "Shekinah", que encheu o primeiro templo.

2. O encorajamento divino (vers. 4-9). A glória do segundo templo será maior do que a do primeiro, declara Jeová, porque o próprio Messias, o Senhor da glória, entrará nêle. Isto se cumpriu na primeira vinda de Cristo, quando entrou no templo. (João 2:13-25; comp. Malaquias 3:1). Um cumprimento mais completo pode ter lugar na Sua segunda vinda.

III. TERCEIRA MENSAGEM: os sacrifícios sem obediência (para reconstruir o templo) não santificarão (cap. 2:10-19).

1. Uma parábola (vers. 10-14). A lição contida nêstes versículos é a seguinte: a santidade não é contagiosa, mas o pecado o é. Os sacrifícios oferecidos sôbre o altar não são suficientes para santificar uma terra que a desobediência do povo tinha corrompido. Por isso é que a terra estava estéril. "O leve aroma de santidade que subia do altar era fraco demais para que pudesse pene-

trar na atmosfera materialista de suas vidas. Ageu argumenta que durante 16 anos os sacrifícios tinham sido imundos ante a vista de Deus, e não lhes tinham trazido bênção, porque o templo estava em ruínas".

2. Uma admoestação (vers. 15-18). A desolação da terra foi causada pela desobediência.

3. Uma promessa (vers. 19). Agora que o povo verdadeiramente se pôs à obra, o Senhor o abençoará.

IV. QUARTA MENSAGEM: a segurança e a perpetuação de Israel (Cap. 2:20-23).

1. As perturbações mundiais vindouras (2:20-22). Comparando Ageu 2:6, 7 e hebreus 12:26-28, vêmos aquí uma referência à sublevação final do mundo, que precederá a segunda vinda de Cristo.

2. A segurança da salvação (v. 23). As perturbações nacionais no tempo de Zorobabel talvez fizeram com que temesse pela segurança da sua nação. Como representante da casa de Daví e como antecessor do Messias, êle recebe uma promessa de proteção e segurança para si e para o seu povo. Tôdas as nações do mundo serão abaladas, mas a nação judaica sob o Messias, de Quem Zorobabel é um símbolo, será estabelecida.

ZACARIAS

Tema. O fundo histórico da profecia de Zacarias é o mesmo de Ageu, sendo que ambos os profetas ministravam durante o mesmo período e tiveram u'a missão semelhante. A missão de Zacarias era animar, por meio da promessa do êxito atual e da glória futura, o resto do povo judeu, que estava desanimado pelas aflições atuais e que hesitava em reconstruir o seu templo. O povo tinha bons motivos para estar desanimado. Antes êles eram uma nação livre, tendo um rei e uma constituição. Mas agora, tinham regressado a êsse país sob um govêrno estrangeiro, um país sem rei e despojado de poder. A sua atual condição apresentava um quadro triste, mas Zacarias transformou essa situação calamitosa em uma cena gloriosa, enquanto êle, por uma série de visões e profecias, descreve uma Jerusalém restaurada, protegida e habitada pelo Messias, sendo ela a capital de uma nação elevada sôbre tôdas as demais nações.. Além da promessa de glória futura, o profeta fêz promessas de êxitos e empreendimentos atuais, porque assegurava ao resto que o seu templo seria reconstruído, apesar da oposição. Mas Zacarías não podia oferecer um encorajamento permanente, a não ser pela promessa da vinda do Messias. A experiência atual de Israel não passa de precursora de sua experiência futura. Como a nação foi purificada do pecado da idolatria por meio de castigo do cativeiro babilônico, assim, por meio do fogo da grande tribulação, será purificado do seu maior pecado — a rejeição do seu Messias e Rei (13:8, 9; 12:10; 13:1). Ressumiremos o tema da seguinte maneira: um estímulo à nação para servir fielmente ao seu Deus por meio da aflição atual, com a visão das glórias futuras dos tempos do Messias.

Autor. Zacarias provàvelmente nasceu em Babilônia. Entrou no ministério quando ainda jovem (2:4), e começou a profetizar pouco depois de Ageu, sendo seu companheiro. A sua missão era animar o zêlo debilitado do povo e encorajá-lo, desviando o seu olhar do tenebroso presente e dirigindo-o para um futuro refulgente.

CONTEÚDO.

Dividiremos o livro nas três seções como se segue:

I. Simbólica: Visões de Esperança (Caps. 1-6).
II. Prática: Exortações a obediência e Piedade (Capítulos 7, 8).
III. Profética: Promessas de glória, por meio da Tribulação (Caps. 9-14).

I. SIMBÓLICAS: Visões de Esperança (Caps. 1 a 6).

O capítulo 1:1-6 forma a introdução do livro. O remanescente é advertido que lhe sirva de exemplo a sorte de seus pais, que desobedeceram à voz dos profetas e sofreram as conseqüências. O povo há-de obedecer a mensagem dos profetas atuais, Ageu e Zacarias, cujas palavras cumprir-se-ão muito acertadamente, tanto quanto as dos profetas anteriores. Logo se segue uma série de visões, levando mensagens do cuidado e da proteção de Deus para com o Seu povo.

1. A visão do cavaleiro entre as murteiras (1:7-17). O cavaleiro representa juntamente com os cavalos, um agente de Deus na terra e informa o anjo do Senhor, que o mundo inteiro está em socêgo e repouso, simbolizando assim, que veio o tempo do cumprimento das promessas de Deus, com relação à restauração de Israel. Em resposta à intercessão do anjo, Jeová diz que está aborrecido com os pagãos que excederam na sua mis-

são concernente ao castigo de Judá. Êle voltará e reedificará as cidades de Judá.

2. A visão dos quatro cornos e dos quatro ferreiros (1:18-21), demonstrando a destruição dos opressores de Israel.

3. A visão do homem com o cordel de medir (cap. 2). simbolizando a reconstrução de Jerusalém. Será reconstruída sem muros por causa do aumento futuro da população e por Jeová mesmo ser como um muro de fogo ao redor dela.

4. A visão de Josué, o sumo sacerdote (cap. 3). O sumo sacerdote, despojado das vestes sujas, e revestido com vestimentas limpas, representa a pureza do remanescente do povo judeu (vers. 1-7). Josué e seus companheiros sacerdotes são um símbolo do Messias, que efetuará a purificação final de Israel (vers. 8-10).

5. A visão do castiçal de ouro e das oliveiras (cap. 4). Por meio do Espírito agindo em Zorobabel e Josué (as duas oliveiras) se efetuará a reconstrução do templo (o castiçal de ouro) e a restauração da nação, e não por meio do poder humano (v. 6).

6. A visão do rolo voante (5:1-4), ensinando que depois da terminação do templo, Deus castigará aquêles que violarem as Suas leis.

7. A visão do efa (5:5-11). O ensino desta visão parece ser o seguinte: os pecados de Israel são removidos — especialmente os pecados de idolatria e rebelião — e êles (os judeus) serão levados a Babilônia, o centro da idolatria e também o lugar da primeira rebelião, provàvelmente o centro da apóstasia e da rebelião finais.

8. A visão dos quatro carros (6:1-8), simbolizando a rapidez e as proporções dos julgamentos de Jeová contra os opressores anteriores de Israel.

9. A coroação simbólica de Josué, o Sumo Sacerdote (6:9-15), simbolizando a coroação do Messias como Rei e Sacerdote, e a construção do Seu templo espiritual, no qual estará entronizado como regente e intercessor.

II. PRÁTICA: Exortações, Obediência e Piedade (Caps. 7,8).

As exortações acima mencionadas foram ocasionadas em parte pela pergunta dos representantes do povo, se deveriam ou não continuar o jejum em comemoração da queda de Jerusalém. (7:1-3). As respostas do profeta estão contídas nas seguintes lições:

1. Deus deseja obediência em lugar de jejum. Foi a desobediência do povo que trouxe os castigos que deram lugar ao jejum (cap. 7).

2. Quando fôr removida a causa do jejum e do luto — o pecado, — então os jejuns de Israel tornar-se-ão em festas (7:19). Êsse dia está próximo, porque Israel finalmente será reunido, e Jerusalém tornar-se-á o centro religioso da terra (cap. 8).

III. PROFÉTICA: Promessas de Glória sob Tribulações (Caps. 9 a 14).

Seguindo a sugestão do Dr. Gray, dividiremos esta seção de acôrdo com os períodos da história de Israel; Israel sob o govêrno da Grécia (caps. 9-10); Israel sob o govêrno romano (cap. 11); Israel sob o govêrno do Messias (caps. 12-14).

1) Israel sob o govêrno grego (caps. 9, 10).

(a) Uma profecia concernente às conquistas de Alexandre Magno, Imperador da Grécia, um rei que viveu cêrca de trezentos anos antes de Cristo (9:1-8). Vers. 1-7 registram as suas conquistas ao longo da cos-

ta ocidental da Palestina; e o vers. 8, a libertação de Jerusalém da sua mão. Josefo, o historiador judeu, relata o acontecimento ùltimamente mencionado. Informa que, depois da conquista de Tiro e Gaza (mencionados em 9:1-7), Alexandre se dirigiu contra Jerusalém, para castigar Jado, o Sumo Sacerdote, que tinha recusado submeter-se a êle. O Senhor, em sônho, ordenou a Jado que abrisse as portas ao conquistador, que vestisse as suas vestimentas de Sumo Sacerdote e, assistido por seus sacerdotes, recebesse Alexandre em triunfo. Jado obedeceu; Alexandre, vendo esta procissão imponente, saudou-o e adorou a Deus cujo nome lia-se na placa de ouro na mitra do sacerdote. Alexandre então explicou que, ao entrar na Macedônia, teve uma visão desta procisão, e esta visão voltou à sua memória, ao vê-la na realidade. Depois disso tratou os judeus com grande bondade.

(b) A vinda do Messias, o Qual, em contraste com Alexandre, é o verdadeiro Rei e conquistador do mundo (9:9-12).

(c) Uma profecia de derrota de Antíoco Epifânio, rei da Síria (cêrca de 165 anos antes de Cristo), uma das divisões do império de Alexandre (9:13-7). Antíoco, vendo que a religião judaica era o obstáculo de uma submissão perfeita daquela nação, concebeu o plano de aboli-la e substituí-la pelos cultos da Grécia. Conquistou Jerusalém, contaminou o templo e proibiu o culto de Jeová. A perseguição resultou e continuou até que Judas Macabeu e seus irmãos, os filhos do Sumo Sacerdote, se puseram a frente de um exército judeu que expulsou os sírios do país. Podemos considerar esta libertação como um símbolo do resgate final de Israel (cap. 10).

2. Israel sob o govêrno romano (cap. 11). Êste capítulo trata principalmente da rejeição do Messias e dos julgamentos que seguiram. Muitas das profecias são

simbolizadas por atos, como por exemplo: quebrar as varas, etc. (vers. 10-14). Tomando êste capítulo inteiro como messiânico, tomaremos nota do seu conteúdo da seguinte maneira:

(a) Um quadro do juízo, provàvelmente aquêle que seguirá a rejeição de Cristo (vers. 1-6).

b) O ministério do Messias — o de um Pastor de Israel (vers. 7-8).

c) A rejeição do Messias pelo rebanho (vers. 9-11).

d) A avaliação do Messias pelo Seu povo — trinta moedas de prata, o prêço de um escravo. (vers. 12, 13; Comp. Mat. 26:14-16; 27:3-10).

e) A rejeição do verdadeiro Pastor, seguido pelo surgimento de um pastor falso — um símbolo do Anticristo (vers. 15-17).

3. Israel sob o govêrno do Messias — (caps. 12-14).

a) O sítio de Jerusalém e a sua libertação pela aparição de Cristo (cap. 12).

b) A purificação de Israel (cap. 13).

c) A exaltação de Israel (cap. 14).

M A L A Q U I A S

Tema. Em Neemias lemos a última página da história do Antigo Testamento; no livro do profeta Malaquias, contemporâneo de Neemias, lemos a última página da profecia do Antigo Testamento. Malaquias, o último dos profetas, testifica, como fazem os seus predecessores, o triste fato de que Israel falhou. Êle apresenta um quadro de um povo exteriormente religioso, mas interiormente indiferente e falso, um povo para o qual o serviço de Jeová se tornou em formalismo vazio, desempenhado por um sacerdócio corrompido que não o respeitava. Sob o ministério de Ageu e Zacarias, o povo estava disposto a reconhecer as suas faltas e a corrigí-las, mas agora, endureceram-se tanto que negam insolentemente as acusações de Jeová (1:1, 2; 2:17; 3:7). Pior ainda, muitos professam ceticismo quanto à existência de um Deus de juízo e outros perguntam se valerá a pena servir ao Senhor (2:17; 3:14, 15). Qual raio de luz nesta cena escura, brilha a promessa da vinda do Messias, que chegará para libertar o resto dos fiéis e julgar a nação. O livro termina com uma profecia da vinda de Elias, o precursor do Messias, e depois cerra-se a cortina sôbre a revelação do Antigo Testamento, para não mais se levantar até quatrocentos anos mais tarde, quando o anjo do Senhor anunciou a vinda d'Aquêle que irá adiante d'Êle e que virá com o espírito e a virtude de Elias (Lucas 1:17). Resumiremos o tema da seguinte maneira: a última profecia do Velho Testamento, uma revelação de um povo rebelde e falso, de um remanescente fiel e do Messias vindouro que julgará e purificará a nação.

Notem a repetição da palavra "em que" (parágrafo I, 1, 2 e 3, que exprime a atitude provocante do povo concernente às acusações de Jeová. Caps. 1, 2.

Autor. Nada se sabe da história pessoal de Malaquias. Crê-se que profetizou durante o tempo de Neemias e o apoiou, como Ageu e Zacarias apoiaram Zorobabel. O livro de Malaquias adapta-se à situação em que Neemias agiu, como o anel no dêdo. O profeta denunciou os mesmos males que existiam no tempo de Neemias (comp. Ne. 13:10-12 e Mal. 3:8-10; Ne. 13:29 e Mal. 2:4-8; Ne. 13:23-27 e Mal. 2:10-16). Escreveu tanto acêrca de Cristo que alguém disse: "A profecia do Antigo Testamento expirou com o Evangelho já em sua língua"!

CONTEÚDO.

I. Aviso e Repreensão: Mensagens aos rebeldes (caps. 1:1 a 3:15.

II. Predição e Promessas: Mensagens aos fiéis (caps 3:16 a 4:6).

1. Uma mensagem à nação inteira (1:1-5) — Seu amor para com êles e a ingratidão dêles. O povo pergunta de uma maneira insolente acêrca do amor de Jeová para com êles, evidentemente pensando nas suas aflições anteriores, mas esquecendo-se de que eram os castigos do Todo-Poderoso que visavam purificá-los. Como uma prova de seu amor para com a nação, o Senhor refere-se à eleição gratuita de seu pai, Jacó, e à rejeição de seu irmão (notem que a palavra "aborrecer" não significa aborrecimento no sentido em que hoje a entendemos, mas se usa aquí no sentido de "rejeitar". Comp. Lucas 14:26 e Mat 10:37 onde a palavra "aborrecer" significa amar com um afeto menor). Edom está rejeitado por Deus e será desolado para sempre. Mas Israel, esco-

lhido perpètuamente, viverá para ver a desolação de Edom e glorificará a graça e o amor de Deus (vers. 4, 5).

2. Mensagens aos sacerdotes (1:6 a 2:9). São os seguintes os pecados censurados:

a) Falta de reverência para com o Senhor (1:6). Notem o espírito de insensibilidade diante do pecado, revelado na resposta dos sacerdotes: "Em que temos desprezado teu nome?" A atitude manifesta-se em tôdas as respostas do povo e dos sacerdotes às repreensões por Jeová.

b) O oferecimento de sacrifícios defeituosos (1:7-12). Dario e os seus sucessores provàvelmente forneciam vítimas em abundância aos sacerdotes para os sacrifícios (Esdras 6:8-10), mas ofereciam sòmente as piores. Ofereciam ao Senhor aquilo que não se atreviam a oferecer ao seu príncipe (v. 8). Mas embora sejam oferecidos sacrifícios imundos na Palestina, entre os pagãos há e haverá aquêles que foram ante o Senhor com uma oferenda pura (v. 11).

c) O desempênho do serviço de Deus com o espírito de indiferença e descontentamento (1:11, 12). Consideravam o serviço de Deus como enfadonho e o deshonravam apresentando oferendas de menor valor.

d) A violação do pacto levítico (2:1-9). O Senhor menciona aquelas qualidades que o pacto requeria, no sacerdote, a saber: andar muito perto de Jeová, zêlo para deixar a iniqüidade, e habilidade para ensinar (vers. 5-7). De tôdas estas qualidades, o sacerdócio no tempo de Malaquias carecia muito. (v. 8).

3. Mensagens ao povo (2:11 a 3:15). São censurados os seguintes pecados:

a) Pecados de família (2:10-16). Muitos tinham-se divorciado de suas espôsas israelitas para poderem casar-se com mulheres estrangeiras (comp. Neemias 13: 23-28).

b) Ceticismo (2:17). Êste versículo forma a transição a 3:1. Os céticos do dia estavam insinuando que os malfeitores agradavam a Deus, visto que êstes últimos pareciam prosperar. Então, se era assim, porque se devia servir a Deus? (3:14, 15). Onde está o Deus do juízo? perguntam. A resposta está para chegar (3:1-6). O Senhor que buscam (3:1) (ao qual desafiam que apareça) — virá repentinamente (quando menos O esperam) ao Seu templo e julgará os sacerdotes e o povo. Não porque Jeová houvesse mudado, foi o Juízo retardado, mas sim porque Êle não tinha mudado concernente às promessas de Seu pacto e por causa de Sua imutável misericórdia (vers. 6).

c) A retenção dos dízimos (3:7-12); comp. Neemias 13:10-14).

II. PREDIÇÕES E PROMESSAS: MENSAGENS AOS FIÉIS (Caps. 3:16 a 4:6).

1. Uma mensagem aos justos (3:16 a 4:3). Nos dias mais negros da apostasia de Israel sempre havia um remanescente fiel a Deus. Nos dias de Malaquias, quando a chama religiosa estava quase apagada, êstes fiéis congregavam-se para conservar vivo o fogo santo. Assim como os reis da Pérsia conservavam um registro daquêles que lhes tinham rendido serviços, para poderem recompensá-los (Ester 2.23; 6:1, 2; Esdras 4:5), assim também Deus guarda o Seu registro (v. 16). Êstes fiéis são Suas jóias, o Seu tesouro peculiar, que Êle poupará no dia da Tribulação. Nêsse dia tanto os justos como os ímpios serão recompensados, e então a zombaria dos céticos se calará (v. 18, comp. 2:17; 3:14, 15). O Sol da justiça surgirá para queimar os ímpios e para expor seus raios salutares sôbre os justos (4:1-3).

2. A última exortação do Antigo Testamento (4:4) "Lembrai-vos da lei de Moisés". Até que viesse o Mes-

sias, a revelação ia cessar temporàriamente. O povo há-de lembrar-se da lei, porque, com a ausência dos profetas vivos, estarão propensos a esquecer-se dela. A lei deve ser a sua regra de vida e conduta durante quatrocentos anos de silêncio que intervêm entre o último profeta do Antigo Testamento e a vinda do Profeta dos profetas.

3. **A** última profecia do Velho Testamento (4:5, 6). Antes da vinda do grande dia de ira, Deus enviará o precursor do Messias, Elias, quem preparará o povo para a Sua vinda. Esta profecia se cumpriu em João Batista (Lucas 1:17; Mat. 11:14; 17:11, 12). É provável que terá um cumprimento futuro, porque como o Messias teve um precursor em Sua primeira vinda, assim poderá ter um em Sua segunda vinda.

P A R T E II

C A P Í T U L O I

OS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO

Aprendam a seguinte classificação :

I — Os Evangelhos que tratam da **manifestação da salvação** :

1. Mateus
2. Marcos
3. Lucas
4. João

II — O livro histórico que trata da **propagação** da salvação :

1. Atos dos Apóstolos.

III — Os livros doutrinários que tratam da **explicação** da salvação :

As Epístolas Paulinas :

1. Romanos
2. I Coríntios
3. II Coríntios
4. Gálatas
5. Efésios
6. Filipenses
7. Colossenses

8. I Tessalonicenses
9. II Tessalonicenses
10. I Timóteo
11. II Timóteo
12. Tito
13. Filemon
14. Hebreus

As Epístolas Gerais :

1. S. Tiago
2. I Pedro
3. II Pedro
4. I João
5. II João
6. III João
7. Judas

IV — O livro profético que trata da consumação da salvação :

1. Apocalipse

OS QUATRO EVANGELHOS

A primeira pergunta que se nos apresenta, antes de começar o estudo dos Evangelhos é esta: Por que há quatro Evangelhos? Por que não são dois, três ou sòmente um? Isto pode ser explicado fàcilmente, pelo fato de ter havido, nos tempos apostólicos, quatro classes representativas do povo — os judeus, os romanos, os gregos e êsse corpo tomado de tôdas as três classes — a Igreja. Cada um dos evangelistas escreveu para uma dessas classes, adaptando-se ao seu caráter, às suas necessidades e ideais. Mateus, sabendo que os judeus estavam ansiosamente esperando a vinda do Messias prometido no Velho Testamento, apresenta Jesus como o Messias. Lucas, escrevendo para um povo culto, os gregos, cujo ideal era o homem perfeito, fêz com que o seu livro focalizasse a pessoa de Cristo como a expressão dêsse ideal. Marcos escreveu aos romanos, um povo cujo ideal era o poder e o serviço, e êle descreveu Cristo como o Conquistador Poderoso. João tinha em mente as necessidades dos cristãos de tôdas as nações e assim apresenta as verdades mais profundas do Evangelho, entre as quais, mencionamos os ensinos acêrca da divindade de Cristo e do Espírito Santo. O referido princípio de adaptação foi mencionado por Paulo em I Cor. 9:19-21, e foi ilustrado em seu ministério entre os judeus e gentios (Comparem a sua mensagem aos judeus em Atos 13:14-41, e a dirigida aos gregos em 17:22-31). Esta adaptação é uma nítida indicação de um desígnio divino nos quatro Evangelhos.

Quanto a isto, devemos lembrar-nos de que a mensagem dos Evangelhos se dirige à humanidade em geral, sendo os homens os mesmos em tôdas as épocas.

Os fatos anteriores revelam mais uma razão para a existência de quatro Evangelhos, a saber: um Evangelho só não teria sido suficiente para apresentar os vários aspectos da personalidade de Cristo. Cada um dos evangelistas O vê sob um aspecto diferente. Mateus apresenta-O como Rei, Marcos como Conquistador e Servo, Lucas como o Filho do Homem e João como o Filho de Deus. Esta visão de Cristo é como a visão de um grande edifício — só um lado pode ser visto de cada vez.

O fato dos evangelistas terem escrito os seus relatos sob diferentes pontos de vista explicará as diferenças entre êles, as suas omissões e adições, a sua aparente contradição ocasional, e a sua falta de ordem cronológica. Os escritores não procuraram produzir uma biografia completa de Cristo, mas levando em consideração as necessidades e o caráter do povo para o qual escreviam, escolheram exatamente aquêles acontecimentos e discursos, que acentuaram a sua mensagem especial. Mateus, por exemplo, escrevendo para o judeu, fêz com que tudo no seu Evangelho — a seleção de discursos e acontecimentos, as omissões e adições, o agrupamento dos fatos — servissem para acentuar o fato da missão messiânica de Jesus.

Como uma ilustração da maneira em que cada evangelista acentua um aspecto particular da personalidade de Cristo, vejamos o seguinte: quatro autores propõem-se a escrever a biografia de uma pessôa que tinha adquirido fama como estadista, soldado e autor. Um desejaria acentuar a sua carreira política, colhendo relato de suas campanhas e discursos para incorporá-los na biografia. Outro acentuaria os seus êxitos literários. O terceiro, com a intenção de sublinhar as suas proesas no mundo militar, descreveria as suas promoções, suas condecorações e as batalhas nas quais

se distinguiu. O quarto desejaria exaltar as suas virtudes, manifestadas na sua vida doméstica, e relataria aquêles fatos que o descrevem como pai, espôso ou amigo ideal.

Os primeiros três Evangelhos são chamados sinópticos, porque fornecem uma "sinopse" (vista geral) dos mesmos acontecimentos e têm um plano comum. O Evangelho de João está escrito em base inteiramente diferente dos outros três.

Os pontos de diferença entre os Sinópticos e o Evangelho de João são os seguintes :

1. Os Sinópticos contêm uma mensagem evangélica para os homens não espirituais; o de João contém uma mensagem espiritual para os cristãos.

2. Nos três vemos o Seu ministério na Galiléia, mas no quarto vemos, de modo especial, o Seu ministério na Judéia.

3. Nos três sobressai mais a Sua vida pública, ao passo que no quarto é revelada a Sua vida particular.

4. Nos três impressiona a Sua humanidade real e perfeita; no quarto, Sua divindade impressionante e verdadeira.

O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

Tema. O tema central dêste Evangelho é Jesus, o Rei Messias. Mateus, escrevendo aos judeus e conhecendo as suas grandes esperanças, apresenta Jesus como o único que cumpre as Escrituras do Antigo Testamento com relação ao Messias. Por meio de numerosas citações do Velho Testamento êle mostra o que o Messias deve ser. Por um registro das palavras e atos de Jesus, prova que Êle era aquêle Messias. A repetição freqüente das palavras "reino" e "reino dos céus", revela outro tema importante do Evangelho de Mateus. Expõe o reino dos céus como prometido no Velho Testamento (Mat. 11:13), como proclamado por João Batista e Jesus (3:2; 4:17), representado agora pela Igreja (16:18, 19), e como triunfante na segunda vinda de Jesus (25:31, 34).

Autor. Uma tradição digna de confiança atribui a Mateus a autoria dêste livro. Muito pouco se diz acêrca dêle no Novo Testamento. Sabemos, entretanto, que era um coletor de impostos do govêrno romano, e que foi chamado pelo Senhor para ser Seu discípulo e apóstolo.

Para quem foi escrito. Para tôda a humanidade em geral, mas para os judeus em particular. A intenção de dirigir-se primeiramente ao judeu, vê-se pelos seguintes fatos :

1. O grande número de citações do Velho Testamento — há cêrca de 60 dessas. Alguém que prega aos judeus deve provar a sua doutrina pelas Escrituras antigas. Mateus faz dessas citações a verdadeira base do seu Evangelho.

2. As primeiras palavras do livro "O livro da geração de Jesus Cristo, filho de Daví, filho de Abraão", sugerem imediatamente ao judeu êsses dois pactos que contêm promessas do Messias — o davídico e o de Abraão (II Sam. 7:8-16; Gên. 12:1-3).

3. A ausência geral de explicações dos costumes judaicos, demonstra que o evangelista escreveu a um povo familiarizado com os mesmos.

CONTEÚDO

I. A Vinda do Messias 1:1 a 4:11
II. O Ministério do Messias. 4:12 a 16:12
III. A Reivindicação do Messias. 16:13 a 23:39
IV. O Sacrifício do Messias. Caps. 24 a 27
V. O Triunfo do Messias. Cap, 28

I. A VINDA DO MESSIAS (Caps. 1:1 a 4:11).

1. Genealogia. 1:1-17.
2. Nascimento. 1:18-25.
3. Os Magos. 2:1-12.
4. A Fuga para o Egito e o Regresso. 2:13-32.
5. O Batismo de Jesus. Cap. 3.
6. A Tentação de Jesus. 4:1-11.

Os Judeus davam muita importância às genealogias. Antes de uma pessoa ser ordenada para o sacerdócio, requeria-se que provasse a sua descendência de Arão. No tempo de Esdras alguns foram rejeitados por causa de não poderem provar o seu direito ao sacerdócio. Mateus, expondo Jesus como o Messias, vê-se obrigado a provar pelo Velho Testamento que Jesus é filho de Daví — Aquêle que tem o direito de ser rei de Israel. Sal. 132:11. Fêz isto na genealogia que se encontra no capítulo 1:1-17, que é a de José.

O Velho Testamento ensina que o Messias havia de nascer de uma virgem, e que devia ser, não sòmente o Filho de Daví, mas o Filho de Deus. Isa. 9:6. Mateus, portanto, narra o nascimento virginal de Cristo para demonstrar como se cumpriram n'Êle estas Escrituras.

Os Magos provàvelmente eram de uma tribo sacerdotal dos medos, cuja ocupação principal era o estudo da astrologia e a interpretação de sonhos. São representantes dessa classe de gentios que adoram o verdadeiro Deus de acôrdo com tôda a luz que possuem. Possìvelmente chegaram a esperar a vinda do Messias pelo testemunho dos judeus que viviam em seu país.

Herodes, não obstante ter sido um rei eficiente, era um mônstro na crueldade. Conhecendo a sua própria falta de popularidade e temendo constantemente a perda do seu trono, destruía desapiedadamente todo aquêle do qual suspeitava aspirar a regência. Isto explica a sua perturbação pelas novas do nascimento de um rei dos judeus, e o seu ato ordenando a matança das crianças de Belém. Seu plano sanguinolento foi frustrado por uma admoestação divina.

O capítulo 3 registra o ministério de João Batista. Seu ministério visava preparar a nação para a vinda do Messias, pelo rito do batismo que era um símbolo da purificação do pecado que seria efetuada pela morte do Messias. Surge aquí a pergunta: por que foi batizado Jesus, se Êle não necessitava de arrependimento? O versículo 15 dá uma resposta: "Por que assim nos convém cumprir tôda a justiça". Isto significa que Jesus desejava identificar-se com a nação judaica e de Se obrigar a guardar tôda a lei. Veja Gál. 4:4. Aprendemos no Evangelho segundo João que uma outra razão para o batismo de Jesus era para que João Batista recebesse uma revelação da Sua divindade. João 1:31, 33.

Como Cristo veio como representante da humanidade, e sendo a Sua missão a de destruir as obras do dia-

bo, era conveniente que começasse o Seu ministério com uma vitória sôbre o grande adversário da raça. O capítulo 4 registra o Seu grande triunfo sôbre Satanás.

II. O MINISTÉRIO DO MESSIAS (Caps. 4:12-16:12)

1. Ponto de partida do ministério; primeiros discípulos; primeiras obras. 4:12-25.
2. As leis do Reino do Messias — O Sermão do Monte. Caps. 5 a 7.
3. O poder do Messias manifestado sôbre a enfermidade, a natureza, os demônios e a morte. 8 a 9:35.
4. A missão dos doze apóstolos. 9:36 a 11:1.
5. A pergunta de João Batista. 11:2-30.
6. Oposição dos fariseus. 12:1-45.
7. Ensino por parábolas. Cap. 13.
8. A oposição de Herodes; a alimentação de 5.000. Cap. 14.
9. A oposição dos líderes na Judéia e Galiléia. 15:1 a 16:12.

Mateus mostra a Galiléia como o ponto de partida do ministério de Jesus em cumprimento da profecia. Note quantas vêzes se repete neste Evangelho a expressão "para que se cumprisse". Jesus adota a mensagem de João Batista, a saber: a vinda do reino dos céus. Pela expressão "o Reino dos Céus", queremos dizer: o govêrno de Deus em Cristo e por meio d'Êle. Isto foi prometido no Velho Testamento, é agora representado na igreja, e será triunfante na segunda vinda de Cristo.

Tendo proclamado a iminência de Seu reino, Jesus explica Suas leis nêsse discurso conhecido como o Sermão do Monte. Alí aprendemos acêrca do caráter dos membros dêsse reino (5:17 a 7:6) e os requisitos para entrar nêle (7:7-29).

Mateus mostra Jesus apresentando as Suas credenciais à nação, manifestando os Seus poderes como prova de Sua missão messiânica. Mas apesar de terem sido os Seus milagres sinais da Sua divindade e provas da Sua missão, nunca foram efetuados mèramente por ostentação ou para satisfazer a curiosidade, mas, sim, para o alívio da humanidade sofredora. Podemos considerar os Seus milagres como símbolos do seu poder salvador.

1. Seu poder sôbre as enfermidades simbolizava o seu poder sôbre o pecado.

2. Seu poder sôbre os demônios era um símbolo da queda completa do reino de Satanás.

3. Seu poder sôbre a morte revela-O como Aquêle que vivificará todos os mortos.

4. Seu poder sôbre a natureza demonstra como Êle libertará o mundo da maldição.

Jesus já escolheu alguns discípulos. 4:18-22. Sem dúvida, muitos se congregaram ao Seu redor; entretanto, dêstes, escolheu apenas 12 para ajudá-Lo a pregar o Evangelho e a prepará-los para a sua obra futura de líderes da igreja. Com o propósito de confirmar a sua mensagem, Êle lhes concede o poder de fazer milagres. Como o tempo da Evangelização dos gentios não era ainda chegado, Êle limitou o seu ministério a Israel. 10:6.

A concepção dos judeus quanto ao Messias era a de um príncipe poderoso que estabeleceria um grande reino temporal. Jesus não correspondeu a êsses ideais, porque proclamou a vinda de um reino espiritual. Embora a concepção de João Batista fôsse espiritual, é possível que êle esperava que o reino do Messias fôsse estabelecido imediatamente com poder. Sentindo-se decepcionado em suas expectativas, não vendo sinais de que o Messias o libertasse da prisão, êle cede à dúvida e ao desânimo. Mas, felizmente, leva as suas dúvidas a Jesus, que imediatamente confirma sua fé.

O capítulo 12 registra a oposição dos fariseus a Jesus. Seus motivos para opôr-se a Êle eram os seguintes: Sua origem humilde; Sua associação com pecadores; e a Sua oposição às tradições. O capítulo 12 descreve a oposição vinda pela última razão mencionada. Os fariseus, embora aceitando todo o Velho Testamento, aceitavam como autoritativas muitas tradições que obscureciam o sentido verdadeiro das Escrituras.

Nos versículos 1-13 trata-se da questão do Sábado. Por suas interpretações tradicionais, os mestres judeus tinham transformado aquêle dia de descanso em pesado fardo para o homem, ao passo que Deus havia intencionado que fôsse uma bênção. Porque os Seus discípulos colheram trigo no sábado e porque Êle mesmo tinha curado um homem naquele dia, foi acusado de quebrar a lei. Em Sua resposta o nosso Senhor ensinou que o Sábado cede às necessidades humanas (vers. 3, 4, 12); que Deus deseja bondade prática em vez de observâncias exteriores (v. 7); e que Êle, como o Senhor do Sábado, tinha o direito de decidir como deveria ser guardado (v. 8). Na sua má vontade para com Jesus, os fariseus chegaram ao ponto de acusá-Lo de fazer as Suas obras pelo poder de Satanás, razão porque o Senhor pronunciou uma admoestação contra a blasfêmia contra o Espírito Santo.

Até êste ponto, nosso Senhor ensinava em linguagem clara, mas, ao ver a oposição à Sua mensagem, começou a ensinar por parábolas quando falou de Seu reino. Êle fêz isso para impedir que êles mistificassem as suas palavras afim de usá-las contra Êle. Veja-se Lucas 23:1. (Parábola é o discurso que ensina uma verdade espiritual usando ilustração material). O seu objetivo em fazer isto foi ocultar a verdade aos zombadores e opositores (13:13-15), e revelá-la a quem a buscasse sinceramente (vers. 11, 16). As verdades gerais ensinadas nas parábolas são estas: durante a ausência de Cristo, o

mundo inteiro não será convertido; tôda a semente do Evangelho semeada não dará fruto; e o bem e o mal continuarão lado a lado até à segunda vinda de Cristo. As parábolas destinam-se a mostrar o crescimento e o progresso da igreja durante esta dispensação e a sua relação para com os pecadores, com aquêles que professam a fé, bem como para com o mundo em geral.

O capítulo 15:1-20, descreve a oposição posterior dos líderes contra Jesus, acusando-O de transgredir as suas tradições; mas Êle, em linguagem dura os repreende, por ocultarem a verdadeira interpretação das Escrituras sob as tradições feitas por homens. Em resposta à sua petição de operar um sinal (16:1), Êle refere-os aos sinais dos tempos, a saber: a madureza da nação para o juízo, a presença dos pregadores no meio dela proclamando o reino de Deus e a operação de milagres. Jesus já tinha dado sinais (Mat. 11:5), mas êles desejavam algo de espetacular. Sendo que Cristo sempre operou os seus milagres para aliviar o sofrimento da humanidade, recusa a sua petição.

III. A DECLARAÇÃO DAS REIVINDICAÇÕES DO MESSIAS (Caps. 16:13 a 23:39).

1. Sua declaração aos discípulos. 16:13 a 20:28
2. Sua declaração à nação. 20:29 a 23:39.

Até aquí Jesus não tem correspondido ao ideal do povo acêrca do Messias, pois, em vez de proclamar um reino temporal, proclamou um reino espiritual. E, embora o povo não O tenha aceitado como Messias, contudo considerou-O como um grande profeta (16:13). Devido à atitude do povo, Jesus não faz uma proclamação publica da Sua missão de Messias; se a fizesse, induziria os judeus a esperar o estabelecimento de um reino terrestre e a sua libertação dos romanos. Por esta razão fêz de modo particular a Sua declaração de ser Êle o Messias, sòmente aos Seus discípulos (16:15-19),

proibindo-os de revelar que Êle é o Messias (v. 20). Em seguida dá a conhecer os meios pelos quais Seu reino será inaugurado, a saber, por meio da Sua morte e ressurreição (16:21). Pedro, participando das idéias comuns do povo, não pode imaginar um Messias sofrendo e morrendo, e procura dissuadir Jesus de submeter-Se à morte. Jesus o censura, e ensina aos discípulos que antes da coroa, vem a cruz (16:24-27). O versículo 28 do mesmo capítulo refere-se à transfiguração, que era um vislumbre luminoso da entrada de Cristo na Sua glória.

As notícias de Sua humilhação e morte vindouras tanto desamimaram os discípulos que, para poder animá-los, Êle lhes permite vê-Lo por um curto espaço de tempo no Seu estado de glória e ouvir a voz do Pai aprovando o Seu propósito. Isto realiza-se na transfiguração (cap. 17). Notem que Êle obriga os Seus discípulos a guardar silêncio acêrca dêste acontecimento para que não surjam falsas esperanças no povo (v. 9). Mais tarde, repete a profecia da Sua morte vindoura (17:23), para poder gravar êste fato na mente dos Seus discípulos.

Muito embora Jesus não tenha proclamado pùblicamente a Sua missão messiânica, é necessário que Êle o faça, para que se cumprissem as Escrituras e para que a nação tivesse a oportunidade de aceitar ou rejeitá-Lo, uma forma de declaração pública dos Seus direitos. Isto realizou-se na Sua entrada triunfal em Jerusalém (21:1-16). Notem, porém, que não era uma demonstração bélica, mas sim a entrada pacífica de um Rei, "**manso** e montado em uma jumenta e em um jumentinho, filho de jumenta" (21:5).

Desta maneira, calculava-se não alarmar os romanos, que sempre temiam um levante. Nem tão pouco faz crer a nação na sua maioria que Jesus era o grande Messias conquistador que esperavam. Aquêles que a

Jesus aclamaram naquela ocasião, eram principalmente os Seus discípulos e os que tinham sido beneficiados pelo Seu ministério.

As reivindicações de Jesus foram rejeitadas pela nação representada pelos chefes (21:15, 23, 32, 45, 46; 22:15-40). Depois disso predisse, em parábolas, a rejeição da nação judaica por Deus e a recepção dos gentios por Êle (as parábolas dos lavradores máus e das bôdas). O capítulo 23 marca a ruptura final de Jesus com os chefes religiosos, e Sua lamentação sôbre Jerusalém.

IV. O SACRIFÍCIO DO MESSIAS (Caps. 24 a 27).

1. Discurso referente à segunda vinda de Cristo. 24:1-41.

2. Os juízos que se realizarão ao tempo da segunda vinda (21:42 a 25:46).

3. A traição, a prisão e o julgamento de Jesus (cap. 26).

4. A crucificação, cap. 27.

Acêrca do discurso de Cristo em 24:1-41, citamos o Professor Moorehead: "Dois objetivos supremos ocupam esta admirável profecia, um dos quais estava próximo a cumprir-se, e o outro remoto. Ambos eram perfeitamente claros à Sua vista oniciente. O que está próximo é a queda de Jerusalém, o que está remoto é a Sua segunda vinda. O primeiro realizou-se dentro de quarenta anos após a predição, a saber, em 70 a D.; o segundo pertence ao futuro. O primeiro era restrito a uma área muito limitada, apesar de afetar o mundo inteiro pelas suas consequências; o outro abrange o planeta".

"Algumas das predições referem-se a ambos os acontecimentos, mas em gráus diferentes. A queda de Jerusalém é insignificante, comparada com a vinda do Senhor Jesus Cristo. Há porém, uma semelhança notá-

vel entre os dois acontecimentos; a destruição da Cidade Sagrada prefigura as cenas mais tremendas que acompanharão a vinda do Senhor. Um corresponde ao outro, como o tipo ao antítipo".

"Para ilustrar: no capítulo 24:14, Nosso Senhor disse: "E êste Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todos os gentios, e então, virá o fim". Paulo confirma que esta predição cumpriu-se antes da destruição de Jerusalém. Col. 1:6, 23. A semelhante proclamação mundial precederá imediatamente à final. Apoc. 14:6, 7. Assim a tribulação sem igual mencionada em 24:21 parece pertencer a ambos os acontecimentos referidos. Sabe-se bem que cenas de sofrimento, horror e crime quase indéscritíveis se passaram durante o sítio de Jerusalém, pelo exército romano, mas é certo que um outro "tempo de angústia", uma tribulação sem igual, precederá imediatamente ao advento (comp. Mat. 24:21, 29; Dan. 12:1, 2; Jer. 30:7). Tanto Israel como os gentios estarão na tribulação".

Notem os juízos mencionados em 24:42 a 25:46. Juízos sôbre os servos não vigilantes (24:42-51); sôbre os que não estão preparados (25:1-13); sôbre os negligentes (25:14-30) e sôbre as nações (25:31-46).

A profecia de Isaías concernente ao Messias sofredor (Isa. 53) encontra o seu cuprimento nos capítulos 26, 27.

V. O TRIUNFO DO MESSIAS (cap. 28).

O Evangelho de Mateus chega a uma feliz consumação na ressurreição do Messias dentre os mortos. Todo o poder é dado a Êle no céu e na terra; por êste motivo tem o poder de enviar os Seus seguidores por todo o mundo com a mensagem da salvação. Assim se cumprem as palavras de Isaías: "Eis aquí o meu Servo, a quem sustenho, o meu Eleito, em quem se compraz a minha

alma; puz o meu espírito sôbre êle; **juízo produzirá entre os gentios.** Não faltará nem será quebrantado, até que ponha na terra o juízo: e as ilhas aguardarão a sua doutrina". Isaías, 42:1, 4. "Pouco é que sejas o meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os guardados de Israel: também te dei para luz dos gentios, **para seres a minha salvação até a extremidade da terra**". Isaías, 49:6.

No propósito de gravar na mente do estudante o conteúdo de Mateus, mandem-no aprender o seguinte esbôço dos capítulos:

1. Genealogia e Nascimento
2. A fuga
3. O Batismo
3. A tentação
5- 7. O Sermão da Montanha
8- 9. Os Milagres
10. Os Doze enviados
11-12. Discursos
13. Parábolas
14-15. Alimentando a Multidão
16. A Confissão de Pedro
17. A Transfiguração.
18-20. Discursos
21. A entrada Triunfal
22. As Conspirações dos inimigos
23. Os Ais
24-25. A segunda vinda
26. A traição
27. A crucificação
28. A ressurreição.

CAPÍTULO II

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

Tema. Escrito para um povo militar (os romanos), o Evangelho de Marcos fornece uma breve narrativa da campanha de três anos do Capitão da nossa salvação, dirigida e terminada em pról da libertação das nossas almas e a derrota de Satanás, pelas obras de Cristo e Seus sofrimentos, morte, ressurreição e triunfo final. Nesta narrativa Jesus é apresentado como o Conquistador poderoso.

Autor. Marcos era o filho de Maria, uma mulher de Jerusalém, cuja casa estava aberta para os cristãos primitivos. Atos 12:12. Êle acompanhou Paulo e Barnabé na sua primeira viagem missionária. A expectação dos perigos que ameaçavam êste pequeno grupo ao viajar pelas regiões desconhecidas, parece tê-lo enfraquecido de tal maneira que voltou a Jerusalém. Atos 13:13. Mais tarde, a proposta de Barnabé de levá-lo consigo na segunda viagem provocou uma contenda entre êle e Paulo. O apóstolo, considerando a questão sob o ponto de vista do bom senso, pensou que fôsse melhor não levar com êles um que tinha sido "desertor". Barnabé, cheio de compaixão pensou que Marcos deveria ter uma oportunidade de justificar-se a si mesmo e assim se separou de Paulo, levando consigo Marcos para Chipre. Atos 15:36-41. João Marcos justificou a confiança de Barnabé, porque relatos posteriores demonstram que foi bem sucedido no ministério. Pedro mencionou-o favoràvelmente (I Pedro 5:13) e Paulo modificou a sua opinião a respeito dêle até ao ponto de escrever: "Toma contigo a Marcos, e traze-o, porque me é útil para o ministério". II Tim. 4:11.

O testemunho abudante dos chamados Pais da Igreja torna bastante claro que Marcos acompanhou Pedro a Roma como seu intérprete e que compilou êste Evangelho, aproveitando as pregações de Pedro. Seu nome romano — Marcos — parece indicar que foi educado nos círculos romanos. Êstes fatos tornaram-no particularmente adaptado para escrever um Evangelho aos romanos.

Para quem foi escrito. Os seguintes fatos indicam como êste Evangelho é particularmente adaptado aos romanos.

1. O estilo resumido do Evangelho, a descrição viva de cenas animadas e movimentadas revelam-no como peculiarmente adaptado a um povo tão ativo e enérgico como eram os romanos. A característica principal dêste livro é a repetição constante das palavras "logo" ou "imediatamente" e "em seguida", proporcionando a idéia de atividade e prontidão militar. Um escritor disse que o estilo de Marcos parece-se com o usado por Júlio César na história de algumas das suas campanhas.

2. O dinheiro é mencionado em moeda romana.

3. Emprega-se a divisão do tempo dos romanos.

4. Explicam-se os costumes hebreus (7:3, 4). Isto demonstra, pelo menos, que o livro foi escrito para os gentios.

5. Pràticamente não há referências às profecias do Velho Testamento depois do capítulo 1. Os romanos, que não estivessem familiarizados com essas Escrituras, mui provàvelmente não as teriam compreendido.

CONTEÚDO.

Sendo que o Evangelho de Marcos contém a mesma matéria de Mateus (embora diferentemente agrupada)

não daremos um esbôço extenso. Sugerimos que o estudante leia o livro inteiro e em seguida aprenda a seguinte análise :

Conservando na mente o fato de que Marcos está descrevendo Cristo como o Conquistador poderoso, percorremos todo o Evangelho para ver a realização dêste pensamento.

Antes de tudo, Marcos descreve a vinda do grande Conquistador registrando :

1. Seu nome e sua proclamação. 1:1-8.
2. Sua vitória inicial sôbre Satanás. 1:9-13.
3. A primeira proclamação de Seu reino. 1:14-20.
4. Suas primeiras obras de poder. 1:21 a 2:12.

Êle descreve o conflito do Rei poderoso exibindo-o como :

1. Alistando súditos para o Seu reino — apóstolos, publicanos e pecadores, enfermos e necessitados. 2:13 a 3:35.

2. Explicando o desenvolvimento do Seu reino. 4:1-34.

3. Conquistando a natureza, os demônios, a enfermidade e a morte. 4:35 a 5:43.

4. Sofrendo a oposição do povo (6:1-6), de Herodes (6:14-29) e dos escribas e fariseus (7:1-23; 8:10-21).

Êle exibe o Conquistador reivindicando o Seu direito ao reino de poder e apresenta-O —

1. Ensinando aos Seus seguidores como se ganha a vitória no Seu reino — por meio do sofrimento e da morte. 8:31-38; 10:28-45.

2. Reivindicando o Seu direito ao reino, em Jerusalém, por Sua entrada triunfal (11:1-11), pela purificação do templo (11:15-19), pela derrota daqueles chefes que duvidavam da Sua autoridade (11:27 a 12:44) e pela profecia da Sua segunda vinda em glória (13:1-37).

Marcos demonstra como Cristo prepara o estabelecimento do Seu reino por meio de :

1. Sua preparação para a morte. 14:1-72.

2. Entregando-Se à morte. 15:1-47.

Finalmente, êle mostra Jesus assumindo o reino (espiritual) :

1. Pela Conquista da morte. 16:1-14.

2. Pelo envio dos Seus seguidores a proclamar o Seu triunfo. 16:15-20.

CAPÍTULO III

O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Tema. O Evangelho segundo Lucas apresenta-nos uma narrativa histórica expondo Jesus Cristo como o perfeito Homem Divino. Lucas escreveu especialmente para o povo grego cuja missão era melhorar o homem moral, intelectual e fisicamente, e cujo ideal era o homem perfeito. Assim como os judeus fracassaram em obter a salvação por meio da Lei e das cerimônias, da mesma maneira os gregos fracassaram em obtê-la por meio da sua cultura e filosofia. A educação era para os gregos o que a Lei era para os Judeus — o seu mestre para trazê-los a Cristo. Vendo a sua incapacidade de salvar a humanidade por meio da sua educação, muitos filósofos entre os gregos viram que a sua única esperança de salvação era a vinda de um homem divino. Lucas, para satisfazer a necessidade dos gregos, expõe Jesus como o perfeito Homem Divino, o representante, o Salvador da humanidade.

Autor. Lucas, um companheiro do apóstolo Paulo. Col. 4:14; Filemon 24; II Tim. 4:11. Os escritores cristãos dos primeiros séculos nos dizem que Lucas escreveu o Evangelho que leva seu nome e era substancialmente o mesmo que êle e Paulo tinham pregado entre os gregos; e que era produzido e publicado entre o povo grego.

Para quem foi escrito. O Evangelho de Lucas é dirigido aos gregos em particular. O Dr. Gregory informa que é apropriado para os gregos por vários motivos:

1. Pelos qualificativos do autor. Acredita-se que Lucas era grego, um homem de grande instrução, como indica o seu estilo e o fato de ser êle médico.

2. Pelo arranjo da obra. É êste Evangelho a história mais metódica das palavras e das obras de Jesus. A leitura cuidadosa revela passagens escritas por um pensador a um povo filosófico e meditativo.

3. Pelo estilo. O Evangelho de Lucas é peculiarmente atraente por sua eloquência poética. Notem os canticos reproduzidos no primeiro capítulo. Por todo o Evangelho encontramos os **discursos** de Jesus em contraste direto com o Evangelho de Marcos que acentuou as **obras** de Jesus em vez de acentuar as Suas doutrinas.

4. Pelas suas omissões. Partes distintamente judaicas foram omitidas. Pouco ou nada se diz acêrca das profecias do Velho Testamento.

I. A Introdução. 1:1-4.
II. O Advento do Homem Divino. 1:5 a 4:13.
III. Seu ministério na Galiléia. 4:14 a 9:50.
IV. Seu ministério na Peréia. 9:51 a 19:28.
V. Sua Crucificação e Ressurreição. 19:29 a 24:53.

Lucas contém muitos fatos e discursos que se encontram em Mateus e Marcos. Trataremos, portanto, sòmente daqueles detalhes que não se encontram nos outros Evangelhos.

I. INTRODUÇÃO (Cap. 1:1-4).

Como era costume entre os historiadores romanos, Lucas começa o seu Evangelho com um prefácio. Êle diz que muitos homens da sua época tinham tentado escrever a narração do ministério de Cristo (v. 1). Evidentemente não satisfeito com essas tentativas, empreende a obra de escrever um relato da vida do Senhor "em ordem". Declara as suas qualidades para encar-

regar-se dessa obra, a saber, o fato de ter recebido a sua informação de testemunhas oculares (v. 2), e por ter um conhecimento perfeito de todos os dados da vida e do ministério do Senhor desde o princípio (v. 3). Dedica em seguida o seu Evangelho a um Teófilo com a finalidade de confirmar a sua fé (v. 4).

II. O ADVENTO DO HOMEM DIVINO. 1:5 a 4:13.

Sob êste título estudaremos os seguintes detalhes, que não se encontram nos outros Evangelhos.

1. A anunciação do nascimento de João Batista. 1:5-25.
2. A anunciação a Maria do nascimento de Jesus. 1:26-38.
3. A visita de Maria a Isabel. 1:39-55.
4. O nascimento e a infância de João Batista. 1:56-80.
5. A viagem a Belém. 2:1-7.
6. A mensagem dos anjos. 2:8-20.
7. A circuncisão de Jesus e a Sua apresentação no templo. 2:21-39.
8. A infância de Jesus. 2:40-52.
9. A genealogia de Jesus. 3:23-38.

Lucas começa a sua narração com um acontecimento que não se encontra nos outros Evangelhos — a anunciação do nascimento de João Batista. Seu pai, que era um sacerdote, estava desempenhando seu ministério no templo que naquela hora consistia em oferecer o incenso. O ofício de oferecer o incenso era tão sublime que a ninguém era permitido fazê-lo duas vêzes, posto que êste ato, mais do que qualquer outro, fazia aproximar o sacerdote ministrante à presença divina do Santo dos Santos. A nuvem de incenso que ascendia era um símbolo das orações de Israel que se levantavam a Deus. Estando ocupado neste mister, apareceu-lhe um anjo e anunciou-lhe o nascimento vin-

douro de um filho. Deve notar-se que esta anunciação foi a primeira mensagem divina registrada desde o tempo do profeta Malaquias (cêrca de 400 anos antes de Cristo). Quem foi mencionado na última mensagem de Malaquias? Mal. 4:5. Quem foi mencionado na mensagem do anjo? Lucas 1:17.

Segue-se depois o aviso a Maria. Notem que Mateus registra a anunciação feita a José. Mateus narra a história sob o ponto de vista de José; Lucas, de Maria. O fato de Lucas relatar a história sob o ponto de vista de Maria, proporciona boas razões para se crer que a genealogia dada por Lucas é a de Maria.

Maria, provàvelmente à sugestão do anjo (1:36), visita a sua prima Isabel. Em resposta a saudação, ela pronuncia o formoso cântico, geralmente conhecido como o "magnificat" (1:46-55). Êste cântico baseia-se nas Escrituras do Velho Testamento (vide Gên. 30:13 e I Sam. 2:1-10).

Nasce João Batista. Contrário ao costume geral dos judeus, não lhe dão o nome de algum parente morto. Seu nome significa "O Senhor é benigno" — um nome adequado para o precursor do Senhor da graça. A língua de Zacarias é liberta e, cheio do Espírito de Deus, louva-O nêsse cântico conhecido geralmente como o "Benedictus" (1:68-79).

Mateus registra simplesmente o fato que Cristo nasceu em Belém. Lucas dá detalhes e registra as circunstâncias que induziram José e Maria a fazer a viagem a essa aldeia, isto é, o recenseamento romano que exigia a presença de cada pessoa na sua aldeia nativa, para fins de impôsto. Quem pregou a primeira mensagem do Evangelho (2:10-12)? Quais foram os primeiros evangelistas (2:15-17)?

Paulo diz em Gálatas 4:4 que o Filho de Deus "nasceu sob a Lei", a saber, cumpriu suas exigências.

Assim, vemos seus pais em Lucas 2:21-24, cumprindo a Lei no tocante a Êle em duas cerimônias — a da circuncisão e da apresentação ao Senhor. Por meio da primeira, chegou a ser um membro da nação judaica e pela segunda foi reconhecido o direito de Jeová sôbre Êle como o primogênito da família (vide Exo. 13:2-15; 34: 19).

Lucas é o único evangelista que registra alguns dos acontecimentos da infância de Jesus. Êle o faz para acentuar a Sua natureza humana — para apresentá-Lo como a "semente da mulher". Gên. 3:15. Êle deseja mostrar que Jesus, embora sendo Filho de Deus, cresceu de uma maneira natural (2:40, 52). Registra a visita de Jesus a Jerusalém para poder demonstrar que Jesus desde a infância teve um conhecimento da Sua missão divina (2:49).

Lucas, como Mateus, registra uma genealogia de Jesus. Mas após um exame pode-se ver que divergem. Mateus traça a descendência de Jesus pelo filho de Daví, **Salomão** (Mat. 1:6); Lucas, por Natã, o filho de Daví (Lucas 3:31). A simples explicação é que a de Mateus é a genealogia de José; aquela que se encontra em Lucas é a de Maria. Mateus demonstra que Jesus tinha o **direito legal** ao trono de Daví; isto torna-O herdeiro de Daví. Mas como o Messias deve ser semente de Daví **segundo a carne,** e como Jesus não era o verdadeiro filho de José, resulta que o Seu direito **natural** ao trono deve ser provado. Sendo que o propósito de Lucas é salientar a natureza humana de Cristo — expô-lo como a semente da mulher, e descrever o nascimento de Cristo sob o ponto de vista de Maria, concluímos, que a genealogia em Lucas é a de Maria, dada para provar que Jesus tinha o **direito natural** ao trono de Daví, por ter nascido de uma virgem da casa de Daví. Pode-se objetar que Lucas 3:23 mostra que José é o filho de Elí e que Maria não é mencionada. Isto pode ser explicado pelo fato de que entre os judeus a descen-

dência não era traçada pelo lado da espôsa, de maneira que José, embora realmente o genro de Elí, é considerado como seu filho.

III. O MINISTÉRIO DE JESUS NA GALILÉIA (Cap. 4:14 a 9:50).

Esta secção contém os seguintes detalhes que só Lucas registra :

1. A primeira rejeição em Nazaré. 4:14-30.
2. A pesca milagrosa. 5:1-11.
3. A ressurreição do filho da viúva. 7:11-18.
4. A unção de Jesus por uma mulher pecadora. 7:36-50.
5. As mulheres que ministraram ao Senhor. 8:1-3.
6. Zêlo sem conhecimento repreendido. 9:49-50.

O capítulo 4:14-32 registra a primeira rejeição de Jesus em Nazaré. Depois de ter iniciado com sucesso o Seu ministério (Mat. 4:23-25). Êle volta à Sua cidade natal. No sábado encontra-se na sinagoga. Depois de ler as Escrituras era costume convidar algum mestre ou pregador presente, para proferir uma mensagem. (Comp. Atos 13:15). O ministro, tendo ouvido falar acêrca do ministério de Jesus, chama-O ao púlpito. Tomando como Seu texto Isaias 61:1, Nosso Senhor senta-se (segundo o costume dos mestres orientais) e prega acêrca dêsse texto como tendo-se cumprido n'Êle. No início o povo se comove por Suas palavras benignas, mas depois é escandalizado pelo fato de julgarem ser Êle apenas o Filho de José. Como podia Êle, o filho de um carpinteiro, ser o cumprimento das Escrituras? Jesus lembra-lhes que geralmente um profeta não é aceito no seu próprio país e ilustra isto citando dois fatos do Antigo Testamento, onde os profetas de Deus, não apreciados por Israel, eram recebidos pelos

gentios. A ação do povo mostra que compreenderam isto como uma referência implícita à sua rejeição pelos judeus e à recepção da parte dos gentios.

Lucas suplementa o relato de Mateus da chamada dos primeiros discípulos (Mat. 4:17-22), registrando um milagre nesta conexão — a pesca milagrosa. Tal revelação do poder de Cristo causa a genuflexão de Pedro, em profunda convicção do seu próprio estado pecaminoso. Êste milagre pode considerar-se como símbolo da grande "pesca" do dia de Pentecoste (Comp. Lucas 5:10; Atos. 2:41).

Um entêrro em Naim dá ao Senhor oportunidade de revelar-Se como Aquêle que "enxugará tôda a lágrima". Apoc. 21:4.

Enquanto Jesus está sentado na casa de um fariseu, uma mulher, grande pecadora, vem e unge-O. O fariseu, que considera o contacto de tal mulher contaminoso, está admirado. Jesus, na parábola dos Dois Devedores, instrue a Simão que os cuidados desta mulher foram aplicados n'Êle em gratidão pelos pecados perdoados. Simão, diz Êle, não lhe tinha prestado êsses cuidados. Esta declaração é um golpe contra o fariseu presunçoso, porque implica em que não tinha sentido o fardo do pecado como o sentia a mulher, e por isso êle não sentia gratidão.

No capítulo 8:1-3, Lucas proporciona um conhecimento do ministério das mulheres com relação ao Senhor. Menciona algumas que ajudaram a sustentá-lO.

Nosso Senhor ensina aos Seus discípulos uma lição de tolerância (9:49, 50). Aquí vemos o outro lado do caráter do "discípulo amado". Embora sendo amável e benigno, era zeloso, e sentia ódio de tudo quanto considerava máu.

IV. SEU MINISTÉRIO NA PERÉIA. 9:51 a 19:28.

Nesta secção notamos os seguintes detalhes mencionados só por Lucas :

1. A rejeição de Jesus pelos samaritanos. 9:51-56.
2. A missão dos setenta. 10:1-24.
3. O Bom Samaritano. 10:25-37.
4. Marta e Maria. 10:38-42.
5. A Parábola do rico insensato. 12:13-21.
6. Uma lição sôbre o arrependimento. 13:1-10.
7. A cura da mulher enfêrma. 13:11-17.
8. Discurso sôbre a porta estreita. 13:23-30.
9. A admoestação de Herodes. 13:31-35.
10. A cura do homem hidrópico. 14:1-6.
11. A verdadeira hospitalidade e a parábola da grande ceia (14:12-24).
12. Discurso sôbre o assunto de calcular as despesas. (14:25-35).
13. Parábola da graça e admoestação. Caps. 15, 16.
14. Uma lição sôbre a Fé. 17:1-10.
15. Os dez leprosos. 17:11-19.
16. Parábolas do juiz injusto e do fariseu e o publicano. 18:1-14.
17. A conversão de Zaqueu. 19:1-10.
18. Parábola das minas. 19:11-28.

O preconceito dos samaritanos a respeito dos judeus pode-se ver na sua recusa de receber Jesus, porque o Seu rosto era como o de quem ia para Jerusalém. João e Tiago, os "filhos do Trovão" (Mar. 3:17), em espírito demasiado zeloso, desejam imitar o exemplo de Elias, fazendo com que desça fogo do céu. Êste zêlo sem conhecimento é severamente censurado pelo Mestre.

Além de enviar os doze apóstolos, Jesus manda um grande grupo de setenta discípulos. Êste número maior era necessário, porque o tempo da partida do Senhor estava próximo, e o grande território de Peréia não era ainda evangelizado. As Suas instruções são semelhantes às dos Doze.

Jesus aproveita o ensêjo de uma pergunta que lhe foi formulada por um doutor da Lei para dar um golpe ao preconceito judeu. Em resposta à pergunta do homem: "Quem é o meu próximo?" Jesus pronuncia a parábola do bom samaritano, escolhendo como exemplo do próximo perfeito, um de uma raça odiada pelos judeus. A lição contida na parábola é que qualquer um em estado de miséria, seja judeu ou gentio, é o nosso próximo.

O capítulo 10:38-42 proporciona-nos alguns conhecimentos da vida social de Jesus, descrevendo duas das pessoas mais íntimas — Marta e Maria. É interessante mencionar aquí como Lucas no seu Evangelho salienta o ministério das mulheres (veja também Lucas 1:26-55; 2:36; 8:1-3.

Na parábola do rico insensato o Senhor censura a cobiça.

Chama-se a atenção de Jesus para certas calamidades que haviam acontecido aos galileus, concluindo-se que estas calamidades fôssem o resultado de pecados do povo (13:1-10). Nosso Senhor instrue os seus informantes que o sofrimento excepcional não era necessáriamente o resultado de pecados excepcionais, e que êles também, se não se arrependessem, pereceriam. Para mostrar a paciência de Deus para com Israel e os pecadores em geral, pronuncia a parábola da Figueira Estéril.

O método de Jesus em tratar de perguntas puramente especulativas pode-se ver em 13:23-30. Os discípulos levantaram a questão sôbre quantos seriam salvos. Jesus, em vez de lhes dar uma resposta direta, os adverte para que fizessem tudo a fim de se encontrarem no caminho estreito que conduz à vida eterna.

Herodes, regente da Galiléia e Peréia, temendo que as grandes massas atraídas por Jesus poderiam causar uma perturbação no seu território, ordenou a alguns

fariseus avisar Jesus que saísse dos seus domínios. Percebendo a intriga do "raposo", Jesus o assegura que não há nada a temer d'Êle, sendo que Êle está trabalhando para o alívio da humanidade. Herodes não necessita de procurar a Sua morte. Jerusalém, "o matadouro dos profetas", fará isto. Recordando-se de Jerusalém, Cristo derrama lágrimas e profetiza a sua destruição (13:31-35).

Nosso Senhor, dando uma lição sôbre verdadeira hospitalidade, aconselha aos Seus ouvintes que convidem para as suas festas os pobres e miseráveis. Seriam recompensados, pelos seus atos de caridade, na ressurreição dos justos (14:12-14). Ao ouvir falar da ressurreição, uma da companhia prorrompe em exclamação de alegria por causa da feliz esperança da vinda do reino de Deus (v. 15). Jesus aproveita a oportunidade para ensinar que, por bendito que seja êste acontecimento, muitos recusarão o convite para a Grande Ceia (vers. 16-24).

Os versículos 25-35 do capítulo 14, mostram como Jesus tratava àqueles que pretendiam tornar-se os Seus discípulos. Não lhes prometia uma vida de comodidade, mas requeria a mais completa abnegação. A sua medida dum discípulo era a cruz.

Em resposta ao insulto dos fariseus acusando-O de associar-se a pecadores, Jesus pronuncia as parábolas da Ovelha Perdida e do Filho Pródigo, para ensinar o amor de Deus para com os pecadores (cap. 15). Notem que tôdas estas parábolas têm a mesma idéia, a saber : perda, restauração e alegria. O capítulo 16 contém as parábolas do Mordomo Infiel e o incidente do Rico e Lázaro. A primeira é destinada a ensinar aos cristãos previdência no tocante a questões monetárias. Um mordomo infiel vai ser despedido do seu emprêgo. Não querendo trabalhar e envergonhado de mendigar, resolve usar o dinheiro do seu patrão de tal

maneira que lhe assegure um futuro feliz. A aplicação é a seguinte: os cristãos são mordomos, quer dizer, foi-lhes confiada a propriedade do seu Dono. Chegará o tempo quando terminará a sua mordomia (por meio da morte). Por esta razão, devem usar o seu dinheiro na terra de tal maneira (auxiliando missões, etc.), que, quando chegarem ao céu, poderão desfrutar eternos juros dos capitais invertidos (Comp. Lucas 16:9 e I Tim. 6:17, 18). O incidente do Rico e Lázaro mostra a sorte daquêles que, não tomando em consideração os sofrimentos do seu próximo, vivem inteiramente para sí.

Um mandamento de Cristo de perdoar (17:1-4), induz os discípulos a desejarem uma experiência espiritual mais profunda, quer dizer, um aumento da fé (v. 5). Êles têm em mente a **quantidade** de fé; Jesus salienta a **qualidade**, demonstrando a eficácia da fé tão pequena como um grão de mostarda. Em seguida Êle lhes ensina que, mesmo tendo a fé que desarraiga amoreiras, não deviam vangloriar-se nisso, mas, deviam considerar-se como servos inúteis (v. 10). Crer em Deus é ùnicamente o seu dever.

O Evangelho de Lucas é o Evangelho da humanidade. Na sua escôlha de parábolas salienta o amor de Deus para com toda a humanidade. É interessante ver como salienta o amor de Jesus para com os samaritanos — um povo odiado e desprezado pelos judeus (vide 9:52-56; 10:25-37). No caso da cura dos leprosos (17:11-19), destaca a ingratidão dos nove judeus leprosos em contraste com a fé e a gratidão de um samaritano (vers. 17, 18).

Para ensinar a importância da oração, Jesus narra a parábola do Juiz Injusto. A lição é esta: se um juiz **iníquo** é comovido pela importunação de uma mulher pela qual, não sente nenhum interêsse, quanto mais será comovido Deus, o justo Juiz, que responderá às

orações daquêles a que ama. A parábola do fariseu e publicano é uma bela ilustração de Romanos 3:19-21.

O capítulo 19:1-10 registra a conversão de um membro dessa classe desprezada — os publicanos. Os publicanos eram coletores de impostos, judeus a serviço do govêrno romano. Por causa de servirem aos opressores dos judeus e pelo fato de serem geralmente desonestos, êles eram odiados pelo povo. Zaqueu manifestou a genuinidade da sua conversão pela sua oferta de restituir tudo que tinha adquirido por meios desonestos.

A parábola das dez minas (19:11-28) é a mesma que se encontra em Mat. 25:14-30? Comparem-nas.

V. SUA CRUCIFICAÇÃO E RESSURREIÇÃO (Capítulos 19:29 a 24:53).

Aquí tomaremos nota dos seguintes detalhes peculiares a Lucas.

1. Cristo chorando sôbre Jerusalém. 19:41-44.
2. Contenda entre os discípulos pelas posições mais elevadas. 22:24-30.
3. Admoestação a Pedro. 22:31-34.
4. Instruções aos discípulos. 22:35-38.
5. Jesus ante Herodes. 23:8-12.
6. A lamentação das mulheres de Jerusalém. 23:27-31.
7. O ladrão arrependido. 23:39-43.
8. A viagem para Emaús. 24:13-35.
9. A ordem de permanecer em Jerusalém. 24:49.

Com que sentimentos a Deidade pronuncia julgamento? O chôro do nosso Senhor sôbre Jerusalém responderá a esta pergunta. Êle profetiza a sua destruição pelos romanos e atribue as suas calamidades vindouras à ignorância espiritual. — "Porque não conheceste o tempo da tua visitação".

Apesar de terem sido instruídos pelo Senhor, os discípulos eram ainda pesados de entendimento. O fato de haver contendas entre êles pelas posições mais elevadas no reino, demonstra que não tinham compreendido claramente a verdadeira natureza dêsse reino. Ainda ocupava a sua mente o pensamento de um reino temporal. Jesus aproveita o ensêjo para lhes dar uma lição de humildade.

O capítulo 22:31-32 proporciona-nos uma vista detrás das cenas e nos mostra a causa da grande queda de Pedro. A sua confiança exagerada fêz com que Deus permitisse a Satanás que o peneirasse — (comp. a tentação de Satanás a Jó). Também aprendemos porque se levantou Pedro — após a sua queda — Cristo orou por êle.

Damos uma paráfrase das palavras que se encontram em 22:35-38. É quase como se Jesus dissesse aos Seus discípulos: "Quando vós saístes a primeira vez, eu era popular entre o povo e conseqüentemente a vós, os meus representantes, não faltava nada. Mas as condições modificaram-se. A nação está contra Mim; estou na iminência de ser crucificado — por ser "contado entre os transgressores". Assim, não deveis esperar um bom acolhimento pelo povo. Por êste motivo, provei-vos de bôlsa e alforge. Como símbolo da luta espiritual em que sereis envolvidos, provei-vos de espadas".

Pôncio Pilatos, tendo examinado Jesus e tendo sido informado que Êle era natural da Galiléia, enviou-O a Herodes, governador dessa província. Herodes ouviu falar acêrca dos milagres de Jesus e está ansioso de testemunhar o Seu poder. Trata-O como teria tratado um mágico de cujos artifícios deseja ser testemunha. Jesus não tem nada a dizer a êste regente cruel, e mantém-se em silêncio muito digno. Herodes e os seus soldados escarneceram-nO e mandaram-nO novamente a Pilatos.

No caminho à cruz, Jesus encontra as mulheres de Jerusalém, que O lamentaram. Êle lhes disse que não lhes pedia a sua compaixão; são elas que são dignas de dó, observando o seguinte: se os inocentes sofrem como Êle vai sofrer, o que sucederá com os culpados (23:31)?

Mateus nos informa que os dois ladrões que foram crucificados com Cristo O injuriaram. Lucas acrescenta mais um detalhe e diz que um dêles se arrependeu. Êles representam com relação a Cristo, duas classes da humanidade. Ambos são pecadores, condenados pela lei e sofrendo a punição legal, ambos sem esperança, mas um é salvo e o outro perdido. O destino dêstes homens decidiu-se por sua atitude para com o inocente que pendia da cruz.

No capítulo 24:13-35 temos conhecimento dos sentimentos dos discípulos antes da ressurreição de Cristo. A morte de seu Mestre, para êles foi um duro golpe. Embora Êle tenha profetizado a Sua ressurreição, não tinham compreendido perfeitamente a verdade de que o Messias sofreria e logo ressuscitaria, tão influenciados estavam pela idéia judaica de que a vinda do Messias não seria senão uma vinda gloriosa. Pela exposição do Antigo Testamento que fêz com que os corações dos dois discípulos ardessem, Jesus, que primeiramente ocultou a Sua identidade, mostrou-lhes como era necessário que o Messias sofresse antes de entrar na Sua glória.

Lucas termina o seu Evangelho registrado a ordem de Jesus aos Seus discípulos que permanecessem em Jerusalém, e a sua ascensão. O registro dos acontecimentos repetidos no primeiro capítulo do livro de Atos, foi escrito pelo mesmo autor.

CAPÍTULO IV

O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

(Caps. 1-6)

Tema. O Evangelho de João é um acêrvo de testemunhos para provar que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. Foi escrito por João em resposta a um apêlo da Igreja — que já possuía outros Evangelhos — para ter as verdades mais profundas do Evangelho, e foi escrito com a finalidade de promover a vida espiritual da Igreja. Contém a substância da pregação de João à Igreja, essas verdades espirituais que êle havia recebido do Senhor. O propósito de João neste Evangelho é apresentar Cristo a todos os cristãos como o Verbo encarnado de Deus.

Autor. João o apóstolo. Alguns escritores dos primeiros séculos que merecem a nossa confiança nos informam que João escreveu o seu Evangelho no fim do primeiro século, e que era o mesmo substancialmente a incorporação da sua pregação das verdades mais profundas que êle tinha aprendido por meio de comunhão íntima com Cristo.

De todos os apóstolos, era João quem desfrutava da maior intimidade com o Mestre. Pertencia ao círculo íntimo que consistia dêle mesmo, Pedro e Tiago, que tinham o direito exclusivo de estarem presentes durante as grandes crises de seu ministério, tais como a transfiguração e a agonia em Getsêmane. Foi João quem se inclinou sôbre o peito de seu Mestre durante a Ceia Pascoal; foi êle quem, quando os outros discípulos tinham fugido, acompanhou ao seu Senhor ao julgamento (João 18-15). De todos os apóstolos, foi

êle o único que esteve ao pé da cruz para receber a mensagem do Senhor antes de expirar. João 19:25-27. Essa intimidade e comunhão com o Senhor, juntamente com meio século de experiências, como pastor e evangelista, qualificaram-no muito bem para escrever êsse Evangelho que contém as doutrinas mais espirituais e sublimes concernentes à pessoa de Cristo.

Para quem foi escrito. Para a Igreja em geral. O Evangelho de João foi escrito muitos anos depois dos outros Evangelhos. Êstes últimos, falando em têrmos gerais, contêm uma mensagem evangélica para os homens não espirituais; eram Evangelhos missionários. Depois de terem sido estabelecidas igrejas por meio das obras dos Apóstolos, veio uma petição dos cristãos em tôdas as partes que se lhes désse uma declaração das verdades mais profundas do Evangelho. Para satisfazer a êsse pedido, João escreveu o seu Evangelho.

É evidente, pelos seguintes fatos, que êste Evangelho foi, primeiramente, escrito para os cristãos.

1. As doutrinas que contém, concernentes a alguns dos temas mais profundos do Evangelho — a pré-existência de Cristo, Sua encarnação, Sua relação ao Pai, a pessoa e a obra do Espírito Santo — indicam que foi escrito para um povo espiritual.

2. O escritor presume que aquêles aos quais escreve, estão familiarizados com os outros três Evangelhos, porque omite a maioria dos acontecimentos bem conhecidos da vida do nosso Senhor, exceto naturalmente, aquêles que se relacionam com a paixão e a ressurreição, sem os quais, nenhum Evangelho poderia ser completo.

CONTEÚDO.

I. O Prefácio. 1:1-18.
II. A Revelação de Cristo ao Mundo, por meio das Suas reivindicações. 1:19.

III. Rejeição das reivindicações. 7:1 a 12:50.
IV. A Manifestação de Cristo a Seus Discípulos. Caps. 13-17.
V. A Humilhação e Glorificação de Cristo. Caps. 18-21.

I. PREFÁCIO. 1:1-18

1. A manifestação de Cristo na eternidade. 1:1-5.
2. A manifestação de Cristo no tempo. 1:6-18.

Os sinóticos começam sua história, registrando a origem terrestre de Cristo. Mateus e Lucas registram o Seu nascimento virginal. João toma em consideração que os cristãos em tôdas as partes estão familiarizados com êsses fatos e omitindo o registro da Sua origem terrestre, descreve a Sua origem celeste. Embora João não dê um relato direto do nascimento virginal de Cristo, refere-se indiretamente ao mesmo no versículo 14.

Notem o nome pelo qual João se refere a Cristo — o Verbo. Cristo é chamado o Verbo, porque como nossas palavras são a expressão de nossos pensamentos e caráter, assim Cristo foi a expressão do pensamento de Deus para nós, de Seu caráter, sim, da Sua própria essência.

Como recebeu o mundo o seu Criador (v. 10)? Que versículo pode chamar-se o mais triste da Bíblia (v. 11)? O que foi dado àqueles que O receberam? A que acontecimento se refere o versículo 14? (Comp. Fil. 2:6-8). Que disse João que os discípulos receberam? (v. 16; comp. Col. 1:19; 2:9). Qual o contraste que se exprime no versículo 17?

II. A MANIFESTAÇÃO DE CRISTO AO MUNDO. 1:19 a 6:71.

1. O testemunho de João Batista. 1:19-34.
2. O testemunho dos primeiros discípulos. 1:35-51.

3. O primeiro milagre e a primeira purificação do templo. Cap. 2.

4. Entrevista com Nicodemos. 3:1-21.

5. O testemunho de João a seus discípulos. 3:22-36.

6. O ministério de Jesus em Samaria. 4:1-43.

7. A cura do Filho do oficial do rei. 4:43-54.

8. A cura do homem paralítico, seguido por um discurso. Cap. 5.

9. Alimentando a multidão; discurso sôbre o Pão da Vida. Cap. 6.

João, como os demais evangelistas, menciona o ministério de João Batista. Sendo que o Batista estava atraindo grandes multidões pelo seu ministério e estava ministrando um rito, que era novo para a religião judaica, isto é, o batismo, — as autoridades judaicas sentiram que era do seu dever investigar as declarações dêsse novo pregador. Enviaram uma comissão para interrogá-lo acêrca de sua identidade e autoridade. Humildemente confessa que êle não passa da "voz do que clama no deserto" (1:23); que a sua missão é igual à dos engenheiros daquêle tempo antes da visita de um rei oriental; a saber: a preparação dos caminhos ante êle (1:23); que seu batismo era ùnicamente simbólico e típico do batismo que seria administrado pelo Messias (1:26, 27, 33). No dia seguinte, João, como um verdadeiro ministro do Evangelho, dirigiu a atenção dos seus ouvintes para Jesus, em vez de atraí-los para si mesmo, dizendo: "Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Em seguida, revela um dos seus motivos de batizar o Senhor; a saber, para ter uma revelação da Sua divindade (v. 3).

Não há inveja em João Batista. No dia seguinte, repete a sua mensagem e anima os seus seguidores a seguirem a Jesus. Um daquêles que ouviu a mensagem

foi André, o irmão de Pedro. O outro cujo nome não é mencionado pode ter sido o autor do Evangelho, João. André demonstra a realidade da sua experiência espiritual, conduzindo seu irmão Pedro ao Messias. Jesus, vendo nesta última pessoa aquêle que estava destinado a tornar-se a primeira pedra viva da Sua igreja, dá-lhe o nome profético de Cefas (1:42). Jesus chama em seguida a Felipe, o qual com entusiasmo testifica a Natanael que encontrou o Messias, Jesus de Nazaré. Natanael quase não pode acreditar que o Messias havia vindo de Nazaré, aldeia desprezada da Galiléia, mas é logo convencido por meio do conhecimento sobrenatural de Jesus, que, Êle realmente é o Rei de Israel.

Um casamento em Caná dá a Jesus a oportunidade de manifestar o Seu poder. A Sua assistência a uma tal Cerimônia prova a Sua disposição de ter relações com o povo e a santificar tais reuniões por Sua presença. Neste caso a alegria do casamento estava em perigo, e o dono da festa ameaçado dum vexame, tendo-se esgotado o vinho. Maria, conhecendo os poderes milagrosos de seu Filho, e desejando com seu orgulho natural de mãe, que Êle os manifestasse, informa-O de que não havia mais vinho, sugerindo, por tal informação, indiretamente, que Êle o suprisse. Jesus ternamente lembra-lhe que, embora tendo sido sujeito a ela até o tempo do princípio do Seu ministério, as suas relações agora são outras (2:4). Agora Êle é guiado por Seu Pai celestial, o qual determina todos os acontecimentos de Sua vida.

Os judeus tinham permitido que o espírito de comercialismo violasse a santidade dos recintos do templo, porque espalhados pelo átrio dos gentios, havia vendedores de animais para o sacrifício e cambistas de dinheiro. Tal profanação da casa de Seu Pai faz com que Jesus expulsasse do templo êsses negociantes. Sendo que sòmente um profeta ou o próprio Messias podia

purificar o templo, os chefes pediram ao Senhor que provasse a Sua autoridade por um sinal. Êle lhes dá o sinal da Sua morte e ressurreição. Mais tarde, as Suas palavras referentes a êsse sinal foram a base de uma acusação falsa. Mat. 26:61.

Os milagres de Jesus tinham atraído muitos seguidores (2:23), mas Jesus não confiava numa fé que se baseiasse meramente em sinais. Um daquêles que foi impressionado por Seus milagres era um dos principais entre os judeus, chamado Nicodemos. Começou a sua conversação com Jesus reconhecendo que Êle era um Mestre enviado de Deus. Jesus ignora os elogios e, inesperadamente, diz a Nicodemos que é necessário nascer de novo. Parece que Nicodemos estava convencido de que o reino de Deus proclamado por Jesus estava prestes a ser inaugurado e, portanto, quís UNIR-SE a êsse reino. Jesus por conseguinte, lhe explica que a única maneira de entrar neste reino é ser NASCIDO nêle. Nicodemos que era da opinião judaica comum, pensava que o reino viria com grande demonstração exterior. Jesus mostra-lhe que êle vem pela operação misteriosa do Espírito no coração (3:8). Nicodemos era de opinião, como os judeus em geral, que o reino seria inaugurado pela aparição gloriosa do Messias. Jesus lhe explica que devia ser inaugurado pela morte do Messias (3:14).

Os discípulos de João Batista, vendo que as multidões o abandonavam para reunir-se com Jesus, queixam-se junto ao seu mestre (3:25, 26). João responde que isto corresponde exatamente ao plano de Deus. Êle é ùnicamente o amigo do espôso, quer dizer, aquêle que, segundo o costume judaico, pede a mão da moça e prepara as bodas. A sua missão é a de conduzir o espôso (o Messias) à noiva (a nação judaica) (3:29); feito isto, a sua missão está terminada (3:30).

O capítulo 4 registra a entrevista de Jesus com uma mulher de Samaria. O Dr. Torrey apresenta um contraste interessante entre ela e Nicodemos :

Uma mulher	Um homem
Uma samaritana	Um judeu
Uma prostituta	Um mestre de Israel
Veio ao meio dia	Veio de noite
Confessou imediatamente a Jesus	Um discípulo secreto
Trouxe uma cidade inteira a Cristo	Trouxe (?) a Cristo.

Uma necessidade comum — o Espírito Santo. João 3:5, 4:14: "Não há diferença".

O capítulo 5 registra o princípio dos conflitos de Jesus com os judeus concernente aos Seus direitos divinos. Censuram-nO por ter curado um homem no dia de sábado. Êle defende-se afirmando que Deus, Seu Pai, está associado a Êle na obra de curar no sábado (5:17). Por essa razão, e porque Êle não fêz nada independente do Pai (v. 19) foi perfeitamente autorizado a curar no sábado a humanidade doente. Em seguida Jesus reclama alguns direitos surpreendentes. Afirma ser Êle quem ressuscita os mortos (vers. 21-29); que tem honra igual à do Pai (v. 23); que é Juiz de todos os homens (vers. 22, 27). Como testemunhas de Seus direitos Êle aponta a João Batista (v. 33), a Suas obras (v. 36), ao Pai (v. 37), às Escrituras (v. 39), e a Moisés (v. 46).

A alimentação da multidão registrada no capítulo 6 marca o ponto máximo da popularidade de Cristo. O povo está tão convencido de ser Êle o profeta, pelo qual esperavam por tanto tempo, que procuram fazê-lO rei. Mas Jesus recusa essa honra porque não veiu para reinar, mas sim para morrer (vers. 26-65). Jesus dá o golpe mortal na Sua popularidade, porque, ao pas-

so que êles crêem que a sua salvação se efetuará por um Messias glorioso, Êle ensina que seria efetuada pela morte do Messias. Antes de tudo, Êle censura-os por buscarem o alimento natural em vez do espiritual (vers. 26, 27). Ao lhe perguntarem que deviam **fazer** para obterem êste alimento verdadeiro, Êle respondeu que deviam **crer** n'Êle (vers. 28, 29). O povo logo Lhe pede um sinal para poder crer n'Êle (v. 30), e mencionam o fato de Moisés ter-lhes dado o maná do céu (v. 31). Nosso Senhor responde que o maná era simplesmente um símbolo d'Êle mesmo, o verdadeiro Maná (vers. 32, 33, 35) e que como Israel rejeitou o maná terrestre, assim rejeitou também o celestial (v. 36). Mas embora a nação, em geral, O tenha rejeitado, há um remanescente fiel que virá a Êle (v. 37), e êsse remanescente Êle não lançará fora, porque é a vontade do Pai dar-lhe vida eterna (vers. 38-40). Os judeus murmuram ao ver que o Filho de um carpinteiro declara ter vindo do céu (vers. 42). Jesus lhes diz que uma revelação divina é necessária para convencê-los da Sua divindade (vers. 44, 45). Logo em seguida declara-lhes como podem obter a vida eterna — comendo a Sua carne e bebendo o Seu sangue, isto é, crendo n'Êle como a expiação dos seus pecados. Os judeus não compreendem essa linguagem figurada; tomam-na literalmente (vers. 52, 60). Jesus então lhes diz que as Suas palavras não devem ser tomadas literalmente, mas de modo espiritual (v. 63). Notem o resultado dêsse discurso — um exame nos discípulos de Jesus (vers. 60-71).

III. REJEIÇÃO DAS REIVINDICAÇÕES DE CRISTO (Caps. 7:1 a 12:50)

1. Jesus na Festa dos Tabernáculos (cap. 7).

2. A mulher adúltera. 8:1-11.

3. Discursos sôbre a Luz do Mundo e a liberdade espiritual. 8:12-59.

4. A cura de um cego de nascença (cap. 9).
5. O discurso do Bom Pastor. 10:1-21.
6. Jesus na Festa da Dedicação. 10:22-42.
7. A ressurreição de Lázaro. 11:1-46.
8. A rejeição final de Cristo pela nação. 11:47 a 12:50.

Os irmãos de Jesus pedem-Lhe que assista à Festa dos Tabernáculos e manifeste as Suas obras ante o povo, porque êles raciocinam que se de fato Êle é o Messias, deve fazer uma proclamação pública de Seus direitos em vez de permanecer numa aldeia insignificante da Galiléia (7:1-5). Até então êles não criam que Êle era de fato o que pretendia ser, mas o tempo veiu em que creram. Atos 1:14. Jesus responde que a hora em que Êle tem que ir a Jerusalém, não chegou ainda. Mais tarde Êle foi à festa, em oculto, (7:10), para poder evitar as caravanas de peregrinos galileus que O reconheceriam e talvez fariam uma demonstração pública.

Quando Jesus começa a ensinar no templo, o povo admira-se de Suas pregações, porque êles sabem que não tinha freqüentado as suas escolas de teologia (7:15). Jesus explica que o Seu ensino vem diretamente de Deus (v. 16) e se alguém está realmente disposto a fazer a vontade de Deus, verificará o Seu ensino como verdadeiro. Depois defende a Sua sinceridade, demonstrando que não busca a Sua própria glória (v. 18). Olhando no coração dêles, vê o seu ódio para com Êle e acusa-os de violarem a Lei de Moisés (v. 19). Em seguida defende o ato da cura de um homem no dia de sábado (vers. 21-24; comp. Cap. 5). Ao ouvirem Jesus falar tão ousadamente, alguns do povo pensam que possìvelmente os chefes O aceitem como o Cristo (v. 26). Outros não podem crer que seja o Messias porque conhecem o lugar da Sua residência e Seus pais (v. 27). Jesus reconhece que sabem estas coisas, mas replica que ignoram o fato de que foi enviado por Deus (v. 28).

Alguns, recordando os milagres de Jesus, inclinam-se a crer que é o Messias (v. 31). Os fariseus, ao ouvirem isto, mandam oficiais que O prendem (v. 32). Agora Jesus lhes diz que o seu desêjo de livrar-se d'Êle logo será cumprido (v. 33); mas que virá o tempo em que buscarão um libertador e não encontrarão nenhum (v. 34). Durante a Festa dos Tabernáculos era costume dos sacerdotes irem ao tanque de Siloé e tirar água num cântaro de ouro, cantando ao mesmo tempo Isaías 12. A água então era derramada sôbre o altar. Isso era considerado como uma comemoração da água dada no deserto, e era simbólico do derramamento futuro do Espírito sôbre Israel.

Provàvelmente, foi nêsse ponto que Jesus Se proclamou como a Fonte das águas vivas, a Rocha ferida da qual o mundo inteiro pode beber (vers. 37-39). Ao ouvirem isto, muitos reconheceram que Êle era o Messias (v. 40), mas outros objetaram que Êle não o podia ser por ter vindo da Galiléia. Os oficiais do tempol, impressionados e intimidados por Suas palavras majestosas, não O prenderam (v. 46). Os fariseus censuram--nos dizendo que nenhum dos principais acreditou n'Êle, mas sòmente o povo ignorante (vers. 47-50). Neste ponto Nicodemos defende o Senhor, e logo os fariseus afirmam colèricamente que segundo as Escrituras nenhum profeta viria da Galiléia (7:52). Isto não era certo, porque tanto Jonas como Elias eram daquela região.

Os escribas e fariseus trazem à presença de Jesus uma mulher apanhada em adultério e perguntam-Lhe se não deveria ser castigada com a pena imposta pela Lei de Moisés. Era uma tentativa para pôr o Senhor num dilema. Se Êle ordenasse que a mulher fôsse liberta, isso seria uma contradição da Sua declaração de que não tinha vindo para destruir, mas sim para cumprir a Lei de Moisés. Mat. 5:17. Se dissese que a mulher deveria ser apedrejada de acôrdo com a Lei, pode-

ria ser considerado uma contradição de Sua declaração que não tinha vindo para julgar, mas, sim, para salvar os pecadores. Nosso Senhor resolve a questão transferindo o caso para a côrte da consciência. Nessa côrte, seus inquiridores descobrem que "todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus".

Jesus proclama-Se em seguida a Luz do mundo — um direito verdadeiramente divino (8:12). Os fariseus objetam de que o Seu próprio testemunho não prova a verdade de Suas pretensões (v. 13). Jesus responde que Êle pode dar testemunho de Si mesmo, porque tem um conhecimento perfeito da Sua origem e natureza divinas (v. 14). Refere-se em seguida ao testemunho de Seu Pai (v. 18), isto é, aos milagres pelos quais Deus confirmou a palavra de Seu Filho. Jesus então acusa os fariseus de ignorância acêrca do Pai (v. 19). Apesar de o rejeitarem, dia virá quando buscarão um Messias (v. 21) e não O encontrarão. Diz-lhes que, depois de Sua crucificação e ressurreição, quando o Espírito será derramado e obras poderosas realizadas em Seu nome, então êles terão provas em abundância da Sua divindade (v. 28).

Essas declarações fizeram com que muitos do povo cressem n'Êle (8:30), mas Jesus, vendo a fraqueza da sua fé, exorta-os a continuarem em Sua instrução, instrução que os libertará completamente do pecado (vers. 31, 32). Alguns dos discípulos escandalizam-se com isso, porque como judeus consideravam-se homens livres. (v. 33). Jesus explica que a servidão à qual se referiu, é a servidão do pecado (vers. 34-37). Êle lhes mostra que não são semente de Abraão, porque não executam as obras de Abraão, isto é, obras da fé (vers. 37-40). Prova a falsidade da pretensão de serem filhos de Deus (v. 42). Diz-lhes que a sua repugnância à verdade e o ódio em seus corações mostram que são filhos do diabo (v. 44). Desafia-os a ou convencê-lO do pecado ou então crerem em Seus direitos (v. 46). Em conseqüência

da Sua promessa de isenção da morte espiritual para aquêles que crêem n'Êle, é acusado de exaltar-Se sôbre Abraão (v. 53). Jesus responde que Abraão previu a Sua vinda (v. 56). Esta declaração surpreende os Judeus que não podem compreender como Êle e Abraão se podem conhecer (v. 57). Jesus afirma então a Sua pre-existência (v. 58). Os judeus entendem que isto é uma pretensão de igualar-se à Divindade e procuram apedrejá-lO como um blasfemador (v. 59).

A cura de um cego por Jesus num sábado ocasiona novamente o ódio dos chefes. Depois de uma tentativa de provarem que Jesus é um pecador, são confundidos pelos argumentos de um pobre homem sem instrução, que foi curado (cap. 9).

Provàvelmente, para mostrar o contraste entre os falsos pastôres que expulsaram o homem da sinagoga e os pastôres verdadeiros, Jesus pronuncia o discurso registrado em 10:1-21 (Leia Ezequiel cap. 34). Nos vers. 1, 2 refere-se aos verdadeiros pastôres que entram no redil por meio d'Êle mesmo, que é a porta, referindo-se àqueles que têm uma vocação divina. Nos versículos 8, 9, 12, Jesus refere-se evidentemente aos messias e profetas falsos, que enganaram o povo e causaram a sua destruição.

Na Festa da Dedicação, os judeus perguntam a Jesus se Êle é o Cristo (8:23, 24). Jesus responde que as Suas obras e palavras provam que Êle é o Cristo (v. 25), mas que êles não tinham crido, porque não pertenciam ao Seu rebanho; não obedeceram à voz do Pastor Divino (vers. 26, 27). Jesus descreve em seguida a segurança das Suas ovelhas, e termina com uma declaração de ser Êle um com Deus (v. 30). Os judeus procuram apedrejá-lo por dizer que era igual a Deus. Jesus justifica o Seu direito de chamar-se Filho de Deus por meio de uma citação do Velho Testamento. Êle afirma que naquêles dias os príncipes e juízes às vêzes eram chama-

dos deuses (vers. 34, 35; Sal. 82:6). Assim, pois, se juízes injustos, representantes temporários de Deus, foram chamados deuses, por que Êle, o Juiz justo e eterno, não podia ser chamado Filho de Deus? (v. 36). Êle diz que êles não precisam crer n'Êle se as Suas obras não forem divinas (vs. 37. 38).

A sensação causada pela ressurreição de Lázaro (cap. 11) reune os sacerdotes e fariseus num concílio com o propósito de determinar a morte de Jesus (11:47). Caiafás deseja libertar-se de Jesus por razões políticas. Argumenta que, se fôr permitido a Jesus continuar o Seu ministério, a Sua popularidade causará um tumulto popular que despertará as suspeitas dos romanos e resultará na perda do poder e ofício dos regentes e em calamidade para a nação. Assim sendo, êle argumenta: é melhor que um só homem sofra, em lugar de uma nação inteira (vers. 49, 50). Isto é o que êle quer dizer por suas palavras, no versículo 50, mas Deus lhe conferiu o significado de profécia da morte expiatória do Messias (vers. 51, 52).

O capítulo 12, registra dois acontecimentos mencionados pelos outros Evangelistas: a unção de Jesus e a entrada triunfal. Durante a Festa da Páscoa, uma petição de alguns gentios que desejam vê-LO (12:20), evoca uma profecia da Sua morte, que traria a salvação ao mundo gentílico (v. 24). Depois Êle marca o caminho que os Seus discípulos deviam seguir — o da abnegação e até da morte (vers. 25, 26). Embora a idéia de uma morte vergonhosa Lhe seja extremamente repulsiva, Ele não recua (v. 27). Anuncia que a Sua morte será o juízo do mundo (v. 31), a derrota de Satanás (v. 31), e o meio de atrair a humanidade enfêrma do pecado (v. 32). O capítulo 12:37-41 registra o resultado geral do ministério de Cristo a Israel — rejeição da luz, seguida por cegueira espiritual da sua parte. Os últimos versículos dêste capítulo contêm o último apêlo de Jesus à nação.

CAPÍTULO VII

IV. A MANIFESTAÇÃO DE CRISTO AOS SEUS DISCÍPULOS (Caps. 13-17)

1. Discursos de Despedida. 13-17
2. A oração intercessória. Cap. 17.

O capítulo 13:1-17 contém o exemplo supremo de humildade de Cristo. Com pleno conhecimento da Sua divindade (v. 3), humilha-Se à mais servil das tarefas, a de lavar os pés de Seus discípulos. O motivo dêste ato é explicado por Êle (vers. 13-17); foi feito em parte como um exemplo aos Seus seguidores para que se humilhassem e servissem uns aos outros. Êles necessitavam dessa lição (vide Lucas 22:24).

Há muitos motivos para duvidar que o Senhor tivesse a intenção de estabelecer uma cerimônia literal de lavar os pés, especialmente sendo que era o costume daquêle tempo que o hospedeiro munisse de água e toalha um servo, para lavar os pés de seu hóspede, visto que se usavam sandálias abertas e os pés naturalmente se sujavam nas caminhadas pelas ruas e estradas poeirentas.

Parece haver aquí um símbolo muito mais profundo sendo que Cristo fêz tudo inteiramente em vista da Sua cruz e Sua função subseqüente como nosso Sumo Sacerdote e Advogado à dextra do Pai. "Sabendo Jesus que já era chegada a Sua hora de passar dêste Mundo para o Pai (v. 1) e sabendo que Êle tinha depositado em Suas mãos tôdas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus, levantou-Se da ceia, tirou os vestidos e, tomando uma toalha, cingiu-Se" (vers. 3, 4).

O contexto aquí, então mostra claramente que o que Êle fêz, era um símbolo da Sua futura obra redentora e sacerdotal. Cremos que aquí estabelecia simbòlicamente o Seu ministério de conservar limpos os pés dos Seus Santos. Se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo". I João 2:1.

Êle diz a Pedro: "O que eu faço, **não o sabes agora,** mas **entendê-lo-ás mais tarde".** Pedro com certeza compreendeu que Cristo ia lavar-lhe os pés literalmente, mas o Senhor indica que o significado dêste ato só compreenderia mais tarde, na sua experiência. Pedro, depois da sua terrível falta, ao negar a Cristo, soube, então, o verdadeiro sentido das palavras de Cristo: "Tenho orado por ti para que tua fé não desfaleça", quando foi purificado e restaurado à comunhão com seu Senhor.

Depois de ter anunciado o ato da traição e a saída do traidor, Jesus revela o espírito que há de caracterizar as relações de Seus discípulos entre si, durante a Sua ausência, isto é, o amor (v. 34). Êste fato de que se amem mùtuamente, há de ser o distintivo do discípulo cristão (v. 35).

Depois de ouvir falar acêrca da morte e partida do Senhor, os discípulos ficam tristes. Agora Êle diz as palavras consoladoras mencionadas no capítulo 14. Como um remédio para o seu estado perturbado, sugere três coisas: que tenham fé n'Êle (v. 1), que Êle irá preparar-lhes um lugar (v. 2); e que voltará outra vez (v. 3). Em resposta à pergunta de Tomé a respeito do caminho para o céu (v. 5), responde que Êle mesmo é o caminho. Êle é o caminho porque é a imagem e o Revelador do Pai (vers. 7, 9). A Sua união completa com o Pai é mostrada pelo fato de que até as palavras que falava e as obras que fazia eram por meio do poder direto do Pai. E a sua união com Êle devia ser de tal maneira que os discípulos fariam as mesmas obras (v. 12).

Isto realizar-se-ia por meio de oração (v. 13). A obediência a Seus mandamentos e o amor para com Êle seriam a causa pela qual Êle lhes mandaria um Consolador, que agora habitava com êles, mas mais tarde estaria nêles, (vers. 16, 17), e causaria também que o Pai e o Filho se manifestassem a êles (vers. 21-25). No versículo 26 explica o ministério do Espírito com relação aos discípulos. Êle faz o Seu último legado aos Seus discípulos — a Sua paz (vers. 27, 28).

No seguinte capítulo Jesus explica a relação entre os discípulos e Êle, durante a Sua ausência — uma união vital orgânica, simbolizada por uma videira e as suas varas. Mostra como esta videira verdadeira se conserva limpa e frutífera, tirando as varas que não dão fruto, e limpando as sãs (v. 2). Já foram purificadas por Seu ensino (v. 3), mas Êle exorta-os a permanecerem n'Êle para manter esta união vital (vers. 4-6). Êle mostra-lhes como podem ser atendidas as suas orações, por permanecerem n'Êle e as Suas palavras permanecerem nêles. Se tiverem frutos, haverá dois resultados : o Pai será glorificado e êles mostrar-se-ão verdadeiros discípulos (v. 8). Exorta-os a continuar em Seu amor (v. 9), sendo isto realizado pela observação dos Seus mandamentos (v. 10). A união entre êles mesmos há-de ser mantida pelo espírito de amor (vers. 12, 13). Guardando os Seus mandamentos entram numa relação mais íntima com Êle; o Mestre escolheu-os como os Seus discípulos (v. 16). Escolheu-os para um propósito específico — o de dar fruto e desfrutar de uma comunhão peculiar na oração com o Pai (v. 16). Os versículos restantes do capítulo 15 revelam a atitude do mundo para com os discípulos.

Para que não se entreguem ao desânimo e desespêro quando surgirem perseguições, Êle lhes diz o que hão de esperar do mundo (caps. 16:1-4). Êles entristecem-se porque Êle os deixará, mas é necessário que Êle

os deixe, para que o Consolador possa vir (v. 7). Porque, enquanto está em carne, pode estar presente num lugar só a um tempo, mas sentado à dextra do Pai, e enviando o Seu Espírito, pode estar presente com cada um dos Seus seguidores "até o fim do tempo".

Em seguida, explica o tríplice ministério do Espírito Santo com relação ao mundo : Êle convencerá o mundo do fato de que a incredulidade n'Êle é um pecado. Revelará o fato de que Êle, o Crucificado, é o justo; muito embora os máus prosperem e os justos sofram, — convencerá o mundo de que há um juízo que virá para endireitar as coisas (vers. 8-12). Em seguida explica o ministério do Consolador com relação aos discípulos (vers. 12-15). Jesus lhes diz que a Sua partida pela morte os tornará tristes, mas que êles O verão novamente e o seu chôro tornar-se-á em alegria (vers. 16-22). Vê-lO-ão outra vez, primeiramente, depois da Sua ressurreição; segundo, com os olhos da fé; e finalmente face a face. Após a Sua ascenção, não será necessário que Êle rogue por êles (v. 26), porque terão acesso direto ao Pai (vers. 23, 27).

O capítulo 17 registra a grande oração intercessória de Jesus. Damos um simples esbôço desta oração :

I. Oração por Si Mesmo (vers. 1-5).
   1. Pela Sua própria glorificação.

II. Oração pelos Seus discípulos (vers. 6-19).
   1. Pela sua preservação (v. 11).
   2. Pela sua santificação (v. 17).

III. Oração por todos os fiéis (vers. 20-26).
   1. Pela união (vers. 21, 22).
   2. Pela sua presença com Êle (v. 24).

V. A HUMILHAÇÃO E GLORIFICAÇÃO DE CRISTO (Caps. 18-21)

1. A traição e a prisão. 18:1-18.
2. O julgamento ante Caifás e Pilatos. 18:19 a 19:16.
3. A crucificação. 19:17-42.
4. A ressurreição. 29:1-10.
5. A manifestação de Jesus a Seus discípulos. 20:10 a 21:25.

Jesus primeiramente é levado ante Anás, o sôgro de Caifás, para um julgamento preliminar (18:19-23). Êle é interrogado acêrca da Sua doutrina, porque crêem que tenha espalhado teorias secretas e perigosas. Jesus defende-Se asseverando que ensinava tudo aberta e públicamente (vers. 20, 21). Enviam-nO em seguida, ao sumo sacerdote para o juízo formal, que é descrito pelos outros escritores.

Após a sua condenação por blasfêmia (Mat. 26:65), Jesus é conduzido a Pilatos para a execução da sentença. Os judeus esperam evidentemente que Pilatos ratifique a sua sentença sem fazer perguntas, mas êle não está disposto a cumprir o desêjo dos sacerdotes os quais desprezava de todo o coração. Êle lhes diz que O julguem segundo a sua lei; não lhe interessa julgar casos religiosos (v. 31). Mas sendo que o poder de infligir a pena capital foi tirado aos judeus, havia alguns anos, não podiam executar a sentença de morte (v. 31). Jesus fora acusado de declarar-Se a Si mesmo rei. Lucas 23:2. Isto era uma ofensa grave aos olhos dos romanos, razão porque Pilatos pergunta a Jesus a respeito do Seu reino (vers. 33-35). Nosso Senhor diz claramente que o Seu reino é um reino espiritual e não temporal (v. 36) e que os membros de Seu reino são aquêles cujos corações estão abertos à verdade (v. 37).

Pilatos fêz várias tentativas para soltar Jesus, mas a intenção dos judeus em crucificá-lO é mais forte do que a intenção de Pilatos em soltá-lO, e em vista da ameaça dos judeus em acusá-lO ante o imperador, êle cede (19:12, 13).

João, na sua descrição da crucificação, menciona alguns detalhes adicionais que não se encontram nos outros Evangelhos: a inscrição de Pilatos da acusação (vers. 19-22); a partilha dos vestidos de Jesus (vers. 23, 24), a recomendação de Sua mãe a João (vers. 26, 27), as duas palavras na cruz (vers. 28, 30) e a abertura do lado de Jesus. Às vêzes os ossos dos criminosos crucificados eram quebrados, para apressar a morte. No caso de Jesus não foi necessário, porque já estava morto, o que significa mais um cumprimento de profecia (vers. 36, 37). O fato de Jesus estar morto tão cedo, parece indicar que foram sofrimentos espirituais e não físicos, que causaram a Sua morte, porque as pessoas crucificadas geralmente sofriam cêrca de três dias (veja Marcos 15:44). Os médicos declaram que a água e o sangue saindo do lado de Jesus indicam uma ruptura do coração.

Notem como João, na sua descrição do sepulcro vasio, cuidadosamente menciona detalhes suficientes para refutar a informação falsa de que os discípulos tivessem roubado o corpo de Jesus. Mat. 28:11-15. Tomaremos nota aquí das manifestações de Jesus depois da Sua ressurreição.

1. A Maria Madalena. 20:11-18.

2. Aos apóstolos, estando ausente Tomé (20:19-23). Para poder convencer os discípulos temerosos e que duvidavam da realidade da Sua ressurreição, Jesus mostra-lhes as Suas cicatrizes. Em seguida confere-lhes a Sua missão (v. 21), o seu equipamento (profético e sim-

bólico) (v. 22), e a sua autoridade (v. 23). Notem que o último versículo mencionado se refere à disciplina da Igreja (Comp. Mat. 18:15-18).

3. Aos apóstolos, estando Tomé presente (vers. 24-29). Embora de caráter leal, Tomé é cético (11-16). Não acreditará antes de ter visto. A sua incredulidade evidentemente tinha retardado a viagem dos discípulos a Galiléia. Mat. 28:7. Embora cético, o coração de Tomé é sincero; deseja saber a verdade. Jesus satisfaz e êste desêjo, e Tomé torna-se um discípulo fiel tão profundamente crente como antes era incrédulo.

4. Aos Sete no Mar de Galiléia (cap. 21). Após a pesca milagrosa e a refeição, Jesus confere a Pedro a sua missão como pastor das Suas ovelhas. A pergunta repetida três vêzes pode referir-se as três negações de Pedro. Os versículos 20-24 do mesmo capítulo foram escritos por João para corrigir uma impressão falsa que se tinha propagado entre os discípulos pelas palavras de Jesus a Pedro (v. 22). Pensavam que Jesus queria dizer que João não morreria (v. 23). João mostra que estas palavras não significam que não morreria mas sim que, se Jesus desejasse que João ficasse até que Êle viesse, Pedro não tinha nada com isso.

CAPÍTULO V

OS ATOS DOS APÓSTOLOS

Tema. O livro dos Atos contém a história do estabelecimento e desenvolvimento da Igreja cristã, e da proclamação do evangelho ao mundo então conhecido, de acôrdo com o mandamento de Cristo e pelo poder de Seu Espírito. É um relato do ministério de Cristo continuado por Seus servos. Leon Tucker sugere as seguintes palavras chaves: Ascenção, Descida e Expansão. A ascenção de Cristo é seguida pela descida do Espírito e a descida do Espírito é seguida pela expansão do Evangelho.

Autor. Lucas. Considerando a dedicatória do livro a Teófilo. (Atos 1:1; comp. Lucas 1:3), a referência a um tratado anterior (Atos 1:1), o seu estilo, o fato do autor ter sido companheiro de Paulo, o que é patente por estarem certas partes do livro escritas na primeira pessoa (16:10), e ter acompanhado Paulo a Roma (27:1; comp. Col. 4:14; Filemon 24; II Tim. 4:11), chegamos à conclusão de que o Livro dos Atos foi escrito por Lucas. Os escritores antigos afirmam êsse fato.

DESTINATÁRIO.

A quem foi dirigido. Foi escrito particularmente, a Teófilo, um cavalheiro cristão, mas de um modo geral, a tôda a Igreja.

CONTEÚDO.

I — A Igreja de Jerusalém. 1:1 a 8:4.

II — O Período de Transição. A igreja da Palestina e Síria. 8:5 a 12:23.

III — A Igreja dos Gentios. 12:24 a 21:17.

IV — As últimas cenas da vida de Paulo. 21:18 a 28: 31.

I. A IGREJA DE JERUSALÉM (Caps. 1 a 8:4)

1. Capítulo de introdução. cap. 1.
2. O derramamento do Espírito. 2:1-13.
3. O sermão de Pedro e seus resultados. 2:14-47.
4. A cura do coxo e o sermão de Pedro. 3:1-26.
5. Pedro e João ante o concílio. 4:1-22.
6. A primeira reunião de oração 4:23-31.
7. A consagração da Igreja primitiva. 4:32-37.
8. O pecado de Ananias e Safira. 5:1-16.
9. A prisão de Pedro e João. 5:17-42.
10. A primeira dificuldade da igreja primitiva e a sua solução. 6:1-7.
11. O ministério de Estêvão. 6:8-15.
12. O discurso de Estêvão ante o concílio. Cap 7.
13. A primeira perseguição da igreja. 8:1-4.

O livro de "Atos" começa, realmente, com o capítulo 2, que descreve o derramento do Espírito e o comêço da Igreja. O capítulo 1 é simplesmente uma introdução e descreve os acontecimentos que conduzem ao grande acontecimento do Dia de Pentecoste.

À qual escritura se refere o autor em 1:1? Que diz a respeito de Jesus no mesmo versículo? Que é mencionado primeiro, "fazer" ou "ensinar"? Quando deu Jesus mandamentos aos apóstolos por meio do Espírito? (v. 2; comp. Mat. 28:16-20; Marcos 16: 14-20; Lucas 24:44-53; João 20:19-23). Mencionem uma das "provas infalíveis" (v. 3) da ressurreição de Cristo. Lucas 24: 39-43. Que mandamento foi dado? (v. 4). Quando o

Pai prometeu o Espírito Santo? Joel 2:28. Quando Jesus O prometeu? João 14:16-17; 15:26; 16:7-15. Jesus mencionou o dia exato quando o Espírito seria derramado (v. 5)? Por que não (comp. Marcos 13:37)? Que pergunta fizeram os discípulos nesta ocasião (v. 6)? O reino havia sido tirado de Israel? Mat. 21:43. Jesus respondeu diretamente àquela pergunta? Será alguma vez restaurado o reino de Israel? Rom. 11:25-27. Quando? Mat. 23:39; Lucas 21:24; Rom. 11:25; Atos. 3:19-20; Zacarias 12:10. Que deve suceder antes dêsse acontecimento? Atos 1:8; 15:14; Rom. 11:25; Onde devia começar e terminar o ministério dos apóstolos (1:8)? Em que cidade começa o livro de Atos? Em qual termina? Que versículo deve ser citado com o último versículo mencionado? Zac. 4:6. Que sucedeu depois de Jesus ter dado os Seus mandamentos aos apóstolos? De que montanha ascendeu Jesus (v. 12). Em que montanha descerá à Sua segunda vinda? (Zac. 14:4). Que grupo de pessoas é mencionado no versículo 13? Quem é mencionado primeiro? Por que? Quais outros grupos são mencionados no versículo 14? Houve um tempo em que os irmãos de Jesus não creram n'Êle? João 7:5. Quem falou em nome dos apóstolos (v. 15). Quantos discípulos se reuniram naquela ocasião? Quais as escrituras do Velho Testamento que Pedro cita com relação a Judas? Sal. 69:25; 109:8.

Parece que há uma contradição entre o capítulo 1:18 e Mat. 27:5, mas a conclusão lógica tirada da comparação dos dois versículos é que Judas enforcou-se e depois caiu à terra. Contou-se um caso verídico de um homem que se suicidou. Sentou-se numa janela do quarto andar de um prédio, e deu um tiro em si próprio. Um cronista poderia ter descrito o acontecimento todo, um outro apenas acêrca do tiro, e um terceiro poderia ter mencionado apenas a queda da janela. Todos três estariam certos.

Por que Pedro preocupou-se para que ficasse completo o número dos apóstolos. Mat. 19:28; Apoc. 21:14. Quais as duas qualificações que eram necessárias para ser apóstolo (vers. 21, 23)?

As duas qualidades necessárias para ser apóstolo eram: primeiramente, que tivesse andado com o Senhor durante o Seu ministério terrestre; segundo, que o tivesse visto depois da Sua ressurreição. Muitas vêzes tem sido discutido se Matias foi divinamente escolhido como apóstolo, ou se foi Paulo o duodécimo apóstolo. É a opinião do autor que foi Matias o duodécimo apóstolo. Embora Paulo tenha sido um apóstolo que viu o Senhor, e foi devidamente nomeado ao seu posto, não possuía a primeira qualidade, a de ter andado com o Senhor durante o Seu ministério terrestre. Não tinha essa relação peculiar com Jesus que os Doze tinham (vejam João 15:27).

Chegamos agora aos acontecimentos do Dia de Pentecoste. A morte e a ressurreição de Cristo e o derramamento do Espírito representam o cumprimento dos tipos de três festas que se seguiram em sucessão uma à outra, a saber: a Páscoa (Lev. 23:5), a Festa das Primícias (Lev. 23:10-14); a Festa de Pentecoste (Lev. 23:15-21). A Páscoa era simbólica da morte expiatória de Cristo. Seguindo à Páscoa celebrava-se a Festa das Primícias festa em que as primícias da colheita eram movidas diante do Senhor. Esta cerimônia era simbólica da ressurreição de Cristo como "as primícias" dentre os mortos. A partir desta festa, contavam-se cinqüenta dias, e no último celebrava-se a Festa de Pentecoste (daí o nome "Pentecoste", que significa 50). Nesta festa dois pães — os primeiros pães da colheita de trigo — eram movidos diante do Senhor, sendo isto o símbolo da consagração dos primeiros membros da Igreja.

O Espírito Santo inspirou e deu poder às pessoas nos tempos do Velho Testamento? (Núm. 11:26; I Sam.

10:6; Sal. 51:11; Miquéias, 3:8). Ficou o povo cheio do Espírito antes da morte de Cristo? Lucas 1:15, 41, 67. Comp. João 7:39. Qual era, então, a diferença entre a concessão do Espírito naquêles dias e no tempo do Novo Testamento? Responderemos a esta pergunta.

1. Nos tempos do Velho Testamento o Espírito foi concedido sòmente a alguns poucos: às pessoas que tinham um cargo especial como seja profeta, sacerdote ou juiz. Agora Êle é derramado sôbre **tôda carne.** Joel 2:28.

2. Naquêles dias a concessão do Espírito era **temporário**; agora permanece conôsco **para sempre.**

É interessante notar que para cada manifestação do Espírito mencionada no Novo Testamento vê-se uma paralela a esta no Velho Testamento, com exceção de uma — o falar em outras línguas. A conclusão tirada dêste fato é que o falar em outras línguas é a peculiar manifestação do Espírito para esta dispensação.

Quais as três manifestações que acompanharam o derramento do Espírito? O falar em outras línguas teve simplesmente o propósito de pregar o Evangelho a cada um na sua própria língua (2:8-11, comp. 10-46)? Note-se que, aquêles que recebem o Batismo, nem sempre falam numa língua conhecida, mas, geralmente, numa língua desconhecida. (Comp. I Cor. cap. 14). Neste caso, línguas conhecidas foram faladas, porque nesta primeira manifestação dessa espécie, era necessário convencer os judeus incrédulos de que se tratava de uma manifestação genuína do Espírito e não apenas de uma algaraviada, ou palavras incoerentes como alguns poderiam supôr.

Quais os dois efeitos que esta manifestação produziu nos ouvintes? (vers. 12, 13). Em que sentido estavam embriagados os discípulos? Efés. 5:18. Notem como Pedro os defendeu contra a acusação de estarem

bêbedos. Os judeus geralmente não comiam nem bebiam antes da hora da oração que era mais ou menos, às 9 horas da manhã. Como Pedro explicou esta manifestação? (2:16-21). Teve neste tempo a profecia de Joel o seu cumprimento total? Quando será cabalmente cumprida com relação a Israel? Zac. 12:10. Quem. nos tempos do Velho Testamento, orou por êste acontecimento? Núm. 11:29. No seu sermão declara Pedro imediatamente que Jesus é o Messias? (v. 22, comp. v. 36) Que faz primeiro? Qual a primeira prova que Pedro dá, de ser Cristo o Messias? (v. 22). Qual a segunda prova (v. 24). Qual a terceira prova? (v. 33) Qual foi o efeito dêste sermão? O que disse Pedro aos judeus que teriam de fazer? (v. 38) Quais as duas coisas que se seguiriam ao seu arrependimento? (v. 38) O que mais lhes disse que teriam que fazer além de se arrependerem? (v. 40) Que podemos dizer a respeito da união entre os primitivos cristãos? (v. 44-47). Qual era a manifestação exterior da sua união? (v. 45) Criam que lhes foi ordenado que tivessem em comum tôdas as coisas, ou foi êste ato espontâneo nascido do amor inspirado pelo Espírito para com os irmãos? Devemos nós, que vivemos sob as condições atuais, seguir literalmente o seu exemplo, ou devemos manifestar o mesmo Espírito?

O capítulo 3 registra o primeiro milagre apostólico. Vejam as suas características. Foi realizado num homem, cuja enfermidade era incurável, e foi feito pùblicamente para que pudesse ser verificado por todos.

A conduta do homem que foi curado não foi bem acatada? Nos tempos do Novo Testamento, quando o povo desejava ou recebia alguma coisa do Senhor Deus, importava sempre em obedecer aos costumes? Lucas 17:15; 19:3, 4. De quem desviou Pedro a vista do povo? (3:12) A quem a dirigiu? (v. 13) Qual diferença aponta êle entre a maneira em que êles trataram Cristo e

a maneira em que Deus O trata (vers. 13-15). Como os judeus consideraram Jesus? Mat. 26:65; João 9:24. O que foi feito, segundo Pedro, em Seu nome? (v. 16). Qual foi a conclusão lógica dêste fato a respeito do caráter de Jesus? João 9:33. Tiveram os judeus alguma desculpa pelo seu ato de crucificar Cristo (v. 17). Foi esta ignorância inteiramente desculpável? João 12:37, 38. Quem representava a nação judaica nêste sentido? I Tim. 1:13. Foi rejeitada a nação judaica por ter crucificado Cristo, o Filho, ou por ter rejeitado o Espírito, que testificou de Sua ressurreição e exaltação? Comp. Atos 13:46. Qual apêlo fêz Pedro à nação? (v. 19) O que seguirá, segundo êle, ao seu arrependimento como nação? (vers. 19, 20) Êles se arrependerão alguma vez? Zac. 12:10; Mat. 23:39; Rom. 11:26. O que significa "a restauração de tôdas as coisas" prometida pelos profetas? Isa. cap. 11; Jer. 23:5, 6; Amós. 9:11-15; Zac. 14: 16-21. Predisseram os profetas alguma vez a restauração final dos ímpios e do diabo e seus anjos? A quais profetas Pedro faz referência ao falar aos judeus? Por que devem êles ser os primeiros a crer nos profetas? (v. 25) Qual foi o privilégio de Israel? (v. 26; comp. Mat. 15:24; Atos. 13:46; Rom. 1:10; Rom. 15:8).

O capítulo 4 registra a primeira perseguição dos apóstolos pelas autoridades religiosas.

Qual foi o tema central das pregações dos apóstolos? (v. 2). Por que entristeceu isto os saduceus? Mat. 22:23. Qual foi o resultado do último sermão de Pedro? (v. 4) O que explica a audácia de um pescador sem instrução na presença dos chefes religiosos? (v. 8). De que os acusou Pedro? (v. 10). A qual versículo do Antigo Testamento (v. 11)? Comp. Sal. 118:22). Onde Pedro provàvelmente aprendeu esta escritura juntamente com o seu significado e aplicação? Mat. 21:42. Que admoestação lhes fêz? (v. 12). A imagem de quem, viram os sacerdotes em Pedro e João? (v. 13) Por que não podiam agir contra os apóstolos? (v. 14) A que conclu-

são chegaram? (v. 16). A que deveria esta conclusão conduzí-los? Em que ocasião estas mesmas pessoas fizeram conclusão semelhante? João 11:47. Teve êxito a sua tentativa de intimidar os apóstolos? (vers. 19, 20) Que efeito fêz êste milagre no povo? (v. 21).

Qual foi o efeito da oposição dos chefes na ação dos discípulos? (4:24) Qual o Salmo que citaram na sua oração? (vers. 25, 26; comp. Sal. 2) Quais as três petições que fizeram (vers. 29, 30). Quanto tempo passou antes de chegar a resposta? Quais as três coisas que sucederam? (v. 31).

Que podemos dizer acêrca da consagração da igreja primitiva? (4:32-37). Quem é mencionado neste ponto como um exemplo de cristão consagrado? (v. 36) Quem desejava ter a mesma honra sem pagar o mesmo preço? (5:1) O que provàvelmente havia na origem do seu pecado? 1 Tim. 6:10. A que pecado conduziu? Lucas 12:1. Em que pecado resultou finalmente? Qual foi a pena de seu pecado? Deus castiga sempre ofensas semelhantes desta maneira, ou castigou êstes dois para que fôssem um exemplo aos outros, e para demonstrar que a Igreja era uma instituição santa onde não seria tolerado nenhum engano? Qual foi o efeito dêste juízo sôbre a Igreja? (5:11) Sôbre o povo? (v. 13) Os hipócritas interessar-se-iam em pertencer a uma tal igreja? Qual promessa do Senhor obteve o seu cumprimento em 5:15, 16? João 14:12.

Que efeito teve o ministério de Pedro sôbre os saduceus? (5:17) Como procuraram impedir a Palavra da vida? O que Deus teve que dizer sôbre a questão? (5:20) O que causou inquietação aos saduceus? (v. 28) O sangue do Senhor estava realmente sôbre êles? 11. 47-53. Pedro lhes disse que o sangue de Jesus estava sôbre êles? (vers. 30, 31) Quais as duas testemunhas da ressurreição de Jesus que Pedro mencionou? (v. 32)

Quem mostrou mais sabedoria do que os outros chefes? (v. 34) Quem foi o seu discípulo mais distinto? (22:3)? O seu consêlho era prudente no tocante à sabedoria natural?

No acontecimento acima mencionado, o dr. Griffith-Thomas nota três fôrças representativas — o espírito de erro (os saduceus); o espírito de compromisso (Gamaliel); o espírito de verdade (Pedro).

CAPÍTULO IX

ATOS Caps. 6 a 11

O capítulo 6 registra a primeira dificuldade da Igreja e a sua solução. Notem que esta dificuldade era inevitável por não ter aumentado a organização da igreja em proporção ao seu desenvolvimento (v. 1). Notem também, que era séria, por ameaçar causar uma divisão da Igreja entre aquêles judeus educados na Palestina (hebreus) e aquêles que tinham recebido uma educação grega, ou que viviam em países onde se falava grego (gregos). Esta dificuldade foi resolvida no espírito de amor e cooperação, e encontrou a solução no aumento da organização — a instituição de uma nova ordem no ministério da Igreja (diáconos).

A que ministério os apóstolos desejavam dedicar-se (6:4). Quais as três qualificações para um diácono que se mencionam aquí? (v. 3). Notem que, embora não se registre que estas pessoas fôssem chamadas diáconos, o seu ministério mostra que êles o eram (a palavra diácono vem de uma palavra grega que significa "servo). Quem foi o mais notável de todos êstes diáconos? Como manifestou o Senhor Seu prazer em ver resolvida amistosamente a dificuldade? (v. 7) É necessário ser um apóstolo para poder fazer milagre? (v. 8) Com quem argumentou Estêvão? Por que não puderam resistir aos seus argumentos e pregações? (v. 10; Lucas 21:15) Falhando os argumentos verbais, a que recorreram? (vers. 11-14) Qual foi a acusação contra êle? Parecia êle um blasfemo? (v. 15) Em sua defesa, Estêvão resume a história de Israel desde Abraão até Salomão. No seu discurso encontram-se os seguintes pensamentos:

1. A revelação divina é progressiva. Estêvão foi acusado de pregar que a lei de Moisés passaria (v. 14). Apesar de terem sido mal citadas as suas palavras e torcido o seu sentido, Estêvão evidentemente havia pregado que a época da Lei estava passando, e que a época da graça se iniciava. Assim, mostra que Deus sempre tem dado novas revelações de Si mesmo. Primeiro, revelou-se a Abraão, por meio da instituição do altar; a Moisés na sarça ardente e no Monte Sinai; depois a Israel, por meio do tabernáculo e finalmente, por meio do templo, Estêvão demonstra que a morada de Deus no tabernáculo e no templo era ùnicamente simbólica (vers. 48, 49). Deus mora conôsco agora, e revela-se em realidade, por meio de uma nova instituição, a Igreja.

2. Êle fôra acusado de ter declarado que o templo seria destruído (6:14). Êle prova que o templo não é o único lugar santo, mas que Deus Se revela em qualquer lugar onde quer que se encontre um coração aberto. Revelou-se a Abraão em Mesopotâmia (v. 2); a José no Egito (vers. 9-12); a Moisés no Egito (v. 25) e no deserto (vers. 30-33, 38).

3. Israel sempre tem rejeitado a primeira oferta da misericórdia de Deus; tem sofrido por isto e então tem aceitado a segunda oportunidade. Rejeitaram José e Moisés na primeira vez, mas aceitaram-nos na segunda vez (vers. 9-13, 24-35). Da mesma maneira rejeitaram Jesus, mas depois de terem sofrido, aceitarão a Sua segunda oferta.

Quais são as duas acusações contra os chefes judeus com que Estêvão terminou o seu discurso? (vers. 51, 52). Quais versículos do Velho Testamento contêm estas acusações? Isaias 63:10, II Crôn. 36:15, 16, Neemias 9:30. Acusou-os Jesus de um fato semelhante? Mat. 5:12; 23:34-39. Quais os verdadeiros infratores da lei (v. 53). Que visão teve Estêvão? (vers. 55, 56) Que disse êle? Quem tinha pronunciado palavras pare-

cidas perante o mesmo concílio? Mat. 26:64. Quais foram as duas últimas frases de Estêvão? (vers. 59, 60) Quem disse palavras idênticas numa ocasião semelhante? Lucas 23:34, 46. Quem é mencionado nessa ocasião? Foi respondida neste jovem a oração de Estêvão pelos seus assassinos? (Comp. I Tim. 1:13).

O capítulo 8:1-4 registra a primeira perseguição geral contra a Igreja inteira. Saulo aparece aquí como o agente mais ativo nesta perseguição. Levado pelo zêlo e a energia que o caracterizavam, chegou a ser o campeão do judaísmo contra o que êle considerava a heresia do cristianismo. O que pensava Saulo que estava fazendo ao perseguir os cristãos? João 16:2. Qual era o seu caráter moral e religioso? Fil. 3:5, 6. Apesar da sua moralidade, zêlo e sinceridade, o que era êle enquanto perseguia os cristãos? I Tim. 1:13. Deus lhe perdoou alguma vez? Perdoou-se Paulo a si mesmo? I Cor. 15:9. Esta perseguição impediu ou favoreceu a obra do Senhor. 8:4; 11:19-21)?

II. O PERÍODO DE TRANSIÇÃO: A IGREJA DA PALESTINA E SÍRIA (Caps. 8:5 a 12:23)

1. O Evangelho em Samaria. 8:5-25.
2. O eunuco etíope. 8:26-40.
3. A conversão de Saulo. 9:1-22.
4. O ministério de Saulo em Jerusalém e a fuga para Tarso. 9:23-31.
5. O ministério de Pedro em Lida e Jope. 9:32-43.
6. A visão de Cornélio. 10:1-8.
7. A visão de Pedro. 10:9-18.
8. O primeiro sermão aos gentíos. 10:19-48.
9. A defesa de Pedro por pregar aos gentios. 11:1-18.

10. O estabelecimento da Igreja em Antíoquia. 11: 19-30.

11. A perseguição da Igreja por Herodes. Cap. 12.

Quem é o Felipe mencionado em 8:5; 21:8? Quem primeiramente semeou a semente em Samaria? (João, cap. 4). Que pregou Felipe? (v. 5) Com quem se põe em contraste nêste sentido? (v. 9). O que acompanhou a pregação de Felipe? (vers. 6. 7) Qual foi o efeito geral dêste grande avivamento? (v. 8). Era Simão realmente convertido? (comp. vers. 21-23). Que espécie de fé possuía (Comp. João 2:23, 24). Qual foi evidentemente o motivo básico para êle seguir a Felipe? (vers. 6, 7). Simão tinha visto manifestações do poder do Espírito? (vers. 6, 7) Tinha visto alegria? (v. 8). O que havia no Batismo do Espírito que o impressionou? (vers. 18, 19) Manifestou Simão verdadeiro arrependimento? (v. 24) Estava realmente arrependido do seu pecado, ou sentia mêdo do que lhe poderia acontecer?

A que lugar Felipe recebeu ordem de ir? (8:26). Por que era necessário que deixasse a cena de grande avivamento para ir a um deserto? Havia algum outro disposto a sair de seu caminho para falar a uma só alma? (João, cap. 4) Por quem foi conduzido Felipe? (v. 29) Qual pergunta muito importante fêz ao eunuco? (v. 31) De que êsse homem sentia necessidade? (João 16:13; Lucas 24:45). Como Jesus tinha suprido esta necessidade? João 16:13; Lucas 24:45. Qual passagem da Escritura estava lendo o eunuco? O que foi que não pôde compreender? (v. 34). Sob qual condição batizou Felipe o eunuco? (v. 37) Qual maneira de transporte rápido se usou aquí? (v. 39) De que é isso simbólico I Tes. 4:17.

Tinha diminuído o ódio de Saulo contra os cristãos? (9:1-4) A que cidade quiz estender as suas atividades? Onde estava quando viu o Senhor? A quem dis-

se Jesus que Saulo estava perseguindo? O que ensina isto referente à relação dos fiéis para com o Senhor? Mat. 10:40.

"Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões". No Oriente, quando um animal se mostrava obstinado, aquêle que o conduzia picava-o com uma vara com ponta de ferro. Os movimentos do animal então, aumentavam a dor. Jesus desejava ensinar a Saulo que estava lutando contra Deus, e que, ao fazer isto apenas prejudicava-se a si mesmo.

Quanto tempo depois arrependeu-se Saulo? (v. 6). Como se dirigiu a Jesus? Viu Saulo realmente o Senhor? I Cor. 9:1. O que podia afirmar sempre? Gál. 1:1. Quem agora foi ordenado para ministrar a Saulo? Foi o Senhor bem definido ao dar instruções? (v. 11). Qual foi a ocupação de Saulo durante os três dias de sua cegueira? (v. 11) A que três classes ia pregar Saulo? (v. 15) O que foi que Jesus revelou a Saulo? (v. 16). Qual lado do ministério Jesus sempre mostrou primeiramente aos Seus futuros discípulos? Lucas 14:25-33. Mostra êle o outro lado? Mat. 19:28, 29. Como se dirigiu Ananías a Saulo? (v. 17) O que recebeu Saulo nesta ocasião? O que fêz Saulo imediatamente? (v. 19).

O que se sucedeu entre os versículos 22 e 23? Gál. 1:15-17. Qual era a atitude dos discípulos para com Paulo quando veio a Jerusalém (v. 26)? Quem se tornou o seu amigo nesta ocasião? Em que perigo esteve Paulo (v. 29)? Qual visão teve naquela ocasião (22:17, 18)? Onde foi enviado Paulo? (v. 30) Quanto tempo permaneceu alí? (11:25). Cêrca de 8 anos. Qual foi o efeito sôbre a Igreja por ter sido removido o seu grande perseguidor? (v. 31).

Qual foi o destino de Pedro nesta viagem? (9: 32, 43). Quais acontecimentos sucederam, durante êste tempo? Quais atos de Pedro ao ressuscitar Tabita se assemelham aos do Senhor ao ressuscitar a filha do

chefe da sinagoga? (vers. 40-42; comp. Marc. 5:40, 41) Qual foi o efeito dos milagres de Pedro em Lida e Jope? Qual foi o propósito principal da visita de Pedro em Jope? (10:6).

Quais as três coisas que se dizem a respeito do caráter de Cornélio? (10:2) Qual era a sua posição? A quem prófetizou Jesus a salvação dos gentíos? Mat. 8: 5-13. Era Cornélio um homem salvo? (11:14) Mas o que havia no seu coração que assegurava que Deus lhe revelaria a Cristo? (vers. 2, 35). Cornélio tinha orado nêste sentido? (10:31) Que estava fazendo quando viu a visão? (v. 3) Onde Deus geralmente Se encontra com os homens? Dan. 9:3, 21; Atos 22:17, 18. A que hora estava orando Cornélio? (comp. 3:1) Por que os anjos não pregaram o Evangelho a Cornélio em vez de lhe dizer onde encontraria um pregador? (vers. 5, 6; II Cor. 5:18; Lucas 2:10, 11).

Notem o significado da visão de Pedro. Foi-lhe ordenado por uma voz do céu, que fizesse algo que era contrário à Lei de Moisés. (vers. 12-14) Isto significava que a dispensação da Lei estava findando. O fato de ter sido repetido o mandamento significa que o propósito de Deus estava estabelecido. (Comp. Gên. 41:32) O fato de o lençol ter sido recolhido ao céu significa que era divino o propósito simbolizado pelo lençol e os animais. Compreendeu Pedro nêsse tempo o significado da visão? (v. 17) Quando o entendeu? (v. 22) Que levou Pedro consigo? (v. 23) Por que? (vers. 45, 46; 11:12) Qual versículo condena a adoração dos santos da Igreja Romana? (v. 25) Que disse Pedro que era a atitude dos judeus para com os gentíos? (v. 28) Há profecias no Antigo Testamento da salvação dos gentíos? (Sal. 22:27; Isa. 49:6; Oséias 2:23) Profetizou Jesus a salvação dêles? Mat. 8:11; 21:23; João 10:16. Ensinou alguma vêz o Antigo Testamento que o judeu e o gentío pertenceriam ao **mesmo corpo?** Efésios 3:3-6.

O que aprendeu Pedro? (vers. 34, 35) O que diz o versículo 38 a respeito de Jesus? Quando foi ungido? Mat. 3:16. Com que propósito? Comp. Lucas 4:18. Como Pedro soube isto? (v. 39) O que sucedeu enquanto Pedro falava? Qual foi o efeito sôbre os judeus que estavam com Pedro? O que provou cabalmente a êsses judeus imbuídos de proconceitos, que os gentíos tinham recebido o Espírito? Como foram salvos êstes gentíos? (15: 9; comp. Rom. 10:17).

O que mostra o preconceito dos judeus contra os gentíos? (11:2, 3) Como se defendeu Pedro? Como demonstrou que Deus não faz diferença entre os judeus e os gentíos? (v. 15) O que os judeus foram obrigados a admitir? (v. 18).

Que distância viajaram aquêles que foram dispersos pela perseguição de Saulo (11:19)? A quem limitaram o seu ministério? (v. 20) A quem pregaram alguns dêles? (Notem que a palavra "helenista" é reproduzida em algumas versões como "grego", quer dizer "gentío"). Qual era a condição espiritual da Igreja em Antioquia? (v.23) Quem foi enviado a lhes pregar? Quais as três coisas que se dizem a respeito dêle? Onde foi para buscar ajuda? (v. 25) Quanto tempo permaneceram em Antioquia? O que caracterizava os discípulos nêsse tempo? (11:26) Que dom do Espírito se exercia nêste tempo? (v. 28) O que demonstra a liberalidade da Igreja em Antioquia? (v. 29) O Herodes mencionado em 12:1 é Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande. Mat. 2:1.

O martírio de Tiago já estava indiretamente profetizado? Mat. 20:22, 23. Por que Pedro foi prêso por Herodes? Qual recurso tinha a Igreja? (v. 5) O que sucedera na última vez que a Igreja orou durante uma crise (4:31)? Os que oravam esperavam de fato resposta às Suas orações? (v. 15) Qual podia ter sido a sua condição? Lucas 24:44. Qual foi o juízo de Deus sôbre Herodes?

CAPÍTULO X

ATOS Caps. 12 a 15

III. A IGREJA DOS GENTIOS (Caps. 12:24 a 21:17).

1. A primeira viagem missionária de Paulo. 12:24 a 14:28.
2. O concílio em Jerusalém. Cap. 15: 1-35.
3. A segunda viagem missionária de Paulo. 15:36 a 18:22.
4. A terceira viagem missionária de Paulo. 18: 23 a 21:17. (Nas seções que tratam das viagens de Paulo o uso de um mapa é de muita utilidade). O estudante deve estudar cada viagem de tal maneira, que possa traçar de cór o itinerário de Paulo, mencionando ligeiramente o que sucedeu em cada lugar.

Quem levaram Paulo e Barnabé, de Jerusalém, neste tempo? 12:25. Que parentesco tinha êle com Barnabé? Col. 4:10. Qual igreja enviou Paulo e Barnabé? Como foi fundada essa Igreja (11:19)? Quem chamou êstes dois ao ministério? Consta que Marcos foi chamado também? O que pode explicar isto? (13:13). Que lugar ocupa Paulo na lista dos obreiros em Antioquia? (13:1).

Tracemos a viagem de Paulo e Barnabé passo a passo. Se fôr posível, use um mapa.

Antioquia. Aquí se encontrava a séde missionária da Igreja.

Seleucia. Era o porto marítimo de Antioquia.

Chipre. Uma ilha no Mediterrâneo. O lar anterior de Barnabé (4:36).

Salamina. Que fizeram os missionários nêste lugar? (13:5).

Pafos. Qual foi a primeira pessoa que os missionários encontraram nêste lugar? O que procurou fazer? (13:8). Que luta é exemplificada aquí? I João 4:6; comp. II Tim. 3:8. Por qual poder Paulo pronunciou o juízo sôbre o feiticeiro? (13:9). Qual foi o efeito dêsse juízo? (v. 12) Que mudança de nome sucede a esta altura? (v. 9).

Perge. Quem era o líder até êsse ponto? O que aconteceu nessa cidade? Como podemos explicar o ato de Marcos? (Comp. 13:2) Marcos alguma vez chegou a ser útil? II Tim. 4:11.

Antioquia da Pisídia. O culto da sinagoga judaica consistia geralmente de orações prescritas e de leitura da Lei e dos Profetas. Estando presente um pregador ou mestre, pedia-lhe que apresentasse uma mensagem (Comp. Lucas 4:16-21). Paulo começou a sua mensagem com um resumo da história de Israel até o tempo de Daví. (vers. 17-25). Em seguida, provou que Jesus era a semente de Daví (vers. 25-33). Baseou os direitos de Jesus como Filho de Deus e Messias na Sua ressurreição dentre os mortos (vers. 26-37). Depois ofereceu o Evangelho aos judeus, prevenindo-os quanto à sua rejeição (vers. 38-41).

Quem estava particularmente ansioso de ouvir o Evangelho? (v. 42) Qual foi a intensidade do desêjo pela Palavra de Deus nêsse lugar? (v. 44). Quais eram os sentímentos dos judeus ao ver que a Palavra de Deus era pregada aos gentios? (v. 45) De qual profecia tal atitude era o cumprimento? (Deut. 32:21) Qual era a atitude dêstes para com o Evangelho? (v. 45) O que era necessário, segundo os dizeres de Paulo e Barnabé?

(v. 46) Por quê? Mat. 10:6; 15:24; João 4:22; Rom 1: 16; 15:8. Qual seria o resultado para os gentios, a rejeição do Evangelho pelos judeus? (v. 46; comp. Rom. 11:11). Apesar de ter sido perseguido por êles, quais eram sempre os sentimentos de Paulo para com o seu povo? (Rom. 9:1-3; 10:1). Como receberam os gentios o Evangelho? (v. 48). Tendo falhado os argumentos, o que fizeram então os judeus? O que fizeram Paulo e Barnabé? (v. 51). Havia algum mandamento acêrca disso? Mat. 10:14.

Icônio. O que prova que Paulo ainda não tinha abandonado o seu povo? (14:1) Quais foram os dois resultados da sua pregação nesta cidade? (vers. 2, 3) Como o Senhor confirmou a Sua pregação? (v. 3). Que causou Seu ministério na cidade? (v. 4) Que fizeram quando souberam de mais perseguição lhes esperava? (v. 6) Receberam algum mandamento nêste sentido? Mat. 10:23.

Listra. Quem foi curado por Paulo nessa cidade? Por quais outros apóstolos foi curado um homem paralítico? (3:1-6). Que desejava fazer o povo a Paulo e a Barnabé? (14:13). Que apóstolo teve uma experiência semelhante? (10:25, 26). Que talento de Paulo manifestou-se aquí? (v. 12). Que duração teve sua popularidade? (v. 19).

Debre. O que fêz Paulo nesta cidade? (14:21).

Listra, Icônio e Antioquia. Que exortação pronunciou Paulo aos discípulos nestes lugares? (v. 22). O que podiam esperar? (v. 22). Que fêz antes de partir dali? (v. 23).

Pisídia. Esta é a província onde Antioquia estava situada.

Perge. O que tinha sucedido aquí antes? (13:13). Que obra foi feita neste lugar? (14:25).

Atalia. Um porto marítimo.

Antioquia. Aquí os apóstolos relataram a sua obra.

O estudante deve estar preparado a citar, de cór, os diferentes lugares visitados por Paulo na sua primeira viagem, mencionando brevemente o que sucedeu em cada lugar.

O capítulo 15 registra a reunião do primeiro concílio cristão convocado para resolver um problema muito importante, a saber : a relação entre os gentios e judeus e as condições em que os primeiros seriam salvos; as suas questões a resolver eram : deviam os gentios guardar a Lei de Moisés para poderem ser salvos? Deviam os gentios ter igualdade religiosa com os judeus?

"Deve ser recordado que a separação entre os judeus e gentios era tanto religiosa, como social. Os judeus tinham uma lei divina que sancionava o princípio e ordenava a prática do isolamento nacional. Não podiam crer fàcilmente que aquela lei, presente em todas as passagens gloriosas da sua história, devia perdurar sòmente por um período limitado: não podemos deixar de sentir a dificuldade que sentiam em aceitar a idéia de uma união cordial com os incircuncisos, bem que tivessem abandonado a idolatria e observassem a moralidade.

O caráter peculiar da religião dos judeus era tal que colocava obstáculos insuperáveis no caminho de uma união social com outra gente. As suas observâncias cerimoniais tornavam impossíveis refeições comuns com os gentios. O paralelismo mais próximo que podemos encontrar para aquela barreira entre o judeu e o gentio é a instituição das castas entre as populações da Índia, que se apresenta aos nossos políticos como um fato que causa perplexidade nos governos, e aos nossos missionários como o grande obstáculo do cristianismo no Oriente. Um hindú não pode comer como um pária ou com um maometano e, entre os próprios hindús, os alimentos dos Brâmanes são profanadas pela presença

de um pária — apesar dêles terem livre intercâmbio em tôdas as transações comerciais comuns. Assim era também na época patriarcal. Era uma abominação para os egípcios comer pão com os hebreus. Gên. 43:32. O mesmo princípio era sancionado divinamente nas instituições judaicas. Os israelitas que viviam entre os gentios, podiam vê-los com liberdade em seus lugares públicos, comprando e vendendo, conversando e disputando, mas as suas famílias estavam separadas. Nas relações da vida doméstica era "ilícito", como Pedro disse a Cornélio, "que um homem judeu se juntasse ou estivesse em companhia de um estrangeiro". Quando Pedro regressou de junto do centurião em Cesaréia para seus irmãos cristãos em Jerusalém, a grande acusação contra êle foi que estivera com homens incircuncisos e que tinha comido com êles. Foi por obediência culpável a êsse costume, depois que o verdadeiro princípio da unidade social do judeu e, gentio foi publicamente reconhecido, que causou a repreensão de seu irmão apóstolo (Paulo), a saber que, depois de comer com os gentios, êle subtraia-se, separava-se, temendo os que eram da circuncisão". Gál. 2:11, 12.

"Como vencer estas duas dificuldades, que pareciam impedir a formação de uma igreja única — como unir os gentios religiosamente sem obrigação de guardar completamente a Lei de Moisés — como uní-los socialmente como irmãos iguais na família de um Pai comum, — a solução deve ter parecido impossível naquele dia".

E sem a intervenção da graça divina teria sido impossível" — Conybeare e Howson.

Transformou o assunto em debate um certo grupo de crentes judeus, o qual, embora reconhecendo que Deus tinha concedido a vida eterna aos gentios, insistia em que a observância da Lei de Moisés fôsse obrigatória no caso, e necessária para a salvação dêles. Mais

tarde, os membros dêsse partido chegaram a ser os maiores inimigos de Paulo e, em diferentes períodos do ministério fizeram tudo para sabotar a sua autoridade. Gál. 2:4. Foi essa classe de homens que fêz a Igreja dos gálatas voltar à observância da Lei de Moisés. Gál. 5:1-7. Devemos recordar que êsses homens, conhecidos como os Judaizantes, tinham a autoridade das Escrituras do Antigo Testamento para apoiar as suas asserções (o Novo Testamento não fôra ainda escrito). O Antigo Testamento predisse a salvação dos gentios (Sal. 22:7; 86:9; Isaías 49:6), e ensinava que a submissão ao rito da circuncisão e a observância das outras cerimônias judaicas eram necessárias para a união com o povo de Deus. Gên. 17:14. Assim, apresenta-se um outro aspecto do problema, a saber : como deviam ser preservadas a liberdade do Evangelho e a autoridade das Escrituras. Êstes e outros problemas foram resolvidos nos discursos daquêles que participaram do concílio.

Vejamos o discurso de Pedro (15:7-11). O seu argumento principal é que, a concessão do Espírito Santo era a verdadeira prova da aceitação dos gentios por Deus. O fato de êstes últimos terem recebido o dom do Espírito igualmente como os judeus, prova que Deus não distingue entre os judeus e os gentios crentes (v. 8). O fato de que os gentios receberam o Espírito antes de se submeterem a alguma cerimônia externa, demonstra que nenhuma observância exterior da Lei de Moisés era necessária para a salvação. Bem que sob o pacto antigo, a circuncisão fôsse necessária como uma condição para pertencer ao povo escolhido, a ação de Deus para salvar e batizar os gentios sem a observância de tal rito indicava que êle tinha feito um novo pacto, e que o antigo estava desaparecendo. Jer. 31:31. Era pela fé e não pelas obras da Lei, que os gentios eram justificados (v. 9). Deus libertou todos os crentes do jugo pesado da Lei; portanto, a imposição dessa carga

sôbre os gentios significaria tentar a Deus (v. 10). Os mesmos crentes judeus não foram salvos pela Lei, mas, sim, pela graça. (v. 11).

Paulo e Barnabé limitaram-se a dizer o que Deus tinha operado entre os gentios (v. 12). O fato de Deus estar salvando os gentios, enchendo-os do Espírito e fazendo milagres entre êles sem nehuma tentativa da parte dêles em guardar a Lei, prova que esta última era desnecessária para a salvação dêles.

Pedro havia declarado a igualdade entre judeus e gentios. Mas os fariseus poderiam argumentar : "Como pode reconciliar-se êste fato com as Escrituras, as quais ensinam a supremacia dos judeus sôbre os gentios?" Isaías 61:5, 6. Zac. 14:18. Tiago antecipa esta objeção e responde por um esbôço do programa divino para a época. Antes de tudo, explica que nem todos os gentios serão salvos durante esta época, mas, sòmente, certos indivíduos para completar, juntamente com os judeus escolhidos, a Igreja (v. 14). Depois virá a restauração de Israel como nação, e a sua exaltação sôbre as nações (v. 16). Depois de tudo, tôdas as nações buscarão ao Senhor (v. 17). Vejamos a decisão do concílio (vers. 19-29). Não foi exigido dos gentios que se circuncidassem nem guardassem a Lei de Moisés. Foram impostas, porém, certas proibições aos gentios: tinham que se abster da idolatria e fornicação, não deviam comer animais estrangulados, nem o sangue dêsses animais. Lev. 7:22-27. As primeiras duas proibições foram ditadas pela lei moral; as outras duas, pela cerimonial. Os pecados de fornicação e idolatria são mencionados por serem de tentação especial para aquêles salvos entre os pagãos. As duas últimas proibições representavam uma concessão às crenças judaicas. Mas não havia nenhum compromisso em questões fundamentais. "As mais desavergonhadas violações de pureza realizavam--se na ocasião dos sacrifícios e festas celebradas em hon-

ra das divindades pagãs. Assim sendo, tudo quanto tendesse a preservar os convertidos gentios de uma associação mesmo acidental ou aparente com aquelas cenas de vícios, fazia com que fôssem guardados mais fàcilmente da corrupção e que permitissem aos judeus convertidos a ver seus novos irmãos cristãos com menos suspeita e antipatia. Isto parece ser o motivo porque encontramos mencionado no decreto um pecado reconhecido, juntamente com as observâncias cerimoniais de caráter temporário e talvez local. Devemos considerar o assunto do ponto de vista judaico, e considerar que as violações da moral e contradições à lei cerimonial eram associadas no mundo gentílico. Quase não é necessário mencionar que foi muito enfatizada a parte moral do decreto, quando nos recordamos que foi dirigido àqueles que viviam nas proximidades dos santuários libertinos de Antioquia e Pafos." Conybeare e Howson.

Vejamos o resultado do concílio: vitória do lado de Paulo e o reconhecimento da sua vocação e ministério. Gál. 2:9.

Concluamos êste assunto apresentando as quatro num só corpo.

1. Em séculos passados, esta verdade era um **mistério.** Efésios 3:5, 6. O Antigo Testamento ensinou a salvação dos gentios, mas não a formação de um só corpo com os judeus.

2. Tornou-se uma **revelação.** Atos 10:11-18, 34, 35; 15:7-9.

3. Tornou-se um **problema.** Atos cap. 15.

4. Tornou-se uma **realidade.** Gál. 3:28.

CAPÍTULO XI

ATOS 15:36 a 21:17

Qual o acontecimento lamentável que marcou o princípio da segunda viagem missionária? (15:36-39). Impediu isto a obra de Deus? Foram Barnabé e Marcos novamente mencionados no livro de Atos? Quem recebeu a confirmação dos irmãos? (15:40).

Sigamos agora o curso da segunda viagem de Paulo (15:36 a 18:22).

Segundo o arranjo do Dr. Hurlbut, dividamos a viagem em três seções : os lugares da Ásia, da Europa e do regresso.

Síria e Cilícia. Nestas duas províncias, Paulo visitou as igrejas que já estavam organizadas alí.

Derbe. O que aconteceu a êles quando lá estiveram a última vez? (14:21).

Listra. Quem Paulo encontrou aquí? Qual era a sua nacionalidade? O que se dizia da sua reputação?

Frígia, Galácia e Mísia. Qual limitação foi imposta ao ministério de Paulo nestas províncias? Por que? (16:9).

Troade. Qual a missão que Paulo recebeu aqui?

Filipos. Notem o princípio humilde da Igreja na Europa — uma pequena reunião de coração. Notem em seguida, o primeiro conflito dos apóstolos com o paganismo. (vers. 19-40). Menciona-se aquí, pela primeira vez, o fato da cidadania romana de Paulo (v. 37). Esta cidadania muito lhe serviu mais tarde no seu ministério. Tinham direito à cidadania romana os nascidos em Roma (exceto os escravos); os nascidos nu-

ma colônia romana, quer dizer, numa cidade na qual os direitos de cidadão romano eram outorgados (Filipos era uma tal cidade); aquêles cujos pais eram cidadãos romanos (Paulo pode ter obtido, desta maneira, os privilégios de cidadão romano); e aquêles que compraram a cidadania. Atos 22:28. Eram os seguintes, os privilégios de um cidadão romano: sempre podia pedir proteção pronunciando a frase: "Sou cidadão romano". Não podia ser condenado sem ir a juízo. Não podia ser açoitado nem crucificado e podia apelar das côrtes comuns para o Imperador.

Anfípolis, Apolónia. Paulo não esteve muito tempo nêstes lugares.

Tessalônica. A quem Paulo pregou primeiro nêste lugar? Qual foi a sua mensagem a êles? (17:3). Quais os dois efeitos que se seguiram à sua pregação? (vers. 4, 5).

Beréia. A quem Paulo primeiramente pregou? Qual era o caráter dêstes judeus? Quais são os dois efeitos que se seguiram à pregação da Palavra? (vers. 12, 13). Quem permaneceu em Beréia enquanto Paulo partiu para Atenas?

Atenas. Notem o encôntro de Paulo com os membros de duas escolas de filosofia — os epicureus e os estóicos. (A filosofia é o ramo do conhecimento que tem por objetivo descobrir a verdade concernente a Deus, ao homem e ao Universo, tanto quanto essas verdades podem ser compreendidas pela razão humana(. Os epicureus eram céticos, que rejeitavam tôdas as religiões. Acreditavam que o mundo se formou casualmente, que a alma é mortal e que o prazer é o principal fim da vida. Os estóicos eram panteistas, quer dizer, acreditavam que tudo é parte de Deus. Criam que a virtude é o fim principal da vida, e que devia ser praticada como um fim em si mesma. Examinemos a

mensagem de Paulo. Demonstra a relação entre Deus e o universo. (vers. 24, 25), e o homem (vers. 26-29). Logo declara o govêrno moral de Deus para com o mundo; Êste govêrno manifestar-se-á perfeitamente no último juízo (v. 31). Quais foram os dois efeitos da pregação? (vers. 32-34).

Corinto. Quem Paulo encontrou nesta cidade? Quem se uniu a êle neste lugar? Qual era o feito da sua pregação aos judeus? O que animou Paulo a se demorar alí apesar da oposição? (18:9). Quanto tempo Paulo permaneceu em Corinto? Quem o protegeu nesta ocasião? (v. 12).

Foi em Corinto, onde Paulo escreveu suas duas epístolas aos tessalonicenses. Estas foram escritas com o propósito de confirmar os recém-convertidos, confortando-os no meio da perseguição, exortando-os à santidade e consolando-os acêrca dos seus mortos.

Cencréia. Êste é um pôrto perto de Corinto onde Paulo embarcou. Foi estabelecida aqui uma igreja (Rom. 16:1)?

Éfeso. A quem deixou Paulo nêste lugar? (18:19). Que ministério tiveram aqui mais tarde, Priscila e Aquila? (18:26). Por que estava ansioso a voltar a Jerusalém? (v. 21). O que prometeu fazer antes de partir? (v. 21).

Cesaréia. Esta era a capital romana da Palestina e um pôrto.

Jerusalém. Paulo deteve-se aquí para saudar a Igreja (78:22).

Antioquia. Aquí Paulo relatou os resultados de sua jornada missionária.

Tracemos, agora, a terceira viagem missionária de Paulo.

Foi o ponto de partida de tôdas as viagens missionárias de Paulo.

Galácia e Frígia. Paulo viajou por estas províncias, confirmando e animando os fiéis das igrejas que êle estabeleceu lá.

Éfeso. Vejam a preparação para o **ministério** dos três anos em que Paulo esteve nêste lugar (18:24). Apolos, o judeu culto alexandrino, tinha pregado a mensagem de João Batista, preparando assim o caminho para as revelações maiores de Paulo sôbre Cristo e a Sua salvação. Qual era o desêjo sincero de Paulo para com todos os fiéis (19:2)? O que escreveu êle mais tarde aos fiéis desta cidade? Efésios 5:18. Eram realmente salvos êstes homens antes de receber o Espírito? (19:5; comp. 8:36, 37). O que aconteceu depois de estarem salvos? (v. 6). Quanto tempo Paulo pregou na sinagoga? O que fêz quando surgiu a oposição? Quanto tempo continuou pregando na escola de Tirano? (v. 10). A que distância de Éfeso espalhou-se a Palavra de Deus? (v. 10).

Observem que Paulo fêz milagres **especiais** em Éfeso. Isto foi concedido a Paulo por ter sido Éfeso o centro principal de idolatria na Ásia. Era uma fortaleza dos poderes das trevas. Por esta causa, Deus conferiu ao Seu servo um poder adicional para triunfar sôbre Satanás. Alguns exorcistas profissionais (os que tinham a profissão de expulsar demônios), procuraram usar êsse nome através do qual Paulo tinha efetuado milagres. Sofreram severamente pela sua temeridade. O seu castigo ensinou aos efésios que o nome de Jesus era um nome poderoso e sagrado, que não podia dêle se abusar (19:17). Muitos fiéis ficaram impressionados com êste acontecimento e confessaram alguns dos seus pecados, especialmente o de ocupar-se de ciências ocultas (vers. 18, 19): Seguiu-se um grande avivamento (v. 20). Reparem que a visão missionária de Paulo está se ampliando. Deve pregar em Roma (v. 21). Os versículos 23 a 41 registram um acontecimento que

comprova, duma maneira concreta, o êxito de Paulo em Éfeso. Deu um golpe tão forte nesta grande fortaleza de Satanás, que a adoração de Diana estava diminuindo. Isto alarmou aquêles que faziam ídolos, que então levantaram um tumulto contra Paulo.

Durante a sua estada em Éfeso, Paulo escreveu a primeira epístola aos Coríntios. Após a partida de Paulo, sérias desordens surgiram na Igreja de Corinto. A Igreja foi dividida, a imoralidade era tolerada, irmão processava irmão, diante das autoridades do mundo, e a ceia do Senhor era colocada no mesmo nível duma refeição comum, onde a embriaguês era habitual. Para corrigir êsses abusos e para responder a algumas perguntas que haviam sido formuladas acêrca do matrimônio, das carnes, e dos dons do Espírito, Paulo escreveu-lhes uma carta.

Macedônia. (20:2) É provável que nêste tempo Paulo visitou Filipos, Tessalônica e Beréia. Foi aquí onde Paulo escreveu a sua segunda carta aos Coríntios. Foi escrita para animar o grande corpo da Igreja que se tinha arrependido ao receber a sua primeira carta e para admoestar um pequeno grupo que persistia em desprezar as suas ordens.

Grécia. (20:2) A missão principal de Paulo nêsse país, era visitar a Igreja de Corinto para corrigir abusos, e para tratar com uma minoria rebelde que se recusava a reconhecer a sua autoridade. Em Corinto, escreveu as epístolas aos Gálatas e aos Romanos. A primeira foi escrita para restaurar a Igreja dos Gálatas que, influenciada por pregadores legalistas, começava a observar a Lei de Moisés como um meio de salvação e santificação. A segunda foi escrita para dar à Igreja em Roma uma explicação das grandes verdades que Paulo pregava e para fazer saber a sua intenção em visitá-los.

Filipos. Ao partir da Grécia, Paulo foi rumo a Jerusalém (19:21). Os companheiros de Paulo foram mais adiante até **Trôas** (20:4, 5).

Trôas. Quanto tempo Paulo permaneceu alí? Em que dia a Igreja costumava reunir-se para os seus cultos semanais? (20:7). Há algum outro versículo da Escritura que fala acêrca disso? I Cor. 16:1, 2. O que aconteceu aquí?

Assôs. Enquanto o resto dos companheiros de Paulo embarcaram em Trôas, Paulo foi a pé até lá, onde embarcou no navio.

Mitilene, Quios, Samos. Pequenas ilhas por onde passou o navio em que Paulo havia embarcado.

Trogílio. Uma cidade na costa da Ásia Menor.

Mileto. Enquanto o navio se deteve aquí, Paulo chamou os anciãos da Igreja de Éfeso e pronunciou uma mensagem de despedida. Nos versículos 17 a 21 Paulo dá um resumo do seu ministério entre êles. Como havia servido ao Senhor (v. 19)? Qual o **gráu** de perfeição do seu ministério? (v. 20). Qual foi a sua mensagem? (v. 21). O que estava esperando (vers. 22, 23)? Quais eram os seus sentimentos em face disso? (v. 24) Tinha cumprido Paulo a sua responsabilidade entre êles (v. 26)? Como (v. 27, comp. Ezequiel 33:1-9)? Que admoestação deu aos anciãos? (v. 28). Tendo em vista quais perigos vindouros? (v. 29). Paulo tão sòmente havia pregado o Evangelho entre êles (v. 35)?

Cós, Rhodes. Duas pequenas ilhas na região da costa da Ásia Menor.

Pátara. Aquí o apóstolo mudou de navio.

Tiro. Que mensagem recebeu Paulo aquí? 21:4.

Ptolemaida. Quanto tempo permaneceu Paulo aquí?

Cesaréia. Aquí foram profetizadas as perseguições vindouras de Paulo em Jerusalém. Antes de responder negativamente à pergunta, se estaria ou não dentro da vontade de Deus que Paulo fôsse a Jerusalém, devemos notar o seguinte fato: Paulo sempre era obediente à direção de Deus (16:6-10); as suas palavras em 21:13 são as de uma pessoa que se sente estar na vontade de Deus (21:14); não era natural que um homem como Paulo se expusesse desnecessàriamente ao perigo; o que sofreu em Jerusalém não era necessàriamente um sinal de que êle estivesse fora da vontade de Deus (Atos. 9:16; 23:11); era a vontade do Senhor que Paulo aparecesse perante Nero (27:24). Pode ser que os discípulos de Tiro (21:4) predissessem, por meio do Espírito, a perseguição vindoura contra Paulo, acrescentando depois o seu próprio consêlho dêles.

Jerusalém. Logo que Paulo chegou àquela cidade, o concílio se reuniu para ouvir o relato de Paulo.

CAPÍTULO XII

ATOS — CONCLUSÃO

IV. AS CENAS FINAIS DA VIDA DE PAULO. 21:18 a 28:31.

1. Paulo e os judeus cristãos. 21:18-26.
2. Paulo e os judeus não cristãos. 21:27-31.
3. A prisão de Paulo. 21:32-40.
4. A defesa de Paulo perante os judeus e o resultado. 22:1-30.
5. Paulo perante o concílio judaico. 23:1-10.
6. A sua transferência para Cesaréia. 23:4-35.
7. Paulo perante Felix. Cap. 24.
8. Paulo perante Festo. Cap. 25.
9. Paulo perante Agripa. Cap. 26.
10. A viagem de Paulo a Roma. Caps. 27, 28.

Paulo foi bem recebido pela Igreja em Jerusalém (27:17, 18), mas temiam pela sua segurança, tendo se espalhado o rumor que Paulo estivesse pregando contra a Lei de Moisés e que estivessem persuadindo os judeus a abandoná-la. Por causa dêste rumor (que era falso) os judeus de Jerusalém sentiam quanto a Paulo o que nós sentiríamos para com um anarquista, um que é oposto à lei e à ordem. Para desarmar a hostilidade dos judeus e para provar a falsidade do rumor, Paulo consentiu na observância de uma cerimônia judaica. Ao fazer isto, não comprometeu nenhuma questão fundamental, mas agiu de acôrdo com os seguintes princípios expostos por êle mesmo em seus escritos.

Tornou-se judeu para com judeus para poder ganhar os judeus, com a mesma vontade com que se fêz gentio para ganhar os gentios (I Cor. 9:20, 21); êle havia dito a regra que ninguém devia mudar as suas observâncias externas por ter se tornado cristão. I Cor. 7:17-19. A ação de Paulo referente ao testemunho de Timóteo (16: 3), provou a falsidade da acusação de que persuadia os judeus a abandonar a Lei de Moisés. Aconselhando Paulo que executasse uma cerimônia do ritual judaico, Tiago lhe assegurou que isso não envolvia nenhum compromisso básico da salvação dos gentios (v. 25).

A ação de Paulo não o salvou da inimizade dos judeus não-cristãos (vers. 27-31). Alguns daqueles que o ouviram pregar na Ásia Menor (v. 27), reconheceram-no e imediatamente excitaram o povo contra êle. Se não tivessem intervindo os soldados romanos, Paulo teria sido morto.

Vejamos a defesa de Paulo (22:1-21).

Assegurou-lhes que as suas crenças e a sua vida atuais não podiam ser o resultado de uma diferença original entre ser êle e os seus ouvintes, porque era um verdadeiro judeu (v. 3), ensinado pelo maior mestre da época (v. 3), e era tão zeloso da Lei e tão oposto aos cristãos quanto êles (vers. 4, 5). Mostrou-lhes o que causou a sua mudança de crença, e a sua atitude para com os cristãos, a saber, uma visão do próprio Senhor (vers. 6-16). A razão pela qual estava pregando aos gentios, desprezados, era a vocação pelo Senhor (17-21). Vejam o que aconteceu ao mencionar os gentios (v. 22).

Observemos como os direitos de cidadão romano protegeram Paulo nessa ocasião (22:25). As palavras "Sou um cidadão romano", pronunciadas em qualquer parte do império, eram suficientes para garantir proteção à pessoa de quem as pronunciava.

Paulo foi levado perante o concílio judaico e alí declarou a sua inocência (23:1). A ação injusta e cruel do sumo sacerdote ao mandar que o ferissem, fêz com que os acusasse severamente. No calor da sua indignação, esqueceu-se do sumo sacerdote e viu nêle sòmente um regente tirano. Apesar de não poder honrar o homem, honrou o pôsto que êsse ocupava (v. 5). É interessante notar que a denúncia de Paulo contra o sumo sacerdote era profética, porque cêrca de doze anos mais tarde êste teve morte violenta.

Vendo que o concílio opunha-se contra êle e não tendo esperança de receber justiça e misericórdia dêles, Paulo recorreu a um estratagema. Sabia que os fariseus e saduceus estavam divididos sôbre a doutrina da ressurreição, e por isso, apelou para a seção farisaica do concílio por clemência por causa de ser acusado de pregar uma doutrina que êles mesmos aceitavam. Êste apêlo dividiu o concílio, ocasionou a fuga de Paulo e a sua proteção pelos romanos. Mais tarde, a descoberta de uma conspiração para assassinar Paulo fêz com que fôsse êle escoltado até Cesaréia por uma companhia de soldados romanos. Neste lugar apareceu perante o governador Félix.

Notaremos aquí as acusações feitas contra êle e as respostas de Paulo (24:1-21). Neste discurso e naquêle que foi pronunciado perante Agripa seguiremos a análise dada pelo Dr. Stifler.

A acusação era tríplice (vers. 5, 6); sedição, 'Um promovedor de sedição entre os judeus"; heresia, "um chefe da seita dos nazarenos"; sacrilégio, — "quem também tinha profanado o templo". Refutou a acusação de sedição demonstrando que o tempo era muito curto (v. 11), que a sua conduta o refutava (v. 12) e que não havia prova disso (v. 13). Em resposta à acusação de heresia, afirmou a sua crença nas escrituras judaicas (v. 14), e declarou ter a mesma espe-

rança que tinham os judeus (vers. 15, 16). Era evidente que não tinha cometido sacrilégio, porque tinha oferecido esmolas e oferendas à sua nação (v. 17), foi encontrado no templo purificado (v. 18) e não havia testemunha presente que provasse a acusação (v. 19).

Notaremos a atitude de Félix para com Paulo em público (vers. 22, 23), em particular (v. 25), e o resultado do julgamento. (v. 27).

Paulo foi então levado perante Festo, o novo governador (25:1). Vendo que Festo era amigável para com os judeus (25:9), dispôs do seu direito como cidadão romano para apelar ao imperador (v. 11). Isto tirou o caso completamente das mãos de Festo.

Notemos a defesa de Paulo perante Agripa (cap. 26). É um argumento para justificar a sua crença e pregações da ressurreição. Esta crença, Paulo afirma, não é um crime, porque Paulo sempre foi um fariseu, cujo artigo de fé principal era a mesma esperança (vers. 4-6). Os seus acusadores crêem nesta mesma doutrina e caem em contradição quando o atacam (v. 7). Paulo não começou a pregar o Evangelho por si mesmo, porque anteriormente se opôs a êle (vers. 8-12). Foi uma revelação de Jesus que o levou ao ministério (vers. 13-18). Foi a obediência a essa revelação divina a única causa da oposição dos judeus (vers. 19-22). A sua doutrina referente à morte e à ressurreição de Cristo está de acôrdo com a doutrina de Moisés e dos profetas (vers. 22, 23).

Qual foi o efeito dêste discurso sôbre Félix? Sôbre Agripa?

Vejamos, agora, a viagem de Paulo a Roma (caps. 27, 28).

Cesaréia. Dêsse pôrto, onde fôra prisioneiro por dois anos, Paulo embarcou para Roma. Tinha como companheiro Aristarco (27:2) e Lucas (indicado pelo uso do pronome "Nós").

Sidon. Aquí lhe foi permitido visitar os seus amigos.

Mirra. Uma cidade na costa do sul da Ásia Menor, onde Paulo mudou de navio.

Cnido. Um pôrto na costa da Ásia Menor. O navio não pôde entrar por causa de ventos contrários.

Creta. Uma ilha ao sul da Grécia.

Bons Portos. Aquí permaneceu o navio por algum tempo. O conselho de Paulo foi que permanecessem nêsse pôrto durante o inverno, e desta maneira escapassem a um perigo que êle previu. O comandante do navio não aceitou êsse conselho, mas procurou chegar ao pôrto de Fenix. A sua tentativa foi frustrada por uma tempestade que surgiu. A predição de Paulo se cumpriu. Durante catorze dias e noites foram levados pela tempestade até que chegaram à Ilha de Malta.

Malta. Quanto tempo permaneceu Paulo nesta ilha? (28:11).

Siracusa. Uma cidade na costa da Ilha de Sicília. O navio permaneceu aquí três dias.

Régio. Uma cidade na extremidade da península italiana.

Puteoli. Um dos portos principais da Itália. Aquí encontrou Paulo alguns irmãos.

A Praça de Ápia, as "Três Vendas". Duas aldeias onde os irmãos romanos vieram para encontrar Paulo.

Roma. A primeira coisa que Paulo fêz depois de chegar a Roma foi convocar os chefes judeus para poder justificar-se das acusações contra êle, e para obter uma audiência amigável. Foi a sua última tentativa que se registra para ganhar os judeus. Observemos o resultado da sua pregação entre êles (28:24-28); comp. Mat. 13:13-15; João 12:40; Mat. 21:43).

O Dr. Griffith-Thomas vê a providência de Deus na prisão de Paulo da seguinte maneira :

1. Estava salvo de todos os judeus.

2. Chegou a ser manifesto a todos. Fil. 1:12, 13.

3. Teve oportunidade para testificar aos soldados que o guardavam.

4. Foi visitado por amigos das diferentes igrejas (Fil. 2:25; 4:10).

5. Teve a oportunidade de escrever algumas da suas epístolas mais excelentes : Filipenses, Filemon, Colossenses, Efésios.

Deduz-se da tradição e de algumas referências, que Paulo foi pôsto em liberdade por mais qu menos 2 anos (vide Fil. 1:24-26; 2:24; Filemon 24; II Tim. 4:17), que foi novamente prêso e finalmente executado durante a perseguição dos cristãos por Nero. Durante êsse período de liberdade provàvelmente escreveu as epístolas a Timóteo e Tito.

Por causa da sua importância tratamos o livro de "Atos" mais pormenorisadamente do que os livros anteriores. Pediremos agora ao estudante que aprenda o seguinte esbôço de capítulos para poder gravar bem na sua memória o conteúdo do livro:

CAPÍTULOS

1. Poder.
2. Pentecoste.
3. Pedro e João.
4. Sacerdotes e oração.
5. Castigo.
6. Cristãos pobres.
7. Estevão perseguido.
8. Felipe.
9. A conversão de Paulo.
10. A visão de Pedro.
11. A explicação de Pedro.
12. A prisão de Pedro.
13. A primeira viagem missionária de Paulo.
14. O regresso de Paulo.
15. Paulo em Jerusalém.
16. A segunda viagem de Paulo.
17. Paulo em Atenas.
18. Priscila e Aquila.
19. A terceira viagem de Paulo.
20. Paulo na Europa.
21. A prisão de Paulo.
22. O discurso de Paulo na escada.
23. A fuga de Paulo.
24. Paulo perante Félix.
25. Paulo perante Festo.
26. Paulo perante Agripa.
27. Paulo num naufrágio.
28. Paulo em Roma.

AS EPÍSTOLAS E O APOCALIPSE

CAPÍTULO XIII

EPÍSTOLA AOS ROMANOS

Tema. A epístola aos Romanos é uma resposta completa, lógica e inspirada à grande pergunta dos séculos : "Como pode um homem ser justo para com Deus?" (Jó 9:2). No Antigo Testamento, nos Evangelhos e Atos, encontram-se em diversos lugares os ensinos concernentes a essa grande doutrina que forma a própria base da epístola aos Romanos — a justificação pela fé. Foi o apóstolo Paulo quem ajuntou êsses ensinos, acrescentando as revelações especiais que lhe foram confiadas, dando-nos a mais completa explicação que se encontra no Novo Testamento, incorporada numa epístola que tem sido chamada "a catedral da doutrina cristã". Resumamos o tema de Romanos da seguinte maneira : a justificação dos pecadores, a santificação dos homens justificados e a glorificação dos santificados, pela fé e pelo poder de Deus.

A OCASIÃO E A RAZÃO PARA ESCREVER A EPÍSTOLA

Durante a sua última visita a Corinto, Paulo encontrou alí uma irmã cristã, chamada Febe que ia a Roma. Rom. 16:1, 2. Aproveitou o ensêjo para enviar, por meio dela, uma carta à igreja naquêle lugar, falando da sua futura visita e dando aos romanos uma declaração das verdades que lhe tinham sido reveladas.

QUANDO FOI ESCRITA. Durante a última visita de Paulo a Corinto. II Cor. 13:1; Atos 20:1, 2.

CONTEÚDO.

A epístola pode ser dividida nas seguintes três divisões gerais :

1. **Doutrinária**, desenvolvendo o argumento de Paulo da justificação pela fé. Caps. 1 a 8.

2. **Dispensacional**, caps. 9 a 11. Nos capítulos 1 a 8 e 12 a 16, Paulo trata da Igreja. Nos capítulos 9 a 11, afasta-se por um certo tempo dêsse tema, para falar acêrca de Israel e mostrar a relacão dêste povo com o plano divino da salvação. Esta seção responde à pergunta : "Que lugar ocupa a nação judaica no plano divino da salvação?".

3. **Prática**, contendo exortação relativas à vida critã. Caps. 12 a 16. Usaremos o seguinte esbôço como base do nosso estudo :

I. Condenação. 1:1 a 3:20.
II. Justificação. 3:21 a 5:21.
III. Santificação. Caps. 6-8.
IV. Dispensação. Caps. 9-11.
V. Exortação. Caps. 12-16.

I. CONDENAÇÃO (Caps. 1:1 a 3:20).

Antes de começar o estudo do argumento principal de Paulo, notem :

1. A saudação. 1:1-7.

2. A introdução (1:8-15), onde Paulo exprime a sua intenção de visitar a igreja em Roma.

3. O tema (1:16, 17). O versículo 16 contém em resumo o tema da epístola inteira : o Evangelho é (1)

o poder de Deus para a salvação; (2) de todo aquêle que crê, (3) primeiro do judeu, e (4), também do grego.

Paulo começa agora, o seu grande argumento da justificação pela fé expondo a sua premissa maior, a saber, que o mundo inteiro é culpado perante Deus e está sob condenação. Êle prova que :

1. **Os pagãos estão sob condenação** (1:18-32). Êles receberam no princípio, uma revelação de Deus (vers. 19, 20), mas rejeitaram-na (v. 21). Esta rejeição da luz conduziu à ignorância espiritual (v. 22); a ignorância espiritual conduziu à idolatria (vers. 23-25, e a idolatria conduziu à corrupção moral (vers. 26-32).

2. O judeu esta sob condenação (cap. 2). Em vez de humilhar-se pelo seu conhecimento da Lei, como deveria ter feito, tornou-se crítico e presunçoso, e a sua presunção cegou-o para não compreender que, aos olhos de Deus, não é melhor do que os pagãos que não têm a Lei (2:1-16). O seu conhecimento da fé, muito pelo contrário, aumenta ainda mais a sua condenação e torna-o ainda mais culpado do que os pagãos que não possuiam a luz (2:17-29).

3. Não há diferença entre o judeu e o gentio; ambos estão debaixo do pecado, sem esperança alguma de serem justificados pelas obras da Lei ou por algum meio humano (3:1-20).

II. JUSTIFICAÇÃO (Caps. 3:21 a 5:21).

A última seção termina com um quadro do mundo inteiro culpado perante Deus, encerrado na prisão do pecado e esperando a pena da lei. Do lado humano, não há nenhuma possibilidade de escapar; a libertação terá que vir do lado divino. A maneira de escapar é, agora, revelada — justificação pela fé. Por justificação, queremos dizer, êsse ato judicial de Deus, por

meio do qual aquêles que põem a sua fé em Cristo, são declarados justos ante os Seus olhos, e livres de tôda culpa e castigo. Isto pode ser ilustrado pela absolvição do prisioneiro pelo juiz, que o declara inocente.

Notaremos nesta seção :

1. O fato da justificação pela fé (3:21-31). O judeu não podia ter um conceito de justiça que não procedesse da Lei. Mas, como a Lei condena em lugar de justificar, ela não pode trazer a salvação. Agora, no entanto, Deus revela uma justiça que é sem a Lei, um dom (v. 24), obtido por todos que crêem em Cristo (v. 22), e que se tornou possível pela Sua morte expiatória (v. 25). Sendo que Cristo morreu e pagou a pena da Lei, Deus pode ser Justo e Justificador (v. 26), isto é, pode absolver um pecador sem violar as exigências da Sua Lei sagrada.

2. Ilustrações do Velho Testamento de justificação pela fé (cap. 4). Referindo o judeu às suas próprias Escrituras, Paulo prova que a doutrina acima mencionada não é nova. Antes de tudo, menciona Abraão. Se algum judeu tinha o direito de afirmar a sua justificação pelas suas obras, êsse seria Abraão, "o pai de todos os fiéis" e o "amigo de Deus". Êsse patriarca era justo perante Deus; mas a sua justiça era pela fé e não por obras (vers. 1-3). Daví era um "homem segundo o coração de Deus". Recebeu êsse testemunho, não por causa da sua própria justiça, porque cometeu muitos pecados, mas por causa da sua fé (vers. 6-8).

3. Os resultados da justificação pela fé. 5:1-11.

4. A segurança obtida pela justificação pela fé. (5:12-21).

Tão certamente como a união com o **primeiro Adão** acarreta pecado, condenação e morte, assim também a união com o **segundo Adão** resulta em justiça, justificação e vida.

III. SANTIFICAÇÃO (Caps.6 a 8).

Nos capítulos 1-5 Paulo trata dos **pecados,** a manifestação externa do pecado em nossa natureza e da culpa que se segue àqueles pecados. Nos capítulos 6 a 8 trata do **pecado,** isto é, da própria natureza pecaminosa. A primeira seção fala da nossa libertação de **culpa** e **pena**; a segunda seção fala da nossa libertação do **poder** do pecado. A primeira trata das nossas **ações,** a segunda, da nossa **natureza.** Os capítulos 6-8 respondem à pergunta: uma vez justificado, qual é a relação do cristão com o pecado? A resposta a esta pergunta pode reduzir-se a uma palavra — Santificação, isto é, separação **do** pecado e separação **para** Deus.

Aprendemos nesta seção que :

1. O cristão está morto para o pecado (cap. 6). O seu batismo é o símbolo da sua identificação para com Cristo na Sua morte e ressurreição (vers. 1-10). O cristão, pela fé, deve considerar-se morto para o pecado (vers. 11, 12), e isto encontra a sua aplicação no abandôno de todo o pecado conhecido, e sua submissão a Deus (v. 13).

2. O cristão é libertado da lei como meio da santificação (cap. 7). Como a morte dissolve a relação matrimonial, assim a morte do fiel para com o pecado livra-o da Lei (vers. 1-6), para que se una em matrimônio com Cristo. Esta relação com a Lei expunha-o constantemente à condenação, porque exigia uma justiça que a corrupta natureza humana não podia dar. Isto não era tanto imperfeição da lei, porque esta era boa, santa e espiritual. A falta estava na natureza carnal que não podia cumprir os seus requisitos. Depois de descrever a sua própria experiência, ao descobrir a natureza espiritual da lei e a sua própria incapacidade de guardá-la, Paulo prorrompe numa exclamação que é ao mesmo tempo um grito de socôrro e uma pergun-

ta : "Infeliz homem eu! Quem me livrará do corpo desta morte?"

3. A resposta a esta exclamação encontra-se no capítulo 8, onde aprendemos que a justiça que a Lei requer é produzida em nós, por meio do Espírito Santo que vem a depor o pecado, produzir os frutos de justiça, dar testemunho de nossa filiação e ajudar-nos na oração.

IV. DISPENSAÇÃO (Caps. 9 a 11).

Até aquí Paulo revelou o plano divino da salvação e chegou à conclusão de que a salvação é pela fé em Cristo para todos que crêem, sejam judeus, ou gentios. Tem tratado da salvação em relação ao **Indivíduo,** mas qual é a sua relação a Israel como **nação?** Se êles foram rejeitados como nação, que será das promessas de restauração nacional no Velho Testamento? Se Israel é o povo escolhido de Deus e que recebeu a Sua palavra, as alianças e a Lei, por que rejeitou, como nação, o seu Messias? Será Israel restaurado ainda? Que será a atitude dos cristãos para com êle? Estas perguntas são antecipadas por Paulo e respondidas na seção que agora estudaremos.

Façamos, pois, um resumo do conteúdo desta seção :

1. O tema do capítulo 9:1-29 é o seguinte: Embora a maior parte da nação judaica tenha rejeitado a Cristo, as promessas de Deus referentes à sua redenção nacional não têm falhado, porque dentro da nação há um remanescente fiel que, quando chegar o tempo da restauração completa de Israel, formará o núcleo da nova nação.

2. O tema dos capítulos 9:30 a 10:21 é o seguinte: a rejeição de Israel é inteiramente por sua própria culpa.

3. O pensamento central do capítulo 11 é o seguinte: a rejeição de Israel não é total e nem final. Não é total, porque há um remanescente da nação que é fiel a Deus e a sua salvação é um penhor da salvação da nação inteira (vers. 1-10). Não é final, porque uma vez completo o número de gentios dentro da Igreja, Deus enviará o Redentor que levará a nação inteira àquela condição de bem aventurança e glórias mileniais preditas pelos profetas (vers. 11-36).

V. EXORTAÇÃO. Capítulos 12 a 16.

Como a maioria das epístolas doutrinárias de Paulo, Romanos contém uma seção prática. O apóstolo poderá conduzir os seus leitores às alturas mais elevadas da doutrina cristã, mas nunca deixa de trazê-los de novo à terra, onde hão de aplicar a doutrina à vida diária. A seção prática segue realmente ao capítulo 8. Os capítulos 9 e 11 são parentéticos, isto é, são inseridos por causa da sua grande importância, mas não são necessários para completar o sentido da epístola. A epístola aos Romanos estaria completa — pelo menos na **forma** — sem êstes capítulos. O "pois" de 12:1, é o élo que une esta seção aos primeiros 8 capítulos. Devido ao que foi exposto nêsses capítulos; justificação, santificação e esperança de uma glorificação vindoura, — os cristãos devem consagrar-se a Deus, servir-se mùtuamente em amor, andar em sabedoria e santidade diante do mundo. Resumiremos o conteúdo desta seção da seguinte maneira :

1. O dever do cristão como membro da igreja (12:1-21): consagração (vers. 1, 2), serviço (vers. 3-8), amor para com os irmãos (vers. 9-21).

2. O seu dever como membro do Estado (13:1-7); obediência às autoridades.

3. Seu dever para com os outros membros do Estado (13:8-14); amor.

4. Seu dever para com os irmãos mais fracos (14:1 a 15:13) : paciência.

5. Conclusão (15:14 a 16:27). O ministério de Paulo entre os gentios (vers. 14-21); sem propósito de visitá-los (vers. 22-23); saudações (16:1-23; bênção (vers. 24-27).

Aprendam o seguinte resumo dos capítulos de Romanos :

1. A culpa dos pagãos.
2. A culpa dos judeus.
3. Condenação universal.
4. Justificação pela fé.
5. Resultados da justificação.
6. Libertação do pecado.
7. Libertação da Lei.
8. Libertação da condenação.
9. A eleição de Israel.
10. A rejeição de Israel.
11. A restauração de Israel.
12. Consagração.
13. Deveres para com o Estado.
14. Deveres para com os irmãos fracos.
15. A obra de Paulo e a visita futura.
16. Saudações.

CAPÍTULO XIV

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Tema. A epístola foi escrita com o própósito de corrigir desordens que haviam surgido na Igreja de Corínto e de estabelecer ante os fiéis, um modêlo de conduta cristã. Assim sendo, podemos determinar o seu tema da seguinte maneira: a conduta cristã com relação à Igreja, o lar e o mundo.

Porque foi escrita. Paulo visitou Corínto na sua segunda viagem missionária. (Comp. Atos cap. 18). Enquanto estava em Éfeso, ouviu falar de desordens que foram cometidas na Igreja de Corínto crê-se que fêz então uma visita apressada a Corínto. (Essa visita deduz-se da declaração em II Cor. 12:14, de que estava para visitar Corínto pela terceira vêz. A primeira visita foi feita durante a sua segunda viagem missionária, e a última, depois de escrever II Coríntios). Depois de voltar a Éfeso, escreveu-lhes uma epístola (agora perdida), instruindo-os acêrca da sua atitude para com os membros da Igreja que tinham cometido pecados. I Cor. 5:19. Mais tarde, os membros de uma família de Corinto visitaram Paulo, informando-o acêrca das divisões surgidas na Igreja. Uma resposta chegou da sua primeira carta (7:1), fazendo certas perguntas relativas à conduta cristã. Para corrigir as desordens surgidas, e para responder às perguntas, Paulo escreveu esta sua primeira epístola aos Coríntios. Podemos resumir desta maneira, o propósito de Paulo ao escrever esta epístola :

1. **Para corrigir as seguintes desordens :**
   1) Divisões.
   2) Imoralidade.
   3) Disputas entre os crentes.
   4) Desordens durante a Ceia do Senhor.
   5) Desordens durante o culto.

2. **Para responder às seguintes perguntas :**
   1) Concernente ao matrimônio.
   2) Concernente ao comer carne oferecida aos ídolos.
   3) Concernente aos dons do Espírito.

Quando foi escrita. No fim dos três anos de Paulo em Éfeso (Atos 20:31; I Cor. 16:5-8).

CONTEÚDO.

I. Correção de desordens morais e sociais (caps. 1-8).
II. Autoridade Apostólica (cap. 9).
III. Ordem na Igreja (caps. 10-14).
IV. A ressurreição (cap. 15).
V. Conclusão. (cap. 16).

I. CORREÇÃO DE DESORDENS SOCIAIS (Caps. 1 a 8).

Sob êste título estudaremos os temas contidos no seguinte esbôço :

1. Introdução 1:1-9.
2. Divisões 1:10-16.
3. A sabedoria de Deus e a sabedoria do homem 1:17 a 2:16.
4. Os ministros cristãos, as suas relações mútuas e para com os fiéis (caps. 3, 4).
5. Imoralidade (cap. 5).

6. Crentes em litígio (6:1-8).
7. A santidade do corpo (6:9-20).
8. Matrimônio (cap. 7).
9. Concernente às carnes oferecidas aos ídolos (cap. 8).

Paulo denuncia as divisões existentes entre os coríntios. O espírito de partidarismo quase destruiu o amor cristão. Os coríntios, tomados de uma admiração indevida para com a direção humana, colocavam-se sob diferentes ministros, que procuravam levantar um contra outro como líderes rivais. Alguns admiravam o zêlo e poder de Paulo; outros viram no eloqüente e culto Apolo o pregador ideal. Outros, pertencendo talvez ao partido judaizante, consideravam Pedro, o apóstolo dos judeus, o líder modêlo; outros ainda, evidentemente desanimados por estas divisões, chamavam-se simplesmente seguidores de Cristo (1:12).

Paulo dedica uma ampla seção à comparação da sabedoria de Deus com a sabedoria do homem e à demonstração da incapacidade dêste último para revelar as coisas de Deus (1:17 a 2:1-16). A sua repreensão e recusa da sabedoria e filosofia meramente humana se compreenderão quando tomamos em consideração que os gregos tinham uma profunda admiração pela educação e cultura, que havia o perigo dêles reduzirem o cristianismo a um sistema meramente intelectual, e de transformarem-no numa das muitas escolas de filosofia que existiam em seu país. Era êste mesmo amor para com a sabedoria humana, que tinha conduzido a uma estimação indevida da liderança humana, e que, por sua vez, tinha resultado em divisões entre êles.

Nos capítulos 3 e 4, Paulo ataca a raiz da questão demonstrando claramente a relação do ministro para com Deus, para com o próximo e para com o povo.

Enquanto os coríntios vangloriavam-se na sua intelectualidade, estavam divididos acêrca da liderança, tolerando em seu meio a mais baixa imoralidade (5:1-2). Paulo, usando plenamente a sua autoridade apostólica (vide Mat. 16:19; 18:17, 18), corta da comunhão da Igreja o ofensor e entrega-o, por assim dizer, à mão castigadora de Satanás (com. Jó 1:12; II Cor. 12:7), para que possa ser levado ao arrependimento (v. 5). Sabemos pela segunda epístola aos Coríntios que êste homem se arrependeu. II Cor. 2:6-8.

Alguns dos coríntios tinham exposto à censura a causa de Cristo, indo a juízo irmão contra irmão, perante juízes inféis (6:1-8). Paulo diz-lhes claramente que se tivessem de reinar com Cristo, julgar o mundo e até os anjos, deveriam, poder julgar as suas próprias questões.

As palavras que se encontram no capítulo 6:9-20 são dirigidas contra uma classe de gente conhecida na história como os **Antinômios.** Eram êstes crentes professos que, indo ao outro extremo do legalismo, declaravam-se inteiramente livres da Lei. Baseando-se em algumas declarações de Paulo, segundo as quais os crentes não estavam sob a Lei, e não eram justificados por nenhuma observância externa, êstes herejes haviam concluído falsamente que todos os atos exteriores não tinha nenhuma importância, e que o homem podia até ser um criminoso sem afetar sua posição de crente. Ao refutar êste êrro, Paulo salienta a santidade do corpo.

No capítulo 7 Paulo responde a uma pergunta dos Coríntios concernente ao matrimônio. Ao estudar êste capítulo, devemos recordar-nos que nem tôdas estas declarações são mandamentos (7:6), mas muitas são sugestões de um homem guiado pelo Espírito, que considera o matrimônio com relação às condições locais em Coríntio (a predominância da imoralidade, e 7:1)

com relação às futuras perseguições da Igreja (vers. 26-29). Deve lembrar também que êste capítulo não contém tôdas as doutrinas do Novo Testamento acêrca do matrimônio. Para um estudo completo da questão, devem ser investigadas tôdas as referências sôbre o tema no Novo Testamento.

O capítulo 8 trata da questão da liberdade cristã. Alguns dos coríntios crentes, salvos do paganismo, sentiram-se livres para aceitar convites para festas em templos de ídolos, porque raciocinavam assim : "um ídolo nada é no mundo, e não há outro Deus senão só um". (8:4) Paulo reconhece estas razões, mas adverte aos crentes ùltimamente mencionados que havia cristãos mais fracos não familiarizados com êsses fatos, que tropeçariam e cairiam em pecados se vissem um crente instruído comendo num templo de ídolos.

II. AUTORIDADE APOSTÓLICA. Cap. 9.

Neste capítulo Paulo defende-se contra uma pequena seção da igreja que negava a sua autoridade como apóstolo (6:18; 9:3). Uma das acusações contra êle era que não exigia sustento financeiro porque lhe faltava a autoridade para pedí-lo. Paulo menciona como prova de seu apostolado, o fato de ter visto o Senhor (v. 1), e refere-se a êles, como Igreja, como fruto do seu ministério (v. 2). Reclama autoridade igual a dos outros apóstolos (vers. 4-6). Êle prova que, como ministro do Evangelho, tem direito ao sustento financeiro, por meio de uma ilustração natural (v. 7), por uma citação da Lei (vers. 9, 10), e por uma ilustração do templo (v. 13). Em seguida, explica porque não faz uso dêsse direito: não desejava pôr impedimento algum ao Evangelho, transformando-o em um fardo para o povo (v. 12, comp. II Tess. 3:8, 9); o fato de pregar o Evangelho sem remuneração, é a sua recompensa (v. 18); pre-

gando o Evangelho considerava-se simplesmente um "servo inútil" (v. 16, comp. Lucas 17:10), cumprindo apenas o seu dever (v. 16). Paulo está disposto a renunciar aos seus direitos e a acomodar-se a tôdas as condições e classes de homens, para poder salvar algumas almas (vers. 19-23). Há uma boa razão para fazer êstes sacrifícios. Como os atletas gregos, durante o seu período de treino, se abstinham de muitos prazeres e confôrto e se sujeitavam a tarefas duras para ganharem uma corôa de fôlhas, assim êle estava disposto a fazer sacrifícios para poder ganhar uma corôa incorruptível (24:27).

III. ORDEM NA IGREJA. Caps. 10 a 14.

Sob êste título estudaremos os seguintes temas.

1. Uma admoestação contra a queda da graça. 10: 1-13.
2. A liberdade cristã e a idolatria. 10:14-33.
3. A conduta das mulheres nas assembléias. 11:1-16.
4. Desordens durante a Ceia do Senhor. 11:17-34.
5. Os dons do Espírito, sua diversidade e distribuição. Cap. 12.
6. O espírito que regulará o uso dêstes dons. Cap. 13.
7. As regras para a sua manifestação nas assembléias. (Cap. 14).

Apesar de terem participado os coríntios de grandes favores espirituais, sido recebedores da graça de Deus, Paulo adverte-os da possibilidade de caírem de sua elevada posição espiritual. Prova isto por meio de uma comparação dêles com Israel.

No capítulo 10:14-33, Paulo continúa o tema de capítulo 8; a saber, liberdade cristã com relação ao tomar parte em festas pagãs. Paulo pronuncia uma admo-

estação àqueles cristãos contra o cair nos laços da idolatria. Embora os cristãos possam sentir-se livres para desfrutar alguma liberdade, devem refletir se essas indulgências servem de edificação para a coletividade dos crentes (v. 24). Ao comprar carne no açougue, os cristãos não deviam perguntar se a carne era oferecida aos ídolos, para evitar uma perturbação desnecessária à sua consciência (v. 25). Mas se um cristão aceitasse um convite para comer com um pagão conhecido, e se lhe fôsse dito que a carne foi oferecida aos ídolos, então não devia tocá-la, porque a participação em tais circunstâncias, poderia dar aparência de aceitação da idolatria, e a sua conduta seria uma pedra de tropêço para muitos (27-29).

Capítulo 11:1-16 trata da conduta das mulheres nas assembléias. À primeira vista, os versículos aparentemente tratam de saber se as mulheres devem, na igreja, usar ou não um véu. Mas lendo mais cuidadosamente, descobrimos que tratam da relação entre mulher e homem, ordenada por Deus. O versículo 3 parece ser a chave desta seção. Na época de Paulo, as mulheres usavam véu como símbolo de sujeição ao homem. O Evangelho tinha dado à mulher uma liberdade que nunca antes tinha possuído, abolindo a distinção dos sexos, quanto à salvação e ao estado de graça. Gál. 3:28. Parece que por causa dessa liberdade as mulheres de Corínto reclamavam igualdade de condições com os homens, em todos os sentidos e, como uma declaração clara dêsse direito, vieram a profetizar e orar sem o véu. Ao fazer isto, violaram a ordem divina que é a seguinte: Deus é a cabeça de Cristo; Cristo, do homem; o o homem da mulher (v. 3).

Os versículos restantes dêste capítulo tratam das perturbações na Ceia do Senhor. Parece que, antes de participarem da Ceia do Senhor, os crentes participavam de uma refeição comum, geralmente conhecida como a festa do amor. Durante essa última festa, muitos

dos coríntios tinham cedido à glutonaria e embriaguês (vers. 20-22), com o resultado de não estarem mais em condições de participar da Ceia do Senhor. Depois de explicar o caráter sagrado e o significado da Ceia do Senhor (vers. 23-26), Paulo repreende os cristãos contra a participação indigna (vers. 27-29), para que não caiam sob o castigo divino (vers. 30-32).

Os capítulos 12, 13 e 14, tratam do tema dos dons espirituais. O capítulo 12 trata da variedade e distribuição dos dons; o capítulo 13, do espírito que deve caracterizar o seu uso; o capítulo 14, das regras que regularizam a sua manifestação no culto.

IV. A RESSURREIÇÃO. Cap. 15.

O capítulo 15 é o grande capítulo da ressurreição na Bíblia. Paulo foi obrigado a tratar da doutrina da ressurreição de uma maneira muito profunda porque havia uma negação desta doutrina. Alguns, talvez interpretando mal as doutrinas de Paulo, concernentes à ressurreição espiritual do pecador, pensavam que esta fôsse a única ressurreição. Outros, provàvelmente pertencendo ao partido dos "antinômios" (vide as notas do cap. 6:9-20), não estavam interessados em ver a ressurreição de um corpo corrompido pelos pecados da impureza.

I. CONCLUSÃO. Cap. 16.

Resumamos o conteúdo do capítulo 16, da seguinte maneira :

1. Concernente à coleta para os santos judeus pobres. (vers. 1-4).

2. Concernente à futura visita de Paulo. (vers. 5-9).

3. Concernente à visita de Timóteo a êles (vers. 10-11).

4. Concernente a Apolo. (v. 12).

5. Exortações e saudações (vers. 13-24).

Para poder gravar na mente do estudante o conteúdo de Primeira Coríntios, êle deve decorar o seguinte resumo de capítulos :

1. Divisões.
2. Sabedoria de Deus e sabedoria do homem.
3. 4. Ministros.
5. Imoralidade.
6. Crentes em litígio.
7. Matrimônio.
8. Liberdade cristã.
9. Autoridade apostólica.
10. Idolatria.
11. A Ceia do Senhor.
12. Dons.
13. Amor.
14. Desordens no culto.
15. Ressurreição.
16. Saudações.

SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Tema. De tôdas as epístolas de Paulo, a II aos Coríntios é a mais pessoal. É uma revelação de seu coração, de seus sentimentos mais íntimos e de seus motivos mais profundos. Esta exposição de seu coração não era uma tarefa agradável para o apóstolo, mas, sim, uma tarefa bem desagradável. A presença de mestres falsos em Corínto, que punham em dúvida sua autoridade, impugnando os seus motivos e menosprezando a sua autoridade, tornou necessária uma defesa do seu ministério. Ao fazer esta defesa, foi obrigado a relatar experiências a respeito das quais êle preferia ficar calado. Através da epístola, êle tem cuidado de informar aos seus leitores êste fato. Tendo em mente que II Coríntos é a defesa pessoal do ministério de Paulo, resumiremos o seu tema da seguinte maneira : o ministério de Paulo, seus motivos, sacrifícios, responsabilidades e eficiência.

A quem foi dirigida ?

1. Depois de escrever a primeira carta em Éfeso, Paulo foi a **Trôas,** onde esperou Tito que devia trazer-lhe uma resposta de Corínto (II Cor. 2:13).

2. Desapontado em sua expectativa, Paulo foi à Macedônia onde encontrou Tito que lhe trouxe as novas que a Igreja na sua maioria tinha aceitado as suas exortações, mas que havia uma pequena minoria, que havia recusado a sua autoridade.

3. Para consolar e animar os primeiros, e admoestar os últimos, Paulo escreveu a sua segunda carta.

PORQUE FOI ESCRITA.

1. Para consolar os membros arrependidos da igreja.
2. Para admoestar a minoria rebelde.
3. Para admoestar contra os falsos mestres.
4. Para resistir aos ataques feitos contra o seu ministério por êstes falsos mestres.

ONDE FOI ESCRITA.

Provàvelmente em Filipos, durante a sua terceira viagem missionária.

CONTEÚDO.

É excessivamente difícil analizar o livro. É como diz um escritor: "É quase impossível analizar esta carta, que é o menos sistemático dos escritos de Paulo. Assemelha-se a um rio africano. Às vêzes corre calmamente e espera-se uma análise satisfatória, mas repentinamente aparece uma grande catarata e uma agitação terrível, quando fendem-se as grandes profundezas de seu coração". Dividiremos o livro em quatro seções, da seguinte maneira :

1. Uma visão retrospectiva. 1:1 a 2:13.
2. A dignidade e eficiência do ministério de Paulo. 2:14 a 7:1-16.
3. A oferta para os santos pobres da Judéia. Caps. 8, 9.
4. A vindicação do apostolado de Paulo. 10:1 a 13:14.

I. A VISÃO RETROSPECTIVA. 1:1 a 2:13.

1. Deus sustenta Paulo na tribulação para que êle por sua vez possa consolar os outros. 1:1-11.

2. Os meus motivos são puros! 1:12-14.

3. Porque retardou Paulo a sua visita. 1:15 a 2:11.

3. A espera ansiosa de Paulo por notícias de Corínto. 2:12, 13.

II. A DIGNIDADE E EFICIÊNCIA DO MINISTÉRIO DE PAULO. Caps. 2:14 a 7:1-16.

1. Os triunfos de Paulo no seu Evangelho. 2:14-17

2. Paulo defende-se contra os judaizantes e mostra que a Nova Aliança é melhor do que a Antiga. 3:1 a 4:6.

3. Em enfermidade, perigo e perseguição a fôrça de Paulo vem do poder de Deus e a esperança da vida eterna. 4:7 a 5:10.

4. O segrêdo da sinceridade de Paulo é o seu sentimento de responsabilidade para com Cristo. 5:11-21

5. Paulo defende a sua fidelidade em pregar o Evangelho. 6:1-13.

6. Separai-vos! 6:14 a 7:1.

7. Paulo roga aos seus convertidos que não dêem importância aos maliciosos e incertos informes acêrca dêle. 7-2-4.

8. Porque Paulo esperou por Tito. 7:5-16.

III. A OFERTA PARA OS JUDEUS CRENTES. Caps. 8 e 9.

1. Lembrai o exemplo dos pobres macedônios e sobretudo o exemplo de Jesus! 8:1-15.

2. Paulo louva os portadores das ofertas. 8:16-24.

3. Estai prontos para dar liberalmente e assim colhei a bênção de Deus! Cap. 9.

IV. A DEFESA QUE PAULO FAZ DE SEU APOSTOLADO. Caps. 10 a 13.

1. Paulo faz uma comparação entre si e os falsos mestres. 10:1-18.

2. Tolerai a quem vos ama! 11:1-6.

3. Porque Paulo não pediu sustento. 11:7-15.

4. Sinais e visões divinas, serviço fiel e sofrimentos, provam o direito de Paulo ao apostolado. 11:16 a 12:13.

5. Rogo-vos que não me obrigueis a usar o meu poder para disciplinar-vos! 12:14 a 13:10.

6. Conclusão. 13:11-14.

CAPÍTULO XV

EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

Tema. A questão se os gentios deviam guardar a Lei de Moisés foi resolvida no concílio de Jerusalém. A decisão foi esta que os gentios eram justificados pela fé sem as obras da Lei. Esta decisão, no entanto, não parecia satisfatória ao partido judaizante, o qual insistia em que, apesar de serem salvos os gentios pela fé, esta seria aperfeiçoada pela observância da Lei de Moisés. Ao pregar esta mensagem de mistura da lei e da graça, faziam todo o possível para insurgir todos os seus convertidos contra Paulo e contra a mensagem que pregavam. Conseguiram seu objetivo ao ponto de trazerem sob a observância da Lei a inteira Igreja dos Gálatas — uma igreja gentílica. Para restaurar esta igreja ao seu estado anterior de graça, Paulo escreveu esta epístola, cujo tema é: a justificação e a santificação, não pelas obras da Lei, mas, sim, pela fé.

ONDE FOI ESCRITA. Passando pela Gálacia na sua segunda viagem missionária, Paulo foi detido por causa de enfermidade. Atos 16:6; Gál. 4:13. Foi bem recebido pelo gálatas, e estabeleceu uma igreja alí. Gál. 1:6; 4:14. Enquanto estava na Grécia em sua terceira viagem missionária, (Atos. 20:2), recebeu as notícias que os gálatas haviam se sujeitado ao jugo da Lei. Isto levou-o a escrever a sua epístola.

PORQUE FOI ESCRITA.

1. Para opôr-se à influência dos mestres judaizantes que estavam procurando destruir a autoridade de Paulo.

2. Para refutar os seguintes êrros, que ensinavam:

a) Que a obediência à Lei misturada com a fé é necessária à salvação;

b) Que o crente é aperfeiçoado guardando a Lei.

3. Para restaurar os gálatas que tinham caído da graça.

QUANDO FOI ESCRITA.

Durante a terceira viagem missionária de Paulo.

CONTEÚDO.

I. O Apóstolo da Liberdade. Caps. 1, 2.
II. A Doutrina da Liberdade. Caps. 3, 4.
III. A Vida de Liberdade. Caps. 5, 6.

1. O APÓSTOLO DA LIBERDADE. Caps. 1, 2.

Nos dois primeiros capítulos, Paulo defende-se contra as seguintes acusações dos judaizantes :

1. Negaram que êle fôsse um verdadeiro apóstolo de Cristo, porque não tinha recebido, como os Doze, a sua missão pessoalmente do Senhor.

2. Diziam que era apenas um mestre enviado pelos apóstolos, de maneira que as suas doutrinas só deveriam ser aceitas quando estivessem de acôrdo com as dos outros.

3. Acusavam-no de espalhar doutrinas não aprovadas pelo concílio de Jerusalém.

Notem como Paulo respondeu a essas acusações :

1. No primeiro versículo da epístola, Paulo revela enfàticamente a sua missão divina como apóstolo. Em seguida, cumprimenta os crentes (2-5). Notem que há uma ausência de ações sagradas que caracterizam as

suas outras epístolas, porque está escrevendo a uma igreja que caiu da graça. Está admirado por êles terem se afastado do verdadeiro Evangelho para aderirem ao que êle chama um evangelho diferente (v. 6): êste **evangelho diferente, no** entanto, não é um **outro evangelho,** porque há sòmente um evangelho. **Esta** mensagem a que tinham obedecido é uma perversão do evangelho (v. 7). Sôbre aquêles que pregassem um evangelho diferente êle pronuncia uma maldição (vers. 8, 9).

2. Nos versículos 10-24 desmente a acusação de que recebeu dos apóstolos o seu ensino e a sua missão, dizendo que os recebeu do próprio Senhor.

3. No capítulo 2:1-10, Paulo mostra que o seu ministério e mensagem foram apoiados pelos líderes do concílio da igreja em Jerusalém. Quatorze anos depois da sua conversão, Paulo foi a Jerusalém para assistir ao concílio e alí defendeu a sua pregação da justificação dos gentios sòmente pela fé. (2:1; comp. Atos 15:1, 2).

4. Em vez de ter sido censurado pelos Doze, como se alegou, Paulo afirma ter censurado um dêles (2-11-21). Depois da sua visão (Atos 10:11-18) e a sua experiência na casa de Cornélio, Pedro livrou-se dos preconceitos judaicos, e entrou em livre intercâmbio social com os gentios. Mas quando alguns dos judeus cristãos ortodoxos vieram de Jerusalém e evidentemente com olhar de crítica, viram a sua conduta (e a dos judeus que estavam com êle), e separou-se dos gentios (vers. 11-13). Esta forma de agir Paulo condenou como uma covardia.

II..A DOUTRINA DA LIBERDADE. Caps. 3, 4.

Paulo repreende os gálatas por terem se afastado da verdade da justificação pela fé e diz-lhes que a experiência espiritual dêles não tinha nenhuma conexão

com a sua observação da Lei (3:1-5). Êle apresenta então o argumento de que a justificação é pela fé, sem as obras da Lei (3:6 a 4:7). Os seus pontos principais são os seguintes :

1. Mesmo Abraão, o amigo de Deus, não foi justificado por suas obras, mas sim pela fé (v. 6), de sorte que, quem observa a Lei de Moisés, não é filho de Abraão (comp. Mat. 3:9) mas, aquêle que é justificado pela fé (v. 7).

2. O pacto que Deus fêz com Abraão foi um pacto **de fé** (vers. 8, 9). Isto não tem nada com o pacto de Moisés, que era um pacto **de obras,** (v. 10). O pacto de Abraão foi feito primeiro, mas a Lei, com a sua maldição, foi acrescentada depois, e assim, vedou o caminho pelo qual a bênção de Abraão viria ao mundo. Mas Cristo, por Sua morte, removeu a maldição da Lei (v. 13), para que a bênção de Abraão viesse sôbre os gentios bem como sôbre os judeus (v. 14).

3. Paulo explica em seguida a relação entre os pactos de Abraão e Moisés (3:15-18). Se a bênção de Abraão tivesse que vir pelas obras da Lei, então a recepção dessa bênção seria **condicional** sôbre a guarda da Lei, mas o pacto com Abraão é **incondicional** (v. 18). A inferência do último versículo é que, se a bênção de Abraão tiver de vir ao mundo pela observância da Lei, esta bênção nunca virá, porque ninguém poderá ser justificado pela Lei.

4. Paulo agora explica também o propósito da Lei e a sua relação com o crente (3:19 a 4:7). Os argumentos anteriores de Paulo causam a seguinte pergunta dos judeus : se a Lei não pode salvar, por que foi dada ao homem? (v. 19). O pacto com Abraão prometeu a salvação pela fé sem as obras da Lei. Mas como podia Deus ensinar ao homem que a salvação viria ùnicamente pela fé, sem qualquer esfôrço da sua parte? Sòmen-

te por colocá-lo sob a Lei e mostrando-lhe que a sua natureza pecaminosa não podia guardar perfeitamente os seus preceitos, fazendo-o desta maneira recorrer à fé como meio de salvação (v. 19). A Lei não está em oposição ao pacto de Abraão, porque nunca teve por finalidade salvar o homem (v. 21); foi dada para ensinar ao homem a respeito da sua necessidade da salvação pela fé (vers. 22, 23). Paulo roga-lhes que voltem à plena liberdade do Evangelho. 4:8-31.

III. A VIDA DA LIBERDADE. Caps. 5, 6.

Esta seção pode resumir-se pelas seguintes exortações :

1. Permanecei firmes na liberdade da graça, porque a Lei não vos pode salvar. 5:1-6.

2. Afastai-vos dos falsos mestres que perverteram o Evangelho e vos fizeram escravos do legalismo. 5:7-12.

3. Embora estejais livres da Lei de Moisés, não estais livres para pecar. Andai no amor e assim, cumprireis a Lei. 5:13, 14.

4. Sereis tentados contudo pela natureza carnal, mas obedecei aos impulsos do Espírito e sereis vitoriosos. 5:16-26.

5. Levai as cargas uns dos outros e sêde pacientes com os que cometem faltas. 6:1-5.

6. Ajudai aos vossos pastôres e assim recebereis a bênção divina. 6:6-10.

7. Conclusão (6:11-18). Cuidado com os judaizantes. Sei muito bem que desejam ganhar-vos simplesmente para ganhar uma reputação de zêlo. Gloriai-vos sòmente na cruz, na qual ùnicamente há salvação.

EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Tema. Quanto à profundidade e sublimidade da doutrina, Efésios supera tôdas as demais epístolas de Paulo. Tem sido chamada a "epístola do terceiro céu" de Paulo, porque êle se eleva das profundezas da ruina até as alturas da redenção" — e os "Alpes do Novo Testamento", porque aquí nos ordena Deus que subamos passo a passo até alcançarmos o ponto mais elevado possível para o homem alcançar, a própria presença de Deus". A Epístola aos Efésios é uma grande exposição de uma doutrina fundamental da pregação de Paulo, a saber : A unidade de todo o universo em Cristo, a unidade do judeu e gentio em Seu corpo, a Igreja e o propósito de Deus nesse corpo para o tempo presente e a eternidade. A epístola é dividida em duas seções : doutrina (caps. 1-3) e prática (caps. 4-6). Na primeira seção Paulo expõe a grandeza e glória da vocação cristã. Finalmente, ensina que uma vocação santa exige uma conduta santa. Êle apela para os seus leitores a fim de que se elevem à mais alta dignidade da sua missão. Fazendo assim, faz surgir um quadro da Igreja como um só corpo, predestinado desde a eternidade a unir o judeu e o gentio. Esta igreja pelos séculos vindouros irá exibir ante o universo a plenitude da vida divina, vivendo a vida de Deus, imitando o caráter de Deus, usando a armadura de Deus, lutando nas batalhas de Deus, perdoando como Deus perdôa, educando como Deus educa, e tudo isto, para que se cumpra a obra mais ampla pela qual Cristo há-de ser o centro do universo.

Resumiremos o tema da seguinte maneira : a Igreja é escolhida, redimida e unida em Cristo; de sorte

que a Igreja deve andar em unidade, em novidade de vida, na fôrça do Senhor e com a armadura de Deus.

Porque foi escrita. Havia dois perigos que ameaçavam a Igreja em Éfeso : uma tentação de descer ao nível pagão; e uma falta de unidade entre o judeu e o gentio. Para enfrentar o primeiro perigo, Paulo expõe a santidade da vocação cristã em contraste com a anterior condição pecaminosa dêles como pagãos. Para guardar-se contra o segundo, apresenta o Senhor Jesus fazendo paz entre o judeu e o gentio pelo sangue de Sua cruz, e fazendo dos dois um novo corpo.

Quando foi escrita. Durante a primeira prisão de Paulo em Roma. Foi enviada por meio de Tíquico que também levou cartas aos colossenses e a Filemon.

CONTEÚDO.

O estudante deverá notar, durante o estudo, o esbôço com as suas divisões e sub-títulos principais, e que a epístola se torna apropriada para um agrupamento tríplice, como sugere o Dr.: Riley em seu livro "Efésios, a Tríplice Epístola".

SEÇÃO DOUTRINÁRIA : A VOCAÇÃO DA IGREJA (Caps. 1-3).

I. **A** tríplice fonte da nossa salvação. 1:1-18.
II. **A** tríplice manifestação do poder de Deus. 1:19 a 2:22.
III. Uma tríplice declaração concernente a Paulo. Cap. 3.

SEÇÃO PRATICA: A CONDUTA DA IGREJA. Caps. 4-6.

I. Uma tríplice exortação à Igreja inteira. 4:1 a 5:21.
II. Uma tríplice exortação à família. 5:22 a 6:9.
III. Uma tríplice expressão da vida espiritual 6:10-24.

SEÇÃO DOUTRINÁRIA: A VOCAÇÃO DA IGREJA. 1-3.

I. A TRÍPLICE FONTE DE NOSSA SALVAÇÃO. 1:1-18.

A nossa salvação, que é a soma de tôdas as bênçãos, encontra a sua fonte :

1. Na predestinação pelo Pai, Quem nos escolheu antes da fundação do mundo para sermos Seus filhos, sem mancha nem defeito. 1:4-6.

2. Na Redenção pelo Filho, por meio do qual nos é dado o conhecimento do plano eterno de Deus para o Universo, e uma herança eterna. 1:7-12.

3. No sêlo do Espírito, que é um penhor — o primeiro sinal — da redenção completa que será nossa no futuro. 1:13-14.

Paulo pronuncia uma oração para que os efésios tenham um conhecimento ainda mais profundo e geral do privilégio e do poder de sua salvação. 1:15-18.

II. A TRÍPLICE MANIFESTAÇÃO DO PODER DE DEUS. Caps. 1:19 a 2:22.

1. O poder de Deus foi manifestado com relação a Cristo (1:19-23), de três maneiras :

a) Ressurreição
b) Ascensão
c) Exaltação.

2. O Seu poder foi manifestado com relação ao indivíduo das três seguintes maneiras:

a) Ressurreição espiritual. 2:1-5.
b) Ascensão espiritual. v. 6.
c) Poder para fazer boas obras e demonstrar graça de Deus durante tôda a eternidade. Vers. 7-10.

3. O Seu Poder foi manifestado com relação à humanidade inteira (2:11-22). Envolveu três classes :

a) Os gentios (vers. 11-13). Com relação a Israel, eram estrangeiros; com relação aos pactos, eram estranhos, porque todos os pactos foram feitos com Israel; com relação a Deus estavam condenados. Mas agora estão próximos pelo sangue de Cristo.

b) Os judeus (vers. 14-17). Entre o judeu e o gentio existia uma linha de demarcação rígida com respeito à religião. No templo de Jerusalém havia um pátio especial para os gentios, separado do "pátio de Israel" por uma parede (vers. 14); nesta parede havia avisos proibindo aos gentios aproximarem-se mais, sob pena de morte. Mas no templo espiritual de Deus não há mais uma linha divisória; o judeu e o gentio têm "acesso ao Pai pelo mesmo Espírito".

c) A Igreja de Deus (vers. 19-22). O gentio adorava em seu templo de ídolos, o judeu no grande santuário em Jerusalém. Agora, ambos haviam deixado êsses edifícios feitos por mãos humanas para formarem um grande templo espiritual, cuja pedra angular é Cristo, cujo fundamento é formado pelos apóstolos e profetas e cujas pedras são os cristãos individuais — o conjunto formando um grande templo habitado por Deus por meio do Espírito.

III. UMA DECLARAÇÃO TRÍPLICE REFERENTE A PAULO. Cap. 3.

1. O ministério de Paulo — pregar o mistério do Evangelho, a grande verdade que o judeu e o gentio são coherdeiros e membros do mesmo corpo (v. 6), mistério êsse que estava escondido em Deus desde a fundação do mundo, mas que não foi revelado sob a dispensação do Antigo Testamento (vers. 5, 9). As Escrituras do Antigo Testamento ensinavam a salvação dos gentios, mas não a formação de um só corpo por êles e os judeus.

2. A oração de Paulo. (vers. 13-19).

3. O louvor de Paulo. (vers. 20, 21).

SEÇÃO PRÁTICA : CONDUTA DA IGREJA. Caps. 4-6.

1. UMA EXORTAÇÃO TRÍPLICE À IGREJA. 4:1 a 5:21.

1. Uma exortação à união (4:1-16). Notem 3 fatos referentes à união :

a) qualidades essenciais para a união : humildade e mansidão, paciência, tolerância (vers. 1-3);

b) uma descrição da união (vers. 4-6);

c) o método de produzir a união : pelo uso dos dons, e por meio do ministério, cujo ofício é proporcionar ao corpo uma perfeição espiritual e a união com Cristo. (vers. 7-16).

2. Uma exortação para viver uma nova vida — abandonar o homem velho e não viver como os outros gentios; revestir-se do homem novo e viver de conformidade com o plano de Deus (4:17-32).

3. Uma exortação para comportar-se de uma maneira nova (5:1-20).

O Dr. Riley sugere três características da conduta do crente, sugeridas pela tríplice menção da palavra "andar".

a) andar em amor (vers. 1-7).
b) andar na luz (vers. 8-14).
c) andar com prudência (vers. 15-20).

II. UMA TRÍPLICE EXORTAÇÃO À FAMÍLIA. Caps. 5:21 a 6:9.

1. Espôsas e esposos 5:21-33.
2. Filhos e pais. 6:1-7.
3. Escravos e senhores. 6:5-9.

III. UMA TRÍPLICE EXPRESSÃO DA VIDA ESPIRITUAL (Caps. 6:10-24).

1. Poder (6:10-17). Uma exortação para vestir a completa armadura de Deus, (esta figura foi sugerida provàvelmente pela armadura dos soldados romanos que guardavam Paulo), para que o cristão possa receber o Seu poder e combater o bom combate.

2. Oração (6:18-19). O "quando", "como" e "por quem" da oração.

3. Paz (6:20-24). Depois de fazer uma referência pessoal a Tíquico, o apóstolo termina com uma bênção.

CAPÍTULO XVI

EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Tema. A epístola aos Filipenses foi chamada "o mais doce dos escritos de Paulo" e a "mais formosa de todas as cartas de Paulo em que expõe o seu próprio coração e onde em cada sentença brilha um amor mais tenro do que o de uma mulher". Por tôda a epístola respira-se um espírito de amor de Paulo para com os filipenses; e a atitude dêles para com êle prova que êste amor era mútuo. Não há questões ou controvérsias discutidas; nem há da parte de Paulo severas repreensões ou um coração magoado devido a desordens sérias. Havia algumas divisões, é verdade, mas não parece que fôssem sérias. Ao tratar delas, o apóstolo usa de muito tato e juízo. Em lugar de pronunciar severas denúncias contra os partidos implicados, cria uma atmosfera de união e amor pelo uso freqüente de palavras que sugerem comunhão e cooperação — tais como "colaboradores", "companheiros nos combates" e palavras semelhantes, sugerindo a idéia de união e camaradagem. Cria uma atmosfera de fé e adoração pela repetição do nome do Senhor, e faz que se esqueçam das suas diferenças insignificantes ao apresentar-lhes um quadro admirável d'Aquele que, embora subsistisse em forma de Deus, esvasiou-Se e humilhou-se para a salvação de outros. Ao explorar o tema, seremos guiados pelo uso freqüente de certas palavras. Um grande erudito disse que o resumo de Filipenses é: "Regozijo-me — regozijai-vos". A carta é cheia de alegria. Em cada capítulo, como o som de campaínhas de prata, soam as palavras "gôzo", "regozijo", "alegria". Apesar da prisão e apesar do fato de se encontrar à sombra do cadafalso, o apóstolo sente alegria. Resumiremos o tema da seguinte ma-

neira : a alegria da vida e do serviço cristão, manifestada em tôdas as circunstâncias.

PORQUE FOI ESCRITA. Epafrodito, o mensageiro da igreja dos filipenses, ao qual foi confiado uma oferta para o apóstolo, ficou doente, quando chegou a Roma. Restabelecido, voltou a Filipos e Paulo aproveitou a oportunidade desta circunstância, para enviar uma carta de agradecimento e exortação à igreja acêrca de cujas condições Epafrodito tinha notificado a Paulo.

QUANDO FOI ESCRITA. Mais ou menos em 64 A. D. durante a primeira prisão de Paulo em Roma.

CONTEÚDO.

I. A situação e o trabalho de Paulo em Roma (cap. 1).
II. Três exemplos de abnegação (cap. 2).
III. Admoestações contra o êrro (cap. 3).
IV. Exortações finais (cap. 4).

I. A SITUAÇÃO E O TRABALHO DE PAULO EM ROMA (Cap. 1).

1. A saudação de Paulo (1:1-11).
2. O seu regozijo na prisão (vers. 12-30).

a) O seu regozijo apesar das cadeias (vers. 12-14). A sua prisão causou o progresso do Evangelho. As novas da sua prisão foram espalhadas por tôdas as instalações militares e daí a outras partes da cidade. Os cristãos em Roma foram inspirados a um esfôrço evangelístico por causa de sua coragem.

b) O seu gôzo apesar daqueles que no espírito de partidarismo estão pregando o Evangelho por motivos falsos (provàvelmente os judaizantes) (15-18). Porém, uma vez que Cristo seja proclamado, o apóstolo se regozija.

c) O seu gôzo apesar da perspectiva de morte (vers. 19-30). Pouco importa ao apóstolo viver ou morrer, porque em todo o caso, o seu desêjo é glorificar a Cristo. Seria melhor para êle morrer e estar com Cristo; contudo êle prefere viver para terminar a sua obra e ajudar a fé dos filipenses. Tem esperança de ser posto em liberdade e desta maneira, poder visitá-los. Mas seja qual fôr o seu destino, êle deseja que andem de uma maneira digna do Evangelho, proclamando a sua mensagem apesar da perseguição.

II. TRÊS EXEMPLOS DE ABNEGAÇÃO (Cap. 2).

Paulo começa com uma exortação à união, que estava em perigo de ser destruída por algumas diferenças insignificantes entre os crentes (vers. 1-2).

Esta união devia ser levada a cabo por êles, mediante o espírito de humildade e abnegação (vers. 2, 3). "Não atente cada um para o que é pròpriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros". O apóstolo menciona em seguida, três exemplos daqueles, cujo princípio de vida era o sacrifício para outros.

1. O exemplo de Cristo (2:5-16), que, embora sendo igual a Deus, Se esvasiou de Seu poder e Se humilhou até a morte da cruz — em benefício de outros.

O apóstolo acrescenta então uma tríplice exortação :

a) Uma exortação à perseverança na fé (vers. 12, 13).

b) Uma exortação à obediência (vers. 14-16).

c) Uma exortação à atividade missionária (v. 16).

2. O exemplo de Timóteo (2:17-24). Era um ministro que exemplificava profundamente a exortação de Paulo no versículo 4. Comp. vers. 20, 21.

3. O exemplo de Epafrodito. Neste cristão, temos um exemplo de uma pessoa que livremente derramou a sua vida por outros. Semi-morto por excesso de traba-

lho, estava angustiado, não por causa da sua própria aflição, mas por terem as novas da sua doença causado tristeza **a outros.**

III. ADMOESTAÇÕES CONTRA O ÊRRO (Cap. 3).

1. Uma admoestação contra o legalismo (3:1-14). Quem não estiver familiarizado com êstes mestres, considerará indevidamente severas as expressões de "cães" e "máus obreiros", mas Paulo viu no seu ensino de salvação pelas formas exteriores da Lei, algo que destruiria a vida e a fé cristãs. De acôrdo com isto, denuncia os judaizantes como inimigos do Evangelho. Paulo podia vangloriar-se tanto quanto êstes mestres judaizantes no tocante a privilégios sociais e religiosos (vers. 4-6), mas tinha rejeitado a todos êsses, considerando-os como estêrco (vers. 7, 8), para poder ganhar a Cristo e ser encontrado n'Êle tendo a justiça, não da Lei, mas da fé (vers. 9, 10). A sua justificação e santificação pela fé em Cristo não lhe proporcionaram uma segurança vã ou descuido, mas êle ainda avança para o alvo dessa perfeição que será consumada na primeira ressurreição (vers. 11-14).

2. Uma exortação à união na doutrina (vers. 15, 16). Aquêles que são espiritualmente maduros devem assumir a atitude para com a perfeição cristã, mencionada por Paulo e estar de acôrdo com ela. Se houver diferenças insignificantes, em coisas não essenciais, Deus as esclarecerá. Êstes versículos revelam o assunto que causava divisões entre os filipenses, — o assunto da perfeição cristã.

3. Uma admoestação contra o antinomianismo (ilegalidade) (vers. 17-19). Do lado judaico a Igreja estava exposta ao perigo do legalismo, do lado gentílico, ao do antinomianismo, uma doutrina que ensinava que

o crente não estava sob lei alguma. A adesão a esta doutrina muitas vêzes causava a destruição da fé e pureza.

4. Uma exortação à santidade (vers. 20, 21). Devem manter uma conduta celestial, por terem uma esperança celestial, uma esperança de glorificação à vida do Senhor.

IV. EXORTAÇÕES FINAIS (Cap. 4).

1. Exortações à :

   a) Firmeza. v. 1.
   b) Unanimidade. v. 2.
   c) Cooperação com os obreiros cristãos. v. 3.
   d) Regozijo. v. 4.
   e) Tolerância e mansidão. v. 5.
   f) Livres da ansiedade. vers. 6, 7.
   g) Manter a mente santa. v. 8.
   h) Praticar o cristianismo. v. 9.

2. Agradecimentos aos crentes pelas suas dadivas. vers. 10-20.

3. Saudações e bênções. vers. 21-23.

EPÍSTOLA AOS COLOSSSENSES

Tema. A causa pela qual foi escrita a epístola aos colossenses foi a introdução de doutrinas errôneas na Igreja. Parece que apareceu no seu meio um mestre que propagou um sistema doutrinário que era uma mistura de legalismo judaico e filosofia pagã. Era o elemento pagão no sistema — conhecido depois do tempo de Paulo como o gnosticismo — que constituiu o maior perigo para a fé da Igreja. Os gnósticos vangloriavam-se de possuírem uma sabedoria muito mais profunda do que aquela revelada nas Sagradas Escrituras, uma sabedoria que era propriedade de alguns favorecidos ("Gnósticos" vem de uma palavra grega que significa "conhecimento"). Os gnósticos pensavam que a matéria em si fôsse essencialmente má, razão por que um Deus santo não a poderia ter criado. Os anjos, diziam êles, eram os criadores da matéria. Um deus puro não tinha comunicação direta com o homem pecador, mas comunicava-se com êle por meio de uma cadeia de anjos intermediários, que formavam quase uma escada da terra ao céu.

O Dr. Jowett descreve da seguinte maneira uma forma da sua crença : "A carne é essencialmente má, Deus é essencialmente santo e entre o essencialmente máu e o essencialmente santo não pode haver comunhão. É impossível, diz a heresia, que o essencialmente santo tenha contato com o essencialmente máu. Há um abismo infinito entre os dois e um não pode ter intimidade nem contato com o outro. A heresia então teve de cogitar de meios pelos quais êste abismo fôsse atravessado e o Deus essencialmente santo entrasse numa comunhão com o estado essencialmente máu em que morava o homem. O que se podia fazer? A heresia disse

que do Deus essencialmente santo emanou um ser um pouco menos santo, e que dêste segundo ser santo emanou um terceiro ainda menos santo, e dêste terceiro um quarto e assim por diante, com um enfraquecimento cada vez maior, até que apareceu um (Jesus) que estava tão despojado de divindade e tão semelhante ao homem, que podia entrar em contato com êle". É claro que esta heresia destruía a soberania, a divindade e o estado de mediador de Jesus, colocando-O na classe de anjos mediadores. Paulo corrige êste êrro, demonstrando que Jesus, em vez de ser apenas um anjo intermediário, é o Criador do universo, e o Criador dos próprios anjos. Eleva o Senhor Jesus ao lugar designado por Deus como Cabeça do universo e o único Mediador, reconciliando a criação inteira com Deus.

Resumiremos o tema da seguinte maneira : a preeminência de Cristo : Êle é o primeiro na natureza, na Igreja, na ressurreição, na ascensão e na glorificação; Êle é o único Mediador, Salvador e Fonte da Vida.

PARA QUE FOI ESCRITA. Os colossenses, tendo ouvido falar da prisão de Paulo, enviaram Epafras, o seu ministro, para informar ao apóstolo sôbre a situação (1:7, 8). De Epafras, Paulo soube que falsos mestres estavam procurando acrescentar à fé cristã, uma doutrina que era uma mistura de judaismo e filosofia pagã. Para combater êste êrro, escreveu a epístola.

QUANDO FOI ESCRITA. A epístola aos colossenses, enviada pelo mesmo mensageiro que levou as epístolas aos Efésios e a Filemon — Tíquico — foi escrita mais ou menos no mesmo tempo :

Notem : Colosse era uma cidade na Frígia, uma província da Ásia Menor.

CONTEÚDO.

I. Introdução : Saudações. 1:1-12.
II. Explicação. A verdadeira Doutrina Declarada. 1:13 a 2:3.

III. Reputação : Desmascarada a Falsa Doutrina. 2:4-23.

IV. Exortação : Conduta santa requerida. 3:1 a 4:6.

V. Conclusão : Saudações. 4:7-18.

I. INTRODUÇÃO : SAUDAÇÕES. 1:1-12.

1. A saudação de Paulo. 1:1, 2.

2. A sua gratidão (1:3-8). Agradece a Deus pelo amor e a unificação da Igreja colossense, sôbre que foi informado por Epafras, o ministro e provàvelmente o fundador da igreja.

3. A sua oração. 1:9-12.

II. EXPLICAÇÃO : A VERDADEIRA DOUTRINA DECLARADA. 1:13 a 2:3.

1. A pessoa e a posição de Cristo. 1:14-19.

a) Êle é nosso Redentor, por causa do Seu sangue expiatório. Vers. 13-14.

b) Êle é a cabeça da criação natural — o Universo — sendo o seu Criador. Vers. 15-17.

c) Êle é a cabeça da criação espiritual — a Igreja — porque, sendo o Ressuscitado, Êle a criou. Vers. 18.

d) Êle é o proeminente, porque n'Êle habita a plenitude dos poderes e atributos divinos. v. 19.

2. A obra de Cristo — uma obra de reconciliação. 1:2 a 2:3.

a) O âmbito total da reconciliação — o Universo inteiro, tanto material, como espiritual. v. 20.

b) Os sujeitos da reconciliação — aquêles que uma vez eram inimigos de Deus. v. 21.

c) O propósito da reconciliação — apresentar os homens santos, puros e irrepreensíveis na presença de Deus. v. 22.

d) A condição da plena consumação da reconciliação — a constância na fé. v. 23.

e) O ministro da mensagem de reconciliação — Paulo (1:24-2:3). Pelos seus sofrimentos está enchendo a medida dos sofrimentos de Cristo (num certo sentido, Cristo sofre ainda através dos membros perseguidos da Sua Igreja. Vide Atos 9:4). O seu ministério é revelar o grande mistério dos séculos, isto é, que Cristo está nêles, a esperança da glória. Isto explica o seu interêsse pelos colossenses apesar de não os ter visto (2:1-3).

III. REFUTAÇÃO : DESMASCARADA A FALSA DOUTRINA. 2:4-23.

Paulo admoesta aos colossenses, para que não sejam enganados pelos raciocínios falsos dos filósofos (2:4-7), porque em Cristo têm a plenitude da revelação divina (2:3). Admoesta-se contra os seguintes êrros :

1. Gnosticismo (vers. 8-10). Os crentes hão de ter cautela com os argumentos da filosofia humana, que não passem do "A-B-C" (os rudimentos) dos conhecimentos humanos (v. 8). Êles não precisam de uma perfeição maior pelos chamados conhecimentos dos gnósticos, porque, como cristãos, desfrutam da plenitude d'Aquele em Quem habita tôda a plenitude da Divindade em forma corpórea e Quem é a cabeça de todos os poderes angelicais.

2. Legalismo (vers. 11-17). Nestes versículos, Paulo demonstra :

a) A relação do crente com o rito da circuncisão (vers. 11, 12); êle passou por uma circuncisão espiritual que representa a morte aos pecados do corpo, morte essa que se exprime exteriormente pela ordenança cristã do batismo.

b) A sua relação à lei moral (vers. 12-15). Mortos em delitos e pecados, eram condenados pela Lei, mas Cristo, por Sua morte, pagou a pena da Lei e anulou a dívida dêles (Comp. Gál. 3:13, 14).

c) A sua relação com a lei cerimonial (vers. 15, 16). As festas, os dias santos e outras observâncias cerimoniais judaicas não passam de símbolos e figuras representando Cristo. Agora, desde que Cristo veio e cumpriu os símbolos, os mesmos tornam-se desnecessários. Assim, o cristão não é obrigado a observar festas ou dias santos dos judeus.

3. Um falso misticismo (vers. 18, 19). O misticismo é a doutrina segundo a qual por comunhão direta com Deus, pode se adquirir um conhecimento mais profundo das verdades divinas do que pelas Escrituras. Os colossenses não hão de ser enganados por aquêles que ensinam que os anjos devem ser adorados, e que baseiam a sua doutrina em revelações imaginárias do outro mundo.

4. Ascetismo (vers. 20-23). O ascetismo é a doutrina que ensina que a mortificação do corpo e a renúncia aos confortos físicos são necessárias para a santidade. Essas proibições contra certos alimentos e confortos físicos, são simplesmente regras feitas por homens, para alcançar a santidade (vers. 21, 22). Estas restrições, embora prestando uma aparência de humildade e piedade àqueles que as praticam, não podem, em si mesmas, mortificar os atos da carne (v. 23). O cristão não precisa destas proibições, porque morreu para o pecado e vive uma nova vida com Cristo (v. 20).

IV. EXORTAÇÃO : CONDUTA SANTA REQUERIDA. 3:1 a 4:6.

1. A união do crente com Cristo e a sua conduta em vista dêste fato. 3:1-4.

2. Morte do "homem velho" — destruição das concupiscências da natureza inferior. vers. 5-9.

3. Vestir-se do "homem novo" — a cultura das graças e virtudes da vida nova em Cristo (vers. 10-17).

4. Admoestações à família. 3:18 a 4:1.

5. Exortações finais. 4:2-6.

V. CONCLUSÃO : SAUDAÇÕES. Cap. 4:7-18.

1. A missão de Tíquico e de Onésimo. 7-9.

2. Saudações de diversas pessoas. 10-14.

3. Saudações de Paulo. vers. 15-17.

4. Bênção. v. 18.

CAPÍTULO XVII

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

(Leiam a Epístola, comparando Atos. 17:1-9).

Tema. A primeira leitura desta epístola revelará o fato de haver um tema que supera todos os demais — a segunda vinda do Senhor. Verificar-se-á que cada capítulo termina com uma referência a êsse acontecimento. Paulo trata desta verdade mais em seu aspecto prático do que doutrinário, aplicando-a diretamente à atitude e à vida do crente. Assim, podemos resumir o tema desta epístola da seguinte maneira : a vinda do Senhor com relação ao ânimo, consôlo, vigilância e santificação do crente.

PORQUE FOI ESCRITA. A epístola foi escrita com os seguintes propósitos :

1. Para consolar os crentes durante a perseguição. 3:1-5.

2. Para consolá-los acêrca de alguns dos seus mortos que morreram na fé (4:13). Os tessalonicenses temiam que aquêles que morriam, perderiam o prazer de serem as testemunhas da vinda do Senhor.

3. Parece que alguns, na expectativa da próxima vinda do Senhor, haviam caído no êrro de supôr que não fôsse necessário trabalhar. 4:11, 12.

QUANDO FOI ESCRITA. Escrita em Corinto pouco depois da partida de Paulo de Tessalônica.

CONTEÚDO.

O Sr. Roberto Lee, de Londres, dá o seguinte esbôço proveitoso : **A** vinda do Senhor é :

I. Uma esperança **inspiradora** para o recém-convertído. Cap. 1.
II. Uma esperança **animadora** para o servo fiel. Cap. 2.
III. Uma esperança **purificadora** para o crente. 3:1 a 4:12.
IV. Uma esperança **consoladora** para os enlutados. 4:13-18.
V. Uma esperança **despertadora** para o cristão que está dormindo (Cap. 5).

Com verdadeira humildade e cortesia cristã, Paulo menciona os seus colaboradores, colocando-os no mesmo nível dêle (1:1). Quais são as três coisas que recomenda Paulo aos crentes (v. 3, comp. I Cor. 13:13 e contraste com as primeiras palavras de Apoc. 2:2). Como pregou Paulo o Evangelho a êstes crentes? (v. 5) De quem se tornaram seguidores? (v. 6, comp. I Cor. 11:1). Como receberam o Evangelho? comp. Atos. 13: 50-52). Qual era a sua relação com as outras igrejas? (v. 7). Qual era a sua relação com a evangelização das regiões vizinhas? (v. 8).

Qual atitude de sua parte, com relação a Deus e ao pecado, assegurou a sua salvação? (v. 9). Qual era a sua atitude presente? (v. 10).

A que acontecimento se refere Paulo em 2:2? Atos 16:19-40. O que se diz a respeito dos seus motivos de pregar o Evangelho? (vers. 3-6). O que se diz concernente à sua atitude para com êstes crentes? (vers. 7-12).

Era lícito para Paulo, como apóstolo, pedir ajuda financeira? I Cor. 9:6, 14. Por que não a exigiu aos tessalonicenses (2:6, 9). Que testemunho deve ter todo verdadeiro ministro do Evangelho? (v. 10) Como receberam os tesalonicenses o Evangelho? (v. 13) Com quem são comparados por Paulo? (v. 14) Que era o pecado máximo da nação judaica, segundo Paulo? (v. 16, comp. Mat. 23:13). Quais eram os desejos de Paulo quando estava em Atenas? (v. 18, comp. Atos 17:15) O que será uma fonte de regozijo para o ministro do Evangelho no céu? (v. 19).

Quem se uniu a Paulo em Atenas (3:1, 2, comp. Atos 17:15). Por que Paulo enviou Timóteo dalí, aos tessalonicenses? (3:2, 3). O que disse Paulo que tinham que esperar? (v. 4, comp. Atos 14:22). O que temia êle? (v. 5) Que novas trouxe Timóteo ao regressar? (v. 6) O que era a própria vida para o apóstolo? (v. 8). Qual era o seu desêjo sincero? (v. 10). A sua oração? (vers. 11, 12). A oração no vers. 12 era importante? (João 13:34, 35; Rom. 13:9; I Cor. 13:13; Gál. 5:6)? O que seria a consumação do amor dêles? (v. 13).

Contra qual pecado comum entre os gentios são advertidos por Paulo? (4:1-7). O que diz Paulo acêrca da sua autoridade (v. 8)? Por qual poder exerce a sua autoridade? (v. 8, comp. Atos 15:28). Qual verdade evidente todo crente deve conhecer como Filho de Deus? (v. 9, comp. I João 3:18). A que mandamento se refere Paulo no versículo 11 (II Tes. 3:10). Quais são as duas razões dêste mandamento? (v. 12). Onde aprendeu Paulo as verdades expostas nos versículos 13:18? (v. 15).

Como virá o dia do Senhor com relação ao incrédulo? (5:1-3). Virá ao crente como um ladrão de noite? (v. 4) Apesar de não sabermos o tempo exato da vinda do Senhor, saberemos quando estiver próxima? Mat. 24: 32. Com que compara Paulo o estado pecaminoso do mundo? (v. 7) Qual é a relação entre o vers. 9 e a dou-

trina de que a Igreja passará pela tribulação? Qual deve ser a atitude do crente para com os seus chefes? (Vers. 12, 13). Qual advertência é dada àquêles que talvez sejam inclinados a suprimir as manifestações genuinas do Espírito? (v. 19) Que advertência é dada àqueles que exaltam as manifestações além da pregação da Palavra? (v. 20). Qual deve ser a nossa atitude para com as mensagens em línguas e profecias? (v. 21). Qual é o plano perfeito de Deus para todos os crentes? (v. 23). Quando será terminada esta obra? (v. 23, comp. Filipenses, 3:21; I João 3:2). O que torna possível o cumprimento da oração pronunciada em vers. 23? (v. 24).

SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

(Leiam a epístola inteira)

Tema. A Segunda Epístola aos Tessalonicenses expõe a segunda vinda do Senhor com relação aos crentes perseguidos, aos pecadores que não se arrependeram e a uma igreja apóstata.

PORQUE FOI ESCRITA. A epístola foi escrita com os seguintes propósitos :

1. Para consolar os crentes durante um novo surto de perseguições. 1:4.

2. Para corrigir uma falsa doutrina de que o dia do Senhor já tinha vindo (2:1). As severas perseguições ocasionaram em alguns a idéia de já ter começado a grande tribulação.

3. Para censurar aquêles que se comportavam desordenadamente. 3:6.

QUANDO FOI ESCRITA. A epístola foi escrita pouco depois da primeira epístola de Paulo para a mesma igreja.

CONTEÚDO.

O conteúdo centraliza-se em redor da segunda vinda do Senhor com relação a :

I. Os crentes perseguidos. 1:1-7.
II. Os que não se arrependeram. 1:8-12.

III. A Apostasia. 2:1-12.
IV. O Serviço. 2:13 a 3:18.

Paulo começa esta epístola com a saudação usual (1:1, 2). Agradece a Deus pelo fato de estarem os crentes crescendo na graça e no amor (v. 3) e louva-os pela sua paciência nas perseguições (v. 4). A sua paciência nas perseguições prova que crêem na justiça de Deus que finalmente prevalecerá (v. 5), quando os ímpios sofrerão (v. 6) e o descanso será dado aos justos (v. 7). Isso sucederá, depois de Cristo ter levado o Seu povo (v. 10).

O capítulo 2 é o coração da epístola. As palavras "dia de Cristo" (v. 2) devem ser lidas : "Dia do Senhor". As palavras "dia do Senhor" referem-se àquêle período em que Deus julgará Israel e as demais nações, período êsse, que será de grande tribulação (comp. Joel 1:15; 2:1; 3:14; Isaías 2:10-22). Parece que alguns falsos mestres tinham espalhado a crença de que o dia do Senhor já tinha chegado (2:2). Sustinham esta doutrina por meio de revelações espirituais pretensas e uma carta falsificada, como se fôsse de Paulo (v. 2). Esta doutrina causou grande confusão entre os crentes, por que temiam ter perdido o rapto do qual Paulo falou na sua primeira epístola. Para corrigir a falsa crença, Paulo mencionou os seguintes acontecimentos que precederão à vinda do dia do Senhor :

1. Uma apostasia na Igreja professa (v. 3).

2. O povo de Deus será arrebatado (v. 7). Isto não é declarado abertamente, mas compreende-se perfeitamente. "Um que agora o detém (quer dizer, impede), até que do meio seja removido". Aquí se faz referência a um poder que está impedindo que o mistério de iniqüidade venha consumar-se. A referência direta é ao Espírito Santo; a referência indireta é à Igreja na qual

habita o Espírito. Nosso Senhor referiu-se aos fiéis, como o sal da terra, quer dizer, ao elemento que preserva e que impede a corrupção. Mat. 5:13. Uma vez removido êste elemento conservador, a iniqüidade e a anarquia inundarão o mundo.

3. A revelação do Anti-Cristo (vers. 3, 4). Qual é o ensino geral das Escrituras concernentes a êste homem? Dan. 7:8, 11, 21, 25; Dan. 8:23; 9:27; João 5:43; Apoc. 13:4-8; 19:19. O capítulo 3 contém várias exortações que não requerem nenhuma explicação especial.

CAPÍTULO XVIII

PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

Tema. A primeira epístola a Timóteo é a primeira das "Epístolas Pastorais" (as outras são Tito e segunda Timóteo), assim chamadas por serem dirigidas a ministros com o propósito de instruí-los no govêrno da Igreja. A epístola que agora estamos estudando foi escrita a Timóteo, o companheiro e discípulo fiel de Paulo. Foi escrita depois do apóstolo ter sido posto em liberdade, após a sua primeira prisão. Os seus movimentos depois dêste acontecimento não podem ser traçados com certeza.

Acredita-se que visitou a Espanha. Rom. 15:24. Em seguida, foi a Mileto e veio a Colosse. Filemon 22. Dali foi a Éfeso, onde deixou Timóteo encarregado da igreja que estava em perigo por causa de falsos ensinos. I Tim. 1:3. Indo ao norte, chegou a Trôas onde embarcou rumo a Macedônia. I Tim. 1:3. Da Macedônia escreveu a epístola para instruir a Timóteo concernente aos seus deveres e também para animá-lo, porque o jovem era de um caráter sensível e retraído e, portanto, inclinado a deixar de afirmar a sua autoridade. Resumiremos o tema da seguinte maneira : as qualidades e deveres do ministro cristão, e a sua relação com a Igreja, o lar e o mundo.

PORQUE FOI ESCRITA. Para instruir Timóteo nos deveres do seu cargo, para animá-lo e para admoestá-lo contra os falsos mestres.

QUANDO FOI ESCRITA. Provàvelmente na Macedônia, durante o intervalo entre as duas prisões de Paulo.

CONTEÚDO.

I. Doutrina sã. Cap. 1.
II. Oração pública. Cap. 2.
III. Qualidades ministeriais. Cap. 3:1-13.
IV. Doutrina falsa. 3:14 a 4:11.
V. Instruções pastorais. 4:12 a 6:2.
VI. Exortações finais. 6:3-21.

I. DOUTRINA SÃ.

1. Saudação (1:1, 2).

2. A obra especial de Timóteo em Éfeso (vers. 3-11). Êle há de lutar pela doutrina sã. A Igreja está ameaçada pelos seguintes êrros :

a) Gnosticismo (v. 4). As teorias e genealogias intermináveis do gnosticismo (genealogias dos poderes celestiais e de anjos intermediários) simplesmente causam especulações inúteis.

b) Legalismo (vers. 5-11). O objeto do encargo de Paulo ("o fim do mandamento") é ensinar o amor nascido de uma boa consciência e uma fé pura (v. 5). Alguns, no entanto, afastavam-se do princípio de amor como poder principal na vida do crente. Ensinavam a justificação pela Lei, apesar de não possuírem as qualidades de mestres (vers. 6-7). Ignoram o fato de que a Lei não foi destinada para aquêles em cujos corações está escrita, sendo o seu propósito despertar a consciência dos pecadores (vers. 8-11).

3. O testemunho de Paulo (vers. 12-17). O chefe dos pecadores tornou-se chefe dos santos; o blasfêmo chegou a ser o pregador; o destruidor da Igreja chegou a ser o seu construtor. A êle, o maior dos pecadores, foi mostrada misericórdia, para que pudesse ser um exemplo vivo da misericórdia de Deus.

4. O mandamento a Timóteo (vers. 18-20). Repete-se a exortação do versículo 5, reforçada por dois fatos :

a) a menção das profecias pronunciadas na ocasião de sua ordenação (v. 18, comp. Atos 13:1, 2).

b) a admoestação tirada do "naufrágio" doutrinário de dois mestres que Paulo excomungou (vers. 19, 20).

II. ORAÇÃO PÚBLICA (Cap. 2).

1. Por quem devemos orar? Os cristãos devem orar por todos os homens, especialmente pelos reis e autoridades (vers. 1-7).

2. A atitude dos homens e mulheres na oração pública (vers. 8-15).

a) Os homens devem orar, levantando mãos limpas e tendo o coração livre de ressentimentos e incredulidade (v. 8).

b) as mulheres devem vestir-se modestamente, adornando-se mais por boas obras do que por vestidos custosos (vers. 8-10). As mulheres devem observar a ordem instituída por Deus para os sexos; o homem é a cabeça da mulher, e êle exerce a autoridade no lar e na igreja (vers. 11-14). Falando em sentido geral, a esfera da atividade da mulher é mais no lar do que no ministério (v. 15). Notem que, para poderem interpretar bem o versículo 12, é necessário terem em mente os seguintes fatos : (1). A ênfase do versículo 12 parece visar a mulher que usurpa autoridade sôbre o homem, quer dizer, que arroga a si uma autoridade que Deus não lhe deu. (2). Paulo está falando em têrmos gerais e particularmente das mulheres casadas. Outros versículos da Escritura demonstram claramente que Deus, em casos especiais, concede um ministério à mulher. Êxo. 15:20, 21; Juízes 4:4; II Reis 22:14; Joel 2:28; Atos 21:8, 9; Rom. 16:1; I Cor. 11:5; Fil. 4:3.

III. QUALIDADES MINISTERIAIS. Cap. 3:1-13.

1. As qualidades necessárias aos bispos (vers. 1-2). As igrejas locais no tempo de Paulo eram administradas, por um grupo de presbíteros ou bispos em vez de um pastor. Atos 20:28; Tito 1:5, 6, 7; I Ped. 5:1-3; Fil. 1:1. Esta forma de administração, evidentemente, era a melhor para aquêles dias. Mais tarde, um dos presbíteros era nomeado para governador sôbre os demais, e finalmente, cada igreja local era governada por um pastor, em cooperação com os diáconos e presbíteros.

2. As qualidades necessárias aos diáconos (vers. 8-13). Os diáconos eram aquêles aos quais eram confiados os assuntos temporais da Igreja, como, por exemplo, a administração de finanças, etc.

IV. DOUTRINA FALSA. 3:14 a 4:11.

1. O propósito das instruções de Paulo é mencionado nos versículos que formam a chave da epístola (vers. 14, 15); Timóteo precisa saber como agir em tôdas as questões referentes à casa de Deus que é a Igreja do Deus vivo, coluna e firmeza da verdade.

2. O ministério da piedade (v. 16). O fundamento desta verdade, que é mantida pela Igreja, é o ministério da piedade, que incluiu os seguintes fundamentos do Evangelho :

a) a encarnação de Cristo : "Deus foi manifestado em carne".

b) a ressurreição de Cristo : "justificado no Espírito" (comp. Rom. 1:4). O mundo, crucificando a Cristo, declarou-O injusto, Deus, levantando-O dos mortos declarou-O justo (justificou-O).

c) a manifestação de Cristo : "visto pelos anjos". I Cor. 15:5-8.

d) a proclamação de Cristo : "pregando aos gentios".

e) a aceitação de Cristo : "crido no mundo".
f) a exaltação de Cristo : "recebido em glória".

3. Em contraste com o ministério da **piedade**, Paulo menciona o ministério da **impiedade** (4:1-5). Nos últimos dias, haverá uma apostasia da fé (v. 1). Nos dias de Paulo esta apostasia era representada pela heresia gnóstica. "O êrro especial aquí combatido é a heresia gnóstica. Sete características desta falsa doutrina são aparentes nas epístolas pastorais : a pretensão de possuir conhecimentos, esclarecimento e elucidações superiores; uma religião falsa com especulações inúteis e vãs; um estado de anarquia; cauterização da consciência com um ferro aquecido; uma interpretação alegórica das Escrituras, fazendo desvanecer por explicações, a ressurreição, etc.; uma forma vã de piedade da qual as palavras ocupavam o lugar de obras; procuravam combinar o culto a Deus com o dinheiro, reduzindo a piedade a uma questão de interêsse mundano; uma pretensão de santidade superior que permite até pecados flagrantes professando um motivo puro".

4. A atitude de Timóteo para com as doutrinas errôneas (vers. 6-11). Êle deve evitar aquelas teorias religiosas e especulativas que ensinam um ascetismo estéril. Exercícios físicos (no sentido religioso), como jejum e abstinência de certos alimentos, têm apenas um valor temporário e limitado; mas a piedade é proveitosa para tudo, tanto nesta vida como na eternidade (vers. 7-11).

V. INSTRUÇÕES PASTORAIS (4:12 a 6:2).

1. Instruções relativas ao próprio Timóteo. 4:12-16.

2. Instruções referentes às diversas classes na Igreja.

a) homens e mulheres, velhos e jovens. 5:1, 2.

b) viúvas (vers. 3-16). Era costume da Igreja primitiva sustentar as viúvas pobres. (Atos 6:1). Timóteo foi instruído que providenciasse o sustento dessas viúvas, necessitadas e de caráter irrepreensível (vers. 3-8). Muitos comentadores acreditam que uma outra classe de viúvas é mencionada nos versículos 9, 10, a saber : aquelas que serviam na Igreja como diáconisas e que se comprometiam a dedicar-se a diferentes formas de serviços caritativos. As viúvas mais moças não deviam ser admitidas, por não manterem, em muitos casos, o seu compromisso com a Igreja, casando-se. vers. 11-16.

c) Presbíteros (vers. 17-25). Os presbíteros que governavam bem e que ensinavam deviam receber uma remuneração generosa (vers. 17-18). Qualquer acusação contra êles que não fôsse provada por duas ou mais testemunhas, devia ser ignorada (v. 19). Quando fôsse provado que um presbítero cometeu um grande pecado, deveria ser repreendido pùblicamente (v. 20). Timóteo não deve se precipitar quanto à ordenação de presbíteros (v. 22). Impôr as mãos sôbre um homem significa a identificação com os seus pecados. Timóteo há de usar prudência em ordenar presbíteros; os pecados e faltas são aparentes em alguns homens, e em outros manifestam-se apenas mais tarde (vers. 24, 25).

d) Servos (6:1, 2). Os servos devem fazer os seus serviços conscientemente, sejam os seus âmos crentes ou não.

VI. EXORTAÇÕES FINAIS. 6:3-21.

Timóteo é advertido a :

1. Separar-se daquêles falsos mestres que ensinam contra a doutrina de Paulo e que supõem que a finalidade da religião seja um lucro material (vers. 3-10).

2. Fugir do amor ao dinheiro e seguir as verdadeiras riquezas das virtudes cristãs. v. 11.

3. Lutar no combate glorioso pela fé e levar o prêmio da vida eterna. (v. 12).

4. Guardar a missão que Paulo lhe deixou, pura e irrepreensível. ver. 13-16.

5. Ordenar aos ricos que não confiem nas suas riquezas, mas em Deus, que é o Proprietário de tôdas as coisas, e que usem o seu dinheiro aquí de tal maneira que dê juros por tôda a eternidade, (vers. 17-19).

6. Guardar missão santa, evitando as teorias filosóficas do gnosticismo (vers. 20, 21).

SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

Tema. Depois de ter deixado Tito em Creta, Paulo navegou rumo ao norte com a intenção de ir a Nicópolis passando por Trôas e Macedônia. Tito 3:12. Trófimo, o seu companheiro, adoeceu durante a viagem e ficou em Mileto. II Tim. 4:20. Navegando para Trôas, o apóstolo permaneceu na casa de um homem chamado Carpo. Naquele tempo se levantou a perseguição contra os cristãos, instigada pelo imperador Nero, que os acusou de terem incendiado Roma. Paulo, o chefe reconhecido dos cristãos, foi prêso, provàvelmente em Trôas e a sua prisão deve ter sido tão repentina, que algumas coisas que lhe pertenciam, ficaram em casa de Carpo (II Tim. 4:3). Ao chegar a Roma, o apóstolo foi encarcerado. Sabendo que o seu martírio se aproximava, escreveu esta última carta a Timóteo, rogando a êste que o visitasse. Paulo necessitava muito do seu filho na fé, porque aquêles da Ásia, que deviam apoiá-lo, abandonaram-no. Por causa da sua recente perseguição, a maioria dos cristãos temia mostrar-se seu amigo. Sabendo que a timidez de Timóteo poderia fazer com que evitasse o risco da perseguição causada por uma visita a Roma, Paulo aconselha-o a que não tema a perseguição, nem se envergonhe dêle, o apóstolo, mas que seja valente em seu testemunho, e que sofra as dificuldades como fiel soldado de Jesus Cristo. Admoesta-o também a respeito da sua atitude para com os falsos mestres e as suas doutrinas. O seguinte tema foi sugerido para a epístola : lealdade ao Senhor e à verdade em vista da perseguição e apostasia.

PORQUE FOI ESCRITA. A epístola foi escrita pelas seguintes razões : para pedir a presença de Timóteo em Roma; para admoestá-lo contra os falsos mestres;

para animá-lo em seus deveres; para fortalecê-lo contra as perseguições vindouras.

QUANDO FOI ESCRITA. Pouco antes do martírio de Paulo em Roma.

CONTEÚDO.

I. Introdução. 1:1-5.
II. Exortações em vista dos sofrimentos e perseguições futuras. 1:6 a 2:13.
III. Exortações em vista da apostasia atual. 2:14-26.
IV. Exortações em vista da apostasia futura. 3:1 a 4:8.
V. Conclusão. 4:9-22.

I. INTRODUÇÃO. 1:1-5.

É o seguinte o conteúdo da introdução :

1. A vocação de Paulo — um apóstolo chamado pela vontade de Deus para proclamar a promessa da vida centralizada em Cristo. v. 1.

2. A saudação de Paulo a Timóteo. v. 2.

3. As orações incessantes de Paulo por êle. v. 3.

4. O desejo de Paulo ver novamente Timóteo, lembrando-se das suas lágrimas na ocasião da sua última despedida. v. 4.

5. As memórias de Paulo — a verdadeira fé de Timóteo, fé que primeiramente habitava no coração de sua mãe e avó. v. 5.

II. EXORTAÇÃO EM VISTA DOS SOFRIMENTOS E PERSEGUIÇÕES FUTURAS. 1:6 a 2:13.

Paulo aconselha a Timóteo que :

1. Desperte — acenda a chama viva — o dom de Deus que lhe foi dado na sua ordenação, e deixe o es-

pírito de covardia uma vez que é incoerente com o espírito dêsse dom (vers. 6, 7).

2. Seja valente em face da perseguição. Vers. 9-11.

3. Guarde o que lhe foi confiado, pelo poder do Espírito que habita nêle. Vers. 13, 14.

4. Reconheça a atitude que os crentes estavam tomando para com o apóstolo :

a) alguns, como aquêles da Ásia, o estavam abandonando. (vers. 15).

b) outros, como Onesífero, o estavam apoiando. Vers. 16-18.

5. Seja forte no poder da graça de Deus. 2:1.

6. Transmita aos outros as instruções recebidas de Paulo. 2:2.

7. Esteja pronto para enfrentar dificuldades:

a) como um soldado que faz o seu serviço voluntàriamente Vers. 3, 4.

b) Como um atleta, observando as regras dos jogos. Vers. 5.

c) como um lavrador, recebendo a recompensa do labor executado pacientemente. vers. 6, 7.

8. Recorde dois fatos:

a) o Evangelho de Cristo ressuscitado que torna possível a Paulo sofrer por amor aos escolhidos. vers. 8-10.

b) a palavra fiel — sofrer com Cristo é reinar com Êle; negá-lO, é ser negado por Êle. vers. 11-13.

III. EXORTAÇÕES EM VISTA DA APOSTASIA ATUAL. Cap. 2:14-26.

Timóteo é exortado :

1. A ordenar aos cristãos que evitem discussões vãs. 2:14.

2. A ser um verdadeiro mestre da Palavra de Deus, evitando os falatórios profanos dos falsos mestres. vers. 15-21.

3. A fugir não só da doutrina errônea, mas também, da vida má; e seguir não só a verdadeira doutrina, mas também, a verdadeira vida. V. 22.

4. A evitar as especulações vãs e superficiais que causam contendas, e que impedem a obra do pregador. Vers. 24-26.

IV. EXORTAÇÕES EM VISTA DA APOSTASIA FUTURA. Caps. 3:1 a 4:8.

Timóteo é exortado a :

1. Evitar os falsos mestres, porque :

a) no futuro, surgirá uma vã profissão de religião, combinando a completa falta de poder com um nível baixo de moralidade. 3:1-5.

b) Os ministros desta religião caracterizar-se-ão por sua falta de princípios e oposição à verdade. vers. 6-9.

2. Permanecer fiel às suas convicções, recordando-se :

a) da lição que o sofrimento faz parte da vida do cristão neste mundo, como é ilustrado pelo exemplo de Paulo. vers. 11-13.

b) das lições aprendidas da vida santa de Paulo. vers. 10, 14.

c) das lições que êle aprendeu das Santas Escrituras. vers. 16, 17.

3. Cumprir inteiramente o seu dever como evangelista, pregando a Palavra com infatigável paciência, adaptando o seu ensino a qualquer capacidade, pregan-

do, exortando e reprovando, pareçam as oportunidades favoráveis ou não (4:1, 2). Há-de fazer isto por dois motivos :

a) no futuro o povo tornar-se-á impaciente a respeito da doutrina sã e rejeitá-la-á (vers. 3, 4).

b) o ministério de Paulo está perto de terminar; está confiado em que Timóteo continue a sua obra tanto quanto possível. Vers. 5, 6.

V. CONCLUSÃO. 4:9-22.

1. Um pedido urgente. (4:9, 10). Como uma mensagem de um velho pai moribundo, a seu único filho, vem o rogo de Paulo a Timóteo : "Procura vir ter comigo depressa" (v. 9). O apóstolo está sòzinho. Demas abandonou-o; os outros estão ausentes em diferentes missões, e só Lucas está com êle.

2. Instruções especiais. 4:11-13.

a) Timóteo devia trazer Marcos, que se havia mostrado digno da confiança do apóstolo. v. 11.

b) Timóteo devia trazer sua capa, os livros e pergaminhos (v. 13). O apóstolo deve ter se encontrado num carcere frio, sem aquecimento, esperando um inverno frio. "O estado patético da situação de Paulo torna-se vivo quando se lê uma carta de Guilherme Tyndale (um tradutor inglês das Escrituras, que foi martirizado no século dezesseis), quando estava encarcerado pela causa de Cristo nos cárceres úmidos de Vivoorde. "Rogo a Sua Excelência", escreveu, "e isto pelo Senhor Jesus, de que, se eu tiver que ficar aqui durante o inverno, peça ao comissário ter a bondade de enviar-me, das minhas coisas que êle tem, um gorro mais quente. Sinto o frio muito forte na cabeça. Também uma capa mais quente porque esta que tenho é muito fina. Também alguns trapos para remendar as minhas polâinas. A minha capa está tôda gasta, e até

as minha camisas não servem mais. Êle tem uma camisa minha de lã, que êle queira enviar. Mas, mais do que tudo, rogo e imploro a sua bondade que faça o possível para que o comissário seja tão bondoso que me envie a minha Bíblia Hebraica, a gramática e o vocabulário, para que eu possa empregar o meu tempo nessa emprêsa". Percy G. Parker.

3. Um oponente implacável (vers. 14, 15). Êle adverte Timóteo contra Alexandre, talvez um que tinha testificado contra Paulo em juízo.

4. O juízo de Paulo e a primeira defesa (vers. 16, 17). A segunda prisão de Paulo, foi mais rigorosa do que a primeira. Durante a primeira, tinha a sua própria casa alugada; durante a segunda, estava bem guardado. Durante a primeira estava rodeado por seus amigos, durante a segunda, estava quase só. Na primeira, esperava que o soltassem logo; na segunda, estava esperando a morte. Evidentemente, foi acusado de um crime grave, provàvelmente o de ser um dos principais instigadores do incêndio de Roma. "Esta alteração no tratamento de Paulo corresponde exatamente àquilo que a história da época nos faria esperar. Concluímos que a sua libertação sucedeu logo no ano 63 a. D.; de maneira que se encontrava bem longe de Roma, quando começou a primeira perseguição imperial dos cristãos, em conseqüência do grande incêndio do ano seguinte. Quando o ânimo e a indignação do povo foram excitados pela ruína tremenda da conflagração que incendiou quase a metade da cidade, isto serviu ao proposito de Nero (que foi acusado de ter causado o incêndio), desviar o furor do povo de si mesmo para os já odiados adeptos de uma nova religião. Tácito, um historiador romano, descreve o êxito dêste plano e relata os sofrimentos dos mártires cristãos que foram mortos em circunstâncias da mais excessiva crueldade. Alguns foram crucificados, outros vestidos com peles de feras e caçados com

cães até a morte; alguns foram envolvidos em vestidos impregnados de matérias inflamáveis e incendiado para que iluminassem o circo do Vaticano e os jardins de Nero, onde êste mônstro diabólico exibia ao público as agonias de suas vítimas, deleitando-se em assistir ao espetáculo em traje de cocheiro, entre os demais espectadores. Por muito brutalizados que fôssem os romanos pelo espetáculo dos combates humanos no anfiteatro. e endurecidos pelo preconceito popular contra a seita "ateísta" (como êles a chamavam), as torturas das vítimas despertou a sua compaixão. Uma multidão muito grande, assim informa Tácito, pereceu desta maneira e consta da sua descrição que o mero fato de professar o cristianismo era o suficiente para ser executado. A comunidade inteira dos cristãos foi considerada como implicada no crime de ter incendiado a cidade. Isto, no entanto, sucedeu no primeiro alvorôço, que seguiu ao incêndio e até então só alguns dos que pereceram eram cidadãos romanos. Desde aquêle tempo, tinham passado alguns anos e agora os dispositivos legais seriam respeitados no tratamento de uma pessoa que, como Paulo, possuía os direitos de cidadania romana. Mas, podemos compreender que o chefe de uma seita tão odiada estaria sujeito a um castigo severo.

"Temos um relato da primeira audiência da causa de Paulo, da sua própria pena. Na minha primeira defesa ninguém me ajudou, todos me abandonaram; mas o Senhor me ajudou e fortaleceu o meu coração para que fôsse inteiramente cumprida por mim a proclamação das Boas Novas, e que todos os gentios escutassem; e fui libertado da bôca do leão". Vemos por esta declaração, como era perigoso aparecer públicamente como amigo e conselheiro do apóstolo. Nenhum advogado se aventuraria a defender a sua causa, nenhum "procurador" ajuda-lo-ia em arranjar os autos, nenhum "patrono" apareceria como seu patrocinador e protestar conforme o costume antigo, a sentença. Mas, havia um Intercessor mais poderoso e um Advogado mais sábio,

que nunca o deixaria nem abandonaria. O Senhor Jesus sempre estava perto dêle, e agora, foi sentido visivelmente presente, na hora da necessidade... Pela descrição acima mencionada, podemos compreender até um certo ponto os característicos externos do seu julgamento. Evidentemente dá a entender que falou perante uma grande audiência, para que todos os gentios ouvissem e isto corresponde à suposição histórica que foi julgado numa dessas grandes basílicas, que havia no Fôro... As basílicas eram edifícios retangulares de grandes extensões, de maneira que sempre uma vasta multidão de espectadores estava presente em qualquer juízo de interêsse público. Foi perante uma audiência dessas que Paulo foi chamado a falar em sua defesa. Os seus amigos terrestres tinham-no abandonado, mas o seu Amigo celestial esteve ao seu lado. Foi fortalecido pelo poder do Espírito de Cristo e representou não sòmente a sua própria causa, mas também a do Evangelho. Ao mesmo tempo defendeu-se com êxito contra a primeira das acusações, que talvez o tinha denunciado de conspirar com aquêles que incendiaram Roma. Foi libertado do perigo imediato, e salvo de u'a morte ignominosa e dolorosa que teria sido o seu destino se tivesse sido condenado por uma acusação semelhante". Conybeare e Howson — "Vida e Epístolas de São Paulo".

5. Saudações e bênções. 4:19-20.

Nota : A tradição relata que Paulo foi decapitado em Roma.

CAPÍTULO XIX

EPÍSTOLA A TITO

Tema. Na ordem de composição, a epístola a Tito segue à primeira de Timóteo. Depois de ter escrito esta última, Paulo navegou com Tito para Creta, onde o deixou para pôr em ordem a igreja não organizada. Tito, um gentio (Gál. 2:3), provàvelmente era um dos convertidos de Paulo (Tito 1:4). Esteve presente com o apóstolo no concílio em Jerusalém (Atos 15), onde, apesar da insistência dos judaizantes, Paulo recusou a circuncisão de Tito (Gál. 2:3). O apóstolo tinha grande confiança nêle e confiava-lhe missões importantes (II Cor. 7:6, 7, 13-16; II Cor. 8:16-24). Sabendo que o caráter indigno e vicioso dos cretenses e a presença de mestres falsos tornariam difícil a sua tarefa, Paulo escreveu a Tito uma carta para o instruir e animar em seus deveres. A epístola é curta, contendo apenas três capítulos, mas reune num espaço limitado uma grande quantidade de instruções, abrangendo doutrina, moral e disciplina. Martinho Lutero disse dessa epístola : "Esta é uma epístola curta, mas é um resumo da doutrína cristã, e, composta de tal maneira que contém todo o necessário para o conhecimento e a vida cristã. Resumiremos o tema da seguinte maneira : a organização de uma verdadeira igreja de Cristo; e um apêlo à Igreja para ser fiel a Cristo.

QUANDO FOI ESCRITA. Pouco depois da Primeira a Timóteo, provàvelmente em algum ponto da Ásia Menor.

PORQUE FOI ESCRITA. Para instruir Tito acêrca da organização da Igreja cretense e para dirigí-lo no método de tratar com o povo.

CONTEÚDO.

I. A ordem e Doutrina da Igreja. Cap. 1.
II. A Conduta da Igreja. Caps. 2, 3.

I. A ORDEM E A DOUTRINA DA IGREJA. Cap. 1.

1. Introdução. A saudação de Paulo a Tito. Vers. 1-4.

2. A missão especial de Tito em Creta — pôr em ordem a Igreja desorganizada. V. 5.

3. As qualificações dos presbíteros. Vers. 6-9.

4. A razão para empregar grande cuidado na escôlha de presbíteros — a presença de mestres falsos (vers. 10-16). Referente a êstes mestres, notem :

a) o seu caráter; insubordinados, enganadores e faladores. V. 10.

b) O seu motivo : ganância material. V. 12.

c) O seu ensino : tradições judaicas e lendas (v. 14), por exemplo: mandamentos concernentes a abster-se de certos alimentos (v. 15; comp. Mar. 7:1-23; Rom. 14:14).

d) As suas pretensões : professam serem verdadeiros mestres do Evangelho, mas a sua vida pecaminosa desmente a sua profissão. V. 16. Notemos que Paulo ao desmascarar o caráter dos cretenses (vers. 12, 13), cita um poeta cretense, Epimenides (600 a. C.). Os escritores antigos falam do amor, ganância, ferocidade, fráude, falsidade e corrupção geral dos cretenses. 'Cretanizar" era proverbial, usado para significar "mentir", como "corintianizar" para "ser dissoluto".

II. A CONDUTA DA IGREJA. Caps. 2, 3.

1. A conduta do crente nas relações mútuas. 2:1-15.

2. A conduta do crente com relação ao mundo exterior. 3:1-8.

3. Assuntos que devem ser evitados — discussões concernentes às genealogias celestiais e minúcias da lei de Moisés. V. 9.

4. Pessoas que devem ser evitadas — os herejes (vers. 10, 11). Um hereje é uma pessoa que causa uma divisão na Igreja ensinando uma doutrina não escriturística. Nos dias de Paulo, a moral corrompida era muitas vêzes a companheira da doutrina corrompida.

5. Instruções finais. Vers. 12-15.

EPÍSTOLA A FILEMON

Tema. A epístola a Filemon é o único exemplar da correspondência particular de Paulo que foi conservado para nós. Pela impressão de cortesia, prudência e habilidade do estilo que Paulo nos proporciona, tornou-se conhecida como a "epístola da cortesia". Ela não contém instrução alguma direta referente à doutrina ou conduta cristãs. O seu valor principal acha-se na descrição da prática externa da aplicação da doutrina cristã na vida diária e da relação do cristianismo com os problemas sociais.

Tiraremos o tema da história contada pela epístola, que trata de um escravo fugitivo chamado Onésimo. Mais afortunado do que alguns de seus companheiros, tem por âmo um cristão, Filemon, um convertido de Paulo. Por causas não mencionadas, Onésimo fugiu de seu âmo. Foi a Roma, onde se converteu sob a pregação de Paulo. O apóstolo encontrou nêle um convertido sincero e amigo devoto.

Onésimo chegou a ser tão querido por Paulo, que êste quis retê-lo para lhe ministrar na prisão. Mas o apóstolo teve que abrir mão dêsse privilégio. Embora Onésimo tenha se arrependido de seu pecado, havia necessidade de restituição, o que sòmente podia ser cumprido pelo regresso do escravo e a sua submissão ao seu amo. Êste dever implicava em sacrifício não sòmente de Paulo, mas um outro ainda maior de Onésimo que, voltando ao seu âmo, estava exposto a um castigo severo — a crucificação, que era a punição geralmente aplicada aos escravos fugitivos.

O senso de justiça requeria de Paulo que devolvesse o escravo, mas a fôrça do amor fê-lo intervir por êle

e salvar-lhe a vida. Escreveu uma carta gentil e delicada de súplica afetuosa, identificando-se com Onésimo.

Depois de saudar Filemon e sua família (vers. 1-3), Paulo elogia-o pelo seu amor, sua fé e hospitalidade (vers. 4-7). O apóstolo tem uma súplica a fazer. Como Paulo, o **apóstolo,** êle poderia ordenar, mas como Paulo o **velho,** o **prisioneiro do Senhor,** prefere **rogar** a Filemon (vers. 8, 9). A sua súplica é que êle receba de novo Onésimo, que uma vez era inútil, mas que agora, se tornou útil, Onésimo, o próprio filho na fé de Paulo (vers. 10-12). Estimava tanto o escravo que o teria retido como seu servo, mas sem o consentimento de Filemon não o faria (vers. 13, 14). Talvez era na providência de Deus que Onésimo partisse por pouco tempo, para voltar e ficar com o seu âmo para sempre, não como escravo, mas sim como irmão (vers. 15, 16). Paulo identifica-se com Onésimo; se êste devesse alguma coisa, o apóstolo pagá-la-ia. Mas Filemon deve recordar-se que está endividado com Paulo, num determinado sentido, pela sua salvação (v.19). Era a confiança de Paulo que Filemon obedeceria e faria ainda mais do que êle lhe pedia (v. 21). A epístola termina com as saudações usuais (vers. 22-25).

Dos versículos 16 e 21, podemos concluir seguramente que foi concedida a liberdade a Onésimo. Assim, foi resolvido o problema da escravidão, pelo menos, numa família, pela regeneração do indivíduo e a união em Cristo do âmo com o servo. Resumiremos o tema da epístola da seguinte maneira : o poder do Evangelho na solução dos problemas sociais.

QUANDO FOI ESCRITA. Foi enviada por Tíquico com as cartas aos colossenses e efésios.

CONTEÚDO.

I. Introdução : saudações. vers. 1-3.
II. Elogio de Filemon. vers. 4-7.

III. Intercessão por Onésimo. vers. 8-21.
IV. Conclusão : saudações. vers. 22-25.

O VALOR DA EPÍSTOLA.

1. O seu valor pessoal encontra-se no fato de proporcionar o conhecimento do caráter de Paulo, revelando o seu amor, humildade, cortesia, altruísmo e tato.

2. Seu valor providencial. Aprendemos aqui que Deus pode estar presente nas circunstâncias mais adversas. v. 15.

3. Seu valor prático. Somos animados a buscar e redimir o mais baixo e degradado. Onésimo não tinha nada que o recomendasse, porque era um escravo fugitivo, e pior ainda, um escravo da Frígia, uma região notória pelo vício e estupidez de seus habitantes. Mas Paulo ganhou-o para Cristo.

4. Seu valor social. A epístola demonstra a relação entre o cristianismo e a escravidão. Na época de Paulo, havia cêrca de seis milhões de escravos no império romano e a sua sorte, em geral, era a de miséria. Considerados como propriedades de seus âmos; estavam completamente à mercê dêles. Não tinham direitos legais. Pela ofensa mais mínima, podiam ser açoitados, mutilados, crucificados ou entregues às feras. Não lhes era permitido matrimônio permanente, mas sòmente uniões temporais que podiam ser rompidas segundo a vontade do âmo. Pode ser perguntado por que o cristianismo não procurou destruir êste sistema? Isto exigiria uma tremenda revolução — e a religião de Cristo reforma por seu amor e não pela fôrça. Ela ensina princípios que destroem e derrubam sistemas máus. Êste método de reforma é bem ilustrado pelo caso de Filemon e Onésimo. Âmo e escravo foram unidos no Espírito de Cristo e nesta união ficaram extintas tôdas as

distinções sociais. Gál. 3:28. Embora Paulo não tenha ordenado diretamente a Filemon a libertação de Onésimo, as palavras nos versículos 16 e 21 implicam em tal desêjo do apóstolo.

5. Seu valor espíritual. Proporciona-nos alguns símbolos notáveis da nossa salvação. Os seguintes acontecimentos sugerem ao estudante tais símbolos : Onésimo abandonando o seu âmo; Paulo encontrando-o; Paulo intercedendo em seu favor; a identificação de Paulo com o escravo; a sua oferta de pagar a dívida, a recepção de Onésimo por Filemon por conta de Paulo; a restauração do escravo ao favor de seu âmo.

CAPÍTULO XX

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

Tema. A epístola aos hebreus foi escrita, como indica o nome, particularmente aos judeus crentes, embora tenha um valor permanente e uma aplicação contínua para todos os crentes em tôdas as épocas. A leitura da epístola revelará o fato de que a maior parte dos hebreus cristãos, ao qual se dirige o autor, estava em perigo de afastar-se da fé. Comparado com a nação inteira, era um pequeno grupo de pouca importância, considerado pelos seus patrícios como traidores e objetos da sua suspeita e ódio. Sentiam a sua isolação, separados do resto da nação. Uma grande perseguição ameaçava-os. Oprimidos pelas tribulações presentes e pelo pensamento de adversidades futuras, cederam ao desânimo. Êles ficavam atrás no progresso espiritual (5:11-14); muitos estavam negligenciando o culto (10. 24, 25); muitos, cansados de andar pela fé, estavam olhando para o magnífico templo de Jerusalém, com os seus sacrifícios e ritos imponentes. Havia a tentação de abandonar o cristianismo e voltar ao judaísmo. Para impedir esta apostasia, foi escrita esta epístola, cujo propósito principal é mostrar a relação do sistema de Moisés com o cristianismo, e o caráter simbólico e transitorio do primeiro. O escritor, antes de tudo, expõe a superioridade de Jesus Cristo sôbre todos os mediadores do Velho Testamento e mostra a superioridade do Novo Pacto sôbre o Antigo, como a superioridade da substância sôbre a sombra, do antítipo sôbre o tipo e da realidade sôbre o símbolo. Êstes crentes estavam perplexos e desanimados pelas múltiplas tentações e pelo fato de terem que andar pela fé, no meio de adversidades, pela

mera Palavra de Deus, sem nenhum apôio e consôlo visíveis. O autor da epístola prova-lhes que os heróis do Velho Testamento passaram por experiências semelhantes, andando pela fé, confiando na palavra de Deus, apesar de tôdas as circunstâncias adversas e até enfrentando a morte (cap. 11). Assim, os crentes, como os seus antepassados, "hão de sofrer como vendo Aquêle que é invisível". O tema pode resumir-se da seguinte maneira : a religião de Jesus Cristo é superior ao judaísmo, porque tem um pacto melhor, um sumo sacerdote melhor, um sacrifício e um Tabernáculo melhores.

AUTOR. Não há outro livro do Novo Testamento cuja autoria seja mais disputada, nem cuja inspiração seja mais incontestável. O próprio livro é anônimo. Por causa da diferença de estilo, comparado com os outros escritos de Paulo, muitos eruditos ortodoxos negam que fôsse êle quem o escreveu. Tertuliano, no terceiro século, declarou que Barnabé foi o autor. Lutero sugeriu que fôsse Apolo. "Finalmente, podemos dizer que, apesar das dúvidas mencionadas, não é necessário termos escrúpulos em falar desta parte da Escritura como a Epístola de Paulo, o apóstolo dos Hebreus". Quer fôsse escrita por Barnabé, por Lucas, por Clemente ou por Apolo, ela representa as idéias e está impregnada pela influencia do grande apóstolo, cujos discípulos podem até ser chamados os maiores homens apostólicos. Por meio dos escritos dêles, não menos que pelos seus, próprios, Paulo, embora morto, ainda fala".

— Conybeare e Howson — "Vida e Epístolas de São Paulo".

PORQUE FOI ESCRITA. Para reprimir a apostasia dos judeus cristãos que tinham a intenção de voltar ao judaísmo.

ONDE FOI ESCRITA. Evidentemente na Itália. 13:24.

CONTEÚDO.

I. A Superioridade de Jesus aos Mediadores e Líderes do Velho Testamento (Caps. 1:1 a 8:6).

II. A Superioridade da Nova Aliança sôbre a Velha. Caps. 8:7 a 10:18.

III. Exortações e Admoestações. Caps. 10:19 a 13:25.

I. A SUPERIORIDADE DE JESUS AOS MEDIADORES E LÍDERES DO VELHO TESTAMENTO. Caps. 1:1 a 8:6.

1. Jesus é superior aos profetas porque:

a) Nos tempos passados as revelações de Deus aos profetas eram parciais, e eram dadas em diferentes tempos e de diversas maneiras. V. 1.

b) Mas nesta dispensação, Deus deu uma revelação perfeita por meio de Seu Filho. Vers. 2, 3.

2. Jesus é superior aos anjos (1:4-14), pelos seguintes motivos :

a) Nenhum anjo individualmente foi chamado Filho. V. 5.

b) O Filho é o objeto da adoração dos anjos. V. 6.

c) Enquanto os anjos servem, o Filho reina. Vers. 7-9.

d) O Filho não é uma criatura, mas sim é o Criador. Vers. 10-12.

e) A nenhum anjo foi prometida autoridade universal, sendo que êles devem servir. Vers. 13, 14.

3. Exortação em vista das declarações anteriores (2:1-4). Se a desobediência à palavra dos anjos trouxe castigo, que não será a perda se a salvação anunciada pelo Senhor fôr negligenciada?

4. Jesus foi exaltado sôbre os anjos. Por que foi feito menos do que êles? (2:5-18). Pelos seguintes motivos:

a) Para que a natureza humana pudesse ser glorificada e para que o homem pudesse tomar o seu lugar outorgado por Deus como governador do mundo vindouro. Vers. 5-8.

b) Para que pudesse cumprir o plano de Deus morrendo por todos os homens. V. 9.

c) Para que o Salvador e os salvos pudessem estar unidos. Vers. 11-15.

d) Para que pudesse cumprir tôdas as condições de um sacerdote fiel. 2:16-18.

5. Jesus é maior do que Moisés (3:1-6), porque:

a) Moisés era apenas uma parte da casa de Deus; Jesus é o Fundador da mesma. Vers. 2, 3.

b) Moisés era apenas um servo; Jesus é o Filho. Vers. 5, 6.

6. Exortação em vista destas declarações em Caps. 3:1-6 (3:7 a 4:5). O crente é membro duma casa espiritual presidida pelo Filho de Deus. Mas cuide de não perder o privilégio, como muitos israelitas perderam, de entrar em Canaã por causa da sua infidelidade e desobediência. Embora êsses israelitas experimentassem a salvação de Jeová junto ao Mar Vermelho, não entraram na Terra da Promissão. O pecado que o excluiu foi o de incredulidade — pecado, que, continuado, excluirá o crente judeu dos privilégios da sua herança.

7. Jesus é maior do que Josué. 4:6-13.

a) Josué conduziu os israelittas ao repouso de Canaã, que foi sòmente um símbolo do repouso espiritual ao qual Jesus conduz os fiéis, Vers. 6-10.

b) Exortação em vista desta declaração (vers. 11-13). "Procuraremos, pois, entrar naquêle repouso, afim de que nenhum de nós, imitando a desobediência

do antigo Israel, perca a segunda oportunidade. Porque a Palavra de Deus, na qual baseio o meu argumento, não é uma coisa do passado nem algo casual para nós; é ainda viva e cheia de energia; é mais afiada do que uma espada de dois gumes. Essa pode penetrar sòmente na carne, mas esta atinge a linha divisória entre a vida animal e o espírito imortal; penetra nos recônditos mais profundos da nossa natureza; analisa as próprias emoções e propósitos da parte mais íntima do coração. Não há, portanto, nenhuma coisa criada, que possa escapar o Seu conhecimento; tôdas as coisas apresentam-se nuas e patentes aos olhos d'Aquele a Quem temos que dar conta". Tradução do Dr. Way.

8. O sumo sacerdócio de Jesus. 4:14 a 5:10.

O fato do sacerdócio de Jesus (v. 14); os crentes hão de conservar a fé que possuem, porque não estão sem um fiel sacerdote, como seus irmãos não cristãos talvez queiram lhes sugerir. O seu sumo sacerdote, embora invisível, intercede sempre por êles.

b) As qualidades de Jesus como sacerdote:

1) Pode compadecer-se da fraqueza humana (4:14 a 5:1-3, 7-9), porque Êle mesmo, como os homens, sofreu a tentação e suportou o sofrimento, mas com esta diferença — não pecou.

2) Foi chamado por Deus como o foi Arão. 5:4-6, 10.

9. O autor interrompe o fio de seu pensamento, a fim de proferir uma palavra de repreensão, exortação, admoestação e animação :

a) Uma repreensão (5:11-14). Êle está discutindo um tema profundamente simbólico, concernente a Melquisedeque — mas teme que a falta de madureza espiritual dêles torne difícil a explicação.

b) Uma exortação (6:1-3). Êles devem passar do estado elementar da doutrina cristã a alcançar o conhecimento maduro. A expressão "princípios da dou-

trina de Cristo", pode ter referência às doutrinas fundamentais do cristianismo nas quais os convertidos eram instruídos antes do batismo.

c) Um aviso (6:6-8). O aviso contido nestes versículos dirige-se contra a apostasia, que é uma rejeição voluntária das verdades do Evangelho por aquêles que já tinham experimentado o seu poder. A verdadeira natureza do pecado mencionado nestes versículos, compreende-se melhor, ao lembrar-se a quem se dirigem e qual a relação especial entre a nação judaica e Cristo. Os judeus do tempo do autor dividem-se em duas classes com relação à sua atitude para com Cristo. 1) aquêles que O aceitaram como Filho de Deus e; 2) aquêles que O rejeitaram, considerando-o um impostor e blasfemo. O judeu cristão que deixasse o cristianismo e voltasse ao judaísmo, testificaria por êste ato que Cristo, segundo a sua opinião, não é o Filho de Deus, mas sim um falso profeta que merecia a crucificação, e assim ficaria ao lado daqueles que foram os responsáveis pela Sua morte. Antes da sua conversão, o mesmo judeu cristão participava, num certo sentido, da culpa da sua nação em crucificar Cristo. Abandoná-lO e voltar ao judaísmo, seria rejeitar o Filho de Deus pela segunda vez.

d) Um estímulo (vers. 9-20). Apesar dêste aviso, o autor tem confiança que os crentes não se afastarão da fé (v. 9). Eram sinceros no desempenho de boas obras (v. 10); deseja que mostrem a mesma sinceridade para alcançar a esperança da sua herança espiritual (v. 11). Nisto, hão de ser seguidores daquêles que por meio da fé e paciência alcançaram a realização da sua esperança — por exemplo : Abraão (vers. 12, 13). A esperança do cristão é segura, uma âncora para a alma, que o segura firmemente num pôrto celestial (vers. 19, 20). É uma esperança certa, porque é fundada em duas coisas imutáveis : a promessa e o juramento de Deus (vers. 13-18).

10. O sacerdócio de Cristo (simbolizado pelo de Melquisedeque) é superior ao de Arão. 7:1 a 8:6.

Melquisedeque é mencionado nesta conexão, como símbolo de Cristo. O autor usa um modo judaico de ilustração. Toma um fato espiritual, como êste, e demonstra o seu valor típico. Melquisedeque é um símbolo de Cristo nas seguintes maneiras :

a) Devido ao significado do seu nome "Rei de Paz". V. 2.

b) O seu sacerdócio não era hereditário. Exigia-se que os sacerdotes judaicos provassem a sua genealogia antes de serem admitidos ao ofício. Esdras 2: 61-63. Embora sendo sacerdote, não há um registro da genealogia de Melquisedeque e a isto refere-se a expressão "sem pai", "sem mãe" (v. 3). Nêste sentido, é um símbolo que não tinha uma genealogia sacerdotal. Heb. 7:14.

c) O fato de não haver registro de seu nascimento nem da sua morte, é característico da natureza eterna do sacerdócio de Cristo. A isto refere-se a expressão "que não tem princípio de dias nem fim de vida". V. 3.

11. O sacerdócio de Cristo, simbolizado por Melquisedeque, é superior ao de Arão, como é provado pelos seguintes fatos :

a) Leví, estando ainda, por assim dizer, nos lombos de Abraão, pagou os dízimos a Melquisedeque. 7:4-10.

b) A madureza espiritual não era atingível pelo sacerdócio de Arão e pela aliança da qual era mediador. Isto é testificado pelo fato de ter surgido uma outra ordem de sacerdócio — a ordem de Melquisedeque. Esta alteração de sacerdócio implica em uma alteração da Lei. A alteração foi efetuada por causa da incapacidade da Lei de Moisés em proporcionar madureza espiritual. (Comp. Rom. 8:1-4).

c) Contrário ao sacerdócio de Arão, o sacerdócio de Melquisedeque foi instituído com um juramento (V. 20-22). Um juramento de Deus, acompanhando qualquer declaração, é uma prova de imutabilidade.

d) O ministério dos sacerdotes da ordem de Arão terminava com a morte; mas Cristo, tem um sacerdócio eterno e imutável, porque Êle vive para sempre (vers. 23-25).

e) Os sacerdotes de Arão ofereciam sacrifícios cada dia; Cristo ofereceu um sacrifício eternamente eficaz. 7:26-28.

f) Os sacerdotes de Arão serviam num Tabernáculo que era sòmente o símbolo terrestre do tabernáculo no qual Cristo ministra. 8:1-5.

g) Cristo é o mediador duma aliança melhor. 8:6.

II. A SUPERIORIDADE DA NOVA ALIANÇA À ANTIGA. Caps. 8:7 a 10:18.

Esta superioridade manifesta-se das seguintes maneiras :

1. A Antiga Aliança era sòmente provisória (8:7-13). Êste fato é testificado pelas Escrituras do Antigo Testamento, as quais ensinam que Deus fará uma nova aliança com o Seu povo.

2. As ordenanças e o santuário da Antiga Aliança eram simplesmente tipos e sombras que não proporcionavam a união perfeita com Deus. 9:1-10.

3. Mas Cristo, o verdadeiro sacerdote do santuário celestial — por um sacrifício perfeito — a Sua própria Pessoa, proveu redenção eterna e a perfeita comunhão com Deus. Vers. 11-15.

4. A Nova Aliança foi selada com melhor sangue do que o dos bezerros e dos bodes — o sangue de Jesus Vers. 16-24.

5. O único sacrifício da Nova Aliança é melhor do que os muitos sacrifícios da Velha. 9:25 a 10:18.

III. EXORTAÇÕES E ADMOESTAÇÕES. Caps. 10:19 a 13:25.

1. Uma exortação à fidelidade e à constância em vista do fato de terem acesso seguro a Deus por meio de um fiel sumo sacerdote. 10:19-25.

2. Uma admoestação contra a apostasia (vers. 26-31 Comp. 6:4-8). Aquêles que abandonam a Cristo como o sacrifício pelos seus pecados, não devem pensar que possam encontrar um outro sacrifício no judaísmo. Reijeitá-lO, consciente e voluntàriamente, significa repelir o sacrifício que os protege contra a terrível indignação de Deus. Sugere um erudito, que se pode deduzir do versículo 29 as seguintes condições à readmissão às sinagogas, de judeus apóstatas do cristianismo : 1) — que negassem que Jesus fôsse o filho de Deus; 2) — que declarassem que Seu sangue fôra justamente derramado como o de um malfeitor;- 3) — que atribuíssem — como fizeram os fariseus — os dons do Espírito à operação de demônios.

3. Uma exortação à paciência em vista da recompensa prometida. Vers. 32-36.

4. Uma exortação a andar pela fé (10:37 a 12:1-4). Nesta seção o propósito do autor é demonstrar que nos séculos passados os amados por Deus foram os que andaram pela fé e que confiaram n'Êle apesar de tôdas as circunstâncias difíceis.

a) A fé recomendada. 10:37-39.

b) A fé descrita (11:1-3). A fé é aquilo que faz o crente confiar em que os objetos da sua esperança sejam reais e não imaginários. Manifesta-se, como mostra o caso dos santos no Antigo Testamento, por meio de uma obediência implícita e uma confiança em Deus, apesar das aparências e circunstâncias adversas.

c) A fé conquistando por meio de Deus (vers. 32-36).

d) A fé sofrendo por Deus. Vers. 37-40.

e) O exemplo supremo da fé — o Senhor Jesus, que deu o primeiro impulso à nossa fé e que a conduzirá à sua madureza final. 12:1-4.

5. Uma exortação à obediência escrupulosa por causa da sua vocação celestial (12:18-24), e por causa de seu Chefe celestial (vers. 25-29).

6. Exortações finais. 13:1-37.

a) A uma vida santificada (vers. 1-7).

b) A uma vida firme. (vers. 8, 9).

c) A uma vida separada (vers. 10-16. A tradução do Dr. Way esclarece os versículos 10-14 : "Tais restrições (v. 9), referentes às carnes puras e impuras, não se aplicam a nós; já temos um altar de sacrifício do qual nós participamos. Mas, aquêles que ainda aderem ao serviço do templo invalidado são desqualificados de participar dêle. Digo isto, porque, quando foi levado ao lugar Santíssimo, pelos sumos sacerdotes, o sangue das vítimas mortas como ofertas pelo pecado, no Dia da Expiação, os corpos dessas vítimas não podiam ser comidos pelos adoradores, como outros sacrifícios, mas foram queimados fora do arraial. Por êste motivo, Jesus sofreu fora da porta, para poder consagrar o povo de Deus, pelo Seu próprio sangue, simbolizando o fato de que aquêles que permanecem no judaísmo, não participam d'Êle. Nós, que O aceitamos, temos que ir ao Seu encôntro fora dos limites do judaísmo, e sofrer os insultos amontoados sôbre Êle. Não estaremos sem lar; temos uma cidade permanente, mas não aquí. Aspiramos àquela que está para vir".

d) Para a vida de submissão. v. 17.

7. Conclusão. Vers. 18-25.

CAPÍTULO XXI

EPÍSTOLAS GERAIS

Estas epístolas chamam-se gerais, porque são diferentes das Epístolas paulinas, não se dirigindo a nenhuma igreja em particular, mas sim aos crentes em geral. Duas delas (Segunda e Terceira João) dirigem-se a indivíduos particulares.

EPÍSTOLA DE TIAGO

Tema. A epístola de Tiago é o livro prático do Novo Testamento, como "Provérbios" o é do Antigo. De fato, tem uma semelhança notável com o livro ùltimamente mencionado, por causa das suas declarações francas e concisas de verdades morais. Contém muito poucas instruções doutrinárias; o seu propósito principal é pôr em relêvo o aspecto religioso da verdade. Tiago escreveu a uma certa classe de Judeus cristãos na qual se manifestava uma tendência de separar a fé das obras. Pretendiam ter a fé, mas existia entre êles impaciência sob provação, contendas, respeitos humanos, difamações e mundanismo. Tiago explica que u'a fé que não produz santidade de vida é coisa morta, meramente um consentimento a uma doutrina, que não vai além do intelecto. Salienta a necessidade de u'a fé viva e eficaz para obter a perfeição cristã, e refere-se ao simples Sermão da Montanha que exige verdadeiros atos de vida cristã.

"Há aquêles que falam da santidade e são hipócritas; aquêles que professem o amor perfeito, mas que não vivem em paz com os irmãos; aquêles que ostentam muita fraseologia religiosa, mas fracassam na filantropia prática. Esta epístola foi escrita para êles. Talvez

não lhes dê muito consôlo, mas deve ser-lhes muito útil. O misticismo que se contenta com sistemas e frases religiosas, mas negligencia o sacrifício real e o serviço devoto, encontrará aquí o seu antídoto. O antinomianismo que professa grande confiança na livre graça, mas que não reconhece a necessidade de uma vida pura correspondente, deve estudar a sabedoria prática da epístola. Os "quietistas" que se contentam em sentar-se e cantar para conseguir a felicidade eterna, devem ler esta epístola até sentirem a sua inspiração a fim de apresentarem ativamente as boas obras, todos aquêles que são fortes na teoria e fracos na prática, devem mergulhar no espírito de Tiago; e como há gente dêsse gênero em cada comunidade em tôdas as épocas, a mensagem da epístola nunca envelhecerá. D. A. Hayes.

Podemos resumir o tema da seguinte maneira; Cristianismo prático.

AUTOR. Há três pessoas com o nome Tiago, mencionadas no Novo Testamento : Tiago, o irmão de João (Mat. 10:2), Tiago, o filho de Alfeu (Mat. 10:3) e Tiago, o irmão do Senhor (Gál. 1:19). A tradição geral da Igreja identificou o autor da epístola com a pessoa últimamente mencionada. Êste Tiago era o dirigente da Igreja em Jerusalém e quem presidiu ao primeiro concílio. Atos 12:7; 15:13-29. O tom autorizado da epístola esta de acôrdo com a posição elevada do autor, na Igreja. Pela tradição sabemos alguns fatos concernentes a êle. Por causa da santidade de sua vida e aderência rígida à moralidade prática da Lei, era estimado pelos judeus da sua comunidade, pelos quais foi chamado "O Justo", e ganhou muitos dêles para Cristo.

Diz-se que os seus joelhos eram calejados como os de um camêlo, em consequência da sua constante intercessão em favor do povo. Josefo, o historiador judeu narra que Tiago foi apedrejado até a morte, por ordem do sumo sacerdote.

A QUEM FOI ESCRITA. Às doze tribos espalhadas no estrangeiro (1:1), isto é, os judeus cristãos na dispersão. O tom da epístola revela o fato de que foi escrita para os judeus.

PORQUE FOI ESCRITA. Pelas razões que se seguem :

1. Para consolar os judeus cristãos, que estavam passando por provas severas.

2. Para corrigir desordens em suas assembléias.

3. Para combater uma tendência de separar a fé das obras.

QUANDO FOI ESCRITA. Provàvelmente cêrca de 60 a. D., Acredita-se que foi a primeira epístola escrita à Igreja.

ONDE FOI ESCRITA. Provàvelmente em Jerusalém.

CONTEÚDO.

I. A Tentação como Prova da Fé. 1:1-21.
II. As Obras como Evidência da Verdadeira Fé : 1:22 a 2:26.
III. As Palavras e seu Poder. 3:1-12.
IV. Verdadeira e Falsa Sabedoria. 3:13 a 4:17.
V. Paciência sob a Opressão : a Paciência da Fé. 5:1-12.
VI. Oração. 5:13-20.

I. A TENTAÇÃO COMO PROVA DA FÉ. Cap. 1:1-21.

1. O propósito das tentações : aperfeiçoar o carater cristão (vers. 2-4). A palavra "tentação" usa-se aqui num sentido mais amplo, incluindo perseguições externas e solicitações internas ao mal. Tiago ensina aos lei-

tores como transformar a tentação em bênção, fazendo dela uma fonte de paciência e usando-a desta maneira, como o fogo que prova o ouro.

2. Uma qualidade que deve ser exercitada em suportar a tentação com êxito — a sabedoria. Esta sabedoria é um dom de Deus, mas é concedida sòmente sob a condição de uma fé firme. Vers. 5-8.

3. Uma fonte de prova e uma fonte de tentações — pobreza e riquezas (vers. 9-11). O pobre não há de sentir tristeza por causa da sua pobreza; o rico não se deve orgulhar, tão pouco, pela sua riqueza. Ambos hão de regozijar-se por sua vocação elevada.

4. A recompensa por suportar a prova e tentação — uma coroa de vida. V. 12.

5. A fonte de tentação interna para o mal (vers. 13-18). Embora Deus possa mandar aflições para experimentar os homens, não envia impulsos máus para tentá-los. "Quando os homens dizem como muitas vêzes disseram : que Deus criou os homens assim"; que "a carne é fraca", ou que "por um momento Deus os desamparou", que fizeram mal porque não podiam agir de outra maneira, ou que o homem não passa de um autômato, sendo os seus atos os resultados inevitáveis e, portanto, irresponsáveis, do meio ambiente — estão atribuindo a Deus a culpa dos seus atos... Tiago dá o verdadeiro sentido do mal. Êsse vem da concupiscência — o desêjo — que é para a alma, como meretriz tentadora que a tira do abrigo da inocência, a seduz e dá à luz o pecado cometido". Deão Farrar. Nunca Deus envia impulsos máus, mas é Êle quem nos dá o poder pelo qual somos elevados a uma nova e mais nobre vida (1:16-18).

6. A atitude que deve ser assumida em vista dos fatos anteriores — o contrôle da palavra e do temperamento, a pureza da conduta e uma atitude receptiva para com a Palavra de Deus (vers. 19-21).

II. AS OBRAS COMO EVIDÊNCIA DA VERDADEIRA FÉ. Caps. 1:22 a 2:26.

1. A verdadeira fé deve manifestar-se tanto em obedecer como em ouvir a Palavra de Deus (vers. 22 25).

2. A verdadeira fé deve manifestar-se na religião prática, cujas características são : domínio da língua, amor fraternal, e separação do mundo (vers. 26-27).

3. A verdadeira fé é demonstrada pela imparcialidade no trato com os pobres e os ricos (2:1-13). Cortesia para com os ricos combinada com descortesia para com os pobres é uma parcialidade que indica fraqueza da fé e que constitue uma violação da Lei.

4. A fé é provada pelas suas obras (2:14-26). Uma leitura superficial dêste trecho poderia dar a impressão que Tiago estivesse negando a doutrina de Paulo, da justificação pela fé. Martinho Lutero, nos seus primeiros dias, opôs-se fortemente a esta epístola, acreditando que contradizia absolutamente às doutrinas de Paulo. Mais tarde, no entanto, reconheceu o seu engano. Um estudo mais detalhado de seus escritos convencer-nos-á que Tiago e Paulo estão perfeitamente de acôrdo. Paulo crê nas obras da piedade tanto quanto Tiago (vide II Cor. 9:8; Efés. 2:10; I Tim. 6:17-19; Tit. 3:8). Tiago crê na fé salvadora tanto quanto Paulo (vide Tiago 1:3, 4, 6; 2:5). A contradição aparente a que acabamos de nos referir, explica-se pelo fato de ambos os autores usarem as palavras "fé", "obras" e "justificação", mas com diferentes significados para êstes têrmos. Por exemplo :

a) A fé que Tiago tem em vista é o mero consentimento intelectual para com a verdade, que não conduz à justiça prática — tal como a fé dos demônios ao crerem em Deus (2:19). "De que aproveita, meus irmãos, se um homem professa ter fé e os seus atos não

correspondem? Poderá tal fé salvá-lo?" (v. 14, tradução de Weymouth). A fé que Paulo tem em vista é um poder intelectual, moral e espiritual que coloca a pessoa em união vital e consciente com Deus.

b) As obras que Paulo tem em vista, são as obras mortas do legalismo, executadas simplesmente por um senso de dever e compulsão, e não pelo puro amor de Deus. As obras que Tiago tem em mente, são os frutos do amor de Deus disseminados no coração pelo Espírito Santo.

c) A justificação mencionada por Paulo, é o ato inicial pelo qual Deus pronuncia a sentença de absolvição para o pecador e lhe imputa a justiça de Cristo A justificação da qual fala Tiago é a santidade contínua da vida que prova que o crente é um verdadeiro filho de Deus.

d) Paulo tem em mente a base da salvação, Tiago o fruto; Paulo está falando do princípio da vida cristã, Tiago de sua continuação. Paulo está condenando as obras mortas, Tiago a fé morta; Paulo destrói a confiança vã do legalismo, Tiago a confiança vã de quem meramente professa o cristianismo.

III. AS PALAVRAS E SEU PODER. 3:1-12.

1. Uma advertência contra o hábito de precipitadamente assumir a posição de mestre, em vista da grande responsabilidade desta vocação e dos perigos de ofender por meio da palavra falada, a qual é o meio de instrução usado pelo mestre (vers. 1, 2).

2. O poder da língua (vers. 3-5), que é comparado com o freio do cavalo, um leme e um fogo.

3. O mal da língua (vers. 6-12). "Sim, a língua — êsse mundo de injustiça — é um fogo. Inflama o curso da vida e é sempre inflamada pelo fogo do inferno. É a única "criatura" que não pode ser domada, um mal que não cessa, cheia de veneno mortal. Com ela lou-

vamos o Senhor e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens que são criados à semelhança de Deus. Não é esta contradição monstruosa? Não é como uma fonte que dá água ao mesmo tempo doce e amarga? Pode uma árvore produzir frutos que não são seus? Pode o sal de uma língua que amaldiçoa produzir a água doce do louvor?"

IV. SABEDORIA VERDADEIRA E FALSA. Caps. 3:13 a 4:17.

1. As manifestações da verdadeira sabedoria. 3:13, 17, 18.
2. As manifestações da falsa sabedoria. 3:15; 4:1-17.

V. PACIÊNCIA SOB A OPRESSÃO : A PACIÊNCIA DA FÉ. Cap. 5:1-12.

1. Concernente aos opressores e oprimidos, (vers. 1-6). Tiago fala de uma condição que prevalecerá nos últimos dias (v. 4); da opressão da classe de trabalhadores pelos ricos, que acabará à vinda do Senhor. O julgamento dos ricos ímpios à destruição de Jerusalém é uma fraca ilustração da sua sorte nos últimos dias. Escreve o Deão Farrar : "e se estas palavras de Tiago foram dirigidas aos judeus e aos cristãos, cêrca de 61 a. D., com que rapidez se cumpriram as suas admoestações, e com que terror desceu tão cedo a condenação retribuidora sôbre êstes tiranos ricos e luxuosos! Poucos anos depois, Vespasiano invadiu a Judéia. Certamente era necessário chorar e lamentar, quando, no meio dos horrores causados pela investida rápida dos exércitos romanos; o ouro e a prata dos ricos opressores não serviam para comprar pão e êles tinham que abandonar as roupas finas, cujo uso teria sido perigoso e daria ocasião a zombarias. Os adoradores da última Páscoa foram as vítimas. Os ricos foram escolhidos para a

pior fúria dos zelotes, e a sua riqueza foi destruída nas chamas da cidade conflagrada. Inúteis eram os seus tesouros nestes últimos dias, quando se ouviu às suas portas o estrondo das intimações do Juiz! Em todos os seus ricos banquetes e orgias êles tão sòmente se engordaram quais oferendas humanas para o dia da matança".

2. Acêrca do Vingador (vers. 7-12). Com relação à condição descrita nos versículos 1-6, os filhos de Deus têm que ser pacientes, esperando a vinda do Vingador e Juiz, tomando Jó e os profetas como exemplos de paciência.

VI. ORAÇÃO. 5:13-20.

1. Oração na aflição. V. 13.
2. Oração pelos enfêrmos. Vers. 14-16.
3. A eficácia da oração. Vers. 17, 18.

4. Nosso dever para com um irmão desviado (vers. 18-20). Assim, chegamos à conclusão tanto pelo contexto, como pelo significado da própria palavra, que Tiago e Pedro (1 Pedro 4:8) se referem a um ministério de restauração que faz voltar aos caminhos do Senhor um irmão desviado. Tal ministério causará o arrependimento e a confissão dos pecados, o conduzirá ao perdão, mesmo que êstes pecados sejam uma "multidão". Está escrito que "Se confessarmos os nossos pecados, Êle é fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de tôda a injustiça". Assim, por èsse ministério, ao qual somos convocados pelo último verso de Tiago, podemos ser, não sòmente o meio de salvação de uma alma preciosa que ainda poderá ser útil no mundo, como também poderemos ser instrumentos para remover os seus pecados que de outra maneira, como malfeitor enfrentaria perante o tribunal de Cristo".

CAPÍTULO XXII

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

Tema. Nesta epístola oferece-se uma ilustração esplêndida de como Pedro cumpriu a missão que lhe foi dada pelo Senhor — "E tu, quando te converteres. fortalece teus irmãos". Lucas 22:32. Purificado e confirmado por meio do sofrimento e amadurecido pela experiência, podia pronunciar palavras de encorajamento a grupos de cristãos que estavam passando por duras provas. Muitas das lições que êle aprendeu do Senhor, êle fêz saber aos seus leitores (comp. I Pedro 1: 10 com Mat. 13:17; I Ped. 5:2 e João 21:15-17; I Ped. 5:8 com Luc. 22:31). O vers. 12 do último capítulo sugerirá o tema da epístola — a graça de Deus. Aquêles a quem se dirigia estavam passando por tempos de prova. Assim os anima demonstrando-lhes que tudo quanto era necessário para ter fôrça, caráter e coragem havia sido provido na graça de Deus. Deus é o "Deus de tôda graça" (5:10), cuja mensagem ao Seu povo é : "A minha graça é suficiente". O tema de Primeira a Pedro pode ser resumido da seguinte maneira : a suficiência da graça divina e a sua aplicação prática com relação à vida cristã e para suportar a prova e o sofrimento.

PORQUE FOI ESCRITA. Para animar os fiéis a estarem firmes durante o sofrimento e a exortá-los à santidade.

QUANDO FOI ESCRITA. Provàvelmente em 60 a. D.

ONDE FOI ESCRITA. Em Babilônia. 5:13.

CONTEÚDO.

I. Regozijo no Sofrimento por causa da Salvação. 1:1-12.

II. Sofrendo por causa da Justiça. 1:13 a 3.22.
III. Sofrendo com Cristo. Cap. 4.
IV. Exortações Finais. Cap. 5.

I. REGOZIJO NO SOFRIMENTO POR CAUSA DA SALVAÇÃO. 1:1-12.

1. A fonte da nossa salvação (v. 2).

a) O Pai é Quem escolhe.
b) O Espírito é quem santifica.
c) O Filho com cujo sangue somos aspergidos

2. O resultado da salvação : o novo nascimento. V. 3.

3. A consumação da salvação : a aquisição da herança celestial que está reservada ao crente, enquanto êle mesmo está guardado pelo poder de Deus. Vers. 4, 5.

4. O gôzo da salvação (vers. 6-8). Até no meio de provas e tentações que apenas devem provar a fé, os fiéis podem regozijar-se no seu invisível Senhor, com gôzo indizível e cheio de glória.

5. O ministério da salvação. Vers. 9-12.

a) Os profetas que predisseram os sofrimentos e a glória de Cristo, não compreenderam totalmente as suas próprias profecias. Em resposta às suas perguntas, foi-lhes revelado que a salvação que estavam profetizando não era para êles mas sim para aquêles que viveriam em outra dispensação.

b) Os anjos que nunca pecaram, desejam perscrutar o gôzo inexplicável daqueles que foram redimidos por Cristo.

II. SOFRENDO POR CAUSA DA JUSTIÇA. Caps. 1:13 a 3:22.

Nesta seção anotaremos as seguintes exortações :

1. À santidade (1:13-21). Com mente alerta e sóbria, os fiéis hão de separar-se de seus antigos hábitos

de vida, vivendo uma vida de santidade esperando a vinda do Senhor.

2. A um amor intenso e sincero para com os irmãos (1:22-25). Êste amor seguir-se-á como resultado natural da purificação da alma pelo Espírito Santo, e do novo nascimento.

3. A um desenvolvimento espiritual (2:1, 2). Como uma criança recém-nascida instintivamente deseja alimentar-se com leite, assim os regenerados devem ter um desêjo ardente pelo ensino não adulterado da Palavra de Deus, a doçura da qual já têm experimentado.

4. A aproximar-se de Cristo, a pedra fundamental do grande templo espiritual, do qual são pedras vivas (2:3-10). Os crentes no seu conjunto formam um grande templo (Efésios 2:20-22), do qual êles mesmos são o sacerdócio e onde oferecem sacrifícios espirituais (Comp. Heb. 13:10, 15). A relação que Israel, como povo terrestre, tinha com Deus, êles — os gentios como povo terrestre, têm com Êle, porque são um povo escolhido, uma nação santa, o tesouro peculiar de Deus (v. 9) comp. Deut. 7:6).

5. A viver uma vida irrepreensível, para desarmar o preconceito e a inimizade dos pagãos que os cercam. 2:11, 12.

6. À Submissão.

a) A submissão de todos os cristãos ao govêrno (2:13-17). "Era uma lição tão necessária para os cristãos dêsse tempo, que Pedro a ensinou tão energicamente quanto o próprio Paulo. Era necessário, mais do que nunca, numa época em que revoluções perigosas se concentravam na Judéia e quando o coração dos judeus no mundo inteiro ardia em forte chama de ódio contra as abominações da idolátria tirânica, quando, os cristãos foram acusados de revolucionar o mundo; quando qualquer um pobre escravo cristão, submetido ao mar-

tírio ou tortura, fàcilmente podia aliviar a tensão da sua alma, fazendo denúncias apocalípticas de condenação repentina contra os crimes da mística babilônia; quando os pagãos, em seu desprêzo impaciente, arbitràriamente podiam interpretar uma profecia da conflagação final, como se fôsse uma ameaça revolucionária e incendiária, e quando em Roma os cristãos já estavam sofrendo por esta razão as agonias de perseguição de Nero". Farrar.

b) Submissão dos servos aos seus senhores (2:18-25). Os servos hão de ser obedientes até a seus senhores injustos e duros. Depois de terem sofrido em silêncio a injustiça, estarão glorificando a Deus, e serão verdadeiros seguidores do Cristo, que não Se defendeu mas entregou a Sua causa a Deus o justo Juiz.

c) A submissão das mulheres a seus esposos (3:1-7). As mulheres cristãs, fàcilmente podiam considerar os seus esposos pagãos como inferiores a elas. Em lugar disso, hão de obedecer a seus esposos; se êstes não aceitam a Palavra escrita, nem crêem no testemunho falado, podem ser ganhos pelo testemunho silencioso e efetivo de uma vida santa. Ao proceder assim, as mulheres cristãs estarão seguindo o exemplo das mulheres santas da antigüidade.

7. Ao amor fraternal. Vers. 8-12.

8. Ao suportar o mal com paciência (Vers. 13-16). Se estão fazendo boas obras, não têm nada que temer (v. 13). Assim, se sofrerem inocentemente hão de recordar que se promete uma bênção àqueles que sofrem por causa da justiça. (V. 14, comp. Mat. 5:11, 12). A santidade interna do coração e prontidão exterior para defender a sua fé no espírito de brandura, juntamente com uma boa consciência, finalmente induzirão os pagãos a envergonhar-se de suas falsas acusações (vers 15,. 16). Na questão de sofrer injustamente, o crente fiel tem o exemplo de Cristo, o qual como o Único sem

pecado, sofreu pelos injustos. Mas os Seus sofrimentos foram seguidos pelo triunfo e a glorificação; em triunfo, porque Êle proclamou a Sua vitória no Hades; em glorificação porque está agora sentado à dextra de Deus (vers. 18-20). Da mesma maneira, os sofrimentos dos cristãos serão seguidos pela glória.

III. SOFRENDO COM CRISTO. Cap. 4.

1. Morte ao pecado (4:1-6). Como Cristo morreu para a vida terrestre e Se levantou de novo para uma vida celeste, assim os cristãos hão de considerar-se mortos à vida anterior de pecados, e vivos para uma vida nova de santidade (vers. 1-3, comp. Rom. 6). Os pagãos admiram-se de sua maneira de viver e falam mal dêles. Mas, finalmente, o bem triunfará quando o Senhor julgar os vivos e os mortos (vers. 4-6).

3. O glorioso privilégio de sofrer com Cristo (vers. 12-19). Os cristãos não hão de estar surpreendidos pelo processo de Deus provar e purificá-los pelo sofrimento, mas hão de regozijar-se pelo fato de poderem participar dos sofrimentos de Cristo (vers. 12, 13). Suportar o opróbio de Cristo é um sinal da graça espiritual que há nêles, mas sofrer como malfeitor é um sinal de desonra (v. 15). Os cristãos devem esperar o sofrimento, porque o juízo deve começar pela casa de Deus — deve haver um tempo de purificação para a Igreja. Assim, todos que sofrem devem confiar naquêle que é fiel (vers. 17-19).

IV. EXORTAÇÕES FINAIS. Cap. 5.

1. Aos pastores. Cap. 5:1-4.
2. Aos moços. Vers. 5, 6.
3. À Igreja em geral. Vers. 6-11.
4. Saudações. Vers. 12-14.

SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO

Tema. A Primeira Epístola de Pedro trata de um perigo fora da Igreja — das perseguições; a Segunda de Pedro, de um dentro da mesma — a falsa doutrina. A primeira foi escrita para animar, a segunda para advertir. Na primeira, vê-se Pedro cumprindo a sua missão de fortalecer os irmãos (Luc. 22:32); na segunda, cumprindo a sua missão de pastorear as ovelhas, protegendo-as dos perigos ocultos e insidiosos, para que andem nos caminhos da justiça. João 21:15-17. Na segunda epístola, o autor dá uma viva descrição dos falsos mestres que ameaçam a fé da Igreja, e como um antídoto à vida pecaminosa dêles, exorta os cristãos a servirem-se de todos os meios para crescer na graça e no conhecimento experimental de Jesus Cristo. O tema pode se resumir da seguinte maneira : um conhecimento completo de Cristo é uma fortaleza contra a falsa doutrina e uma vida impura.

PORQUE FOI ESCRITA. Para dar uma ilustração profética, da apostasia dos últimos dias, e para exortar os cristãos àquela preparação do coração e da vida que ùnicamente pode habilitá-los a enfrentar os seus perigos.

QUANDO FOI ESCRITA. Provavelmente em 66 a. D.

CONTEÚDO.

I. Exortação a crescer na Graça e no conhecimento Divino. Cap. 1.
II. Advertência contra os Falsos Mestres. Cap. 2.
III. Promessa da Vinda do Senhor. Cap. 3.

I. EXORTAÇÃO A CRESCER NA GRAÇA E NO CONHECIMENTO DIVINO. Cap. 1.

1. Saudação (vers. 1, 2). A graça e paz que Pedro pede para os santos, devem levar ao conhecimento experimental de Deus e de Cristo.

2. A base da sabedoria salvadora — as promessas de Deus. Vers. 3, 4.

3. O crescimento no conhecimento experimental (vers. 5-11). Não há uma parada na experiência cristã; haverá ou progresso ou retrocesso. O fiel tem um fundamento, a fé; mas sempre deve estar edificando sôbre êste fundamento uma "super-estrutura" de caráter e virtude cristãos.
Notem :

a) O resultado dêste "acrescimo" espiritual (v. 5) : frutificação no conhecimento experimental das coisas divinas e aquisição de uma entrada no reino do Senhor Jesus, amplamente suprida (vers. 8, 10, 11).

b) O resultado da negligência do crescimento espiritual — cegueira espiritual e apostasia (v. 8).

4. As fontes do conhecimento salvador :

a) O testemunho dos apóstolos que eram testemunhas oculares da glória de Cristo (Vers. 12-18).

b) O testemunho dos profetas (vers. 19-31). "Além disso, o apóstolo apela para a inspiração dos profetas na confirmação da sua doutrina. Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida pela vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus, falaram inspirados pelo Espírito Santo. Êle reconheceu como verdade primordial, que a profecia não é originada do próprio profeta, nem tão pouco se limita aos tempos do profeta. A profecia foi dada a êle, como foi dada a nós. Pedro e os seus companheiros não seguiram

fábulas artificialmente compostas; foram guiados nas suas declarações proféticas pelo Espírito Santo".

II. ADVERTÊNCIA CONTRA OS FALSOS MESTRES. cap. 2.

1. A conduta dos falsos mestres (vers. 1-3). Êles introduzem, furtiva e artificialmente, heresias fatais, negando até o próprio Senhor. Cobrindo os seus verdadeiros motivos com argumentos plausíveis, desviarão muitos do caminho.

2. A condenação certa dêstes falsos mestres mostra-se nos exemplos antigos de retribuição. Vers. 4-9

3. O caráter dêstes falsos mestres (vers. 10-22). O apóstolo provàvelmente tem em vista o surgimento futuro das seitas gnósticas, que combinavam uma moral corrompida com uma vida contaminada. As seguintes seitas surgiram no segundo século : os ofiólatras, que adoravam a serpente do Jardim do Eden como o seu benfeitor; os Cainitas, que exaltavam como heróis, alguns dos personagens mais vís do Antigo Testamento; os Carpôcratas que ensinavam a imoralidade; os Antítactos que consideravam a violação dos Dez Mandamentos como um dever para com o Deus supremo, pela razão de terem sido êles promulgados por um ímpio anjo mediador.

III. PROMESSA DA VINDA DO SENHOR. Cap. 3.

1. Zombadores e a promessa da segunda vinda (vers. 1-4). "Um ceticismo presunçoso e uma concupiscência desordenada pondo a natureza e suas chamadas leis, acima do Deus da natureza e a revelação, e concluindo pela continuidade dos fenômenos naturais no passado que os mesmos não poderão ser interrompidos no futuro, foi o pecado dos Antediluvianos (aquêles que viviam antes do dilúvio) e será o pecado dos zombadores nos últimos dias".

a) Êles obstinadamente fecham os seus olhos perante o relato das Escrituras, da Criação e do Dilúvio, êste último é o próprio paralelo para o juizo vindouro do fogo... "Tôdas as coisas continuam como estavam, desde o princípio da criação". Antes do dilúvio, a mesma objeção com a mesma plausibilidade poderia ter sido apresentada contra a possibilidade dêsse dilúvio. Os céus e a terra, sempre existiram. Tão pouco provável que não continuassem da mesma maneira! Mas, responde Pedro, o dilúvio veio a despeito dêsse raciocínio; da mesma maneira, virá a conflagração final da terra, a despeito dos zombadores dos últimos dias".

b) A demora de Deus deve-se à Sua misericórdia.

3. A certeza, a presteza e os efeitos da vinda do Senhor (vers. 10-13). O "dia do Senhor", aqui mencionado, refere-se a uma série completa de acontecimentos começando com o advento premilenial e terminando com a destruição dos ímpios, a conflagração final e o juízo geral. "Como o Dilúvio foi o batismo da terra, resultando em uma terra renovada, parcialmente liberta da maldição, assim o batismo pelo fogo purificará a terra para que seja a morada renovada do homem regenerado e inteiramente libertado da maldição.

4. Exortações finais :

a) A viver sem culpa à luz da sua grande esperança. V. 14.

b) A lembrar que o motivo da demora do Senhor é dar aos homens uma oportunidade de se arrependerem (v. 15). Paulo mesmo escreveu a respeito do segundo advento. Muitos que são inconstantes na fé e movidos por tôda a dificuldade aparente, precipitadamente interpretam mal os textos difíceis das suas Escrituras, em vez de esperar que Deus, pelo Seu Espírito, os esclareça. (V. 16).

c) A guardar-se de se desviar do caminho pela falsa doutrina (v. 17).

d) A crescer na graça (V. 18).

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO

Tema. O Evangelho de João expõe os atos e palavras que provam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus; a Primeira Epístola de João expõe os atos e palavras que são obrigatórias àqueles que crêem nesta verdade. O Evangelho trata dos fundamentos da fé cristã, a Epístola, dos fundamentos da vida cristã. O Evangelho foi escrito para dar um fundamento de fé; a Epístola para dar um fundamento de segurança. O Evangelho nos conduz ao limiar do Pai, a Epístola, familiariza-nos com a Sua casa. A Epístola é uma carta afetuosa de um pai espiritual a seus filhos na fé, na qual êle os exorta a cultivar essa piedade prática que produz a união perfeita com Deus, e a evitar esta forma de religião em que a vida não corresponde à profissão. Para alcançar o seu propósito, o apóstolo estabelece certas regras, pelas quais pode ser provada a verdadeira espiritualidade — regras que formam a linha rígida de demarcação entre aquêles que apenas professam que andam em amor e santidade, e aquêles que verdadeiramente o fazem. Embora João fale de uma maneira clara e severa, ao tratar da doutrina errônea e da vida incompatível, o seu tom, contudo, em geral é afetuoso e mostra que êle merece o título de "apóstolo do amor". A freqüente repetição da palavra "amor" e a expressão "filhinhos meus", faz com que a sua epístola tenha uma atmosfera de ternura. Aqui cabe bem a seguinte história concernente a João. Quando o apóstolo chegou a uma idade muito avançada e sòmente com dificuldade podia ser transportado à Igreja, nos braços dos seus discípulos, e estava fraco demais para poder proferir exortações extensas, nas reuniões dizia apenas : "Filhinhos, amai-vos uns aos outros!"

Os discípulos e pais, cansados desta constante repetição das mesmas palavras, disseram : "Mestre, por que estás sempre repetindo isto?" Êle respondeu: "É o mandamento do Senhor e se fôr feito apenas isto, será o suficiente".

Resumiremos o tema da seguinte maneira : os fundamentos da segurança cristã e da comunhão com o Pai.

PORQUE FOI ESCRITA. Foi escrita com os seguintes própositos, declarados na própria epístola :

1. Que os filhos de Deus tenham comunhão com o Pai e o Filho, e uns com os outros (1:3).

2. Para que os filhos de Deus possam ter plenitude de gôzo (1:4).

3. Para que não pequem (2:1).

4. Para que reconheçam o fundamento da vida eterna (5:13).

QUANDO FOI ESCRITA. Provàvelmente cêrca de 90 a. D.

ONDE FOI ESCRITA. Provàvelmente em Éfeso, onde João vivia e ministrava depois de sair de Jerusalém.

CONTEÚDO.

I. Introdução. 1:1-4.
II. Comunhão com Deus. 1:5 a 2:28.
III. Filiação Divina. 2:29 a 3:24.
IV. O Espírito da Verdade e o Espírito do Êrro. 4:1-6.
V. Deus é Amor. 4:7-21.
VI. A Fé. 5:1-12.
VII. Conclusão : Confiança cristã. 5:13-21.

Nota : As citações dêste estudo de João são do comentário de Pakenham-Walsh sôbre Primeira a João (McMilan Co, New York).

I. INTRODUÇÃO (Cap. 1:1-4).

1. A substância do Evangelho : a divindade, a encarnação de Cristo. V. 1.

2. A garantia do Evangelho.

a) A experiência do apóstolo (v. 1). Êles estiveram em contato pessoal com o Verbo da vida.

b) O testemunho apostólico. V. 2.

3. O propósito de pregar o Evangelho. V. 3.

a) Para que os crentes possam ter comunhão com os apóstolos e com todos os cristãos.

b) Para que os crentes possam participar de tôdas as bênçãos e privilégios que os apóstolos obtiveram da sua comunhão com o Pai.

c) O resultado do Evangelho : a plenitude de gôzo que vem da comunhão perfeita com Deus. V. 4.

II. COMUNHÃO COM DEUS. Caps. 1:5 a 2:28.

O apóstolo dá as seguintes provas de comunhão com Deus :

1. Andando na luz (1:5-7). "Havia mestres falsos nos dias de João, que tentavam levar os cristãos a deixarem a Igreja e se unirem a um grupo hereje. Entre outras coisas, ensinavam que se a mente de um homem estivesse iluminada pelo conhecimento celestial, a sua conduta seria indiferente; êle poderia cometer todos os pecados à vontade. João disse que esta doutrina destruiria tôda santidade e a verdade e era completamente oposta ao cristianismo. Nesta seção torna muito claro que, longe de ser certo que tôda a conduta seja igual para o homem iluminado, o caráter da sua conduta demonstra se está iluminado ou não". Deus é a luz, quer dizer, Êle é a fonte da verdade pura, da san-

tidade pura e da inteligência pura. Quem voluntàriamente anda na escuridão do pecado, mente em dizer que tem comunhão com êste Ser.

2. Conhecimento e confissão de pecado (1:8 a 2:1). Arrogar a si uma perfeição absoluta ou, por outro lado, negar ser pecado a prática de certos atos corporais (como fizeram os **Antinômios**), significa uma ilusão pela qual o homem se engana a si mesmo e acusa de mentira a revelação de Deus. É a vontade de Deus que não pequemos. Quando a luz de Deus revelar em nós o pecado, devemos confessá-lo e obter a purificação que o sangue de Jesus e a Sua intercessão em nosso favor tornam possível.

3. Obediência aos mandamentos de Deus em imitação de Cristo (2:2-6). "Os mestres falsos declaravam que o conhecimento era o mais importante de tôdas as coisas; se um homem estivesse iluminado por aquilo que êles "consideravam conhecimento de amor", a sua conduta não teria importância. João deseja demonstrar que tal conhecimento é um engano e que todo verdadeiro conhecimento de Deus resultará em santidade devida, sendo sem esta uma coisa morta e inútil. Assim sendo, êle ordena aos homens que dêem provas do seu conhecimento de Deus. Para saberem de certo se têm ou não o conhecimento de Deus, a prova é simples — guardam êles os mandamentos de Deus?"

4. Amor para com os irmãos (2:7-11). João está escrevendo um mandamento antigo e novo; antigo, porque êles o ouviram quando se tornaram cristãos; novo, porque é recente e vivo para aquêles que têm comunhão com Cristo, a verdadeira Luz que agora os ilumina.

5. Afastamento do mudanismo (vers. 12-17). Um cristão não pode amar ao mesmo tempo a Deus e ao mundo — o mundo desordenado pelo domínio desenfreado das fôrças pecaminosas e acorrentado pela escravidão da corrupção.

6. Doutrina pura (2:18-28). Os crentes ouviram falar do *Anti-cristo* que virá ao fim desta, a última época. Mas o seu espírito está no mundo presente na pessoa de certos mestres falsos que negam a divindade e a missão Messiânica de Cristo. O cristão não deve ser desviado de seu caminho pelos argumentos sutis e aparentemente certos daqueles errados, porque o Espírito os conduzirá a tôda verdade. "Há aquí, uma alusão clara a um mestre falso, Cerinto, que negava que Jesus fôsse o Cristo e declarava que o homem Jesus e o "aeon" ou espírito, Cristo, eram sêres distintos. Ensinava que Jesus era um homem comum, até ao momento do seu batismo, quando êste "aeon" desceu sôbre Êle, tendo-lhe dado o poder de fazer milagres e revelando-Lhe o Pai, até então desconhecido. Êste "aeon", sendo incapaz de sofrer, deixou Jesus antes da Sua paixão. Assim, as duas verdades centrais da encarnação e a expiação foram negadas pela sua doutrina. Êstes falsos mestres continuamente diziam aos cristãos : "Vós precisais de muita instrução; seguí-nos e conduzir-vos-emos às profundidades da fé cristã. Conhecendo os mistérios ocultos, podemos ensinar a vós que necessitais do ensino". João lembra aos cristãos a unção que êles receberam do divino Mestre, o Espírito Santo e a Sua presença no meio dêles... Tendo o Espírito Santo, não necessitavam de nenhum outro mestre e mesmo na presença arrogantes mestres do êrro podiam, sem temer, afirmar que possuíam esta unção. Não quer dizer que êles não necessitam de nenhum mestre, nem da instrução dos lábios de um apóstolo, ou mestre na Igreja. (Comp. Efés. 4:11; Heb. 5:12).

III. FILIAÇAO DIVINA. Caps. 2:29 a 3:24.

João deu as seguintes provas da filiação divina :

1. Andar retamente (2:29 a 3:10). O cristão deve mostrar um antagonismo absoluto ao pecado por causa dos seguintes fatos :

a) a sua filiação divina e a esperança de chegar a ser como Jesus. 2:29 a 3:1-3.

b) o pecado é anarquia (transgressão da lei) — em suma, rebelião contra Deus. 3:4.

c) por causa do caráter de Cristo e a Sua obra expiatória por nós (vers. 5-7). Enquanto permanecermos em Cristo, não pecaremos; enquanto pecarmos, não permaneceremos em Cristo.

d) por causa da origem diabólica do pecado. V. 8.

e) por causa da qualidade divina da vida cristã. V. 9.

f) por causa de depender das nossas ações a prova final, se somos filhos de Deus ou filhos do diabo. V. 10.

2. Amor para com os irmãos. 3:11-18.

a) O mandamento. V. 11.
b) O aviso. V. 12.
c) A consolação. Vers. 13-15.
d) O modêlo. V. 16.
e) A ilustração prática. Vers. 17, 18. "Atos falam mais alto do que palavras".

3. Segurança. 3:19-24.

a) A base da segurança. V. 19. A prática do amor inspirado por Deus para com os irmãos, e não sòmente os nossos instáveis sentimentos, é a prova da realidade da nossa fé e da nossa união com Cristo.

b) Os resultados da segurança. Vers. 20-24.

IV. O ESPÍRITO DA VERDADE E O ESPÍRITO DO ÊRRO. Cap. 4:1-6.

O pensamento do Espírito habitando em nós (3:24), leva João a tratar — em parêntese — de outros espíritos — os espíritos falsos e máus, e de como os cristãos podem distinguí-los.

1. O apêlo (v. 1). Não importa quão eloqüente seja um profeta e quantos dons possua; a sua doutrina deve ser provada.

2. A prova (v. 2) — a confissão da encarnação de Cristo. Tudo isto se relaciona com os nossos próprios dias, quando se fala tanto em espiritismo, teosofia e as comunicações dos homens com os espíritos e no mundo espiritual... A prova de João pode-se aplicar tão segura e certamente, hoje, como sempre. Há UM "médium" de comunicação espiritual entre o mundo invisível e o visível, entre o céu e a terra, e êste é **Jesus Cristo vindo na carne.** Todos os verdadeiros espíritos unem-se a Êle. Todos aquêles que não são fiéis, O negarão, criando "médiuns" independentes — sejam vestidos em corpos humanos ou não — criando um intercâmbio entre o céu e a terra".

3. O conflito (v. 4). Evidentemente, tinha havido um conflito entre os cristãos e os falsos mestres, mas a Igreja aderiu à verdade. Sua vitória é a nossa vitória hoje.

4. O contraste (vers. 5, 6). Aquêles que estão possuídos pelo Espírito de Deus, atraem discípulos semelhantes a si mesmos, homens sinceros, cheios do Espírito, e praticando a justiça; os outros também atraem discípulos semelhantes a si mesmos, homens mundanos cujas vidas são más.

V. DEUS É AMOR. Cap. 4:7-21.

1. A chamada ao amor. V. 7.

2. A razão para o amor : "Deus é amor". V. 8.

3. A prova do amor divino : o sacrifício de Deus. Vers. 9, 10.

4. A exigência do amor: o amor de Deus para conôsco exige o nosso amor para com os nossos irmãos. V. 11.

5. O resultado do amor da nossa parte: a manifestação da presença de Deus (vers. 12-16); ousadia (v. 17); ausência do temor que condena (v. 18).

6. A prova do nosso amor : a prova do nosso amor para com Deus invisível é o amor para com o nosso irmão, que é feito e restaurado à imagem de Deus (vers. 19-21); a prova do nosso verdadeiro amor para com os irmãos encontra-se em nosso amor para com Deus (5: 1-2); o nosso amor a Deus encontra a sua manifestação na observância de Seus mandamentos (v. 3).

VI. FÉ. Cap. 5:4-12.

1. A vitória da fé (5:4, 5). "E esta é a vitória que venceu (no grego o tempo está no pretérito) o mundo'.' João mostra-se muito audaz em falar da vitória como já acontecida. Em cada crente há um poder vital de Deus, executado pela fé que deve vencer, que, sob o ponto de vista de Deus, já venceu. No conjunto dos crentes, a Igreja de Deus, há o mesmo poder para conseguir a vitória final contra o mundo. Quando João escreveu, a Igreja era uma seita desprezada, insignificante, consistindo principalmente de escravos e gente pobre da classe inferior; e estava muito longe de ser perfeita. Ela era molestada por mestres falsos; o mundo era o poder sólido, unido, irresistível e pagão, de Roma, controlando tôdas as riquezas, a fôrça e todos os recursos da civilização. Mas, apesar disso, João não profetizou sòmente que a Igreja venceria o mundo, mas que já o tinha vencido. As suas palavras implicam, além disso, na vitória completa sôbre todo o mal que resta em nós mesmos, sôbre todo o mal que existe no mundo e sôbre todo sistema de falsidade ou impiedade que luta contra Deus. Tudo isso está assegurado, e sob o ponto de vista divino, já foi conseguido".

2. O tríplice testemunho terrestre da fé. Vers. 6-8.

a) A água testifica do início do ministério terrestre de Cristo, inaugurado por Seu batismo.

b) O sangue testifica da Sua morte que trouxe a redenção eterna.

c) O Espírito testifica em todos os séculos à Sua ressurreição e à vida sem fim.

Notem a ênfase no vers. 6: "Não só por água, mas por água e por sangue". Cerinto, o principal oponente de João, ensinou que o Cristo celestial desceu sôbre Jesus no Seu batismo, mas O deixou na véspera da Sua paixão. Assim sendo, Jesus morreu, mas o Cristo, sendo espíritual, não sofreu. Isto significa que Cristo veio por água (batismo), mas negou que viesse por sangue (morte). O objetivo do apóstolo é provar que Aquêle que foi batizado e Aquêle que morreu no Calvário eram a mesma Pessoa.

3. O testemunho celestial. Vers. 9-12.

VII. CONCLUSÃO : A CONFIANÇA CRISTÃ. Cap 5: 13-21.

1. A substância da confiança cristã — a segurança ou certeza da vida eterna. V. 13.

2. A manifestação da confiança cristã.

a) Exteriormente, o poder de oferecer oração eficaz. Vers. 14-17.

b) Convicção interna — "Sabemos". Vers. 18-20.

3. Exortação final (vers. 21). "Em Jesus achaste Aquêle que é o verdadeiro Deus e a vida eterna. Se estiveres n'Aquêle que é verdadeiro, serás obrigado a fazer sincero e cuidadosamente um rompimento total entre si e tôdas as coisas pagãs, e a fugir então dos ídolos que antigamente adoravas". Schlatter.

SEGUNDA EPÍSTOLA DE JOÃO

(Leia a Epístola)

Tema. A primeira epístola de João é uma carta à família cristã em geral, prevenindo-a contra a falsa doutrina e exortando-a à piedade prática. **A segunda** epístola é uma carta a um membro particular dessa família, escrita com o propósito de instruí-lo quanto à atitude correta para com os falsos mestres. Não devia dar-lhes hospitalidade. Tal mandamento pode parecer duro; mas é justificado pelo fato destas doutrinas atacarem os próprios fundamentos do cristianismo, e em muitos casos, ameaçarem a pureza da conduta. Ao receber tais mestres em sua casa, a crente, a que João escrevia, identificar-se-ia com os seus êrros. João não ensinava o máu tratamento aos cristãos, que doutrinàriamente diferem de nós ou que se encontram nos laços do êrro. João escrevia em época em que os **antinômios** e gnósticos, errados, procuravam minar a fé e a pureza. Sob tais condições era imperativo que os cristãos denunciassem as suas doutrinas erradas, tanto por palavras, como pela atitude. O tema pode resumir-se da seguinte maneira: é dever obedecer à verdade e evitar comunhão com os seus inimigos.

PORQUE FOI ESCRITA. Para advertir uma senhora cristã e hospitaleira a não atender a falsos mestres.

TERCEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO

(Leia a Epístola)

Tema. Esta curta epístola dá uma idéia de certas condições que existiam numa Igreja local no tempo de João. A história que pode ser colhida da epístola, parece ser a seguinte: João tinha enviado um grupo de mestres itinerantes, com cartas de recomendação, a diferentes igrejas, uma das quais, era a assembléia a que pertenciam Gaio e Diótrefes.

Diótrefes, dominado por ciúme pelos direitos da igreja local, ou por alguma razão pessoal, recusou-se a dar hospitalidade a êstes mestres e excomungou os membros da sua igreja que os recebiam. Gaio, um dos membros da igreja, não deixou intimidar por êste ditador espiritual e hospedava os missionários e obreiros, os quais mais tarde, informaram ao apóstolo sôbre a sua bondade. Parece que João estava para enviar êstes mestres pela segunda vez (v. 6) e exortou a Gaio a continuar no ministério de amor para com êles. João mesmo escreveu uma carta de advertência a Diótrefes, que foi desprezada. Por isso, o apóstolo expressou a sua intenção de fazer uma visita pessoal à igreja e a destituir êsse tirano eclesiástico. Resumiremos o tema da seguinte maneira : o dever da hospitalidade para com o ministério e o perigo de uma direção ditatorial.

PORQUE FOI ESCRITA. Para elogiar Gaio por ter recebido êsses trabalhadores cristãos que dependiam inteiramente da hospitalidade dos crentes e para denunciar a falta de hospitalidade e a tirania de Diótrefes.

EPÍSTOLA DE JUDAS

(Leia a Epístola)

Tema. Há certa semelhança entre a segunda epístola de Pedro e a de Judas; ambas tratam da apostasia na igreja e descrevem os chefes dessa apostasia. Parece que Judas, a respeito dêste tema, cita Pedro (Comp. II Pedro 3:3 e Judas 18). Ambos têm em mente a mesma classe de desviados — homens de moral relaxada e de excessos vergonhosos. Pedro descreve a apostasia como futura; Judas, como presente. Pedro expõe os falsos mestres como ímpios e extremamente perigosos, mas não no seu estado pior; Judas em extrema depravação e na maior desordem. Foi a presença dêstes homens na igreja, e a sua atividade em propagar as suas doutrinas, o que fêz Judas escrever esta epístola, cujo tema é o dever que têm os cristãos de guardarem-se sem mancha, e de lutarem sinceramente pela fé, no meio da apostasia.

AUTOR. Acredita-se que o autor foi Judas, irmão de S. Tiago, e de nosso Senhor. Mar. 6:3.

PORQUE FOI ESCRITA. Para advertí-los contra os apóstatas dentro da Igreja, aquêles que, embora tendo negado a fé, ficaram ainda como membros da Igreja.

QUANDO FOI ESCRITA. Provàvelmente entre 70 e 80 a. D.

CONTEÚDO.

Segue-se uma breve análise da epístola :

Depois da saudação (vers. 1, 2), Judas menciona o propósito de sua missiva. A princípio, tinha a intenção de escrever a respeito da doutrina, mas a presença dos falsos mestres fêz com que os advertisse para lutar pelas verdades do Evangelho (vers. 3, 4). Para ilustrar a condenação dêstes mestres, êle menciona três exemplos da antiga apostasia. (vers. 5-7). Êstes apóstatas, sempre cedendo às suas próprias imaginações, são culpados tanto de pecado carnal, como de rebelião contra a autoridade (v. 8), e falam da autoridade em têrmos que nem Miguel, o arcanjo, se atreveu a usar ao falar a Satanás (V. 9). Atrevem-se a falar mal das coisas espirituais, que não compreendem. Mas nas coisas que compreendem, êles se corrompem (v. 10). Seu pecado e a sua condenação estão prefigurados pela Escritura (v. 11) e pela natureza (vers. 12, 13). São os temas verdadeiros da profecia de Enoque (v. 14). Quanto ao caráter, são murmuradores, queixosos, aduladores astutos, zombadores das coisas espirituais, homens que causam separações, que são inteiramente carnais, não tendo o Espírito de Cristo (vers. 16-19). Os crentes, porém, em contraste com êstes, devem edificar-se na fé, orar no Espírito Santo, permanecer no amor de Deus, sempre olhando a Jesus (vers. 20, 21). Quanto àqueles que erraram por fraqueza e estavam vacilando, devia-se ter compaixão; quanto aos outros, devia-se empregar um esfôrço supremo para salvá-los, mas ao mesmo tempo sempre vigilantes para não se contaminarem com a roupa manchada da doutrina corrompida e da vida sensual (vers. 22,23). Judas conclue com uma doxologia que louva àquele que pode guardar o crente de cair na apostasia e no pecado e que é capaz de conservá-lo irrepreensível até ao Grande Dia (vers. 24,25).

C A P Í T U L O XXIII

O APOCALIPSE DE JOÃO

Tema. O livro do Apocalipse é o apogeu da revelação da verdade divina ao homem, o remate do edifício das Escrituras, da qual, o Gênesis é a pedra fundamental. A Bíblia não estaria completa sem êstes livros. Se a omissão de Gênesis nos teria deixado na ignorância, quanto ao princípio de muitas coisas, a falta do Apocalipse nos teria privado de muitos ensinos acêrca da consumação de tôdas as coisas. Entre "Gênesis" e "Apocalipse", pode-se ver uma correspondência notável, a qual é a seguinte :

GÊNESIS	APOCALIPSE
O paraíso perdido	O paraíso recuperado . . .
A primeira cidade, um fracasso	A cidade dos redimidos, um sucesso . . . .
O princípio da maldição .	Não haverá mais maldição
Matrimônio do primeiro Adão	Matrimônio do segundo Adão . . . .
As primeiras lágrimas . . .	Enxugadas as lágrimas . .
A entrada de Satanás . .	O julgamento de Satanás
A criação antiga	A nova criação . . . . . .
A comunhão rompida . .	A comunhão restaurada .

O livro do Apocalipse é a consumação das profecias do Velho Testamento. Está repleto de símbolos e expressões tomadas emprestadas dos escritos daqueles profetas que foram favorecidos por revelações gloriosas concernentes ao fim do tempo — Isaías, Ezequiel, Daniel e Zacarias. É o grande "Amém" e o alegre "aleluia" pelo cumprimento das predições dos profetas —

a feliz resposta ao seu desêjo ardente e à sua oração para que viesse o reino de Deus e que Sua vontade fôsse feita na terra como no céu. "Como o remate de tôdas as Escrituras proféticas, o Apocalipse reune os fios de todos os livros anteriores, tecendo-os numa só corda forte que liga tôda a história ao trono de Deus".

Antes de tudo, êste livro é uma revelação — a manifestação visível — do Senhor Jesus Cristo. No seu Evangelho, João descreveu a Sua vida e o ministério terrestre. Antes de escrever o livro do Apocalipse, o apóstolo é arrebatado ao trono de Deus, onde vê Jesus vestido da glória que Êle tem com o Pai desde a fundação do mundo; onde vê Aquêle que foi julgado pelo mundo, voltando como o seu juiz; onde vê Aquêle, que foi rejeitado pelos homens, tomando posse de todos os reinos do mundo, como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

O Apocalipse é o livro da vinda de Cristo em gloria e assim resumiremos o tema da seguinte maneira : a vinda de Cristo em glória, como o apogeu supremo da presente dispensação.

PORQUE FOI ESCRITO. Foi escrito por João, o apóstolo por ordem direta de Jesus, para que houvesse um livro de profecia para esta dispensação.

ONDE FOI ESCRITO. Em Patmos, uma ilha perto da Ásia Menor, cêrca de 90 a. D.

CONTEÚDO.

A análise de 1:19, fornece as três divisões principais do esbôço.

I. Concernente a Cristo : "As coisas que tens visto". Cap. 1.

II. Concernente à Igreja : "As coisas que são". Caps. 2, 3.

III. Concernente ao Reino : "As coisas que serão". Caps. 4-22.

Fatos que devem ser recordados ao estudar o Apocalipse :

1. De todos os livros do cânon, o livro é conhecido como o mais difícil de interpretar. Alguém disse: "Quem não tem dúvida alguma na interpretação de grandes partes do Apocalipse, tem mais coragem do que sabedoria". Depois de ter encontrado alguns trechos cujo significado não é claro, é melhor dizer : "Não entendo", e esperar pacientemente uma explicação em vez de buscar interpretações forçadas e fantásticas.

2. É provável que a interpretação do livro se torne mais clara quando chegar o tempo do cumprimento das suas profecias. Na época do Velho Testamento, o fato da vinda do Messias era um acontecimento sôbre o qual todos os fiéis da nação estavam de acôrdo. Mas, para êles, a profecia Messiânica deve ter apresentado muitas dificuldades de interpretação, como o livro do Apocalipse apresenta dificuldades a nós. Nem os profetas compreenderam sempre as suas próprias profecias. I Pedro 1:10, 11. Foi quando as profecias referentes a Cristo começaram a se cumprir que aquêles do povo que eram espiritualmente esclarecidos, dos quais Simeão (Luc. 2:25-35) é um exemplo — viram desaparecer as suas perplexidades ante os raios da "Estrêla d'Alva" que brilhava nas páginas das Sagradas Escrituras. Todos nós podemos estar de acôrdo sôbre os acontecimentos principais do livro — a tribulação e juízo vindouro, a vinda de Cristo na glória, o estabelecimento do Seu reino, etc. — e logo aguardar pacientemente até que maior erudição, elucidação espiritual e os próprios acontecimentos que passam, derramem luz sôbre os detalhes que no presente momento parecem obscuros.

3. A parte da interpretação do livro, há muitas lições valiosas a aprender, muitos avisos a atender, muitas promessas animadoras, que fazem com que o livro do Apocalipse seja de grande valor prático para o cristão. Por exemplo, as mensagens às igrejas contêm instruções práticas que podem ser aplicadas tanto à igreja, como ao indivíduo. Quanto a isto, é aconselhável recordar-se que, sempre é mais proveitoso praticarmos coisas que compreendemos, do que procurarmos adivinhar e especular acêrca de coisas que não compreendemos.

4. Sendo que o livro do Apocalipse é um mosaico de profecias e símbolos extraídos do Velho Testamento, o estudo de certos profetas — Isaías, Ezequiel, Daniel e Zacarias — fornecerá a chave de muitas portas fechadas à sua interpretação.

I. CONCERNENTE A CRISTO : "AS COISAS QUE TENS VISTO". Cap. 1.

1. A introdução. Vers. 1-3.

a) Notemos o título correto do livro "o Apocalipse" ou "revelação" de Jesus Cristo.

b) Os meios da comunicação (v. 1). O Senhor "significou-o" (trad. bras.), isto é, comunicou-o por meio de sinais e símbolos.

c) A bênção ao leitor, ouvinte e observador dos dizeres do livro V. 3.

2. A saudação (vers. 4, 5), de :

a) O Pai. V. 4.

b) Os sete Espíritos, isto é, o Espírito Santo, nas Suas diversidades, poder e operação (v. 4).

c) de Jesus Cristo. v. 5.

3. O louvor. Vers. 5, 6.

4. A proclamação — a vinda de Cristo. Vers. 7, 8.

5. O Profeta. Vers. 9-20.

a) Seu estado "no Espírito".
b) O tempo da visão, "no dia do Senhor".
c) O lugar, a ilha de Patmos.

d) A sua visão. "É bom que meditemos muito em Cristo, que viveu e andou como o Filho do homem sôbre esta terra, contudo esta cena do Apocalipse é um quadro do Cristo da atualidade. É um quadro de Cristo que Se senta à dextra de Deus na glória. Êste é o Cristo vindouro.

Êste é o Cristo no Qual pensamos enquanto esperamos a Sua vinda. E que perfeição! O Espírito esgota o reino da natureza, na busca de símbolos que possam transmitir ao menos um leve conceito a nossa mente finita algo da glória, do esplendor e, da magnificência d'Aquêle que vem, o Cristo do Apocalipse". — McConkey.

II. CONCERNENTE À IGREJA : "AS COISAS QUE SÃO". Caps. 2, 3.

As igrejas mencionadas nêstes capítulos, existiram no tempo de João e as condições prevalecentes alí, nessa ocasião, proveram a ocasião da mensagem do Senhor a elas. Estas igrejas locais, porém, são evidentemente o símbolo da Igreja inteira, de modo que as mensagens podem ser aplicadas à igreja de tôdas as épocas, como se demonstra pelos seguintes fatos : o número sete é claramente típico, porque havia no período de João mais de sete igrejas na Ásia Menor. "Notemos também o espaço que lhes é dado. O livro do Apocalipse é tão concentrado e condensado que sòmente um capítulo é reservado ao milênio, e menos de um, à vinda de Cristo. Sendo que êstes dois capítulos, contendo dez por cento do livro, se ocupam com as mensagens às igrejas, isso demonstra a importância maior destas mensagens" — Mc Conkey.

Ao estudarmos êstes capítulos, notaremos os seguintes acontecimentos referentes a cada igreja :

a) Uma mensagem de louvor.
b) Uma mensagem de repreensão.
c) Um título simbólico de Cristo, adaptado às necessidades da igreja.
d) Uma promessa àquêles que vencem.
e) Uma referência histórica que esclarece um pouco a mensagem.

1. A mensagem à igreja em Éfeso. 2:1-7.

a) Louvor : obras, paciência e aversão aos falsos mestres.
b) Repreensão : declínio espiritual.
c) Título de Cristo : a uma igreja que havia perdido o seu primeiro amor, Êle é o que anda no meio dos sete candieiros — um superintendente sujeitando as suas obras e motivos dêles a um exame detalhado.
d) Promessa ao vencedor : a árvore da vida.

2. Mensagem à igreja de Smirna. 2:8-11.

a) Louvor : paciência na perseguição.
b) Não há mensagem de repreensão a esta igreja sofredora.
c) Título de Cristo : a uma igreja enfrentando a perseguição, o Senhor Se revela como Aquêle que sofreu, morreu e ressuscitou.
d) Promessa ao vencedor; libertação da segunda morte.
e) Referência histórica : "Eu te darei a coroa da vida". A "coroa de Smirna" era uma rua circular consistindo de um anel de magníficos edifícios. Um de seus filósofos aconselhou-os que dessem mais valor a uma coroa de homens do que a uma de edifícios.

3. Mensagem à igreja em Pérgamo. 2:12-17.

a) Louvor : fidelidade no testemunho.

b) Repreensão : o predomínio da vida libertina e idólatra.

c) Título de Cristo : a uma igreja manchada de imoralidade e idolatria, Êle é O que lutará contra ela, com a Sua espada de dois gumes.

d) Promessa ao vencedor : o maná escondido.

e) Referência histórica : Pérgamo era o centro de idolatria e tinha um grande altar erigido para a adoração de um deus-serpente. Isto talvez explique as palavras "onde está o trono de Satanás".

4. Mensagem à igreja de Tiatira. 2:18-29.

a) Louvor : caridade, serviço e fé.

b) Repreensão : tolerância de mestres corruptos.

c) Título de Cristo : o que tem olhos como chamas de fogo (vide v. 23), e o que tem os pés como latão (simbólico de juízo).

d) Promessa ao vencedor : autoridade sôbre as nações.

e) Referência histórica : Tiatira era uma cidade próspera, célebre por seus grémios comerciais. Ser membro de um dêstes grêmios significava muitos privilégios. Talvez haja uma admoestação aos comerciantes cristãos a não se unirem com sociedades pagãs participando dos costumes idólatras (v. 20).

5. Mensagem à igreja de Sardes, 3:1-6.

a) Louvor : obras (embora imperfeitas).

b) Repreensão : morte espiritual.

c) Título de Cristo : a uma igreja espiritualmente morta, Êle é O que tem as sete estrêlas — igrejas — em Suas mãos, também os sete espíritos de Deus cujo poder pode avivar essas igrejas.

d) Promesas ao vencedor : será vestido com roupas brancas e Êle (Jesus) confessará Seu nome diante do Pai.

e) Referência histórica. "Virei sôbre ti como um ladrão". Sardes foi a cena da derrota final de Creso, o grande rei da Lídia, quando os persas atacaram a cidade. No ano 546 antes de Cristo, pensando que estava absolutamente salvo em sua cidade, a qual era considerada inexpugnável, o rei descuidou-se de por uma guarda. Encontrando um lugar não guardado, onde a chuva tinha deixado uma abertura na pedra pouco resistente, os persas subiram um a um e tomaram a cidade. Assim, caiu o grande império Lídio, numa

6. Mensagem à igreja de Filadélfia. 3:7-13.

única noite de negligência.

a) Louvor : obediência aos mandamentos de Cristo e firmeza no testemunho.

b) Repreensão : não há uma repreensão direta, embora o "louvor fraco" da "pouca fôrça", contenha a sombra de censura.

c) Título de Cristo : a uma igreja anciosa para entrar pela porta aberta do serviço missionário, Cristo é O que tem as chaves que abrem essas portas que ninguém pode fechar.

d) Promessa ao vencedor : colunas no templo de Deus; um novo nome.

e) Referência histórica. Em certa ocasião, Filadélfia foi destruída por um terremoto; os sobreviventes ficaram tão assustados, que viviam fora da cidade, em choupanas. "A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, (um edifício que nenhum terremoto pode atingir), e dêle nunca sairá (como o fêz o povo durante o terremoto. Mais tarde, a cidade foi reconstruída por conta do govêrno romano, e lhe foi dado um novo nome, significando que a cidade foi consagrada, de uma maneira especial, ao serviço e ao culto do imperador. "E escrevérei sôbre êle o meu nome". Não obstante isso, mais tarde a cidade abandonou o seu novo nome.

7. Mensagem à igreja de Laodicéia. 3:14-22.

a) Louvor, não há elogios para esta igreja.

b) Repreensão : morneza espiritual.

c) Título de Cristo : à igreja morna, infiel testemunha, Êle Se apresenta como o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira.

d) Promessa ao vencedor : participar do trono de Cristo.

e) Referência histórica. Laodicéia era uma cidade rica e próspera. Após um terremoto, quando outras cidades estavam aceitando a ajuda imperial, esta declarou a sua independência de tal ajuda; era rica e não tinha necessidade de nada. Era célebre pela sua fabricação de lã macia e preta, e por seus vestidos caros feitos da mesma (v. 18). Era célebre em todo o império romano por sua escola de medicina e por um "pó frígio", do qual se fazia um colírio bem conhecido (v. 18).

III. CONCERNENTE AO REINO : "AS COISAS QUE SERÃO". Caps. 4 a 22.

1. A visão do trono de Deus (cap. 4). O profeta é elevado, em espírito, ao trono de Deus e dalí — do ponto de vista das regiões celestiais — êle vê o juízo que será lançado sôbre a terra nos últimos tempos.

2. Uma visão do Cordeiro (cap. 5). O principal característico dêste capítulo é a abertura do sêlo de um livro entregue ao Senhor. Ao discutir a natureza dêste livro selado, o Sr. McConkey diz : "Qual é o símbolo de um sêlo?" Um sêlo pode se usar para autenticar a firma de um documento. Mas usa-se também para guardar secreto e seguro o conteúdo de um documento escrito. Selamos uma carta com êsse propósito. Na profecia, Deus usa o sêlo precisamente dessa maneira. Disse a Daniel (Dan. 12:4) concernente a certas profecias que hão de ficar secretas, que êle há de "se-

lar o livro". Disse a João acêrca das proprias profecias do Aposalipse, das quais Êle desejava que fôssem reveladas a seus servos "não seles as palavras da profecia deste livro". Apoc. 22:10. Parece ser esta a finalidade clara e natural do livro com os sete sêlos: ocultar a palavra profética... Nêle o rôlo da profecia do Novo Testamento é desenrolado por Jesus que rompe os selos na sua ordem divinamente designada.

3. Os sêlos (caps. 6 a 8:1). O autor acima citado formula a pergunta se o Apocalipse tem uma **sequência histórica** e se Cristo alguma vez antes contou a história do Apocalipse. Depois assinala, que os sêlos constituem a sequência histórica do livro, e que a sua mensagem se assemelha muito ao discurso de Cristo, registrado em Mateus 24. Outro erudito, Milligan, é da mesma opinião. Seguindo as sugestões dêstes homens, mas não todos os pormenores dos seus esboços, oferecemos o seguinte paralelo :

MATEUS, cap. 24.	APOCALIPSE, cap. 6.
Falsos Cristos (24:5)	Sexto sêlo.
Guerra (vers. 6, 7)	Quinto sêlo.
Fome (v. 7)	Sétimo sêlo.
Pestilência (Morte) v. 7 .	Quarto sêlo.
Tribulação (v. 21)	Terceiro sêlo.
Convulsão nos céus (v. 29)	Segundo sêlo.
Segunda vinda (v. 30) ...	Primeiro sêlo.

4. Temos visto que os sêlos representam a própria espinha dorsal do Apocalipse. Porém, qual é a relação das trombetas e das taças com os sêlos? A explicação é que não são paralelos, mas o setimo sêlo desdobra-se nas sete trombetas e a sétima trombeta se expande nas sete taças. O Sr. Graham Scroggie é da mesma opinião, explicando estas seções pelo princípio da inclusão, estando as sete trombetas incluídas no sétimo sêlo, e as sete taças incluídas na sétima trombeta.

5. Seguindo a sequência histórica do Apocalipse, o estudante notará que deixamos passar certos episódios. Isto se deu porque não fazem parte da história, por estarem separados dela. O Sr. Mc Conkey, se refere aos mesmos como "inserções". Por exemplo : examinando-se um mapa de um Estado, poderemos ver num canto, um mapa geográfico de uma certa cidade nêsse estado. Isto é uma ínserção, dando uma ampliação da cidade. Ou num quadro de uma batalha famosa, poder-se-á dar no mesmo espaço quadros de setores especiais do campo de batalha, e os retratos de generais famosos que tomaram parte nas campanhas. Assim, no Apocalipse, o escritor passa ràpidamente, descrevendo o curso dos acontecimentos, que terminam com a vinda de Cristo, mas, aquí e alí, se detém a dar-nos uma vista ampliada de algum personagem particular, grupos ou cidade. De tais notaremos os seguintes:

a) Dois grupos, um de judeus, outro de gentios. Cap. 7.

b) O anjo e o livro. Cap. 10.

c) As duas testemunhas. Cap. 11.

d) Os dois sinais. Cap. 12.

e) As duas bestas. Cap. 13.

f) Dois quadros de Cristo — o Cordeiro e o Ceifeiro. Cap. 14.

g) Babilônia. Caps. 17, 18.

6. Uma vez notada a sequência principal da história do Apocalipse e dos parênteses, faremos, em conclusão um breve resumo :

a) A segunda vinda. Cap. 19.

b) O milênio. Cap. 20.

c) O novo céu e a nova terra. Caps. 21, 22.

FIM